

JANETTE OKE
LAUREL OKE LOGAN

RETORNO ao
OESTE CANADENSE

1

ONDE
A CORAGEM
CHAMAR



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

JANETTE OKE
LAUREL OKE LOGAN

RETORNO ao
OESTE CANADENSE

1

ONDE
A CORAGEM
CHAMAR



Onde a Coragem te Chamar

Um romance da série *Quando Chama o Coração*

JANETTE OKE e LAUREL OKE LOGAN

Beth Thatcher passou toda sua vida no mundo seguro e confortável de sua família, de seus amigos e dos eventos sociais que a riqueza de seu pai proporcionava. Mas Beth está prestes a deixar tudo isso para trás para aceitar uma posição de professora nas encostas escarpadas do oeste do Canadá. Inspirada por sua tia Elizabeth, que foi para o oeste ensinar na escola há vários anos, e gentilmente encorajada por seu pai, Beth resolve depositar sua confiança em Deus e enfrentar corajosamente qualquer desafio que surja em seu caminho.

Mas as condições em Coal Valley são ainda piores do que ela temia. Um recente acidente de mineração deixou a cidade de luto e à mercê da empresa mineradora. As crianças tiveram pouquíssima educação antes de sua chegada, e muitos dos habitantes locais sequer falam inglês. Não existe nem mesmo uma escola adequada. Além disso, o coração de Beth está dilacerado entre dois jovens – ambos da Polícia Montada: um amigo de toda a vida e o outro, um homem bondoso e tranquilo que vem em seu auxílio mais de uma vez.

Apesar dos muitos desafios, Beth está determinada a fazer a diferença na rústica cidade fronteiriça. Mas quando sua irmã a visita do Oriente, lembrando-a de todos os luxos dos quais teve que desistir, será que Beth decidirá voltar à sua vida privilegiada assim que o ano letivo terminar?

Dedicado, com o mais profundo carinho, a algumas pessoas muito especiais:

Ashley Carolyn & Steve

Natanael Eduardo

Jessica Brianne & Steve

Kathryn Louise e Jeff

Courtney Elizabeth

Jacquelyn Leigh e Daniel

Alexandre Nicolas

Kristalyn Lorene

Emily Marie

Vladimir David

Connor Edward

Anastasia Kimberly

Brian Carl

Wesley Frederico

Curtis Craig

E em memória amorosa da nossa pequena Amanda Janette. E sim, graças às bênçãos de nosso Pai celestial, eles são todos nossos.

Capítulo 1

TODO O PRIMEIRO ANDAR da grande casa de pedra tornara-se uma colmeia de corpos misturados. Segurando copos de limonada rosa e trajados com esmero em vestidos longos, vestidos leves bordados com contas e fraques, os convidados saíam da sala de estar formal para a ampla varanda em grupos de três ou quatro pessoas, murmurando fofocas recentes à medida que avançavam.

Enquanto Beth abria caminho em meio à multidão, parecia que todas as pessoas ilustres da sociedade de Toronto chegaram extremamente animadas, com saudações barulhentas, braços estendidos para abraços polidos e mãos trazendo desnecessários presentes de despedida. A casa mais do que ampla do pai tornava-se rapidamente sufocante, embora cada uma das janelas estivesse escancarada. Mas não havia um sopro de brisa para suavizar o perfume sobrepujante dos luxuosos buquês de flores da mãe nesta noite de fim de verão.

Para alguém com um espírito gentil e sensibilidade aguçada, era opressivo. Beth sentiu que sufocaria se não conseguisse encontrar algum espaço — o silêncio, o ar fresco — mesmo que por apenas alguns minutos, até que conseguisse acalmar os batimentos cardíacos e aliviar a pulsação em suas têmporas. Se ela apenas conseguisse escapar.

Então surgiu a oportunidade. Sr. Woodworth, uma estrela na indústria ferroviária do Canadá, capturou a atenção da multidão. Com uma mão no piano de cauda, como fosse introduzir a próxima apresentação, a outra fazendo um floreio exagerado, ele começou a destrinchar um de seus contos lendários. E como os olhos da multidão se fixaram nele, Beth conseguiu escapar para o corredor sem ser percebida e encontrar um lugar para recuperar o fôlego antes que tivesse que enfrentá-los novamente.

A mãe, em seu entusiasmo, deve ter convidado todas as pessoas que conheciam, tanto do passado quanto do presente. Mas a mãe sempre aproveitava qualquer desculpa para organizar uma festa, e era considerada entre os amigos como excelente na arte de receber. *Pelo menos ela não insistiu em acompanhar jogos na varanda esta noite.* O hábito de Beth de contar pequenas bênçãos não falhava em trazer-lhe um sorriso aos lábios. Ela estava contente por, mesmo em sua agitação atual, conseguir encontrar um pouco de humor. Como seu pai a fazia recordar vez em quando: “O senso de humor é um requisito para

sobreviver em nosso mundo exigente”.

Beth deu os passos finais através de uma porta estreita até seu pequeno refúgio de segurança e solidão, que ficava entre a escada de serviço e a porta do quintal. Inclinando-se próximo a uma janelinha aberta, ela sentiu o cheiro de grama recém-cortada e o canto pacífico dos grilos sob os degraus da varanda, e olhou para a lua que se elevava entre as árvores. Era exatamente isso que precisava. Se sua ausência pudesse passar despercebida por um curto período de tempo, ela sobreviveria.

— Ela tem boas intenções — o pai murmurou atrás de Beth.

Antes de se virar para ele, a resposta de Beth foi um suspiro desanimado.

— Sim, creio que sim.

Beth não ficou surpresa que o pai a percebesse escapando da multidão de pessoas bem-intencionadas. Ele sabia que os eventos sociais da mãe muitas vezes forçavam Beth a ir além de seu senso pessoal de tranquilidade. O número de convidados, os trajes elegantes, os refrescos exigentes e as conversas intermináveis e excessivamente altas, Beth os considerava frívolos, superficiais.

— É que eu disse a ela que queria um jantar *em família* na minha última noite em casa.

— Sim, eu sei, minha querida.

No silêncio doce e íntimo, Beth encostou a cabeça no ombro do pai e tentou colocar os pensamentos em ordem ao mencioná-los em voz alta.

— Não tenho medo de ir embora, mas vou sentir tanta falta de todos vocês.

Ela pensou no bebê da irmã, dormindo no andar de cima.

— E o JW — como estará crescido quando o vir novamente?

Ela pôde ouvir o sorriso na voz do pai quando disse:

— Os bebês crescem, Beth. O que geralmente é considerado algo maravilhoso.

Beth olhou para o pai.

— Não quando você é a tia que não estará por perto para ver.

O tom amuado na voz não deixou Beth orgulhosa, mas como só o pai a ouvia, ela cedeu às emoções do momento. A garganta começou a apertar e lágrimas brotaram em seus olhos.

O som de passos no pequeno corredor fez que Beth se erguesse e rapidamente enxugasse os olhos. O pai se afastou para permitir que Emma passasse, mas a jovem criada parou no pé da escada, apoiando a cesta que carregava no quadril.

— Eles estão procurando por você, Srta. Beth — Emma avisou baixinho.

— Obrigada, Emma.

Beth se endireitou e fez uma rápida verificação de sua aparência, alisando a gola de renda do vestido, ajustando a larga faixa de seda em torno do quadril e beliscando um pouco as bochechas para recuperar um pouco da cor. Ela notou o pai sorrindo, e estendeu a mão para endireitar-lhe a gravata borboleta preta.

Ele abriu um sorriso largo.

— Passei na inspeção?

— Sempre.

Beth endireitou os ombros, deu-lhe um sorriso e forçou-se a voltar para o riso e as vozes na sala lotada. No momento em que apareceu na porta, sabia que tinha sido notada.

— Aí está ela! A mulher do momento! Nossa ousada aventureira...

E assim por diante, as vozes encheram o ar ao redor dela.

— Venha aqui, querida Beth. A Srta. Thompson gostaria de ouvir sobre a cidade onde planeja lecionar.

— Sim, querida. Conte-nos tudo sobre sua nova escola.

Beth não pôde evitar um profundo suspiro. Esperava que ninguém tivesse percebido. A verdade era que sabia tão pouco — bem, praticamente nada — sobre a nova cidade ou a nova escola. Esse mesmo fato causava muito da sensação de inquietação que ela sentia na boca do estômago. O interrogatório daqueles que se aglomeravam

ao seu redor, implorando por detalhes, elevou ainda mais sua angústia. Apesar de tudo, Beth sabia que deveria responder de alguma forma à avalanche de perguntas que se cansava profundamente de ouvir. Talvez não fossem as respostas repetitivas que ela passara a temer. Provavelmente, eram os comentários e gracejos familiares que com certeza se seguiriam, em particular do público mais jovem com quem Beth tinha compartilhado os anos de formação.

— Mas, Beth, você *sabe* que eles não têm nenhuma criada nos bosques do oeste, não sabe?

— Você ao menos sabe cozinhar sozinha?

— Ou ferver água para o chá?

Mais risadas.

— E quem vai lavar sua roupa?

Isso era sempre seguido por uma onda de riso, mas ela tentava juntar-se às risadas, esperando desviar mais zombarias.

Edward Montclair, equilibrado e impecavelmente vestido num traje de noite completo, empurrou uma mecha rebelde de cabelo escuro dos olhos e sorriu.

— É melhor comprar um par dessas calças de trabalho Levi's, Elizabeth. Você sabe que não vai poder usar seus vestidos elegantes vivendo entre aqueles mineiros da montanha.

Beth tentou manter o sorriso. Edward metera-se em suas conversas durante todos os anos em que cresceram juntos. Ela desejava que toda a família dele simplesmente se mudasse, para que nunca mais precisasse vê-lo, mesmo que isso prejudicasse os negócios do pai com o Sr. Montclair. E então, surgiu-lhe um novo pensamento. Era *ela* quem estava deixando *Edward* para trás! A descoberta trouxe um sorriso genuíno aos lábios de Beth, mas a conversa continuou em torno dela.

— Ouvi dizer que eles nem se preocupam em aprender inglês! Como é possível que queiram que você ensine os filhos deles?

Outro rapaz, transmitindo um autoproclamado conhecimento a respeito de qualquer assunto tratado sabiamente acrescentou:

— Isso é verdade. A maioria dos homens que trabalham nas

ciudades mineiras são *estrangeiros*. Vocês sabem, estão aqui apenas para ganhar dinheiro em nossas terras e levar para as famílias que ficaram em casa. Às vezes eles deixam uma esposa para trás e arrumam outra aqui no Canadá.

Suspiros se seguiram a esse pronunciamento.

Nem todos no grupo foram tão rápidos em fazer qualquer julgamento, mas Beth tinha a impressão de que os mais depreciativos eram aqueles que mais tinham a dizer. Misericordiosamente, o pai estendeu uma xícara de chá para Beth, que a aceitou com gratidão.

Verdade seja dita, Beth estava pouco interessada no chá ou nos sanduíches e doces extravagantes da mãe, mas isso lhe deu um desculpa para se afastar gradualmente do círculo ao seu redor e, com acenos e sorrisos, abrir caminho em direção às mesas carregadas. Propositamente, Beth deu ao banquete toda a atenção enquanto escolhia com cuidado entre as bandejas de frutas e legumes, servindo-se também de duas bolachinhas com seu queijo favorito, e de uma guarnição de alecrim e pepino.

Não fazia muito que Beth estava mordiscando as seleções quando sua irmã Julie, como se fosse uma deixa no teatro, deu um passo para o centro da sala, balançou o braço erguido e chamou a atenção de todos.

— Caros amigos, um momento de sua atenção, por favor. — As conversas ao redor logo cessaram. Julie virou-se dramaticamente, as contas verde-claras das franjas da saia girando ao redor do corpo, quando ela exclamou:

— Eu sei que todos vocês estão apreciando os refrescos que minha mãe está servindo esta noite. — Ela esperou apenas o tempo suficiente para permitir aplausos respeitosos. Em seguida, fez outra volta graciosa e agitou o braço em direção a Beth. — E espero que todos tenham tido a oportunidade de conversar com nossa convidada de honra — a querida Bethie —, que nos deixará amanhã a bordo de um trem para o Oeste.

Beth tentou não se contorcer e, em vez disso, sorriu para todos ao redor da sala. Já estava ficando tarde, mas ainda sem sinal do fim das festividades. Seu trem estava programado para sair às dez horas na manhã seguinte, e ela ainda tinha algumas coisas finais para empacotar. Julie continuou:

— Pediram-me para explicar que minha irmã necessita

muitíssimo de uma boa noite de descanso antes de embarcar em tal viagem. O Reverendo Collins gentilmente se ofereceu para abençoar a viagem com uma oração, e então, a Beth vai se retirar.

Houve um murmúrio coletivo, então dispersos acenos de compreensão.

— Mas — Julie acrescentou —, vocês todos são bem-vindos a ficarem o tempo que quiserem. Tem muita comida e precisamos de ajuda para acabar com ela.

As palavras foram recebidas com risos e acenos, principalmente vindos da fila de rapazes a quem Julie direcionou um de seus sorrisos provocantes.

O reverendo Collins deu um passo à frente. Os pés se moveram e todos inclinaram as fronteiras. Beth ouviu pouco da oração. Estava ocupada fazendo a própria oração. *Obrigada, obrigada, Senhor Deus* era tudo em que conseguia pensar, e depois acrescentou: *E abençoe o papai por ter conseguido*, impressionada com a inesperada emancipação que ocorrera mais cedo do que o esperado, o que Beth tinha certeza de que fora ideia do pai.

Mesmo com o anúncio da irmã, demorou quase meia hora para que Beth se despedisse graciosamente de todos os convidados que lhe desejavam o melhor. Quando enfim subiu as escadas, a lista de preparativos de última hora estava girando e girando em sua mente. Ela tirou os sapatos desconfortáveis — “para combinar com seu lindo vestido”, a mãe insistiu —, e saboreou a sensação do tapete espesso sob os pés cansados. Mas enquanto se apressava no longo corredor, Beth não resistiu a uma última visita ao berçário e uma espiada no JW.

Ao entrar na ponta dos pés, ela descobriu que o bebê tranquilo não estava dormindo e se surpreendeu. Ele estava deitado em silêncio no mesmo berço que ela e as irmãs Margret e Julie usaram quando bebês. “Só para quando ele estiver de visita”, minha mãe explicou enquanto criava um novo berçário para o neto. E claro, para todos os irmãos, irmãs e primos que ela esperava que viessem em seguida.

À luz da lua, Beth viu o rosto do bebê se iluminar em um sorriso de prazer ao ver a tia amada aparecer acima dele.

— Oi querido! — Lançando um olhar culpado por cima do ombro, ela o pegou e foi até a cadeira de balanço, ignorando as

lágrimas que começaram a deslizar por suas bochechas. — E como está o melhor bebê do mundo esta noite? — ela sussurrou com emoção na voz, inclinando-se para balançá-lo por um tempo.

Os sons dos convidados ainda vinham do andar de baixo quando Beth finalmente fechou a porta do berçário e seguiu até seu quarto, deixando o bebê adormecido entre os cobertores macios do berço. Agora, a mente estava tranquila o suficiente para conferir os poucos itens restantes para dobrar e colocar em sua valise. Colocou por última a Bíblia e verificou se a mala ainda fecharia.

Como vou conseguir carregá-la? Perguntou-se, impressionada que pudesse estar tão pesada, quando havia dois baús adicionais já embalados e amarrados na parte de trás do Rolls Royce. Beth se preparou para dormir, soltou o cabelo e o escovou. Tantas moças que ela conhecia estavam cortando o cabelo curto no estilo moderno, mas ela e Julie não tinham sido autorizadas a cortar. A mãe desconfiava das tendências da moda atual. Até seus vestidos eram sempre alguns centímetros mais longos do que os vestidos da maioria de suas amigas. A decisão parecia tranquila para Beth, mas Julie a achava quase impossível de suportar, a tal ponto que Beth suspeitava de que, quando voltasse, descobriria que a irmã mais nova havia vencido a batalha, cortado o cabelo e encurtado as saias. O pensamento causou-lhe um pequeno sorriso. Quantas vezes Julie foi reprimida com a resposta da mãe: “Mas Beth não tem nenhum problema com nossas regras”. E Julie sempre retrucava: “Ah, sim, ela tem! Só não fala nada!” Como se soubesse que os pensamentos de Beth vagavam em sua direção, uma batida silenciosa foi seguida pelo sussurro de Julie na porta.

— Bethie, ainda está acordada?

— Entre, querida. — Julie entrou, já de camisola e roupão.
— Posso dormir aqui... uma última vez?

— Sim, mas não será a última vez, boba. Esta viagem não vai durar para todo sempre. Você sabe que o trabalho que eles ofereceram durará apenas um ano.

Julie tirou o roupão e se jogou no espesso colchão de penas, e logo foi para debaixo das cobertas.

— Eu espero que você esteja certa — divagou. — Mas e se você conhecer um bom rapaz — quem sabe um comerciante? — Ela se sentou, com os olhos arregalados. — Certamente deve haver

empresários, mesmo no Oeste. E então você vai se casar e se estabelecer. Nunca vai voltar, se isso acontecer.

— Os trens viajam em ambas as direções, querida. Não é tão isolado como costumava ser. Por favor, não seja tão dramática.

— Hum — Julie respondeu, jogando-se de volta no travesseiro.

— Estou surpresa com você, Julie. — Havia um tom de brincadeira na voz de Beth, e ela se virou para olhar por cima do ombro. — Você não sugeriu nem uma vez o que achei que ia sugerir.

A cabeça de Julie apareceu acima das cobertas.

— O que é?

Beth deixou de lado a escova de cabelo e se levantou para desligar a luz.

— O que quer dizer? — Julie insistiu quando Beth deslizou para a cama.

— Bem... eu pensei... sendo você mesma uma aventureira tão ousada... que já teria pedido ao papai permissão para...

— Ir visitá-la! — Julie se sentou novamente e apertou as mãos juntas, animada.

— Pode ser que ele diga sim.

— A mamãe não, ela jamais permitiria.

Beth se aproximou, afofando o travesseiro sob a cabeça e aconchegando-se no calor das cobertas.

— Pode ser que deixe, afinal, eu já estarei lá — e a mamãe sabe que sou capaz de conter a maioria de suas tolices.

— Hum — foi a resposta de Julie mais uma vez, mas ela se juntou à risada de Beth e se aconchegou entre as cobertas.

— Você pode estar certa. E de qualquer forma, vale a pena tentar.

Enquanto o relógio de pêndulo no corredor mandava avisos intermitentes de como a noite estava passando rápido, Beth e Julie

sussurravam na escuridão, forjando planos e fazendo promessas.

Beth deslizou para fora da cama para não acordar Julie, e buscou a lista, escrita com cuidadosa caligrafia e colocada ao lado da escova na noite anterior. Beth a observou rapidamente, tomou banho, vestiu-se e prendeu as longas tranças com a ajuda de Emma, então se apressou para o café da manhã. Margret e John passaram a noite na casa da família, mas não iam acompanhar o restante até a estação de trem. Assim, Beth segurou o bebê JW, o pequeno John William, filho da irmã mais velha, até o último momento possível antes de colocá-lo nos braços do pai e despedir-se de Margret com um abraço.

— Tenha cuidado, Beth. — Então Margret forçou um sorriso meio tenso, segurou o rosto de Beth nas mãos para que pudesse olhá-la profundamente nos olhos, e corrigiu as palavras com gentileza. — Não, eu já *sei* que você será cuidadosa. Então, irmãzinha, em vez disso, vou dizer que você seja corajosa.

As lágrimas de Beth derramaram, e ela circulou os ombros da irmã em um longo abraço.

— Eu te amo, Margret — sussurrou. — Cuide bem do pequeno JW pra mim — agregou com um sorriso vacilante.

O pai apressava a todos para saírem, antes que Beth sentisse que estava realmente pronta. Ela acenou para a casa e o pequeno grupo que observava da porta aberta, então se abaixou para entrar no elegante automóvel. Julie entrou ao lado dela, seguida pela mãe, e então o pai se acomodou no banco. Ele acenou para o motorista, e o carro começou a andar. Beth se esforçou para dar uma última olhada pelo vidro traseiro.

Não seria a primeira vez que ela viajava de trem. A vovó e o vovô moravam em uma cidade vizinha, então ela esteve em várias excursões familiares fazendo curtas visitas à casa deles. E às vezes, havia concertos, óperas ou conferências em cidades vizinhas que o pai considerava merecedoras de uma viagem de trem.

Porém no geral, Beth tinha feito poucas viagens — e nunca saíra desacompanhada. Mesmo numa época em que longas férias de verão nos Estados Unidos, ou mesmo na Europa, eram passeios comuns para muitos amigos de seu círculo social, sua família permanecera em casa. Agora, Beth desejava estar mais familiarizada com o mundo exterior — além dos fragmentos de conhecimento que

obtivera nos livros.

Mas o pai, cujo negócio era viajar — e havia passado grande parte da infância de Beth no mar, construindo uma notável empresa de importação —, cuidara de tudo. Nada foi deixado para Beth tomar conta, além da mala pesada e das despedidas de cortar o coração. Com o planejamento cuidadoso da mãe, havia tempo até para sentarem-se na cafeteria da estação e desfrutarem juntos de uma xícara de chá antes que o primeiro apito anunciasse o momento da partida de Beth.

Na plataforma, o pai foi o primeiro a chamar Beth de lado e puxá-la para si. Ele disse em voz baixa:

— Não vou falar muito, não vou conseguir. — Ele pigarreou.
— Mas quero lhe dar isso.

Tirando algo do bolso do sobretudo, o pai mostrou uma pequena peça de bronze.

Beth arfou.

— Oh, eu não posso, pai — disse ela, com a mão sobre a boca.

— Por favor — ele insistiu. — Quero que fique com ela. Sei que você sempre a adorou.

Isso era verdade. A bússola do pai tinha sido especial para Beth desde pequena, fascinada por qualquer coisa que tivesse a ver com o trabalho dele no mar. Mas esse objeto, mais do que qualquer outro, era seu deleite. E tinha sido um símbolo para os dois de seu amor e orientação para a filha.

Logo, o pai acrescentou com voz rouca:

— Então você sempre poderá encontrar o caminho de casa.

Beth não conseguia respirar.

Ele limpou a garganta novamente.

— Eu escrevi um versículo da Bíblia num pedaço de papel aí dentro. Não se esqueça de suas palavras, Beth. Elas são a mais absoluta verdade, e especialmente para você, ao começar essa...

Mas ele não conseguiu terminar. Beth lançou-se no pescoço do pai e lutou para não chorar. Quando sentiu o toque de uma mão

nas costas, Beth se virou em direção à mãe e outro adeus doloroso.

— É tão difícil deixá-la ir, querida — disse a mãe, obviamente fazendo o máximo para manter a voz firme. — Procure descansar, filha. E lembre-se de tomar sua emulsão Scott diariamente. Fico preocupada que sua estrutura não seja forte o suficiente para esta empreitada. Vou orar todos os dias... você sabe.

Beth tinha a mais absoluta certeza de que isso era verdade.

— Eu te amo, mãe — disse Beth, abraçando-a com força.

— Sim querida, eu também te amo.

Beth se inclinou para trás e viu raras lágrimas se formando nos olhos de sua mãe.

— Não se esqueça, minha querida, vou querer saber tudo a respeito de tudo, e vou esperar com bastante paciência cada uma de suas cartas — acrescentou a mãe.

— Sim, mãe.

— Sinto muito, Priscilla, mas está na hora — o pai disse solenemente. — Precisamos deixar Beth seguir seu caminho.

A expressão da mãe revelou um lamentável pesar.

— É só por um ano, eu sei. No entanto, agora parece muito tempo.

Ela enxugou os olhos com um lenço de renda, beijando a bochecha de Beth pela última vez.

Então Julie deu um passo à frente e abraçou a irmã.

— Vou sentir sua falta! Vou sentir muito sua falta!

As emoções ameaçavam dominar Beth agora. Ela enterrou o rosto no ombro de Julie. Depois de um momento, o pai interrompeu.

— Vamos, Beth. O trem está prestes a sair.

Tudo aconteceu de uma vez. Um carregador levou a valise de Beth, e ela se virou para seguir como fora instruída. Subiu os degraus na entrada do trem e, parando para acenar apenas uma vez mais para a amada família, virou-se e entrou no estreito corredor. O carregador

já havia desaparecido numa curva não muito à frente, e Beth se apressou para alcançá-lo. O homem a conduziu a um compartimento dormitório privado, e apontando para cada uma das comodidades, explicou para que serviam. No entanto, Beth não estava em condições de entender uma palavra do que ele dizia, olhando ao redor de forma inexpressiva. Por fim, foi até a janela e puxou a grossa cortina de veludo para ter um último vislumbre de sua família, apenas para descobrir que estava olhando para o lado errado do trem e encontrar, em vez disso, janelas iminentes de outro trem parado.

Obedientemente, Beth voltou-se para o carregador e tirou as moedas que o pai lhe dera como gorjeta. O homem tirou seu chapeuzinho engraçado e fechou a porta atrás de si.

Ela nunca se sentiu tão sozinha.

Beth passou o longo dia observando o campo passando por sua janela, lendo sem entusiasmo e, de vez em quando, aventurando-se ao tentar se deslocar dentro do trem.

Os vestíbulos cobertos entre os vagões ajudavam a tornar essas caminhadas mais seguras. Mas Beth estava focada demais na velocidade do trem para confiar plenamente em seu equilíbrio, em especial quando ultrapassava a demarcação que separava um vagão do outro — e quando uma curva fazia os vagões se retorcerem e balançarem.

As diversas paradas ao longo do caminho, em cidades grandes e pequenas, teriam proporcionado certa distração, mas Beth não ousava desembarcar, mesmo para fazer uma curta caminhada, por medo de não estar novamente a bordo e em segurança antes da fera de ferro, cuspidando vapor de maneira vigorosa, seguir em frente deslizando.

O vagão restaurante era um como um elegante restaurante sobre rodas, embora Beth se perguntasse o que poderia comer sem perturbar ainda mais o estômago nauseado. O barulho constante das rodas nos trilhos, junto com o movimento de um lado para o outro, deixaram-na num estado quase constante de náusea. Examinando o cardápio, Beth descartou logo tentar tomar a sopa sem causar um desastre em suas roupas ou na toalha de mesa.

Em vez disso, escolheu chá com rocambole e ficou mordiscando pequenos pedacinhos enquanto ouvia a conversa cordial de duas mulheres, sentadas numa mesa logo atrás da sua. As vozes alegres serviram apenas para aumentar a sensação de solidão de Beth. Se ao menos estivesse dividindo a mesa com a família.

Desamparada, Beth permitiu que seu olhar contemplasse os outros passageiros. *Que tipo de companheiros de viagem estariam viajando para tão longe?* Claramente, este vagão atendia apenas aos ricos que iam para o oeste. Os outros, que eram menos abastados, comiam almoços trazidos de casa, sentados em bancos mais simples dos vagões de passageiros. Beth franziu a testa para a costureira sensação de culpa por estar cercada de luxo quando sabia que os outros não recebiam tais privilégios.

À sua esquerda, havia uma mesa onde jantava um cavalheiro solitário, vestido de terno. Beth notou a jaqueta amarrotada e sapatos

empoeirados, um claro contraste com o ar refinado do próprio homem. Beth suspeitou que ele poderia ter dificuldades para viajar também — que estava fora de seu ambiente. Isso a fez pensar se as outras pessoas ao redor podiam perceber de forma tão evidente que ela se sentia inteiramente fora do lugar e sozinha.

Na mesa à sua frente, estava uma jovem mulher com dois filhos. Um dos meninos estava sentado em silêncio, embora parecesse bastante mal-humorado. O outro estava cheio de energia, deixando a mãe desorientada. Assim que ela o repreendia por uma travessura, ele pensava em algo igualmente endiabrado para aprontar. Em apenas alguns minutos que Beth ficara observando a mesa, o garotinho derrubou o saleiro de cristal, mergulhou o guardanapo de linho no copo d'água e chutou a parede repetidamente, deixando várias marcas de arranhões nos painéis de madeira. *Edward também era assim quando tinha essa idade*, pensou Beth, então se viu enrubescendo por ter essa atitude tão crítica.

No início do verão, ela ouviu um boato de que o pai de Edward Montclair lhe havia dado um ultimato, na esperança de encorajá-lo a levar a vida mais a sério e assumir certa responsabilidade pelo próprio sustento — juntar-se à Polícia Montada ou embarcar em um dos muitos navios pertencentes à empresa do pai — e não em uma posição de importância, mas como um humilde marinheiro regular. Beth não ficou surpresa ao saber que Edward havia escolhido a força policial, embora ela tenha revirado os olhos e comentado em tom de fofoca com a irmã Julie: “Estou surpresa que tenham o aceitado”. Ela corou agora, lembrando-se das palavras nem um pouco graciosas, e, em silêncio, desejou-lhe bem, seja lá onde ele estivesse empregado.

Seus pensamentos voltaram para a jovem mãe e seu rosto cansado. *Ela tem as mãos de fato cheias*. Por um momento, Beth considerou perguntar se poderia ajudar de alguma forma, mas rapidamente se convenceu de que a oferta seria mais embaraçosa do que útil.

O casal sentado em frente à pequena família ouvia o tumulto com o semblante severo. Beth podia afirmar pela postura rígida e expressão austera que eles não aprovavam tal exibição. Eles eram mais velhos e provavelmente já tinham criado os próprios filhos. De quando em quando, o marido pigarreava e a esposa respondia fazendo um leve movimento negativo com a cabeça, para expressar que estava igualmente incomodada. Mas não falavam um com o outro, nem mantinham contato visual. Em vez disso, não cessavam o ritmo do

garfo que levava a comida à boca, mantendo o tempo quase perfeito com o balanço do trem.

O som do riso veio mais uma vez das senhoras jantando, e então as vozes atrás de Beth ficaram nítidas.

— Minha mãe jamais permitiria que eu me comportasse de forma tão abominável — sussurrou uma delas.

— Eu não teria ficado no lugar por muito tempo, mesmo que tentasse. Meu pai teria me levado para fora, para termos uma “conversinha” — se entende o que quero dizer.

Beth esperava que a conversa não tivesse sido ouvida pela jovem mãe.

— Seu pai? — foi a resposta. — Eu não acredito nisso. Charlie sempre disse que você era a queridinha do papai... a menina dos olhos dele. Pelo que ele diz, não consigo imaginar que seu pai já tenha falado de forma dura com você. Acredite, seu irmão diz que ele já sofreu com ira do seu pai mais do que devia.

— Não se deixe enganar. Charlie se lembra das coisas como ele quer se lembrar. Creio que todos façamos isso. — A mulher riu. — E depois, passamos o resto da vida baseando a forma como pensamos sobre nossas famílias no que *pensamos* que aconteceu — e não no que de fato aconteceu.

Que pensamento interessante. Beth revirou a ideia em sua mente, refletindo silenciosamente enquanto mexia o chá. *Será que era assim a respeito da minha infância também? E se assim fosse, como poderia perceber o erro para corrigi-lo?* De repente, as memórias de casa vieram à mente de Beth tão rapidamente que ela quase esqueceu tudo que acontecia ao redor. Os rostos que ela deixara para trás na estação foram fixados a salvo em sua memória. O pai, trazendo a mãe para junto dele, puxando-a com um braço, o outro acenando lentamente enquanto ela embarcava. E as lágrimas de Julie fluindo sem controle sobre as bochechas.

Então mais memórias vieram. O pai na sala, atrás do jornal; Julie, na marquise, esboçando alguma nova imagem; até mesmo Margret durante as visitas frequentes — no berçário, embalando o JW para fazê-lo dormir, enquanto o marido, John, inclinava-se sobre o ombro da esposa para sorrir para o filho. E, claro, a mãe se movendo habilmente pela casa, conduzindo todos com competência. Beth imaginou o sótão, onde ela e Julie encontravam um isolamento tão

adorável quando estudavam, sussurrando e planejando as grandes aventuras que elas certamente compartilhariam. Mesmo o berçário de muito tempo atrás, com brinquedos favoritos e livros especiais, alinhados nas prateleiras arrumadas.

Uma lágrima escapou lentamente dos olhos mareados de Beth. Ela se apressou para enxugá-la com o canto do guardanapo. Mas a nostalgia já havia se apoderado de seu ser, e Beth se viu deleitando-se com as imagens. A memória mais antiga veio facilmente à mente, inundando seu ser com uma sensação calorosa de segurança e prazer.

Beth se lembrava com clareza da vívida sensação de aninhar-se no colo do pai quando ele se retirava à noite com um livro para a cadeira estofada; Beth recém-saída de um banho, pronta para dizer boa noite, esperando que a mãe não a levasse muito depressa para a cama. O pai colocava um lado do terno de seda em volta dos pequenos ombros de Beth e ela enfiava os pés descalços profundamente dentro das dobras do outro, pressionando a pequenina orelha contra o amplo peito do pai e ouvindo a voz grave reverberar enquanto ele compartilhava com ela, em voz alta, tudo o que estava lendo.

Parando um momento para analisar, Beth tinha certeza de que não podia ter mais que três anos na época. *Aquela velha cadeira*, ela pensou, sorrindo para si mesma. *Como a mãe a desprezava*. Houve relativamente poucas vezes em que o pai bateu o pé por alguma razão, em especial no que dizia respeito ao mobiliário doméstico em sua bela residência vitoriana. A mãe enchera a casa com belos objetos, nos quais mãos pequeninas não estavam autorizadas a tocar. Mas por insistência do papai, a cadeira permaneceu. E na cabeça de Beth, aquela cadeira pertencia apenas aos dois. Sempre que ele estava em casa, depois de suas viagens, aquele era seu pequeno refúgio no mundo perfeitamente ordenado da mãe, onde até mesmo o berçário era organizado, e Polly, a babá, era instruída a manter os brinquedos em seus lugares, assim que Beth ou a irmã mais velha, Margret, deixassem de brincar.

Com carinho, Beth lembrou também da preciosa bússola de bronze disposta sobre a mesa, ao lado da cadeira do pai. Às vezes, ele permitia que Beth a segurasse — suave e fria, pesada e misteriosa, com a pequena agulha girando e balançando à vontade.

Quando estava um pouco mais velha, o pai contou-lhe a história de como o pequeno instrumento simples, mas vital, trouxe para casa a tripulação de seu navio em segurança durante uma tempestade assustadora e perigosa no mar. O pai havia demonstrado

que o ponteiro sempre se voltava para o norte magnético — sem importar para que direção segurasse a caixa. “A agulha da bússola diz a verdade, Beth, mesmo em meio a uma tempestade. E então é preciso ajustar o resto das circunstâncias de acordo com ela — mesmo que às vezes pareça errado. Isso me faz lembrar que a Bíblia também é assim. Ela nos diz a verdade, e então devemos ajustar nosso pensamento, nossas ações, para estar de acordo com ela”. O significado profundo da bússola tornou Beth ainda mais determinada a vigiar cuidadosamente esse tesouro familiar durante a aventura de um ano.

O ruído de um tumulto chamou a atenção de Beth. A mãe estava reunindo os meninos para sair do vagão restaurante; agora, estava com muita dificuldade em persuadir o garotinho custoso a sair de sua cadeira. Com comandos concisos intercalados com súplicas abafadas da mãe, um sorriso lento insinuou-se no rosto do menino quando, por fim, ele deslizou lentamente do assento. Era evidente que ele gostava da atenção que seu comportamento estava atraindo. O garotinho jogou o guardanapo no chão e encarou a mãe esgotada, como se a desafiasse a criar uma cena.

De repente, o garotinho percebeu o *maitre* aproximando-se dele. Os olhos sorridentes se arregalaram diante da forma tão imponente. Mas o homem sorriu gentilmente para a mãe, depois colocou a mão firmemente no ombro do menino e abaixou-se ao lado dele para juntar o guardanapo descartado, colocando-o com calma sobre a mesa, onde deveria estar. Rigidamente, o garoto seguiu atrás da mãe, enquanto o *maitre* exclamou atrás deles com animação: “Tenha uma boa noite, senhora. Esperamos a senhora amanhã de manhã para o desjejum”. Foi uma inesperada gentileza. A aflita mãe conseguiu expressar um débil agradecimento.

Beth empurrou o prato, decidindo deixar ali os restos da escassa ceia. No momento em que voltou para o dormitório, o carregador havia preparado sua cama, onde Beth esperava se instalar e passar o tempo com uma boa noite de sono. Mas o barulho das rodas e o balanço do trem tornaram quase impossível que ela permanecesse dormindo. Beth se levantou várias vezes para beber água ou apenas para esticar os membros inquietos, voltando para a cama somente para lutar ainda mais por uma posição confortável que pudesse promover o sono.

De repente, Beth abriu os olhos com medo, um flash de luz cintilante encheu a cabine e, em seguida, apenas a escuridão. Por vários minutos confusos, ela se esforçou para entender onde estava. Havia apenas um medo sufocante pressionando-a até que, finalmente,

a mente de Beth clareou o suficiente para que ela se lembrasse e entendesse. Tinha sido um pesadelo. Na realidade, ela ainda estava no trem que ia em direção ao oeste.

Ela jogou de lado as cobertas e se ergueu para sentar, limpando a transpiração da testa com a manga da camisola. Lá fora, no corredor, Beth ouvia passos e depois se deu conta do pesado ruído da chuva no teto.

Era um sonho muito familiar — que a assombrava desde que era criança. Talvez ela não devesse estar surpresa com o reaparecimento do sonho num momento em que estava tão perturbada e ansiosa — e quando os pensamentos deleitavam-se com as memórias da infância.

Começou como sempre, com uma visão do berço branco como a neve.

Lentamente, a pequena versão infantil de si mesma fazia o caminho pela sala para olhar o bebê William, seu precioso irmão mais novo. Mas quando ela erguia o olhar pela lateral de forma expectante, encontrava a cama vazia, e o horror daqueles dias trágicos tomava conta dela de novo. Imediatamente, no pesadelo, Beth era vencida por uma tosse incontrollável, que a deixava com a respiração ofegante demais, gritando em silêncio pelo pai ausente, ouvindo nas proximidades o som da mãe chorando. E nesse estado, ela acordava ofegante e tentando, até agora, respirar de forma satisfatória.

Coqueluche era o nome da doença que roubara o bebê da mamãe, o seu doce William. E isso alterou para sempre o mundo de Beth, deixando seu próprio corpinho frágil e enfermo, e fazendo com que a mãe ficasse em cima, preocupada e sufocante*. A partir daquele momento, Beth sofreu sob as limitações que a doença lhe havia infligido. Agora ela tentava se livrar da terrível emoção — lembrar-se de onde estava e porque estava ali. Como era inconveniente que, ao dar esse importante passo em direção à independência e realização, o pesadelo tenha retornado com seus medos sufocantes. Beth achou ainda mais difícil pegar no sono novamente.

Quando a manhã finalmente chegou, a chuva havia parado, mas a luz do dia revelou outro dia sombrio e nublado. Havia poucas opções de passatempo interessante. Beth se propôs a ler, até que ela — uma ávida leitora — perdesse o interesse. Fez umas caminhadas e com frequência sentou-se no vagão restaurante. Mas ela não conseguia escapar da sombra melancólica que pairava sobre ela, nem dos

pensamentos agitados e turbulentos a respeito do lugar para onde estava indo... sobre o enorme desconhecido que tinha pela frente.

Em seu terceiro dia no trem, Beth se sentia completamente infeliz e desesperadamente entediada. As nuvens se abriram mais uma vez, e ventos fortes lançavam rajadas de chuva contra a janela, bloqueando qualquer cenário que pudesse servir para ajudar na passagem do tempo.

Então, chegaram a Winnipeg, e foi num clima horrível que Beth enfrentou a mudança de trem. Ela olhou para a água escorrendo pelo lado de fora da janela e tirou um guarda-chuva da mala abarrotada. Era tolice, ela sabia, esperar alguma proteção de uma engenhoca tão pequena e ornamentada, projetada mais para a moda do que para ser usada.

Ela reuniu seus pertences e se viu arrastada junto à multidão de passageiros, descendo os degraus estreitos e atravessando a plataforma do trem. Mesmo a área de carga coberta, destinada a manter os passageiros fora das intempéries, não foi capaz de protegê-los da chuva que passava transversalmente, impulsionada pelo vento.

Outros viajantes, com as cabeças protegidas sob guarda-chuvas, chapéus e jornais, caminhavam em direção a um segundo trem. Beth os acompanhou e chegou ao final da barreira, aguardando sua vez de embarcar na próxima longa fila de vagões. Lá também estava a mãe com os dois meninos, agarrando a mão deles e arrastando-os atrás de um carregador que levava a bagagem deles.

Mesmo segurando com firmeza o guarda-chuva sobre a cabeça, Beth podia sentir a chuva escorrendo pela parte de trás do pescoço e encharcando seu traje de viagem até chegar à pele. O vento soprava descontroladamente em uma direção e depois na outra, quase arrancando o guarda-chuva ineficaz de suas mãos. Não adiantava nada. Não havia nada que ela pudesse fazer além de deixar o aguaceiro encharcá-la e suportar os tremores. Ela dobrou o acessório inútil e o enfiou debaixo do braço. A experiência passada de Beth com essas chuvas do final do verão muitas vezes incluía a ameaça de uma nova rodada de enfermidades.

Se minha mãe estivesse aqui, o que ela ia dizer? “Elizabeth, você vai ficar doente. Pelo amor de Deus, peça ajuda na estação de trem. Há pessoas cujo trabalho é carregar suas malas e garantir que você chegue em segurança. Uma garota como você deve aproveitar ao máximo seus serviços. Não há razão nesse mundo para sofrer

dificuldades. E” — ela quase podia ouvir o aviso repetido da mãe em voz alta — “se você espera suportar a vida no Oeste, vai precisar de muita ajuda”.

Até mesmo a memória de palavras tão depreciativas fez com que Beth erguesse a valise mais alto e andasse num passo mais próximo dos outros que estavam prontos para embarcar. Beth estreitou os olhos através da névoa para ler os números pintados na lateral do trem.

Ela olhou perplexa — *205? Isso não estava certo.* Colocou a mala no chão e apressadamente buscou, na manga do casaco, pelo bilhete que o pai comprara. *Aqui diz 308.* Beth foi tomada pelo pânico enquanto olhava ao redor. Havia outros trens esperando na estação.

— Por favor, senhor — ela exclamou para um carregador que estava ali perto. — Com licença, por favor! Acho que tenho de encontrar o número 308.

O homem deu passos rápidos em direção a ela e pegou a passagem.

— Bem, senhorita, esse trem parte do extremo da estação.

Beth soltou um agradecimento forçado e agarrou a alça da mala. Foi então que ela ouviu o homem gritar:

— Darby! Ajude essa jovem com a valise; certifique-se de que ela chegue ao trem correto.

Um jovem carregador chegou ao seu lado num instante, com um guarda-chuva muito maior. Ele pegou o bilhete, levantou a mala sem esforço e inclinou o cotovelo para que ela o segurasse. Beth deu um suspiro de gratidão e agarrou-se no braço oferecido, enquanto o rapaz segurava o guarda-chuva sobre ela. *Talvez a mamãe tenha razão. É mais fácil permitir que outros ajudem.* No entanto, foi desanimador admitir que ela já estava falhando na habilidade que esperava demonstrar durante a aventura no oeste.

— Vamos ter que ir mais rápido, senhorita. O seu trem está prestes a partir.

Eles se apressaram em direção a um segundo trem parado — o que ficava mais na extremidade. Foi uma dificuldade para Beth acompanhar os passos longos do carregador enquanto ele a puxava através das multidões. A saia justa de tweed não lhe permitia mais que

pequenos passos rápidos. O clique apressado dos saltos de Beth foi abafado em toda a confusão, barulho e chuva.

O homem a deixou nos degraus que levavam ao trem correto, e Beth agarrou a próxima mão estendida que facilmente puxou a pequena figura para o vestibulo. Ela fez uma tentativa inútil de sacudir a chuva e tirou uma mecha de cabelo solto dos olhos, e era certo que o chapéu novo, comprado especificamente para esta viagem, devia estar arruinado, sem chance de reparo. Ela podia sentir o lado esquerdo da borda de veludo, agora encharcado, repousando sobre sua orelha. Beth sabia que devia estar com uma aparência terrível, mas a mamãe lhe ensinara a mostrar-se sempre de forma digna, mesmo em circunstâncias difíceis. Então ela respirou fundo, ergueu o queixo e moveu-se para o corredor. Um terceiro carregador estava pronto para carregar sua mala e garantir que ela encontrasse a cabine correta.

— Ah! — ela exclamou —, eu não dei a gorjeta ao outro carregador...

— Não se preocupe, senhorita, estamos apenas fazendo nosso trabalho — assegurou o rapaz que a ajudava agora, mas ela desejava estar mais atenta e pensara em expressar sua gratidão de forma adequada.

Finalmente, ela conseguiu fechar a porta entre ela e o resto do mundo. Beth relaxou apoiada na porta por um momento, sem saber como proceder a seguir. Naquele momento, o trem partiu com um solavanco e só o que a mantinha de pé era a mão agarrando o apoio da maçaneta da porta.

Beth sabia que havia chegado perigosamente perto de ser deixada na plataforma da estação. Ela fechou os olhos bem apertados.

— Obrigada, Senhor Deus — sussurrou. — Não tenho ideia do que teria feito se perdesse este trem!

Logo em seguida, trancou a porta que dava para o corredor, fechou as cortinas, tirou as roupas molhadas, secou-se o melhor que pôde com uma pequena toalhinha de linho que encontrou pendurada no lavatório, abriu a mala e vestiu roupas secas. Mesmo assim, não conseguia parar de tremer.

Ela vasculhou a valise mais uma vez e encontrou um suéter para vestir por cima da roupa. As peças não combinavam, mas não havia ninguém perto o suficiente para criticar.

Em seguida, precisou pensar no que faria com a roupa que havia tirado. Mas parecia não haver uma resposta pronta. O lavatório era pequeno demais para caber tudo, e não havia outro recipiente de qualquer tipo. Então, segurando cada peça longe uma da outra para evitar manchas molhadas nas roupas secas, Beth as dobrou ordenadamente, guardando as roupas íntimas com discrição em meio à pilha, e colocou o pacote em páginas de jornal que ela espalhara por um canto do chão. Tentou imaginar o que a mãe faria, mas concluiu que a mãe jamais se encontraria em uma situação tão fora de controle. Beth só podia esperar que o trem tivesse algum tipo de serviço de lavanderia.

Ao lembrar-se da mãe, Beth vasculhou novamente a mala para pegar o conhecido frasco da emulsão Scott. Se a mãe tivesse presente, por certo já teria insistido que Beth tomasse um gole do líquido insuportável. A mãe havia concluído há muito tempo que a crise de coqueluche de Beth fizera que seus pulmões fossem incapazes de fornecer oxigênio adequado ao corpo, e que isso causava muitas de suas enfermidades — e até mesmo sua pequena estatura. Não era que algum médico tivesse pronunciado diagnóstico tão conclusivo, mas ninguém duvidava da veracidade da mamãe. E armada desse veredicto, ela se propôs a encontrar os remédios, tônicos e elixires certos para fazer que Beth tivesse um perfeito estado de saúde. Beth conseguia se lembrar da temida colher sendo segurada na boca todas as noites, carregando uma nova mistura com cheiro e gosto insuportáveis. Esse fato tornou a atual aventura ainda mais inesperada, considerando que Beth, entre as três irmãs, era quem enfrentaria uma jornada sozinha para um lugar tão longe de casa. Mas mesmo aqui, ela se rendeu ao tratamento prescrito pela mãe.

Depois de guardar o frasco, Beth se sentou e buscou na cabine por algo para passar o tempo e ajudá-la a relaxar. A leitura veio primeiro à mente, mas ela já tinha terminado os livros que trouxera na mala. Com um olhar para o canto, Beth lamentou o fato de ter inutilizado o jornal de cortesia. Todos os outros livros, exceto a Bíblia, foram embalados nos baús que tinham sido registrados...

Os baús! Será que foram mandados para o trem errado? A mente de Beth girou em pânico. Ela respirou fundo para se acalmar e verificar o que sabia. O pai tinha colocado os baús juntos em um carrinho na plataforma em Toronto, e eles tinham sido levados por um carregador. O pai lhe disse que tinham sido “registrados”. Então eles deviam ter sido transferidos para o trem certo, talvez antes que ela mesma conseguisse embarcar. Beth soltou um longo suspiro de alívio.

Ela considerou passar algum tempo lendo a Bíblia. Mas tinha certeza de que não estava no estado de espírito adequado naquele momento, então se acomodou no assento de veludo acolchoado e ergueu os pés ao lado dela. Abrindo a cortina da janela, lançou um olhar para fora, encontrando apenas o rio de chuva ainda escorrendo pelos painéis de vidro.

Sem distração ali, concluiu. Beth se sentia muito cansada depois da corrida pela estação, então se inclinou para trás contra o assento e deixou sua mente vagar. Preferiu ficar sozinha com os pensamentos agora e concentrou a mente para voltar às memórias de infância — na esperança de ofuscar o recente pesadelo com lembranças mais felizes.

Era uma simples questão de lembrar-se da Julie. Parecia a Beth que ninguém poderia negar os encantos da nova irmãzinha que havia chegado cerca de um ano após a morte de William. O rechonchudo querubim fez sua estreia no mundo sorrindo e dando gargalhadas. Beth não perdia a oportunidade de segurar o novo bebê em seu pacote de cobertas, embora às vezes só pudesse ficar sentada pertinho da mãe e oferecer um dedo ao punho rechonchudo da irmãzinha enquanto ela mamava.

No entanto, a mãe muitas vezes deixava Beth ficar ao lado do berço e cantar canções de ninar até que Julie dormisse. Beth lembrou com carinho como ela também tinha permissão para colocar um brinquedo ou boneca ao lado de Julie, para o qual o bebê poderia olhar e sorrir. Mas a mãe repreendia Beth sempre que encontrava todos os brinquedos alinhados nas paredes do berço, como soldados vigiando seu bebê adormecido. O pensamento, mesmo agora, provocava um nó na garganta de Beth. Lembrou-se de como todos eles protegiam Julie de perto.

Com o tempo, Julie começou a andar e conversar. A partir desse momento, parecia que Beth não tinha uma só memória em que as duas não estivessem juntas. Elas brincavam juntas no berçário e quase sempre compartilhavam de tudo. Quando Julie exigia um brinquedo que Beth já havia reivindicado, não era tão difícil desistir por causa da irmãzinha, especialmente porque isso sempre fazia a mãe sorrir em aprovação.

Mesmo quando eram muito jovens, Beth, Julie e a irmã mais velha Margret desfrutavam muito do prazer de ouvir histórias lidas para elas. Junto com a mãe ou com o pai, sempre que ele estava presente, as meninas compartilhavam histórias de todos os animais

falantes em *Histórias Assim*, de Rudyard Kipling, e imaginavam o mundo caótico de *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll. Os pais também liam um livro de histórias bíblicas ilustradas para crianças, familiarizando-as com a vida do patriarca Abraão, do corajoso Daniel e do gentil Jesus. E depois de apenas algumas sessões com o pai, Beth rapidamente aprendera a decifrar as letras do alfabeto, e logo estava lendo sozinha.

Uma mudança na velocidade do trem trouxe Beth de volta ao ambiente atual. Familiarizada agora com o movimento do trem, Beth conseguia sentir a desaceleração gradual do motor roncando enquanto o esforço dos freios se agitava de vagão para vagão aos solavancos. Mesmo que fosse adorar pisar em terra firme para uma curta caminhada, Beth decidiu ignorar outra parada.

Fechou os olhos para deixar de fora o presente e se baseou em um evento favorito da infância. Com uma respiração profunda e ansiosa, Beth invocou os sentimentos mais uma vez.

Ela tinha sete anos e Julie tinha três. Pela primeira vez, as meninas foram autorizadas a acompanhar os pais até a ampla casa dos Montclairs, que estavam organizando um concerto. De mãos dadas e sentadas juntas, as irmãs estavam silenciosas e solenes, com olhos arregalados diante da exibição de instrumentos de bronze brilhantes que estavam tão perto, tocando as canções acima do tremor das cordas. O estrondo alto de tambores e a repentina batida dos pratos sempre faziam as irmãs estremecerem apenas um pouquinho. Mas, apesar dos momentos surpreendentes que cresciam, Beth estava tão encantada com a música que mal conseguia respirar. Quase podia ouvir a música ecoando agora, apesar do zumbido do motor do trem.

No dia seguinte, a jovem tia Elizabeth havia chegado à casa delas com um presente para Beth — um violino de tamanho infantil que ela usara para dar aulas alguns anos antes. O arrebatamento da menina no concerto não passara despercebido, e logo Beth estava lutando com cada grama de determinação que havia em sua alma para conseguir tirar os mesmos sons que vieram das cordas naquela noite, levantando os olhos para assistir seu instrutor enquanto ele balançava o queixo no ritmo de seus trabalhosos esforços. Com o tempo, o rosto do instrutor parecia fazer cada vez menos careta enquanto Beth tocava. Ela se tornou bastante proficiente em tenra idade. Então, com os dois amores pela música e os livros, era como se, para Beth, a leitura trouxesse o mundo inteiro para perto, enquanto a música o enchia de cor e alegria.

Pensou em seu violino de concerto — a versão em tamanho real que o pai lhe deu quando ela completou treze anos — e a discussão com ele sobre trazê-lo consigo. O violino estava agora embalado em segurança num dos baús. Beth estava feliz em saber que o violino estava perto, mas não podia deixar de se preocupar que poderia ser danificado na viagem. Ela escolheu confiar que o pai o embrulhara em segurança.

Pensando com carinho, Beth se mexeu no assento do trem enquanto se lembrava novamente de como era fascinante que ela agora seguisse os passos da tia, viajando para o Oeste para lecionar. E mesmo que Beth tenha descoberto mais tarde que sua xará Elizabeth não era sua tia de verdade — ela era filha do irmão mais velho do pai, Efraim, e, portanto, uma prima mais velha, a quem a mãe insistia que fosse considerada com respeito —, Beth e as irmãs optaram por continuar a usar o termo carinhoso. Ela raramente via a tia Elizabeth, que se mudara para o oeste não muito tempo depois do concerto e poucas vezes voltava para visitá-los, mas Beth nutria uma sensação deliciosa de prazer por causa das semelhanças que elas partilhavam, sobretudo quando lhe foi oferecido o cargo para o oeste.

Beth contemplou mais uma vez a observação que tinha ouvido no vagão-restaurant. Talvez as memórias de infância fossem coisas caprichosas, pensou então. Que as conclusões a que chegamos sobre uma pessoa ou evento em particular, às vezes, pode enganar a mente, moldando a verdade simples e sem adornos, e tornando em algo ligeiramente desviado da realidade. Ela se perguntou quantas pequenas alterações pode ter tecido nas próprias memórias ao longo dos anos.

Beth deu um longo suspiro e se inclinou para frente, a fim de olhar mais uma vez pela janela. Ainda chovendo... Do corredor, ela ouviu a voz do carregador avisando da hora do jantar e então se preparou para ir até o vagão-restaurant. Talvez tivesse coragem de convidar alguém para se juntar a ela.

Ela buscou ansiosamente a Bíblia e a carregou junto consigo para a mesa. Um amado salmo lhe assegurava mais uma vez de que seu Pai Celestial a acompanhava, mesmo quando seu querido pai terreno não podia fazê-lo. Ela orou pela família e se preparou para mais horas de viagem, passando um tempo entre o vagão-restaurant e a cabine.

Outra tarde emocionalmente exaustiva se arrastou e ela ainda não estava perto de seu destino. O compartimento apertado onde já

passara horas sombrias oferecia pouco conforto. Depois do jantar, Beth ficou no centro do vagão e balançou a cabeça cansada. Muito cedo para se vestir para a cama e tarde demais para passar mais tempo em passeios sem objetivo, ela escolheu entregar o dia e se esforçou para tirar os sapatos de salto alto dos pés doloridos.

Naquele momento, uma batida firme soou na porta.

CAPÍTULO 3

Um pouco perplexa, Beth se levantou para responder à batida.

Quando estendeu a mão para a maçaneta da porta, lembrou-se do óbvio. Devia ser o funcionário, que estava ali para puxar a cama e preparar a cabine para a noite.

— Sim, só um momento — ela exclamou, girando a trava.

Mas em vez do casaco escuro do carregador, a porta foi ocupada por uma jaqueta vermelha brilhante. Ela recuou e rapidamente percebeu que era o uniforme de um oficial da Real Polícia Montada Canadense.

— Que bom ver você de novo, Elizabeth.

A voz conhecida veio assim que os olhos de Beth se ergueram para contemplar um rosto que ela conhecia muito bem. O cabelo castanho ondulado ficava sobre os olhos verdes escuros avidamente focados nos dela.

— Edward?

Ele fez uma suave mesura.

— Sim, senhora, sou eu.

— Mas o que... o que você está fazendo aqui?

Ela ficou tão espantada — e mortificada — que mal conseguia falar.

Edward pigarreou.

— Posso entrar?

Ele gesticulou para o compartimento.

Ela preferia negar o pedido, mas a instrução de sua mãe a proibia. Beth ouviu a própria voz responder:

— Sim, é claro.

Ela recuou quando Edward cruzou a soleira, deixando a porta bem aberta atrás dele. Suas maneiras nem sempre eram o que Beth desejava, mas, neste caso, ele estava agindo de forma adequada.

— Seu pai pediu que eu a acompanhasse durante as viagens, para garantir que você chegue em segurança até Coal Valley — explicou ele.

A explicação só deixou Beth mais perplexa.

— Meu pai? Ele pediu que você me acompanhasse? Para quê?

— Eu também fui mandado para servir no Oeste — ele se apressou em explicar — e estava viajando neste momento. Como um favor à sua família, concordei em atender às suas necessidades e segurança.

Beth repassou os acontecimentos ao longo do dia — o fato de ter ficado completamente encharcada enquanto lutava para carregar a própria mala, e como quase perdeu a conexão.

— Mas — Beth se esforçou para encontrar palavras para expressar seu desânimo —, então onde você esteve?

Imediatamente ela desejou não ter feito a pergunta. Esse não era o ponto. Ela não *queria* nem *precisava* da ajuda dele.

Soando indiferente e na defensiva, Edward respondeu:

— Eu entrei neste trem na última parada. Minha empresa já tinha outros planos de viagem. Mas, por sugestão de seu pai, recebi permissão especial para viajar com você. Eu me esforcei de forma considerável para ajudá-la, posso garantir.

Beth se recusou a suavizar o tom.

— E eu posso lhe garantir, Sr. Montclair, que foi inteiramente desnecessário. Tenho me virado muito bem.

Beth sabia que suas palavras soavam fracas e patéticas e, o pior de tudo, estavam longe da verdade. Naquele exato momento, ela se lembrou do monte de roupas encharcadas, descartadas numa pilha no canto mais extremo da cabine. Ela moveu-se um pouco para esconder a triste bagunça de Edward.

A consciência lhe trouxe à mente os dois prestativos carregadores. O que ela teria feito sem eles? Mas isso? — isso foi demais. Como o pai pôde...

— No entanto — Edward estava dizendo —, pretendo manter a promessa que fiz ao seu pai. — Ele pigarreou novamente. — Voltarei de manhã, às oito horas, para acompanhá-la ao café da manhã. Está tudo bem para você?

— Eu preciso de uma *escolta policial* para o café da manhã? — Beth retrucou, ainda mais irritada com a intransigente presunção de Edward.

Ele não se deixou levar por essas palavras.

— Então, devo vir às oito? — Nesse momento, Beth pôde ver o cantinho dos olhos dele realmente franzirem de leve. — É claro — disse ele —, eu ficaria igualmente satisfeito de vir às seis horas... ou às cinco. Como você quiser, Elizabeth.

Beth conhecia o bastante a expressão atrevida para saber que ele ficaria satisfeito em despertá-la muito antes do que ela estaria pronta para se levantar. Ela tinha sido vencida — e por *ele*, de todas as pessoas. Podia sentir o rosto queimando de raiva.

— Tudo bem. Está bem, mas não antes das oito. Ou vou chamar o cabineiro e...

Ela deixou a ameaça no ar. O que podia fazer? Como poderia reclamar com um cabineiro sobre a conduta de um *oficial da polícia*? Alguém que fora mandado pelo próprio pai? Edward tinha vencido.

Depois de fazer mais uma mesura, ele se retirou e fechou a porta atrás de si. Beth permaneceu no centro do aposento, tremendo. Em voz alta, ela murmurou:

— Só mesmo o diabo na porta seria pior do que Edward Montclair!

Imediatamente, repreendeu a si mesma pela declaração tão terrível. Mas a verdade é que ela queria se esconder dele — se trancar em algum lugar ou... ou pular do trem. E mesmo sabendo que estava sendo infantil e ridícula, Beth só podia buscar superar a frustração nos poucos passos entre a porta e a janela. *Isso é absolutamente inaceitável — que ele tenha encontrado uma maneira de se intrometer em meus planos, até mesmo aqui. Pensei... pensei que estava livre dele!*

Edward tinha sido um incômodo desde que Beth se conhecia por gente. E como a família dele estava intrinsecamente conectada com a empresa de importação do pai, havia muito mais situações que exigiam que ela se cruzasse com Edward do que gostaria.

Os Montclairs tinham as raízes na velha Inglaterra, e Beth costumava ouvir que a nobreza estava incluída na genealogia da Sra. Montclair, embora informações mais específicas se tornassem ainda mais notórias devido à ausência delas. Edward quase sempre encontrava uma maneira de trazer à tona sua “linhagem imponente” na conversa. Mas seu orgulho evidente era o menor dos problemas de Beth contra ele.

Ela havia concluído, desde que era menina, que Edward era um desordeiro imprestável. Só porque os Montclairs tinham riqueza e recursos consideráveis, Beth não achava que isso conferia ao Edward as vantagens sociais que ele parecia declarar de forma tão ousada, e das quais se utilizava.

O pai de Edward devia ter impressões semelhantes sobre o filho, Beth concluiu um pouco presunçosa. Sem dúvida, esta era a razão por que Edward estava agora servindo à Real Polícia Montada Canadense, na esperança de que a disciplina e a ordem lhe tragam algum senso de como ser um cavalheiro honrado e produtivo!

Com mais vigor do que necessário, Beth puxou os prendedores do cabelo, sacudindo-o e escovando-o, lançando todo o tempo, para seu reflexo no espelho, novas críticas ao acompanhante indesejado.

— Ele se acha superior a todo mundo! — ela murmurou.

Não pôde deixar de se lembrar de seu primeiro encontro com Edward Montclair, sentado na igreja com os pais. Beth o viu do outro lado do corredor, tentando fazer a irmã Margret corresponder a um sorriso, e a menina *não* respondeu às tentativas de flerte de Edward. Após o culto, as irmãs deram as costas para o garoto quando ele se aproximou, rindo ao comentar como ele era tolo por tentar arrancar um sorriso de uma garota mais velha.

— Ele devia saber — as meninas concordaram, com a grande altivez da juventude.

Beth bateu a escova no lavatório e se sacudiu num esforço para recuperar a compostura. Mas voltou à sua lista de acusações. Ele também tinha a perseguido — apenas ela — com um lagarto morto

que encontrou atrás da igreja. Seus colegas de Escola Dominical insistiram que ele gostava dela, não havia nada pior para inventarem. Os dedos trêmulos se atrapalharam com os botões da camisa enquanto se preparava para dormir.

Oh, como Beth o desprezara naqueles dias. Ela abandonara conversas com outras pessoas se Edward se juntasse ao grupo. Recusou-se a dar-lhe atenção quando ele chamou o nome dela. E em uma ocasião, numa social da igreja quando ela era muito jovem, ela ousou bater o pé diante da ordem da mãe de se sentar ao lado do garoto exasperante. Sem dar explicações, a mãe concordara, e uma triunfante Beth foi autorizada a sentar-se numa cadeira, a uma distância segura de seu atormentador.

Beth parou enquanto pendurava a camisa no pequeno armário e examinava ainda mais a memória. Pela primeira vez, pareceu-lhe estranho que a mãe tivesse cedido. Ela certamente não conseguia se lembrar de outras ocasiões em que um lampejo de obstinação pudesse ter feito com que a mãe cedesse. *Será que a mãe sabia? Será possível que a mãe tenha entendido os sentimentos de uma garotinha sobre o assunto?* No entanto, Edward estava aqui, mais uma vez lançado na vida de Beth no momento mais inoportuno.

Certamente esse não tinha sido um ato da mãe, não é mesmo? Beth já havia suscitado algumas vezes de que a mãe e a Sra. Montclair secretamente bancavam as casamenteiras a respeito de Edward e ela — na esperança de amarrar as famílias ainda mais através do matrimônio. *E sem dúvida, a mãe estava intrigada com a “nobreza” da família,* Beth reconheceu com pesar. Sem dúvida, isso não tinha importância para ela.

Mas Edward disse que o pai dela tinha sido o fomentador dessas *circunstâncias infelizes*. Talvez seja injusto culpar a mãe. Beth decidiu tirar os sentimentos conflitantes da mente por enquanto. Passou a camisola por cima da cabeça e... *Oh Deus!* Era cedo demais para se retirar para a noite. O sol ainda estava um pouco alto no céu, e o cabineiro ainda não havia chegado. E aqui estava ela, estupidamente pronta para se deitar. Na mais absoluta frustração, Beth pegou as roupas e correu para trocá-las, antes que ocorresse uma segunda batida na porta.

— Vou dizer uma coisa — ela murmurou para ninguém —, se ele me chamar de Elizabeth, a Grande, só mais uma vez, eu não vou mais falar com ele, mesmo que isso signifique não lhe dirigir a palavra durante todo o resto da viagem!

Quando o cabineiro chegou para fazer a cama de Beth, ela estava sentada confortavelmente em sua cabine, a própria imagem da serenidade. Ela até conseguiu perguntar a respeito do serviço de lavanderia de maneira digna e ficou satisfeita com o fato de o cabineiro parecer perfeitamente capaz de ajudar. Para seu alívio, a evidência de seu incidente com a chuva foi levada. E pela segunda vez naquela noite, Beth se preparou para a cama.

Antes de apagar a luz, Beth respirou fundo e pegou a Bíblia da mala. Enfiou os pés debaixo das cobertas, afofou os dois travesseiros atrás das costas e abriu na última passagem que estava lendo — o livro de Efésios. Palavras sobre raiva, sobre ministrar graça aos outros, ser gentil e carinhoso, pareciam saltar das páginas. Ela não pôde deixar de comparar o próprio comportamento infantil em relação a Edward com o querer de Deus para sua vida e como ela deveria tratar os outros.

— Perdoe-me, querido Pai — ela finalmente suspirou. — Eu não deveria ter me comportado dessa maneira. E então, rapidamente prosseguiu, dizendo: — Por favor, ajude-me a ser educada amanhã. Mesmo que não queira a companhia dele, não quero desonrar o Senhor.

Naquele exato momento, Beth recordou das palavras do pai na despedida. Estava surpresa por ter esquecido tão rapidamente o verso que ele havia escrito no papel e escondido dentro da bússola. Saindo de debaixo das cobertas e mexendo para reaver o instrumento de bronze onde o embrulhara e guardara com cuidado, ela abriu a tampa e o pedacinho de papel caiu.

Escrito na caprichada letra cursiva do pai, ela lia: “Posso todas as coisas nAquele que me fortalece” (Filipenses 4.13).

Beth inspirou profunda e lentamente. Pensamentos e emoções surgiam em seu interior enquanto ponderava sobre as palavras e as intenções do pai. Ela se perguntou o que poderia ter acontecido de diferente se tivesse essa passagem da escritura em mente durante o encontro com Edward. Perguntou-se o que o pai diria se a visse durante o terrível episódio. Beth enrubesceu. Mesmo sabendo que o pai teria sido gracioso e perdoador, sentiu-se envergonhada por não representar melhor sua família... por não representar melhor o Senhor Deus.

Ajoelhada ao lado da mala aberta, no chão instável do vagão de passageiros, Beth sussurrou em voz alta:

— Eu já estou falhando, Senhor. Envergonhei a mim mesma e tratei mal outra pessoa. — Logo, outro verso veio à sua mente e ela agregou com um pequeno sorriso trêmulo: — Mas o Senhor prometeu que Suas misericórdias se renovam todas as manhãs. Obrigada por isso. Preciso dessas misericórdias esta noite. E amanhã.

Beth guardou novamente a bússola no lugar, empurrou a mala para debaixo da cama e se acomodou outra vez para a noite. Ela deixara o pequeno pedaço de papel no parapeito da janela e repetiu o verso muitas e muitas vezes, até que pegasse no sono.

CAPÍTULO 4

Fiel à sua palavra, Edward Montclair chegou de uniforme completo, com o chapéu Stetson na mão, para escoltar Beth ao café da manhã — dois minutos adiantado. O rapaz ficou visivelmente surpreso ao ver o sorriso de Elizabeth quando o recebeu na porta, mas não fez nenhum comentário. Beth continuou a sorrir quando Edward recuou e gesticulou para que ela o precedesse pelo corredor estreito.

— Não está um dia adorável hoje? — ela comentou, como se estivesse iniciando a conversa com um conhecido recente. — Estou tão feliz por não estar mais chovendo. Gostaria de ver um pouco das paisagens do campo.

— Sim — ele concordou com cautela. — Embora tenham me dito que vamos passar principalmente por pradaria aberta.

— Tudo bem. Será um bom contraste com os pontos turísticos urbanos que temos em casa.

Ele deu de ombros.

— Haverá menos paradas, então devemos usar melhor o tempo.

Beth sorriu mais uma vez.

— Tudo bem — ela repetiu com um aceno quando entraram no vagão-restaurante.

Edward segurou a cadeira para que Beth se sentasse e pediu o chá.

Ela colocou o café da manhã em ordem, depois se acomodou e se virou para a janela. Fingiu não perceber como o uniforme vermelho de Edward chamava a atenção de todos no salão.

— Mal posso acreditar que já é domingo — disse ela. — É de fato um dia sublime. O céu está tão claro... tão azul quanto... tão azul quanto... — Beth fez uma pausa e depois disse: — Bem, creio que seja tão azul quanto os olhos do JW. — Beth sorriu para si mesma enquanto formava em sua mente a visão da acolhida do sobrinho na noite anterior à sua partida. Edward permaneceu em silêncio, então Beth prosseguiu. — Milo Phelps viajou para Saskatchewan no verão passado e disse que o céu sobre a pradaria é incomparável.

Houve um momento de silêncio e então Edward comentou:

— É o mesmo céu, você sabe.

— Como é?

— É precisamente o mesmo céu que cobre tudo.

— Humm. Bem, assim, talvez seja só que se pode ver com muito mais clareza aqui.

Edward balançou a cabeça.

— Bem, talvez seja só porque não há nada mais para ver.

Beth tinha certeza, pelo tom de voz do rapaz, que ele estava zombando dela por suas tentativas de ser agradável. Ela deixou o comentário passar.

O maitre colocou um prato diante dela contendo um bolinho recém-assado, três pequenos bocados de geleia espalhados como folhas em torno de um pequeno pedaço de manteiga em formato de rosa, e um delicado porta-ovos de porcelana com um ovo cozido aberto e ainda fumegante no topo. *Tão bonito e refinado como qualquer restaurante em Toronto.* Beth agradeceu ao rapaz e pegou sua faca.

Mas Edward fez uma observação maliciosa sobre o próprio prato:

— Isso não é bem uma refeição, Elizabeth. O que sua mãe ia dizer?

Antes que uma resposta concisa pudesse passar por seus lábios, Beth se forçou a permanecer equilibrada.

— Meu estômago fica um pouco embrulhado quando viajo. Acho que minha mãe entenderia.

Parecendo confuso por não ter conseguido importuná-la, Edward respondeu desajeitadamente:

— Lamento que não se sinta bem — e voltou a atenção para a própria refeição.

Por algum tempo, houve silêncio entre eles, e Beth ficou aliviada ao desfrutar de seu café da manhã e do cenário em paz. Então Edward invadiu seus pensamentos.

— Fiquei muito surpreso que sua família tenha permitido que você viajasse sozinha — e para um lugar tão longe de casa. Pensei que sua mãe proibiria.

Mais uma vez, Beth se esforçou para responder com calma.

— Ela estava de acordo com que eu me tornasse uma professora. Mas, é claro, minha mãe preferiria que eu encontrasse um trabalho mais perto de casa.

Os olhos de Edward tinham um indício de algo que ela não conseguia identificar.

— Eu esperava que ela preferisse que você tivesse se casado e sossegado... como fez a Margret.

— Talvez. — Beth estava achando um pouco mais fácil continuar a responder com calma, mas com franqueza. — Lecionar foi o que eu *escolhi* fazer. — Beth pensou nas primeiras tentativas da mãe ao aconselhá-la a se afastar da faculdade e do ensino, mas preferiu lembrar o orgulho nos olhos da mãe no dia da formatura. — É verdade, minha mãe não teria escolhido esse caminho para mim, mas ela também não me proibiu. E acredito que está me apoiando agora.

— Isso é ridículo.

— Como é? Eu não...

— Eu disse que é *ridículo*. — Edward inclinou-se, com os cotovelos apoiados na mesa e abaixou a voz. — Eu achava que pelo menos seu pai conseguia controlá-la.

Beth não pôde deixar de afundar no assento.

— Não se trata de ser controlada, Edward. Mas sim...

— Trata-se de você estar agindo como uma mulher teimosa e cabeça dura... como tantas outras na nossa geração — ele retrucou. — Essas mulheres que sentem que é preciso tentar agir como homem, num esforço de evitar levar vidas entediantes em casa.

Beth se forçou a devolver-lhe a expressão inflexível.

— É o que você acha que estou fazendo?

— Sim. Você, a Sigrid Freeman... e Ruth Shields. Vocês organizam as extravagantes festas de debutante e levam todos a

pensar que estão preparadas para se casarem — e depois, vão para a faculdade, achando que podem conseguir empregos e cuidarem de si mesmas. Bem, não vai funcionar, Elizabeth. Você vai ver. Vai passar um mês ou dois — talvez até um ano — em algum deserto esquecido por Deus, e então voltará correndo para casa, pronta para ser resgatada.

Beth olhava para as mãos que alisavam lentamente o guardanapo em seu colo, enquanto revisava seus pensamentos.

— Mas a Sigrid está em Ottawa, tocando na Filarmônica. E a Ruth é enfermeira.

— Por enquanto — ele acenou com a cabeça, inclinando-se novamente, com a voz ainda baixa, mas cheia de tensão. — Por enquanto. Mas dou menos de um ano para que as duas estejam noivas. Porque é assim que o mundo funciona. Quando as mulheres se cansam de fingir que podem ganhar a vida, elas recorrem aos homens para cuidarem delas. Não temos o luxo de brincar num emprego por um tempo e depois ter outra pessoa nos apoiando, assim que nos cansarmos de tudo isso. Homens trabalham duro a vida toda.

Beth esperou em um silêncio que foi duramente conquistado, enquanto cada resposta raivosa, conflituosa desfilou em sua mente. Ela considerou comentar o fato de que ele herdaria muito do que precisava para se sustentar; que os homens se beneficiam tanto do casamento quanto as mulheres; que as mulheres casadas não são preguiçosas, mas trabalham ajudando os maridos; ou que escolher uma carreira nem sequer *sugere* que ela não esteja interessada em ser uma esposa também. Em vez disso, Beth descartou cada uma das respostas como controvertidas e renovou a determinação de não permitir que Edward a tirasse do sério com declarações nas quais ela duvidava que ele mesmo acreditasse de verdade. O que mais a intrigou, no entanto, foi que ele, de todas as pessoas do mundo, ficasse tão agitado por causa das decisões que ela tomava na vida. Nada disso tinha nada a ver com ele. *Talvez, depois de sair deste trem, eu realmente nunca mais o veja*, ela se lembrou.

Ela parou por mais um momento e tomou um gole de chá devagar, recolocou a xícara suavemente no pires e levantou o guardanapo para limpar os cantos da boca.

— Sinto muito que se sinta assim, Edward. Posso ver que você não entende minha decisão, mas essa foi uma decisão que tomei sob o conselho e proteção de meus pais. Receio que não exija a sua

aprovação.

Com toda a calma que pôde reunir, Beth se desculpou e saiu da mesa. Seu ritmo não diminuiu até que estava de volta à cabine e sentada. Só então ela percebeu que estava tremendo.

— Senhor, não sei se minha resposta foi correta. Espero não estar errada no que disse a ele. Eu realmente não sei como seria possível, naquele momento, dizer qualquer coisa que fosse edificante para ele.

Mas Beth estava bastante satisfeita por não ter falado as palavras que queria dizer de verdade. Ela sentiu que era uma pequena vitória, uma grande melhoria em relação à conversa que tivera antes com Edward.

Não havia nada mais que ela pudesse fazer para mudar a opinião do rapaz sobre o assunto. Ele mais uma vez provou ser como Beth sempre o viu — um menino valentão que se transformou num homem bruto. Beth perguntou-se por um momento se ele era o único de seu círculo de amigos a interpretar suas ações daquela maneira, mas duvidou que qualquer outra pessoa pudesse ser tão tacanha e beligerante quanto Edward.

Ele a chamou de “mulher teimosa e cabeça dura”. Mesmo agora, enquanto repetia em sua mente as palavras ditas de modo tão incisivo contra ela, Beth pôde sentir sua ferroadada. *Afinal, disse a si mesma, esse emprego como professora seja talvez o primeiro passo verdadeiramente confiante que já tenha dado. O problema não é que eu tenho sido teimosa — o problema é que minhas próprias esperanças e desejos foram sufocados durante muito tempo por aquilo que se esperava de mim.* Sim, Beth estava mais do que ciente de que a mãe teria escolhido o casamento e a conformidade com a norma — em especial quando se considerava as limitações físicas de Beth.

Ela virou as costas para se reclinar contra a extremidade do assento, tirou os sapatos e ergueu o joelho até o queixo. Ainda meditando sobre a conversa, a mente foi inundada por outras respostas que dera para o Edward. *É verdade que a minha mãe não teria escolhido esse caminho para mim, mas ela também não me proibiu. E eu realmente acho que ela me apoia agora.* Foi isso que Beth disse ao Edward, mas ela sabia que era um pálido reflexo de toda a verdade. Na verdade, mamãe tinha sido bastante contrária à ida de Beth até mesmo para faculdade, quanto mais para o “oeste selvagem”.

Verdade seja dita, a mãe eventualmente *tinha* ficado muito orgulhosa, de pé na sala de recepção da faculdade depois que Beth se formou. Mas a mãe também a levava de volta para casa o mais rápido que as malas puderam ser embaladas e depois de apressadas despedidas. Estava claro que, em sua maneira materna de ver as coisas, uma filha solteira devia ser mantida próxima e a salvo do mundo — especialmente essa filha, que tinha uma “saúde fraca”.

Beth sentiu antigos sentimentos ressurgindo e voltou-se mais uma vez para a oração. “Senhor Deus, estou tão cansada de me dizerem o que não posso fazer. E talvez isso signifique que estou sendo teimosa e cabeça dura. Eu não quero parecer rebelde — só quero ser o que sinto que o Senhor me criou para ser. E creio que o Senhor me chamou para este trabalho e este lugar. Se minhas atitudes estão erradas, por favor, ajude-me a entender, para que possa mudá-las. Mas por favor, por favor, Pai, me dê a força que preciso para fazer o que quer que o Senhor esteja me pedindo para fazer. Esse é meu anseio... agradar ao Senhor — *não desagradar* a minha mãe.

Beth pensou na carta que devia começar a escrever em breve. É difícil imaginar como transmitir “tudo sobre tudo”, como a mãe tinha pedido. O que Beth mais queria era mostrar que suas decisões estavam certas e que ficaria bem sozinha. *Há algo de errado com isso?* — ela se perguntou.

Após tomar apenas o café da manhã, e sem ter qualquer outra atividade — nem mesmo um culto de domingo — para preencher as horas até o almoço, que seria servido ao meio-dia, o tédio voltou a ser o companheiro de Beth. Ela olhou para o enorme trecho da pradaria e imaginou sua família em um agradável passeio até a igreja, todos sentados, juntos, no mesmo banco que compartilhavam desde que as irmãs eram meninas, unindo-se ao coro — que Beth sempre amou — e atentos à mensagem... *sem mim*, não pôde deixar de adicionar enquanto finalizava a memória.

De alguma forma, ela conseguiu alcançar o meio-dia e correu para chegar cedo no vagão-restaurant, na esperança de despistar a designada escolta. Beth terminou o almoço e voltou para a cabine sem cruzar com o Edward. Mas quando a noite enfim chegou, ela foi obrigada a aceitar mais uma vez a companhia dele para o jantar. Eles dividiram a mesa com dois cavalheiros que viajavam para o oeste a negócios, e uma agradecida Beth permitiu que os três homens conduzissem a maior parte da conversa, acenando educadamente e sorrindo, no que ela esperava fossem os momentos apropriados.

Em silêncio constrangedor, Edward a escoltou de volta para a cabine, onde ela conseguiu agradecer-lhe por suas atenções. Mas antes que ela pudesse pedir licença e fechar a porta, Edward estendeu a mão e a segurou suavemente pelo cotovelo.

— Perdoe-me, Elizabeth. Eu não devia ter falado com você como falei hoje de manhã. Não era minha intenção... não estava tentando... — Edward se esforçou para buscar palavras e terminou com um hesitante: — Eu *sinto* muito mesmo.

Erguendo o rosto para observá-lo, Beth ficou surpresa ao se deparar com a sinceridade que viu ali. Foi tão inesperado que ela também ficou sem palavras.

— Entendo. Tudo bem. Eu aceito seu pedido de desculpas — aceito mesmo.

— Então ainda somos... amigos?

Ele tinha no semblante uma expressão que Beth não se lembrava de ter visto em seu rosto antes.

— Amigos? — ela respondeu. — Ainda somos... isto é, nada mudou, no que me diz respeito.

Beth ficou surpresa que ele fizesse tal afirmação. Ela nunca o considerou nada mais do que o filho dos amigos de seus pais. *E que era bem desagradável*, não pôde deixar de agregar silenciosamente.

O alívio do rapaz ao ouvir seu perdão era evidente.

— Chegaremos a Lethbridge amanhã. Por favor, espere aqui até que eu tenha preparado a nossa bagagem. Gostaria de ser útil pelo menos lá, pois tenho sido um péssimo companheiro de viagem até agora.

Ela sorriu, mas não discordou da avaliação dele.

— Sim, claro.

— Bem, vejo você no café da manhã — ele disse de novo, um pouco ansioso.

Confusa com essa mudança repentina, Beth baixou o olhar.

— Sim, estarei pronta às oito novamente.

Ele soltou o braço de Beth, recuou um pouco e assentiu concordando.

Depois do café da manhã, na manhã seguinte, Beth se apressou para juntar o restante de seus pertences e colocá-los na mala que ela já havia enchido. O cabineiro devolvera a roupa lavada quando preparou a cama na noite anterior. Beth pegou o pedaço de papel com o verso do pai e o dobrou até que ficasse pequeno o bastante para guardar dentro de seu medalhão. Conseguiu apenas fechar a trava. Ela acariciou o colar para colocá-lo no lugar, sentindo-se mais uma vez grata pela preciosa verdade que ele continha.

O trem parou em Lethbridge com apitos, guinchos produzidos pelo aço e muito vapor. Edward bateu na porta logo depois. Embora Beth o cumprimentasse com gentileza, ele permaneceu um pouco afastado. Ele assentiu brevemente e estendeu a mão para carregar a mala de Beth. Ela o seguiu logo atrás dele, com a bolsa segura ao seu lado. Apesar do comportamento inexplicável de Edward, Beth estava satisfeita com a presença dele ali para ajudá-la, e o seguiu depressa, sem precisar se preocupar em encontrar o caminho e fazer seus próprios arranjos.

Ela deu o último e longo passo até o terreno sólido, grata por ter o apoio da mão de Edward. Beth sentia-se esgotada depois de toda a viagem até ali. Esperava que parte desse cansaço pudesse ser aliviado com um banho quente no hotel.

Edward havia arranjado um carregador, e seus dois grandes baús já estavam atrelados a um carrinho, bem como uma bolsa que ela supunha ser a bolsa de lona de Edward. Eles adicionaram a valise de Beth a essa pilha, e Edward colocou uma moeda na mão do rapaz.

— Cuide para que esta bagagem seja entregue ao Alpine View Inn imediatamente.

— Sim, senhor.

Alguma coisa no tom usado pelo homem e um movimento em seus olhos chamou a atenção de Beth, e ela franziu o cenho e se virou para perguntar ao Edward sobre o rapaz.

Mas Edward já colocara a mão atrás das costas de Beth e a guiava em direção à estação de trem.

— Vamos primeiro ao hotel. Isso deve nos dar tempo para nos trocarmos antes do almoço. Depois, espero que possamos pegar um táxi, um pouco afastado da cidade. Disseram-me que há uma excelente vista das montanhas de uma serra nas proximidades, e também gostaria de ver a famosa Ponte Ferroviária de Lethbridge. Eu li que é a mais longa do Canadá — ou de qualquer outro lugar. — Edward parecia dominar o assunto — ou, pelo menos, parecia orgulhoso de poder compartilhar seu conhecimento. — Serei obrigado a me apresentar ao meu posto depois do almoço, mas quando voltar, ainda teremos grande parte da tarde para passarmos juntos.

Edward fez um gesto com o braço estendido e um táxi estacionou diante deles. Edward abriu a porta e Beth entrou e acomodou-se no assento. Eles partiram para o hotel, e Beth observou pela janela ao lado dela. Não pôde deixar de se impressionar com a modernidade da cidade — ruas pavimentadas, edifícios modernos e um belíssimo jardim central. Por fim, afastando-se do centro da cidade, o táxi encontrou obstáculos em estradas de terra, desviando para evitar outros veículos e, de vez em quando, deparava-se com alguém a cavalo. Agora Beth podia ver o que lhe parecia ser o verdadeiro Oeste.

O Alpine View Inn, na verdade, não tinha vista para as montanhas — pelo menos não que Beth pudesse dizer. Mas era um

hotel amplo e organizado, e parecia um local adequado para se hospedar. Em pouco tempo, levaram-na até o quarto e lhe informaram qual era a porta no longo corredor que levava ao banheiro compartilhado. Não teria um relaxante banho de banheira, mas, pelo menos, poderia se refrescar um pouco.

O pensamento de uma bacia de água que não derramava de um lado e do outro trouxe um sorriso divertido aos lábios de Beth. Ela agora podia apreciar o luxo a ser desfrutado em um simples quarto em terra firme — outra bênção.

Ela não gostava da ideia de permanecer na roupa que vestira naquela manhã, mas o carregador ainda não tinha chegado com a mala e os baús. A roupa que estava vestindo teria que bastar. Pelo menos as peças estavam limpas quando começou o dia, embora amarrotadas por terem ficado na mala.

Tendo cumprido a tarefa mais urgente, Beth se esticou na cama para esperar pelas malas. Mentalmente, calculou quanto custaria o hotel e acrescentou a isso o que já havia gastado enquanto estava no trem. Beth se perguntou se havia coisas que devia comprar enquanto ainda estava perto de lojas modernas.

Finalmente, uma batida forte na porta.

— Elizabeth, é o Edward — ouviu. — Ela se levantou e atravessou a sala, mas antes que pudesse abri-la, ouviu novamente: — Elizabeth, você está aí?

Algo no tom de Edward dava a impressão de grande temor.

Beth abriu a porta rapidamente e se afastou para que Edward entrasse no quarto.

— Ele desapareceu.

— Quem...?

— O homem que pegou nossas malas, a sua bagagem. Ele roubou tudo!

Beth não conseguia se mexer nem falar.

Edward passava os dedos pelo cabelo, fazendo-os ficarem em pé.

— Eu não entendo! O cara parecia com todos os outros. Mas acontece que ele não trabalha para a estação. Ele é apenas um... apenas um ladrão comum!

Agora Beth estava em pânico também.

— Para onde ele foi? Você não pode encontrá-lo?

Edward lançou as mãos no ar.

— Se eu pudesse encontrá-lo, não acha que já teria feito isso?

— Você não tem motivo para ser grosseiro comigo — retrucou Beth secamente. Mas ela não pôde deixar de acrescentar: — Não fui eu que o escolhi.

— Ah, então a culpa é minha, eu suponho?

Beth engoliu a resposta que ia dar, uma confusão de perguntas na mente.

Como conseguiriam encontrá-lo? O que podia ser feito? Quem podia ajudar? Edward obviamente estava fora de si, sem ter certeza de como proceder. A próxima pergunta de Beth escapou antes que ela percebesse a legítima importância dela.

— Você entrou em contato com a polícia?

Edward parecia congelado no lugar. Ele não se virou para olhar para ela nem proferiu qualquer som. Beth o observou endireitar os ombros e puxar as bordas inferiores de sua jaqueta vermelha. Ele caminhou em direção à porta e agarrou a maçaneta.

— Vou ao posto de polícia denunciar o roubo.

E então partiu.

Beth olhou para a porta fechada e pôs a mão na boca. *Como será para o policial recém-chegado da RPMC ser forçado a admitir que foi enganado?* Beth balançou a cabeça. *Pobre Edward! Ele se sentirá totalmente humilhado.* Ela sentiu mesmo pena dele, de todo o coração. Mas a imagem mental de Edward entrando no novo quartel da polícia, com o chapéu na mão, para relatar um roubo que havia sido perpetrado contra ele enquanto estava vestido de uniforme completo era quase divertida.

Foi só quando Beth começou a fazer um inventário mental do

conteúdo da bagagem é que deixou de ver qualquer humor na situação. Todas as suas roupas tinham sido levadas. Mais do que isso, seus livros e materiais didáticos. *Ah, não — meu violino!* Lágrimas se derramaram enquanto se lembrou de que seu bem mais precioso e querido — a bússola do pai — também havia sido levada. Soluços sacudiram-lhe o corpo e as pernas cederam. Beth desmoronou ao lado da cama, com as mãos agarrando-se à coberta, e chorou até não ter mais lágrimas.

Nunca houve circunstância em que Beth tenha visto Edward em posição de tamanha humildade. Foi necessário que ela o acompanhasse até o posto da RPMC para fazer um relatório completo de seus pertences desaparecidos, e Beth conseguiu fazê-lo de forma estoica, apesar da dor de cabeça que sentia. Edward sentou-se desanimado num banco não muito distante, cabisbaixo, muito embaraçado, enquanto Beth enumerava em voz baixa cada item desaparecido. Ela estava grata por ter feito uma lista de referência enquanto fazia as malas, com medo de perder algo, e que guardara a lista na bolsa.

Julie tinha dito brincando, *“Bethie, a organizada. Bethie, a meticulosa”*.

Mas Beth respondera que sempre conseguia pensar melhor com uma caneta na mão. Julie riu e disse, *“Espero que você nunca fique sem papel ou tinta”*.

Agora, porém, Beth precisava pensar em todas as coisas além de papel e tinta que já não tinha mais. Com a cabeça doendo e a mente rodopiando com todas as emoções, ela jamais teria sido capaz de lembrar metade do que havia nos dois baús sem a lista.

Edward esperou em silêncio, como um penitente, os olhos fixos nas botas, e agora, fingia compostura enquanto o recital de Beth prosseguia. Ela deu um grande suspiro de alívio quando terminou e foi dispensada. Pensou ter ouvido Edward suspirar também.

O jovem policial se levantou e foi até o oficial responsável, retirou um papel do bolso do casaco e solicitou uma ligação telefônica para o pai de Elizabeth. Um funcionário tomou o papel e fez os arranjos com o operador. Beth percebeu como os ombros de Edward esmoreceram quando ele fez a contida confissão ao pai dela, então se virou solenemente e entregou o fone para Beth.

Ela sabia que não seria capaz de controlar as emoções, mas pegou o telefone. Apenas o som da voz do pai teria sido suficiente para provocar lágrimas, sem mencionar a atual situação.

— Eu lamento muito, Beth. Sei que isso é tremendamente difícil para você — disse a voz tão amada.

Beth virou de costas para os homens ao seu redor, aproximou

mais o telefone de si e sussurrou com a voz trêmula:

— Sinto sua falta, pai.

— Estou aqui, minha querida. Todos nós a amamos, e entendemos como isso está sendo terrível para você. De verdade, lamentamos muito. Mas todas as coisas podem ser substituídas. Muito em breve, será apenas uma memória desagradável. Você está segura, e é só o que importa de verdade.

O rosto de Beth franziu à medida que mais lágrimas molhavam suas bochechas.

— Mas não podemos substituir a bússola, pai, nem o violino.

A voz do pai manteve-se calma e reconfortante.

— Ora, Beth querida, você sabe que são apenas objetos, e todas as nossas posses terrestres são temporárias, na melhor das hipóteses. Não podemos permitir que nós mesmos tornemos as coisas em ídolos. Mesmo a bússola — não é o objeto que é importante, mas sim como nos faz recordar as memórias e os sentimentos um pelo outro. E essas coisas jamais poderão ser roubadas. — Ele parou. — Beth?

Mesmo com a garganta ainda mais apertada, ela forçou um sussurro obediente:

— Sim, papai.

— Sei que foi algo terrível. Meu coração lamenta por você. Sei que está chateada e que vai ser uma dificuldade — mas assim é a vida, minha querida. Estas coisas vão acontecer. Você deve escolher ser persistente. — O pai ficou em silêncio por mais um momento. — Ou então, desista e volte para casa.

Beth franziu o cenho e pressionou uma mão fria na testa, na esperança de diminuir a dor latejante nas têmporas.

— Não posso desistir, pai.

— Não, claro que não. Sei que você vai escolher perseverar enfrentando isso — e muito mais. Beth, querida, sem dúvida haverá mais dificuldades para você suportar. Não é um pensamento reconfortante agora, mas cada uma dessas provas de caráter e coragem irá prepará-la para a próxima.

Ela podia sentir que as emoções afrouxavam seu domínio, a mente começava a ficar mais clara. As palavras do pai eram sinceras, amorosas e, o melhor de tudo, verdadeiras. Na verdade, ele também poderia tê-la lembrado de que lhe avisaram — ele mesmo a advertiu a esperar que o novo projeto seria repleto de dificuldades. E ela, corajosa e ingenuamente, argumentou que estava pronta para o que quer que fosse. Aqui, na primeira prova de suas asas, Beth fora reduzida a uma chorona atrapalhada.

Ela se recompôs.

— Eu consigo suportar isso, pai. Sei que consigo.

— Sim, querida, você consegue. Você se lembra do verso? É nesse verso que você pode encontrar a força, a sabedoria para fazer o que precisa ser feito.

Seus lábios tremeram, lembrando-se do precioso papel ainda escondido com segurança no medalhão. Beth estendeu a mão para tocá-lo mais uma vez.

— Sim, pai. Quer dizer, eu esqueci, mas lembrei agora.

— Que bom. Tenha isso em mente, querida. Você nunca está sozinha — e sempre pode recorrer à força que vem de Deus. Não apenas nos dias em que sente que atingiu seu limite. Cada um de nós deve buscar a Deus em primeiro lugar, todos os dias — em todas as coisas. Quando as coisas estão indo bem, e também quando estão terríveis.

— Sim. Sim, creio nisso.

— Eu sei que não devemos falar por muito tempo... — O pai fez uma pausa, e então insistiu suavemente: — Não seja muito dura com o Edward, Beth. Eu vi coisas infelizes como essa acontecerem uma e outra vez com homens que tinham muito mais experiência do que ele. Poderia ter acontecido com qualquer um. Você vai perdô-lo, não vai?

Ela não podia recusar nada ao pai.

— Sim, papai.

Eles conversaram apenas um pouco mais antes de se despedirem, Beth chegando perto das lágrimas mais uma vez. Mas o coração parecia menos pesado, os sentimentos mais controlados.

Beth e Edward falaram pouco enquanto jantavam, e ele partiu logo em seguida. Ela voltou para o quarto e, durante as longas horas da noite, fez outra lista de tudo que precisaria de imediato. Ela lavou as roupas íntimas, esperando que estivessem secas para usar de manhã. Abriu a janela do segundo andar para que entrasse a brisa e pendurou as roupas molhadas na haste da cortina. A manhã seguinte traria a oportunidade de repor algumas de suas coisas, Beth consolou a si mesma. O pai havia assegurado que a mãe assumiria a tarefa de substituir e enviar a maior parte de suas necessidades, mas sugeriu que Beth adquirisse o que havia disponível em Lethbridge por enquanto.

Beth recordou que as duas trabalharam juntas para reunir todos os itens da primeira vez, então a mãe iria saber direitinho o que foi perdido. Ela estremeceu ao pensar como o evento seria interpretado em casa. *Será que esta era a evidência que a mãe precisava para declarar todo o projeto como um fiasco? Será que em breve haveria uma carta — ou mesmo um telegrama — com instruções para eu voltar para casa?*

Embora a batida de Edward na porta tenha ocorrido cedo demais na manhã seguinte, Beth estava vestida e pronta para começar um novo dia. Mas suas primeiras palavras a pegaram de surpresa.

— Eu já fiz os preparativos para nossa viagem até Coal Valley. Tem um carro esperando lá embaixo.

— Oh, não posso partir ainda. Há algumas coisas que vou precisar comprar.

— Perdoe-me, Elizabeth. Temos tempo para apenas um café da manhã rápido, e logo em seguida o carro vai sair. A cidade fica a uma certa distância...

— Então terei que fazer outros preparativos — disse ela calmamente, de pé. — Preciso fazer compras hoje.

Edward parecia igualmente determinado.

— Passei a maior parte da noite tentando encontrar este carro e o motorista. Você precisa acreditar em mim, não haverá mais nada disponível por alguns dias. Seu pai me instruiu a cuidar que você

chegue a Coal Valley hoje, e é exatamente isso que planejo fazer.

— Mas como farei com as coisas de que preciso? Não tenho mais nada além do que estou vestindo!

A expressão de Edward suavizou um pouco.

— Eu lamento muito, Elizabeth. Mas *não posso* desapontá-lo mais uma vez. — Em seguida, ele acrescentou sem forças. — É claro que haverá lojas na nova cidade.

Beth balançou a cabeça em desespero, mas ela não iria contra o que o pai havia instruído. Ela agarrou o medalhão e sussurrou uma pequena oração para que Deus providenciasse tudo o que fosse necessário.

A estrada de Lethbridge através das pradarias era longa, mas bastante agradável. Beth observou com admiração como as montanhas se levantaram diante dela, parecendo ainda maiores no horizonte do oeste a cada colina que eles subiam. Podia ver trilhos de trem nas proximidades — que às vezes ficavam fora de vista, mas sempre apareciam novamente. Beth se perguntou por que não podiam continuar indo de trem para além de Lethbridge. Mas não ousou questionar nada nas circunstâncias atuais. Raramente a estrada passava por uma cidadezinha, e, ao longo do caminho, algumas placas apontavam para outras não muito longe da estrada. No entanto, Beth ficou maravilhada com os vastos trechos de terra interrompidos apenas por uma ou outra fazenda.

Assim que chegaram ao sopé da cadeia de montanhas, o caminho tornou-se mais acidentado e sinuoso — passando por entre colinas arborizadas e por um vale amplo —, finalmente, inclinava-se para cima, depois descia novamente entre as montanhas. Os únicos veículos que encontraram foram grandes caminhões madeireiros com cargas pesadas, passando muito perto da janela para o gosto de Beth.

Por fim, uma pequena placa indicava Coal Valley à direita, e o veículo virou na estrada principal. Logo no início, engolida por florestas espessas, a avenida atravessou seu caminho aleatório pelo vale e ascendeu sem rumo a inúmeras colinas, apenas para descer de novo em direção ao rio.

Beth teve a repentina percepção de que estava perdida e desorientada. Se fosse obrigada a encontrar a saída novamente por conta própria, apenas a estrada sinuosa a salvaria. Logo, ela pensou na bússola do pai, e reabriu a recente ferida em seu coração.

Edward se inclinou em direção ao motorista, revelando no rosto as próprias preocupações.

— Com que frequência sua empresa envia carros de lá para cá e de cá para lá? — ele perguntou.

— Ah — disse o homem, coçando o bigode — às vezes, uma vez por semana; outras, não com tanta frequência. Depende.

— Depende do clima? Ou é algo sazonal?

O rosto áspero franziu ao pensar na resposta.

— Oh, nós não viemos aqui no inverno — disse ele. — Nessa época, quase ninguém vem pra essas bandas de carro. Às vezes, a empresa de carvão envia um caminhão até aqui — mas algumas vezes, nem mesmo os vagões de carvão conseguem passar.

— Há trens de passageiros disponíveis também? — Beth ousou perguntar.

— Nah, não até aqui. Eles só pegam um trecho pequeno da ferrovia para carregar o carvão, trazer suprimentos. Os homens da empresa vez ou outra andam no vagão — mas nunca trazem passageiros.

Beth sentiu o coração desanimar. Ela ainda não tinha chegado ao seu destino, e já se sentia isolada e confinada. *Então eu nunca vou sair, exceto de carro... e quem sabe quando virá algum.* Agarrando-se a qualquer apoio para evitar bater contra Edward no banco de trás, Beth olhava para a frente e tentava não imaginar como seria essa viagem nas estradas escorregadias e lamacentas do inverno. Muito menos na neve profunda...

Enfim, as árvores reduziram um pouco e revelaram um pequeno aglomerado de construções agarradas a uma encosta.

— Aqui estamos — anunciou o motorista e fez a parada num redemoinho de poeira.

Edward e o motorista emergiram de seu lado do veículo empoeirado. Edward apressou-se e abriu a porta de Beth.

Ela estendeu a mão para pegar a bolsa e saiu. Por um momento, ficou de pé, desajeitada, esticando os membros cansados enquanto avaliava o vilarejo de Coal Valley.

A rua principal, se é que podia ser rotulada como tal, era uma rua de terra esburacada, dificilmente larga o suficiente para dois carros passarem. Pela aparência das coisas, porém, Beth duvidou que alguma vez houvesse a necessidade de passar mais de um carro.

À esquerda, havia dois grandes edifícios que se aglomeravam sem cerimônia contra uma passarela rústica. Uma estrutura era ampla e quadrada; a outra, baixa e comprida, ostentava grandes janelas frontais com crostas de sujeira, e parecia ser um tipo de armazém.

Em frente, havia um prédio de dois andares escondido detrás de arbustos descuidados, embora um caminho bem usado conduzisse à porta da frente.

Uma escadaria do lado de fora subia até o que deviam ser aposentos do segundo andar. Em seguida, um terreno baldio, que pode ter sido o jardim de alguém e, ao lado dele, uma grande casa desgastada pelo tempo, situada atrás de uma cerca de piquete já bamba. A fachada de ambos os prédios não era pintada há muitos anos, se é que alguma vez foram pintadas; parecia uma cidade fantasma, simplesmente esquecida, se não fosse o odor espesso de fumaça e o constante zumbido de máquinas não muito distantes.

Em todas as direções, o bosque se fechava e tornava-se denso, como se engolisse a cidade inteira. Logo após a fachada da loja, a estrada descia sinuosa ao longo da face da colina. Ao longo deste trecho reto de estrada, havia uma série de pequenas casas, similares em estrutura... e decadência.

Beth se levantou e percebeu que Edward também observava os arredores. Ele parecia genuinamente preocupado. O motorista ficou parado, esperando por ali. *Será que estava esperando algo deles?* Beth olhou para Edward novamente, supondo que ele iria pagar o motorista. Como ele não tomou nenhuma atitude, ela começou a vasculhar a bolsa, procurando o dinheiro para a viagem que o pai lhe dera.

Ela sentiu uma mão em seu braço, e Edward estava se curvando para sussurrar — não muito silenciosamente:

— Ele insistiu no pagamento antecipado — incluindo a gorjeta.

Um sorriso lento se formou no rosto do motorista. Ele poderia ter sido pago duas vezes!

Com um gesto, o motorista os direcionou para a única estrutura, com a trilha bem usada, o que mostrava alguma evidência de habitantes. Sobre a porta, havia uma placa anunciando de forma simples, “Taverna”.

Beth respirou fundo.

— Eles... podem fazer isso? Servir bebidas aqui?

— Não, Elizabeth, não podem. Existem leis de proibição em vigor.

Edward indicou que ela deveria esperar e começou a andar em direção ao prédio, erguendo-se a toda a sua altura antes de entrar. Beth esperou do lado de fora por algum tempo, segurando a bolsa com força. Edward finalmente reapareceu e indicou que ela se aproximasse.

— Disseram-me que é uma placa antiga — comentou, mas a expressão solene transmitiu que ele ainda estava cauteloso.

Beth o seguiu até o prédio. No interior, o vestíbulo estava mal iluminado e abafado, com o ranço de fumaça de tabaco. Ela podia ouvir vozes baixas vindo de algum lugar, e Edward virou-se em direção ao som. Para a surpresa de Beth, havia uma pequena roda de mulheres reunidas ao lado do longo bar.

— Ah, *ocês* finalmente *chegô* aqui! Estamos esperando faz tanto tempo! — uma voz gritou, e o grupo correu em direção a eles, todas exclamando de uma só vez. — Disseram que *ocê* chegaria hoje, então *nóis viemo* para *recebê ocê* — explicou a primeira mulher, falando mais alto que a confusão de vozes.

Beth tentou sorrir para cada uma delas, oprimida pelo burburinho. Edward permaneceu parado entre a porta e um pesado cabideiro de madeira. Uma grande mesa de bilhar preenchia o canto mais distante da sala, com outras mesas redondas pelo meio. Beth sentiu os joelhos ficando fracos e agarrou-se às costas de uma cadeira próxima, tentando esconder os pensamentos turbulentos.

Rapidamente, uma mulher de meia-idade e sotaque irlandês assumiu o comando.

— Ora, senhoras, não queremos *assustá* a moça no momento em que ela chegou aqui, não é? Abram caminho. *Dá* espaço pra ela respirar. Katie, vai busca o café. Abbie, querida, pega as xícaras. Bora

manter um pouco de ordem agora.

Ela conduziu Beth em direção a uma das mesas, enquanto as outras se apressaram em dispor vários produtos de panificação, obviamente preparados por cada mulher do comitê de boas-vindas. Sem fazer uma pausa para as civilidades habituais, a irlandesa sentou-se ao lado de Beth e começou a explicar a situação, enquanto outra colocava uma xícara de café na frente dela.

— Tivemos alguns dias terríveis, Srta. Thatcher. — Quando viu que Beth assentiu, ela continuou: — Tem sido muito complicado manter corpo e alma juntos desde o problema na mina. Mas estivemos esperando e orando para ter uma professora, e que seja um passo em direção a algo melhor.

Beth respondeu fracamente:

— Obrigada.

— Conte a ela sobre a empresa, Frances. Diga o que fizeram.

A irlandesa afastou a sugestão com um gesto da mão.

— Tem coisas que ela precisa saber e outras que não precisam ser um fardo para ela, não hoje. — Com olhos confiantes e traços suaves, ela voltou a encarar Beth, continuando em seu sotaque forte: — O que *precisa* saber, senhorita, é que nós, mães, decidimos trazê-la para cá. E embora tenha sido difícil, a escola que tínhamos antes não era adequada para nossos meninos, e essa é a verdade, clara como o dia.

Beth estava se esforçando para compreender claramente o que *não* havia sido dito.

— Entendo. A empresa de mineração enviava um professor?

— Não, querida, não um professor. Era apenas um homem que tinha uma péssima atuação como professor. Ele não era mais um professor do que eu sou uma rainha. E por causa de todos os gritos e xingamentos do homem, todas nós nos unimos e paramos de mandar nossos filhos para a escola.

— Lamento muito.

— Mas agora que a senhorita está aqui, e podemos ver que é uma mulher educada, podemos começar de novo, senhorita.

— Farei o meu melhor, posso garantir a vocês. Beth pensou na perda de seus materiais didáticos e decidiu não mencionar os próprios problemas. Ela pigarreou. — Talvez se eu pudesse ver a escola, poderia...

Uma onda de gargalhadas varreu a sala, e a mulher ao lado de Frances anunciou:

— *Ocê* tá sentada nela, senhorita.

— Como é?

— Essa é a nossa escola. É tudo o que temos que não é propriedade da mineradora.

Beth lançou um olhar para Edward, cujo rosto parecia pálido. Ela esperava que sua própria expressão expressasse menos alarme.

— Esta taverna... será a nossa sala de aula?

Uma voz soando defensiva exclamou do outro lado da sala:

— Não é mais uma taverna! Já avisamos o xerife parado ali. É um respeitável salão de bilhar agora. Não servimos nada além de café e refeições. — Ela acrescentou: E *ocê* só pode *usá* o salão de dia. Preciso dele de volta na hora do jantar. *Ocê* vai *tê* de guardar todos os *materiar* da escola nos fundos até essa hora também. Os *hômi* da mineradora não *quer* livros no caminho quando estão jogando bilhar.

A Frances esclareceu:

— O marido da Helen dirige o salão de bilhar, sabe. Mas eles vão deixar que a gente se reúna aqui para as aulas. — Ela gesticulou com entusiasmo. — É bem espaçoso, tem lugar para todos. E já temos um quadro pintado na parte dos fundos daquela placa. James e Gabe, eles vão pendurar para a senhorita todos os dias. Estará tudo pronto amanhã — se a senhora estiver preparada.

Todos os olhos se fixaram no rosto de Beth.

De forma proposital, Beth colocou a xícara de volta no pires e encarou o olhar de Frances, tendo as palavras do verso do pai dançando em sua mente. Ela engoliu nervosamente.

— Não estou certa de que estarei pronta até amanhã. — Ela ofereceu um sorriso sem graça ao redor da sala e se apressou em dizer:

— Mas terei prazer em começar as aulas depois de amanhã. De qualquer forma, farei o melhor que puder.

Houve um suspiro coletivo de alívio e, depois, uma enxurrada de vozes e atividades. Parecia que as mulheres não tinham certeza de que a nova professora estaria disposta a ficar ali quando visse o que elas tinham a oferecer. O coração de Beth já estava se animando em relação a elas, vendo o deleite que sentiram ao perceberem que esses medos tinham sido dissipados. Apenas Edward ficou distante diante das felizes exclamações.

Quando o café e os doces foram guardados e as senhoras estavam se dispersando, Edward chamou Beth num canto. A voz dele estava tensa quando disse:

— O motorista está pronto para partir, Elizabeth. E você devia vir também. Isto é inaceitável. O seu pai não aprovaria esta situação.

Ela ergueu os olhos e examinou o rosto de Edward.

— Acho que aprovaria, Edward. Eu realmente acho que sim. É só que... bem, é que espero estar pronta para o desafio. Quem me dera estar mais bem preparada.

Ele balançou a cabeça e se inclinou para sussurrar:

— É pedir demais para qualquer pessoa, Elizabeth. Ninguém pode lecionar de forma adequada sob tais condições.

A mente de Beth já estava girando com os preparativos a serem feitos. Ela se virou para dar outra olhada ao redor da sala. Edward agarrou seu cotovelo e a puxou mais perto. Ele suavizou a voz para implorar:

— Não, Elizabeth. Deixe-os enviar outra pessoa. Deixe que eles mandem um homem...

— Eles já mandaram um homem, Edward. — Beth respirou fundo. — É a minha vez agora.

Edward a soltou e se virou para sair, com a frustração evidente em todo o seu semblante. Beth correu atrás dele, saindo no sol brilhante. Ela apertou os olhos contra o brilho repentino e seguiu Edward até o carro. Naquele instante, Beth percebeu como seria terrível ver o carro levá-lo para longe.

— Você não está com raiva, está? — ela disse para as costas dele. Ele parou e se virou, e Beth se aproximou com cautela. — Edward, você está com raiva de mim?

— Não, Elizabeth. Não tenho motivos para ficar zangado.

Mas seu tom era severo.

— Então por quê... ?

Edward estendeu a mão para empurrar a mecha de cabelo dos próprios olhos.

— É demais... tudo isto, é pedir demais. E a culpa é minha — pelo menos uma parte. Você deveria ter suas coisas... as roupas, os livros. Queria... Quem me dera poder... — Ele vacilou. — Lamento muito.

As palavras de Beth também falharam. Ela queria dizer que não estava zangada por causa do que havia sido roubado — o pai a fizera lembrar de que esses riscos de viagem eram comuns. E também que ela percebia agora como o trabalho dele como um Policial Montado era importante. Queria agradecê-lo por acompanhá-la na viagem e garantir sua segurança até seu destino — que ele soubesse que sua presença havia sido um conforto, afinal. Queria dizer que ela o considerava de fato um amigo, e que esperava que ele entendesse sua decisão de ficar — até mesmo, quem sabe, obter sua aprovação. Mas Edward estava entrando mais uma vez no carro, e o motorista já havia ligado o motor.

— Já vai tão rápido? — ela engasgou, dando um passo à frente antes que a porta se fechasse.

— Adeus, Elizabeth. Farei o que puder em seu nome. Lamento não poder fazer mais.

Ele fechou a porta e o carro partiu, dando ré desajeitadamente na rua estreita e movendo-se novamente em direção a ela. Beth teve um último vislumbre do rosto severo de Edward. Ela virou as costas contra a poeira que o automóvel levantou. Edward havia partido.

— Onde *tá suas mala*, mocinha?

Um homem parado muito próximo a ela a assustou com a pergunta.

— Desculpe, o que o senhor disse?

— Sua bagagem? Vim ajudar a *carregá*. *Esquecero* de deixar suas *coisa*?

Ela respirou fundo.

— Receio dizer que não tenha nada. Os meus baús foram roubados na plataforma da Estação Ferroviária de Lethbridge.

O homem inclinou a cabeça para o lado.

— Não diga! — Houve uma pausa enquanto ele digeria o fato. — Então o que *ocê* vai *fazê*?

— Eu não sei...

Um grupo de mulheres havia seguido Beth do prédio, e o homem acenou para elas.

— Ela *num* tem mala — anunciou ele. — *Fôro roubada*.

Mais que depressa, as mulheres cercaram Beth mais uma vez, a consternação que sentiram com essa notícia estampada no rosto de cada uma delas.

— Ah, pobrezinha — falaram consternadas. — Oh meu Deus! Ora, *vamo leva* ela *pra* pensão da Molly e ver o que ela diz.

Beth seguiu obedientemente, sem pedir mais explicações. Fora prometido a ela quarto e comida como parte de seu salário. Certamente isso era do conhecimento de todas, e as mulheres a direcionariam para a residência apropriada. Ela foi levada pelo terreno baldio até a grande casa envelhecida de frente para a rua. As senhoras empurraram o portão bambo, cruzaram o quintal arrumado e subiram a varanda, gritando:

— Molly! Molly, ela *tá* aqui.

Uma mulher rechonchuda, com um vestido opaco de cor indeterminada, abriu a porta da tela e sorriu com um sorriso caloroso e desdentado.

— Abençoada seja. Ela *tá* aqui mesmo. — Ela enxugou as mãos no avental e estendeu a mão para pegar a mão de Beth. — Bem-vinda, querida. *Tamo tão feliz* com sua chegada.

— Ela não tem nenhuma mala — foi repetido sem rodeios, para o benefício de Molly. — Alguém deve ter sumido com elas.

Molly olhou de uma para outra, depois balançou a cabeça.

— Sem malas, hein? Ora, que pena. — E logo em seguida, acrescentou com sabedoria, — Mas não adianta *chorá* pelo leite derramado. *Vamo tê que se virá*.

Beth entrou timidamente no vestíbulo e foi repassada aos cuidados de Molly. As outras mulheres se viraram e partiram, sozinhas e em duplas. Molly, como um sargento experiente comandando as tropas, moveu-se em direção a dois adolescentes parados numa porta ali perto.

— Teddy Boy, vá abrir o quarto rosa e abra uma janela para que entre um ar. — O garoto passou correndo e subiu as escadas. Molly lançou um rápido olhar sobre Beth e depois para a garota. — Marnie, vá ver a Sarah e a Srta. Kate. Pergunta se elas têm alguma roupa pra emprestar pra nova professora. Diz que ela não tem nada pra *vesti* além da roupa do corpo. — Então Molly chamou a garota enquanto saía, deixando a porta da tela bater atrás dela: — Fale com a Srta. Charlotte também. Agora que *tá* esperando nenê, deixou de lado a maior parte das roupas que tem.

Sem esperar mais, Molly saiu andando pelo corredor em direção à parte dos fundos da casa.

— Vem comigo, querida. *Tô* arrumando os pickles que precisam de cuidados, mas *podemo bate* papo até *as criança voltá*.

Beth a seguiu e sentou-se na cadeira de uma mesinha, não muito longe de onde Molly estava trabalhando. O aposento tinha poucos equipamentos, mas tudo era mantido com cuidado. Havia um fogão a lenha instalando contra a parede dos fundos. Ao lado, havia uma pequena caixa cheia até a metade de madeira, junto com uma caixa de carvão preto de formato estranho, ao lado de uma porta externa. Havia duas painéis grandes e uma chaleira no fogão onde

Molly estava de pé. Ao longo da parede, na extremidade da cozinha, havia uma mesa comprida e rústica, com várias prateleiras atulhadas fixadas na parede e caixas de madeira cuidadosamente dispostas abaixo. Uma pequena porta ao lado da mesa estava coberta até a metade por uma cortina, protegendo a despensa não iluminada. Na terceira parede, à direita de Beth, havia uma pia seca com uma grande bacia de metal e dois baldes de água esperando ao lado, e por fim, a caixa de gelo. Embora fosse um local remoto, Beth não tinha considerado que as casas aqui poderiam não ter encanamento ou eletricidade. *Como a vida nesse lugar deve ser difícil*, ela pensou estarrecida.

Enquanto Beth observava, as mãos habilidosas esfregavam e mediam, salgavam e mexiam, sem jamais deixar de conversar.

— *Nois* não tem muito aqui, querida, mas *sabemo* como cuidar dos *nosso*. E agora *ocê tá* entre nós, é nossa. Soube que *ocê é* do leste, Srta. Thatcher.

— Oh, por favor, me chame de Beth. Espero que a senhora me chame de Beth. — O aposento estava quente e cheio de vapor, e Beth limpou o suor que surgia em sua testa. — Sim, minha família mora em Toronto, mas eu também tenho família aqui. Tenho uma parenta que é professora no norte.

Molly serviu um copo de água para Beth, que estendeu a mão ávida. *Como era agradável uma bebida fria*.

— O meu Bertram, que Deus o tenha, trabalhou em Ottawa por um tempo — explicou Molly quando voltou para o fogão. — Ele dirigia um táxi — não esses novos chiques — mas um bom e velho cavalo com número desenhado. Mas ele *num* era feito para todo esse absurdo da cidade. Ele veio *duma* família do campo, e então foi atrás de *encontrá* um lugar melhor. Foi para o oeste, até a pradaria, e tentou *trabalhá* na agricultura. Mas *acabamo* aqui. — Ela fez um gesto mostrando a casa. — Comprei essa casa *dumas* pessoa que *queria* montar um hotel chique. Consegui pagar muito barato porque os trilhos que *pensaro* que *ia carrega* os *granfino só carrega* carvão. — Ela riu de sua boa sorte e, em seguida, acrescentou de forma pragmática. — Mas aí o Bertram morreu e me deixou aqui sozinha.

— Lamento muito.

Usando pegadores, Molly tirou o último frasco esterilizado da panela grande, virando o copo fumegante em cima de uma toalha para

deixar a água escorrer.

— *Lamentá* não ajuda ninguém. É só como a vida acontece às *vez*. — Molly ergueu a panela borbulhante do fogão e abriu a porta dos fundos, antes que Beth pudesse se levantar para ajudar, ainda conversando enquanto se movia. — Bertram me disse: ‘Molly, querida, eu não tenho muito na vida, mas essa velha casa vai *mantê* você quando eu for embora’. Eu ri e disse pra ele: ‘Não, senhor, *sô euzinha* que mantenho essa *casa*’. — Ela jogou o conteúdo da panela no quintal. A porta se fechou novamente, antes que a água atingisse o chão. — Mas ele *tava* certo, meu Bertram *tava certin*. De alguma forma, *sobrevivemo*.

— Você tem família?

— Ora... sim e não. Não temos *filho*. Mas isso não *qué dizê* que não tenho parente. Tem gente boa aqui, almas firmes e trabalhadoras que me servem tanto quanto a família de sangue. — Então Molly suspirou. — Pelos menos, ainda temos algumas.

— O que quer dizer? O que aconteceu?

— Oh, aquela velha mina — *levô umas* pessoa da gente. Não era suficiente apenas *trabalhá até morrê* — a coisa toda caiu num dia e enterrou a maioria dos nossos homens.

Os olhos de Beth se arregalaram ao ouvir o horror da história, e prendeu a respiração enquanto lutava com a realidade da trágica perda que lhes ocorrera.

Só então o menino desceu os degraus e informou à Molly, timidamente:

— O quarto *tá* pronto, Srta. Molly.

Beth sorriu em direção ao menino e o viu se virar para sair.

Molly suspirou atrás dele:

— Foi quando o Teddy Boy e a Marnie *perdero* o pai — a mãe já tinha caído no mundo há algum tempo. Eles *viero* morar comigo depois disso. É difícil uma família nessas *banda* que não perdeu um *hôm*i. E algumas *muié perdero os fii* também.

— Você está dizendo que todas essas mulheres... são viúvas?

Beth sentiu um estremecimento passar por seu corpo. Ela não podia conceber uma situação tão terrível. Viu novamente as faces reunidas ao seu redor no salão de bilhar. De alguma forma, tomar conhecimento da situação dessas mulheres transformou a imagem delas na mente de Beth.

— Quase todas — apenas uns poucos *hômis* ainda *tão vivo*. E depois, tem o marido da Helen — ainda afirma que ele é o *hômi* da casa, mesmo que *nóis num veja* muito ele. Passa a maior parte do tempo no bosque. Fazendo o que? Só Deus sabe. Além disso, ainda tem o prefeito e a esposa, e Toby Coulter cuida do armazém com a esposa — e os grandes *hômis* da empresa — embora eles *tenham* sempre indo e vindo, de tantos em tantos *dia* —, mantendo as *família* na cidade e bem longe daqui. Foi só o povo da mina que suportou o peso de tudo isso.

Beth viu Molly enfiar pequenos pepinos nos potes escaldados.

— Eles *truxero* mais *hômi* logo em seguida — se bem que *levô* um tempo *pra cavá* a mina debaixo pra cima. *Hômis solteiro* dessa vez — e *estrangeiro*. Não queriam se incomodar mais com famílias. Eles já têm muito com que se preocupar.

— Como essas mulheres, as viúvas, se sustentam?

— Com pensões — pequenas pensões. E vivendo nas *casa* da empresa. Vai *mantê elas* por um tempo. Mas a maioria não sabe o que *fazê* quando isso *acabá*.

— E as crianças?

Molly fez uma pausa, jarra e colher pairando sobre a panela, para pensar bem na resposta.

— Nós não *queremo* nenhuma dessas *criança* trabalhando nas *mina*... isso é certo. Acho que é aqui que você entra. — Molly largou os utensílios e se arrastou para sentar-se numa cadeira. Estendeu a mão sobre a mesa para tomar as mãos de Beth. — Eu e a Frances *tivemo conversano* sobre isso. Bastante. As minas *levaro* o marido dela, Lachlan, e também o *fii* adulto, Peter. *Quaique partiu* o coração dela no meio. Se o rapaz tivesse educação, quem sabe que outra coisa ele podia ter sido. *Nois num podi deixá que as mina leve* o resto, Srta. Beth. *Temo* de encontrar uma maneira de oferecer mais *pras criança*. A senhorita acha que pode nos *ajudá a fazê* isso, acha?

Beth apertou as mãos úmidas e calejadas.

— A educação pode abrir muitas portas. É nisso que eu creio, Srta. Molly. Posso garantir que farei o meu melhor no ano que estiver aqui.

— Tenho certeza de que vai.

O assunto estava decidido, e Molly voltou para seus pepinos, rejeitando a oferta de Beth para ajudar. Ela viu a mulher limpando apressadamente uma lágrima no canto do avental.

Assim que Marnie voltou com uma caixa de roupas que conseguiu reunir, Molly mandou Beth encontrar o quarto e ver se alguma das roupas caberia. Abrindo a porta com cautela, Beth olhou ao redor do cômodo. O quarto era simples — uma cama com uma colcha rosa, mesa de cabeceira, cômoda, um lavatório e uma fileira de ganchos no lugar de um armário. Beth procurou o interruptor para acender a luz e descobriu que não havia nenhum. Olhou para o teto vazio e viu, com renovada surpresa, que não havia luz além de três lamparinas colocadas em posições estratégicas ao redor do quarto. Ela colocou a caixa de roupas na cama e começou a vasculhá-la um pouco apreensiva.

Ela encontrou roupas simples feitas em casa, mas Beth logo entendeu que representavam sacrifício e habilidade de mulheres que tinham pouco. Ela tirou as roupas de viagem e vestiu uma saia marrom lisa e uma blusa floral. O tecido era áspero e bem usado, de longe a roupa mais simples que já vestira. A bainha da saia nem lhe cobria as panturrilhas. Embora fosse comparável aos comprimentos de vestido que a última moda ditava, Beth se sentiu terrivelmente exposta. Pela primeira vez, ela ficou grata por ser mais baixa do que a maioria das outras mulheres e tentou não pensar no quanto de suas pernas estavam aparecendo.

Pendurou as outras roupas nos ganchos atrás da porta e guardou as roupas íntimas emprestadas numa gaveta vazia, feliz por perceber que uma simples anágua ia servir como roupa de dormir. Ela reafirmou sua determinação contra a mortificação que estava sentindo. Assim que chegasse a remessa enviada pela mãe, ela devolveria os itens aos proprietários. Até lá, cuidaria bem deles e as usaria com gratidão.

O próximo pensamento foi procurar o banheiro, e Beth estremeceu quando percebeu que provavelmente seria encontrado no quintal. Ela desceu as escadas, saiu pela porta da frente e passou pela lateral da casa, para que não chamasse atenção indevida, e ali

encontrou a pequena estrutura. Um ano — sussurrou para si mesma — apenas um ano. Ainda enquanto falava, Beth se perguntou se teria aceitado vir até aqui se soubesse como eram primitivas as condições de vida.

Ao retornar para o quarto, Beth derramou a água do jarro na tigela e mergulhou as mãos. A água estava fria, a barra de sabão pesada e cheirava a soda cáustica. Ela fez uma careta enquanto se preparava para uma nova adaptação. Depois de secar as mãos na toalha áspera pendurada na estaca que havia ao lado, Beth pegou papel e lápis que trouxera em sua bolsa, sentou-se na cama, repousou as costas contra a cabeceira e obediamente começou a escrever a primeira das cartas que prometera enviar para casa.

Era impossível afirmar que as coisas estavam indo bem. Ela omitiu o incidente em que ficara encharcada pela chuva na troca de trem, e que quase perdera a conexão. Parecia desnecessário sobrecarregar a mãe com esses detalhes — mesmo que a omissão a fizesse se sentir desconfortável. Beth tentou convencer a si mesma de que sua intenção era manter a paz de espírito da mãe. Havia tantas dificuldades óbvias que teriam que ser abordadas. Beth lutou para encontrar uma explicação para os baús perdidos, embora soubesse que o pai deve ter dado à família um breve relato de todo o lamentável incidente.

Uma batida suave a despertou. A convite de Beth, Marnie colocou a cabeça na porta.

— Srta. Thatcher, a Srta. Molly mandou avisar que o jantar está servido.

O jantar na casa de Molly provou ser uma animada refeição. Dois homens da empresa também estavam hospedados na casa, e mais dois rapazes se juntavam a eles apenas para as refeições. Molly tinha explicado que, de uma semana para a outra, ela nunca sabia quantos pensionistas poderia ter. Molly e a jovem Marnie não se sentavam com os homens à mesa, mas continuavam ocupadas, servindo pratos, servindo café e juntando os pratos vazios. A anfitriã não permitiria que Beth ajudasse.

— Não, querida, você é uma hóspede pagante — o mesmo que os *hômi* — insistiu ela.

Beth havia tomado o assento apontado por um dos cavalheiros visitantes, arrumou a saia muito curta sobre as pernas e

enfiou os pés debaixo da cadeira, esperando que fosse a única na sala ciente de suas panturrilhas expostas.

Teddy falou muito pouco, portanto Beth se tornou o foco da atenção. De onde ela era? — perguntou o primeiro homem, que usava óculos. Quanto tempo ela ficaria? — ele se perguntou. Quanta experiência ela tinha lecionando? — veio de um dos homens que se juntavam ao grupo apenas para as refeições. E o que estava acontecendo no leste? — foi a pergunta mencionada por muitos deles, quase ao mesmo tempo.

— Ah, como queria ver um jogo de beisebol novamente. Eu sinto falta de tudo! — declarou o homem pequeno, que usava óculos e tinha um nariz comprido.

— Eles têm uma liga perto de Calgary, ao norte daqui, Walter. Já assisti a alguns jogos lá.

— Sim, mas eles não têm aqueles grandes estádios aqui no oeste. Quero sentir a emoção das multidões, o som de milhares de pessoas torcendo tão alto que a gente mal consegue ouvir o barulho da batida do bastão.

Walter gesticulou amplamente como se estivesse traçando o caminho da bola enquanto cruzava a cerca.

— Eu vi Babe Ruth jogar uma vez — anunciou um terceiro homem, que falava alto e era musculoso.

— Até parece, Henry!

— Eu vi! Ele acertou uma rebatida — a primeira vez como jogador profissional de beisebol. Bem aqui no Canadá.

— Você é um mentiroso. A primeira rebatida dele foi em Nova York — interveio o último homem.

— Não, senhor! Foi na Ilha de Toronto.

— Ah, sem chance!

A conversa estava ficando acalorada.

O homem pequeno empurrou os óculos para cima no nariz e virou-se para Beth.

— Já assistiu a algum jogo de beisebol, senhorita?

Beth enrubesceu e o aposento ficou em silêncio.

— Meu pai achava que esse não era um local adequado para uma moça.

— O que você faz para se divertir, então? — ele retrucou, parecendo surpreso.

— Bem, nós apreciamos a sinfonia, museus e, às vezes, o teatro. Assistimos periodicamente a palestras também — mas mais que tudo, eu gosto de ler.

Ao falar das coisas boas que havia deixado para trás, o lembrete lhe trouxe uma nuvem de nostalgia.

— Ler? Bem, isso não é muito divertido.

Walter sorriu para os outros. Beth sorriu, não muito convincente, e deixou a conversa prosseguir sem ela.

Assim que a refeição terminou e ela pôde passar despercebida, Beth saiu pela porta e fugiu para a cozinha.

— Por favor, Srta. Molly, eu realmente prefiro ajudar aqui.

— Então pode *ajudá* — disse a mulher, e atirou um pano de prato em direção a Beth, apontando para a pilha de pratos já lavados e esperando para serem secos e guardados. Beth suspirou de alívio.

Beth acordou ao som de um baque no corredor, seguido pelo som de passos se afastando de sua porta. Ela desceu da cama e abriu a porta sem fazer barulho. Ali, diante dela, havia um balde de água limpa, provavelmente para que pudesse se lavar antes de se vestir. Beth olhou para o corredor a tempo de ver Teddy colocando outro balde do lado de fora de uma das portas mais adiante. Ela trouxe o balde para dentro e fechou a porta novamente, sem fazer muito ruído.

Havia um quarto de banho na cozinha, com uma grande banheira galvanizada, mas Beth duvidava que tivesse coragem de pedir para que enchessem com frequência só para seu uso, considerando quantos baldes seriam necessários. Em vez disso, ela lavou-se tão bem quanto pôde, já ouvindo os sons de máquinas à distância. Ela se perguntou quanto tempo levaria para se acostumar com o barulho incessante da mineradora.

Vestindo-se outra vez com as roupas emprestadas, ela se sentou ao lado da cama e silenciosamente recitou seu salmo favorito e orou. *Outro item do qual vou sentir falta é a minha Bíblia.* Quantos outros itens me virão à mente durante os próximos dias... semanas? Beth balançou a cabeça e correu para a cozinha.

Molly estava apenas começando a preparar o café da manhã, e Beth ficou alternando entre tentar ajudar nos preparativos e evitar ficar no caminho da pesada mulher. Depois de ouvir Molly bufar mais de uma vez enquanto tentavam contornar uma à outra, Beth percebeu que seria um obstáculo a menos se fosse pôr a mesa na sala de jantar. Parecia um acordo satisfatório, até Molly entrar com um prato cheio e colocá-lo no centro.

Ela olhou em volta da mesa.

— Por que colocou isso tudo de *garfo*?

Beth piscou.

— São apenas dois para cada um. Pensei que precisássemos de um para a fruta e um para os ovos e bacon...

— *Nóis só tem uma única boca* — Molly disse por cima do ombro enquanto voltava para a cozinha. — Tire os garfos sobrando. Economiza na lavagem.

Enquanto Beth tirava os talheres supérfluos e os guardava de novo na gaveta do aparador, Molly trouxe o prato de frutas.

— E por que só tem *cinco prato*? — ela perguntou, as mãos nos quadris enquanto observava os lugares na mesa. — Onde *tá* o seu?

— Pensei que ia ajudar lá dentro.

Beth gesticulou em direção à cozinha.

— Você tem que *comê*.

Beth ergueu um olhar suplicante para Molly.

— Eu prefiro não ter de ser a única... a única mulher comendo junto com os homens.

A mulher mais velha fez uma pausa, lançou um olhar pensativo em direção a Beth, e pegou no rosto da jovem com as mãos endurecidas pelo trabalho. A intensidade daquele olhar fez Beth fixar o olhar enquanto Molly dizia:

— Esses *hômi* são seu tipo de gente, querida. Ora, não *tô* dizendo que vocês rico são *tudo igual* — mais do que *nóis pobre*. E talvez eu *teje* sendo egoísta em pedir isso — mas se você pudesse *fazê* amizade com eles, talvez pudesse *ajudá* eles a *entendê* nossas *necessidade*. Talvez pudesse *falá* com eles em nosso favor. Deus sabe, eles são *poderoso dimais* pra *ouvi* o que *nóis tem* a dizer.

Beth queria agradecer a anfitriã. Desejava que não fosse tão difícil — *Se ao menos Julie pudesse estar aqui...* Mas Julie não estava, e bater papo não era algo que soava natural para Beth.

Por fim, ela se submeteu ao pedido de Molly e se juntou aos funcionários da empresa na sala de jantar, fazendo o máximo para apresentar um semblante encantador e inteligente. Molly sorria, de forma a encorajar Beth, cada vez que passava pela sala.

Depois que o café da manhã terminou e os pratos foram limpos, Marnie caminhou com Beth até o salão de bilhar. Ela queria avaliar que preparativos poderiam ser feitos para a escola. Sua primeira tarefa foi abrir as janelas para deixar entrar ar fresco. Marnie rapidamente se animou e ajudou a abrir a sala. Beth temia que o mofo e o cheiro rançoso de anos de fumaça de tabaco lhe causassem dor de cabeça.

Com a luz do sol e uma brisa entrando pela sala, ela se virou e observou o ambiente. Logo observou, entretanto, que as janelas abertas também aumentavam o som dos equipamentos da mina rangendo à distância, junto com o guincho periódico dos freios do motor e diversos outros sons da comunidade. Beth esperava que os alunos já estivessem tão acostumados a tudo isso que o barulho não representasse uma distração, pois ela não estava muito disposta a fechar tudo de novo. Surpreendeu a si mesma, mais uma vez, sussurrando: “É apenas por um ano”. No entanto, Beth temia que fosse um ano muito longo.

Fiel à sua promessa, Frances certificou-se de que o quadro-negro estivesse pendurado em ganchos na frente do armário de bebidas agora vazio. Beth ficou pensando se ela devia rir ou se desesperar com o pensamento de ensinar diante de tal testemunho de intemperança. *O que será que as mulheres do grupo de damas da mamãe teriam a dizer sobre isso?* Beth decidiu que incluiria esse detalhe interessante em sua próxima carta. Afinal, ela não tinha como mudar a situação e devia haver *alguma coisa* que ela estivesse disposta a compartilhar com a mãe honestamente.

Beth resolveu que era melhor fingir que o gabinete era apenas um armário comum. Não ia ganhar nada criando caso com isso. Só esperava que a taverna não armazenasse bebidas em outro lugar. Soubera que alguns funcionários da mineradora frequentavam o estabelecimento à noite. *De certo que não vão quebrar as leis de temperança no mesmo salão em que temos as nossas aulas!* Mas talvez isso fosse ingenuidade.

As mesas redondas de carvalho ficavam estranhas como carteiras, mas parecia não haver alternativa. E como não tinha ideia de quantos alunos estavam matriculados, ou qual era a diferença de idade entre eles, Beth tentou se preparar para todas as possibilidades. Então, ocorreu-lhe que a mocinha calada, sentada no banco perto da porta, poderia ser uma boa fonte de informação.

— Marnie, quantos alunos frequentavam a última escola? — perguntou Beth na sua mais agradável voz de professora.

— Não sei, Srta. Thatcher.

— Você não se lembra? — Beth se aproximou para ver melhor o rosto da garota.

— Não, senhorita. Não sei. Eu e o Teddy Boy não *ia pra*

escola.

— Você não frequentava a escola? Por que não, Marnie?

Ela deu de ombros, embaraçada, virando o rosto.

— Ora, o pai, bem, ele não deixava *nois* ir. Disse que não *ajudava* em nada.

Beth sentou-se ao lado de Marnie no banco onde a garota mexia nas unhas.

— Seu pai não acreditava na educação?

— Acho que não. Pelo menos não *pra nós*. Porque *vivemo numa* cidade mineira, e *num* precisa soletrar para trabalhar nas minas — Marnie se apressou em explicar.

Beth prendeu a respiração. Ela não diria nada contra o pai que Marnie perdera há tão pouco tempo; ainda assim, devia elevar a imagem que Marnie tinha de si mesma e seu direito à escolaridade. Beth se inclinou um pouco mais perto.

— Você vai vir para a *minha* escola, Marnie?

Um sorriso lento se abriu no rosto da garota.

— Posso? *Que dizê, num sô* muito velha? Tenho treze anos, sabe?

— Seria muito bom já ter uma amiga entre meus alunos. E como você é maior, pode me ajudar muito, sei que pode.

— Sim — ela sussurrou de forma comedida. — Sim, eu *vô vim. Qué dizê*, se a Srta. Molly me *deixá*, eu venho.

— Oh — Beth disse com um sorriso —, acho que ela vai deixar.

Embora Beth tivesse passado grande parte do dia anterior fazendo preparativos de como começaria e o que ensinaria, o primeiro dia de aula começou com certa comoção. Várias mães chegaram a tempo, trazendo os filhos pela mão, mas ficou imediatamente evidente que as crianças foram levadas contra a vontade. O local em si, mesmo em uma aldeia tão pequena, não era um local familiar — era um lugar

que estivera estritamente fora dos limites para eles até o dia de hoje. Algumas das crianças menores estavam chorando e se agarrando às mães, que permaneceram junto aos filhos na parte de trás da sala.

Beth ficou na frente da sala de aula, olhando impotente ao redor da sala, e então viu Molly aparecer na porta junto com Frances. Beth nunca tinha ficado tão aliviada ao ver alguém. Se alguma vez já sentira a necessidade de assistência e aconselhamento, esse era o momento.

As duas acenaram com a cabeça para as mulheres reunidas na parte de trás, depois cruzaram a sala para se aproximarem de Beth.

— Tá tendo um pouco de *pobrema* para ajeitar as coisas? — Molly sussurrou.

— Posso falar com você um minuto? — Beth sussurrou de volta.

Molly apenas assentiu com a cabeça e colocou uma mão no braço de Beth para irem para o canto da sala.

— Qual o *pobrema*, querida?

— Ora, não sei como começar o dia de aula. Lá, de onde venho, nós... eles sempre começam as aulas matinais com uma saudação à bandeira e a oração do Pai Nosso.

— É?

— Bem, em primeiro lugar... não temos uma bandeira.

Molly piscou.

— Podemos *arranjá* isso. Por enquanto, faz apenas que eles pratiquem.

Beth pigarreou.

— E então... eu estava me perguntando, será que a oração... bem, a oração é apropriada aqui?

Beth não conseguia ler todas as emoções que surgiram nos olhos de Molly. Quando a mulher encontrou palavras, elas foram firmes.

— *Nóis não queremos criá* nenhum pagão, querida.

— Eu não quis dizer...

— Sei que *cê num tá acostumada* com nosso jeito — disse Molly gentilmente. — Você chega lá e começa. Algumas dessas *criança* já vão *conhecê* a oração do Pai Nosso, e eles também *podí aprendê* seu juramento *pra* bandeira. Isso é só parte de ser civilizado. Pode começar agora.

Beth sentiu um toque de encorajamento em seu ombro quando voltou para seu lugar, na frente da sala de aula improvisada.

Molly e Frances estavam de um lado, olhando para o grupo, e a presença delas parecia sinalizar silêncio e respeito.

— Eu sou a senhorita Thatcher — Beth começou a falar, virando-se para imprimir seu nome no quadro-negro. — Por favor, fiquem ao lado de um assento nas mesas aqui — disse ela, gesticulando junto com as instruções. — Começaremos nosso dia com a oração do Pai Nosso. Se você ainda não conhece a oração, logo aprenderá as palavras — disse ela.

Parece que as crianças se agruparam naturalmente por idade.

Ela notou muitas vozes se juntando à dela enquanto recitava a oração. Em seguida, Beth pediu que os alunos recitassem o juramento à Bandeira Britânica Union Jack. Menos crianças sabiam o que dizer nesse momento, mas com um pouco de treinamento, Beth os ajudou a repetir com ela: “Saúdo a bandeira — o emblema do meu país — e a ela prometo meu amor e lealdade”. Parecia absurdo recitar a promessa sem uma bandeira exibida, mas Beth parecia ser a única incomodada com esse fato.

— Por favor, tomem seus assentos.

Beth observou as mães saírem despercebidas da sala, sem dúvida voltando a um dia cheio das tarefas necessárias somente para alimentar e vestir suas famílias. Molly e Frances as seguiram, com um sorriso amplo para Beth antes de partirem.

Beth ergueu os ombros e se propôs a apresentar uma disposição apropriada diante de seus alunos — amigável, mas rigorosa; gentil, mas imponente, mesmo que a própria sala, com as mesas iluminadas apenas pela pouca luz que entrava pelas janelas abertas e todos os ruídos externos, parecesse estar contra ela. De vez em quando, geralmente no momento em que Beth chamava a atenção de todos para outra tarefa, as dobradiças na porta externa anunciavam

a chegada de uma nova família, e todos se viravam para a porta para ver quem apareceria.

Logo havia vinte e três alunos, de seis a dezesesseis anos, espalhados aleatoriamente diante dela. Beth teve dificuldades até mesmo para fazer contato visual com todos os alunos espalhados. Para manter a atenção de cada criança, ela teve que vagar pela sala em círculos, andando entre as mesas. *Isto nunca vai dar certo.*

No momento em que Beth estava prestes a dispensar os alunos para o almoço, soou um longo apito vindo da direção da mina. Ela havia notado o barulho penetrante no dia anterior, que parecia soar em tempos aleatórios, mas agora achava que deveria indicar as pausas ou mudanças de turnos dos trabalhadores. Aparentemente, o som serviria como um sinal para a hora do almoço na escola também. Era evidente que os alunos estavam sintonizados com aquele som, despertando a atenção quando o apito os chamava pela janela.

Por causa da proximidade com as casas dos alunos, a sala esvaziou depressa, e Beth foi deixada sozinha. Num instante, sua mente tentou buscar por soluções para os problemas imediatos. Era simplesmente imperativo que ela fosse capaz de se dirigir sem desvios aos alunos para quem estava preparando uma lição. Durante esse tempo, não era tão necessário que esses alunos em particular se sentassem às mesas, já que alguns iriam se revezar trabalhando no quadro-negro.

Beth usou toda sua força e determinação para empurrar e arrastar as pesadas mesas de pedestal que ficavam mais no meio da sala e colocar as cadeiras não utilizadas na área aberta. Isso formou um pequeno grupo de assentos quase na frente e um círculo de mesas ao redor. Beth ficou tão entretida nessa atividade que quase se esqueceu de comer o sanduíche e a maçã que Molly havia preparado. Então, comeu apressadamente, na esperança de que os alunos não voltassem antes que ela terminasse.

Os trinta minutos que ela esperava que eles levassem para o almoço passaram, e não foi ouvido nem um som no corredor. Depois, quarenta e quarenta e cinco. À medida que cada minuto passava, Beth se entregava aos poucos a seus piores medos. *Os alunos não vão voltar para a tarde.* Derrotada, Beth afundou em uma das cadeiras vazias, cruzou os braços na mesa fria e deixou cair a cabeça sobre eles, recusando-se a deixar que lhe caíssem as lágrimas.

Finalmente, quando uma hora inteira se passou, um segundo

apito penetrou o silêncio e, quase em sincronia, passos e vozes encheram o corredor enquanto as crianças se juntavam. *Uma hora*, Beth repreendeu a si mesma. *Eles tiram uma hora para o almoço — assim como os mineiros. Gostaria que um deles tivesse pensado em me dizer.* Beth inspirou profundamente, e voltou ao trabalho.

Ela distribuiu papel e lápis que tinha conseguido emprestado com a Molly para cada um dos alunos mais velhos, e pediu que lhe escrevessem uma carta sobre si mesmos, expressando qualquer coisa que fosse do interesse deles.

— Coloque seu nome no topo da página — ela instruiu —, e então me diga o que você gosta de fazer.

Quando eles começaram — com alguns resmungos dos meninos, notou —, Beth mudou as crianças mais novas para as cadeiras centrais e trabalhou a fonética simples no quadro-negro. Instantaneamente, pôde perceber que eles se tornaram mais atentos. Percebeu também que pares de olhos sentados nas mesas ao redor estavam absortos no que ela estava ensinando aos mais jovens. Talvez ela não devesse presumir que os alunos mais velhos tinham avançado além dessa lição mais simples. Então, embora Beth mantivesse os olhos voltados para os menores que tinha diante de si, ela levantou a voz e escreveu o alfabeto em letras mais fortes no quadro-negro, para qualquer um que estivesse um pouco mais afastado e precisasse de uma revisão do alfabeto.

Não foi nenhuma surpresa que tenha encontrado uma ampla variedade de habilidades entre os alunos. Em seu treinamento, fora ensinada que, no ambiente escolar de uma sala, o foco principal devia ser instruções de leitura. Assim que a leitura fosse dominada, o mundo seria aberto para todo o aluno interessado em buscar mais conhecimento — essa era a chave para qualquer ocupação ou empreendimento. As únicas coisas necessárias para avançar eram o desejo pessoal e o impulso. O segundo objetivo era o domínio da escrita e da ortografia. E, em terceiro lugar, seria ensinar a aritmética básica.

Como não havia outros professores com quem compartilhar a carga, Beth usaria história e geografia, ciência, literatura e música como ferramentas para promover interesses mais amplos entre seus alunos — mas sempre, o objetivo crítico a cada dia seria reforçar as habilidades mais básicas e essenciais. Isso era ainda mais importante, pois Beth lembrou que seus alunos mais velhos teriam exames de escrita no final do ano, para avaliar essas habilidades primárias. Ela já

esperava que sua tarefa fosse enorme e que, tratando-se de seus deveres como professora, um ano entre eles provaria ser pouco tempo para tudo que precisava ser realizado.

Beth, portanto, não ficou surpresa quando alguns dos papéis permaneceram em branco — seja por falta de vontade ou incapacidade, ela não sabia. Tentando vislumbrar os olhos virados para baixo, ela sorriu e sugeriu de forma singela:

— Você pode escrever seu nome no papel, por favor?

Todos no grupo foram capazes de realizar essa pequena tarefa antes que ela pedisse a Marnie para recolhê-la. Era um começo, e a expressão no rosto da menina quando trouxe as páginas um tanto amarrotadas foi outro ponto brilhante no que havia sido, em outros pontos, um primeiro dia árduo.

Os passos de Beth pareciam pesados quando ela percorreu a curta distância de volta para a casa de Molly. Marnie e Beth levaram mais tempo do que o esperado para colocar o salão no lugar para Helen Grant, e Beth estava absolutamente exausta antes mesmo de conseguir colocar a última mesa de volta à posição original. Beth tinha certeza de que podia ouvir passos rápidos e impacientes dos aposentos acima deles, onde desconfiava que os Grants residiam. Esse pensamento a fez trabalhar ainda com mais rapidez. Teddy, cuja ajuda teria sido um grande benefício, foi chamado na casa de Molly para cortar madeira extra para lavar a roupa no dia seguinte.

Beth ensaiou baixinho o que diria a Molly — como poderia colocar em palavras adequadas um resumo de tantos altos e baixos. E, além disso, o que incluiria na carta que escreveria mais tarde para a família. Embora talvez houvesse poucas que pudessem ser consideradas como realizações, Beth sentiu que pelo menos havia sido lançada uma boa base de confiança.

Quando subiam os degraus da varanda da frente de Molly, Beth e Marnie foram recebidas pelo estardalhaço de tampas da cozinha. *É a hora do jantar*, ela pensou com uma rápida olhada no relógio preso ao vestido; Marnie pareceu perceber isso no mesmo momento, e correu pela porta de tela em direção à cozinha.

— Sinto muito, Srta. Molly — exclamou a garota. — Eu devia tê voltado mais rápido.

Molly jogou mais cubos de batata na panela.

— Tô certa de que você fez o *meió*, menina — ela respondeu confortavelmente. — Mas agora preciso que prepare a *vagi*.

Marnie apressou-se em cumprir a tarefa.

Beth arrumou a mesa — com o mínimo de utensílios — e depois tirou pãezinhos quentes do forno, espalhando manteiga na superfície crocante de cada pãozinho. Depois de ter visto a preparação de duas refeições, ela imitou o que tinha visto antes. Em seguida, tirou um grande pedaço de gelo do bloco na caixa de gelo e o colocou numa bacia. Ela começou a trabalhar quebrando em fragmentos pequenos o suficiente para caber dentro dos copos, e serviu água fresca em cada um. Assim que Molly dispôs a última travessa, os homens apareceram na porta conversando em voz alta e batendo as botas.

Beth olhou para as manchas molhadas em seu avental — até mesmo na blusa. Seu cabelo provavelmente estava despenteado e as mangas estavam amarrotadas na parte que havia enrolado. Ela não estava apresentável — nem interessada em sentar-se mais uma vez com os homens.

— Srta. Molly — ela começou a falar —, eu realmente não posso comer com eles nesse estado.

Molly franziu a testa.

— É, capaz de *ocê tá* certa, querida. Sirva o prato, e pode ir *comê* no quarto. Mas eu *ia ficá* meio satisfeita se voltasse para a sobremesa.

— Obrigada, vou tentar.

Enquanto Beth se servia nas panelas do fogão, Molly permaneceu ao lado dela por alguns minutos.

— E como foi o dia? Quantos *aluno* você tem?

Beth sorriu.

— Vinte e três.

— *Viero* todas as *criança*, pelo menos. Eles *ficaro* o dia todo?

— Sim — respondeu Beth, depois suspirou. — Por um momento, depois do almoço, eu me preocupei de que eles não

voltassem. Mas quando soou o apito da mina, todos eles voltaram.

— Então *ocê* deve *tê* feito algo certo — Molly afirmou com um tapinha no ombro e voltou para a pia.

Não era isso que Beth havia retratado — sem descrever todos os detalhes do dia para Molly, que parecia amar conversar. Mas a simples declaração encorajadora teve mais impacto, apenas por ter vindo de uma mulher tão ocupada, atenciosa e sensata.

Naquela noite, Beth leu as tarefas de redação dos alunos mais velhos. Várias delas eram bastante longas e descreviam dias de caça, a natureza ou algum outro interesse pessoal. Beth enxugou as lágrimas enquanto a maior parte deles recontou a respeito do colapso da mina e a perda de seus pais. As palavras deixaram claro para Beth que aquela comunidade estava longe de finalizar o processo da dor e da cura. *Senhor, por favor, ela orou, ajuda-me a saber como ajudá-los.*

O dia seguinte se desenrolou da mesma maneira. Mas desde a recitação inicial da oração do Pai Nosso até o trabalho na última tarefa do dia, as aulas foram menos frenéticas e mais previsíveis, embora ainda com dificuldades. Especialmente sem todo o material e os livros que planejava ter consigo.

Beth observou o relógio com cuidado depois da escola, para que ela e Marnie chegassem em casa mais cedo. Molly, como esperado, não fez comentários, mas pareceu agradecida. Pela segunda vez, Beth implorou para ser liberada de sua tarefa de comer com os homens e recebeu permissão relutante para levar o jantar até a privacidade de seu quarto.

Colocando o prato na cômoda, ela chutou os sapatos e decidiu se esticar por um momento na cama. Estava absolutamente fatigada, mas era sexta-feira, e Beth esperava ter dois dias para se recuperar e planejar a próxima semana. Ela estava satisfeita com o que havia sido realizado até agora...

E antes que pudesse formar outro pensamento consciente, Beth pegara no sono, deixando o jantar esfriar do outro lado do quarto.

Apesar das declarações de Molly de que era desnecessário, de

que Beth era “uma hóspede pagante”, a jovem escolheu se juntar à Marnie no jardim no sábado, enquanto as mãos hábeis de Molly trabalhavam dentro da casa para preservar a fartura para o inverno. A jardinagem provou ser muito mais difícil do que Beth esperava, pois ela precisava se abaixar para colher cenouras, cebolas e chirivias do rico solo preto. Logo ela estava suando e rígida, com as mãos sujas e doloridas. *O que será que a mãe diria?* Mas o pensamento lhe trouxe um sorriso pequeno, mas vitorioso, aos lábios. *A verdade é que estou mantendo muito bem o ritmo com a Marnie*, pensou Beth, olhando para a parceira de trabalho. Pareceu bastante irônico, naquela manhã, quando as duas trocaram os papéis: a jovem explicando e mostrando a Beth como o trabalho devia ser feito.

O canteiro cuidadosamente cultivado de Molly se estendia até a encosta numa ampla clareira iluminada pelo sol, atrás da pensão, guardada por uma cerca de piquete, fileiras de arbustos espinhosos, um espantalho esmorecido e vários cata-ventos — todos destinados a afastar veados e outros incômodos. O temível banheiro externo ficava discretamente em seu canto. Teddy estava ocupado nas proximidades, limpando o galinheiro para a pequena criação de Molly e cortando lenha. Em seguida, foi levar carvão do pequeno galpão para o cocho, depois o colocou na cozinha.

À noite, Beth teve que admitir que estava fisicamente exausta, sem dúvida por causa do trabalho do dia, bem como emocionalmente esgotada por causa das tentativas de participar das abrangentes conversas dos funcionários da mineradora durante o jantar. Ela ficou feliz em vê-los irem juntos para o salão de bilhar. Grata pelo silêncio, ela se retirou para a sala de estar a fim de avaliar algumas redações e fazer planos adicionais para as aulas de segunda-feira, antes de se recolher para a noite.

Ela se levantou cedo no domingo, mas se viu, pela primeira vez, sem ter muito o que fazer. Não havia pastor permanente em Coal Valley, e esta era uma semana em que o ministro itinerante estava ocupado em outro lugar. Beth sentiu-se estranhamente inquieta. A cidade estava ainda mais silenciosa do que de costume — cada família observando algum tipo de descanso dominical. *Se apenas... se apenas houvesse música em algum lugar. Algum canto, um órgão de igreja ou uma vitrola...* O coração de Beth ansiava expressar-se com a música — e a memória do violino que ela nunca mais tocara a deixou ainda mais desanimada.

Beth passou algum tempo lendo uma Bíblia emprestada, sentada ao redor da casa de Molly — embora tenha percebido que não

estava realmente desfrutando seu tempo livre. A convidativa brisa fresca na varanda da frente não foi suficiente para atraí-la, pois os quatro homens já estavam descansando nas cadeiras de balanço de Molly. Eles pareciam vê-la como uma distração estranha, mas interessante.

Durante a tarde, Beth decidiu dar um passeio pela estrada que a trouxera até a pequena cidade, e ficou contente quando Marnie concordou em se juntar a ela. Mesmo sem ninguém por perto, Beth não conseguiu manter uma conversa com a garota tímida, só recebia respostas curtas para suas perguntas. Mas foi agradável passar momentos tranquilos juntas, colhendo frutinhas outonais que cresciam não muito longe da estrada e caminhando pela sombra.

Havia poucas evidências de que a floresta atraísse outras pessoas, até Beth notar uma trilha apagada que se afastava da estrada e desaparecia atrás de um emaranhado de arbustos.

— Marnie, podemos ir por esse caminho? O que você acha de explorarmos um pouco? — Beth tentou arrancar um sorriso de Marnie.

— Não, senhorita! — Marnie balançou a cabeça, num gesto que expressou mais energia do que Beth já tinha visto a menina expressar. — Essa trilha não leva a lugar nenhum.

Mas Beth se questionou a respeito do olhar de medo que a simples sugestão parece ter causado, além do protesto enfático da garota tímida.

— Tudo bem — Beth a tranquilizou. — Podemos ficar perto da estrada, se você quiser.

Não estava claro para Beth o que havia suscitado tal resposta — se eram animais selvagens ou a ideia de se perder, ou qualquer outra coisa. Beth simplesmente deixou aquele incidente para lá.

A chuva caiu a cântaros na manhã de segunda-feira, e muitas crianças estavam ausentes, mas Beth seguiu em frente com as lições. Estava ciente de que o som da chuva pesada através das janelas abertas tornava difícil para os alunos ouvirem-na, mas Beth escolheu o barulho em vez do cheiro forte da sala fechada. Ao todo, ficou satisfeita ao observar progresso, principalmente na disposição das crianças de participar e tentar cumprir o que lhes era pedido.

Conforme cada dia seguia outro dia, Beth sentiu que tinham sido realizados pequenos avanços, e achava que os alunos concordavam. Mas Beth, no subconsciente, sentiu o peso do tempo limitado que teria com eles — apenas um ano. Ela não tinha como saber o que ou quem o ano seguinte traria. As crianças mais velhas, em particular, estavam ficando sem tempo para a educação que as mães queriam que elas tivessem.

Além disso, Beth começou a perceber o importante sacrifício que Molly estava fazendo ao permitir que Marnie frequentasse a escola. A tímida menina de treze anos era crescida o suficiente para ser quase indispensável em torno da pensão, e as responsabilidades de Molly foram significativamente afetadas pela ausência de Marnie. A mulher quase nunca descansava do trabalho de cozinhar para os homens, lavar roupa de cama e manter a grande casa limpa. Beth percebeu rapidamente que quando essa mulher — que nem era mãe de Marnie — declarou que as crianças da cidade deviam ter uma educação, isso significava que ela também estava preparada para fazer o que pudesse para garantir que isso acontecesse.

Além do mais, ainda que os irmãos trabalhassem de forma incansável na casa de Molly, Beth jamais ouvira uma palavra de reclamação de nenhum deles. Ela não podia imaginar as próprias irmãs em casa — ou ela mesma — trabalhando com tamanha diligência sem nem mesmo um olhar atravessado. Beth entendia agora que os alunos mais velhos teriam pouco tempo para o dever de casa se todos ajudassem tanto quanto Teddy e Marnie.

Beth dava uma mãozinha no trabalho da casa o melhor que podia, e ficou envergonhada ao perceber quão poucas habilidades domésticas possuía. Com o tempo, Molly desistiu de lembrar a Beth de que ela era uma “hóspede pagante”, e não a desencorajou mais de ajudar nas tarefas domésticas. Dadas as opções de ficar sozinha, estar com os quatro homens ou estar com a família, Beth achou uma escolha fácil a fazer. Ela já estava satisfeita com a própria crescente capacidade de ser útil na cozinha. Descobriu que gostava de observar e imitar uma cozinheira tão habilidosa. *A Julie não ficaria surpresa? Embora, talvez, não tão impressionada quanto deveria ficar.*

No final de outra longa semana, mas em geral satisfatória, Beth voltou para a pensão. Molly estava esperando e indicou que ela subisse para o quarto com um sorriso e uma piscadela. Beth descobriu, reunidos no quarto numa fileira ao longo de uma parede, três grandes

baús — os suprimentos que a mãe tinha enviado! Molly disse que tinha de cuidar do jantar e desceu as escadas.

Beth desatou tiras e abriu o primeiro baú para vasculhar o conteúdo, que acabou por ser principalmente roupas. Ela tirou um vestido enfeitado após o outro, segurando-os contra o corpo e depois os colocando em cima da cama. As cores eram adoráveis, em contraste com os marrons desbotados e azuis opacos das roupas emprestadas. Alguns eram em tons pastel — até mesmo brancos. *Em uma aldeia de mineração de carvão? Mãe, em que você estava pensando?*

Embora Beth achasse os vestidos adoráveis, e exatamente o que a mãe teria escolhido, não pôde deixar de se perguntar como essas roupas se encaixariam aqui. Distraída, tocando as contas em um dos vestidos novos, Beth só conseguia pensar no efeito que tal exibição de elegância teria sobre seus alunos. Foi só naquele momento que ela pensou em como as crianças a aceitaram sem hesitação entre elas. *Pode ter sido que, como os vestidos foram emprestados de suas próprias famílias e amigos, essa aceitação tenha ocorrido mais facilmente?* Ainda pensando, Beth abriu o segundo baú.

Mais em cima, havia variedade de chapéus, e por baixo havia sapatos. Beth estava ficando frustrada com a natureza bastante frívola das escolhas da mãe. Mas abaixo desses artigos havia toalhas e sabão, escovas e grampos de cabelo, velas e artigos de papelaria, bem como diversos outros itens apropriados. Havia também um abundante suprimento do temido elixir. *Mamãe não tinha esquecido.*

No entanto, embalado com muito cuidados no centro, para evitar danos durante o transporte, estava um delicado jogo de chá de porcelana. No início, parecia um item incomum, mas quase imediatamente Beth começou a formular um plano. *Por que não convido duas ou três crianças de cada vez para uma visita, e sirvo-lhes um chá?* Isso talvez promovesse um relacionamento entre eles fora da escola, assim como os ajudaria a se familiarizarem com algumas noções de etiqueta, o que Beth acreditava que eles precisariam se viajassem para além de seu pequeno mundo. Ela tinha certeza de que Molly estaria de acordo que tais “lições” fossem dadas em sua casa. Beth dispôs o jogo de chá em cima da cômoda.

Quando abriu o terceiro baú, Beth ficou muito aliviada quando, enfim, viu os livros. Beth encontrou ali uma cópia de tudo o que havia separado anteriormente — bem como algumas adições feitas pela mãe. E uma preciosa Bíblia. Sabendo que havia poucos suprimentos para a escola, Beth apreciou o papel, lápis e giz que

vieram a mais. Até que enfim, havia também uma bandeira, um transferidor para as aulas de geometria, produtos químicos básicos para aulas de ciências e tintas para aulas de artes. Havia até um conjunto de instrumentos de percussão — pequenos triângulos, sinos, pratos e um tamborim.

Os últimos itens trouxeram um profundo suspiro, quando Beth se lembrou do violino roubado. Como seria maravilhoso poder tocar para os alunos — apresentá-los à música dos mestres clássicos. Mais uma vez, Beth tocou o medalhão e recitou o verso silenciosamente. Deus era capaz de fornecer tudo o que ela precisava. Ele já tinha feito isso — todas essas coisas em abundância, pelas quais não tinha palavras para agradecer. Ela pediu mais uma vez a fé para confiar nEle, e voltou-se para as provisões abundantes espalhadas diante dela. Todos os itens a mais que a mãe incluía seriam inestimáveis para prover novas experiências aos alunos.

A última coisa que Beth abriu foi uma longa carta que a mãe havia colocado no terceiro baú. Beth sorriu ao ver a caligrafia redonda tão conhecida e recebeu com carinho as notícias da família. Mas como temia, houve muitas críticas sobre o ambiente “pouco civilizado”, incluindo o fato de as aulas “acontecerem numa *taverna*, com tantos lugares!” e ficar hospedada junto a “cavalheiros”.

“Querida Beth” — ela podia imaginar claramente a reprovação na voz da mãe enquanto lia as palavras — “não posso deixar de me preocupar com sua saúde, sua segurança, em um lugar como esse”, ela terminou, junto com promessas de orar pela filha. Então, a mãe acrescentou uma observação: “não é vergonhoso voltar para casa, querida, se precisar. Você sabe que será recebida de braços abertos”.

Beth suspirou e guardou a carta. Ela teve que admitir que sua casa parecia bastante convidativa. Mas balançou a cabeça quando o rosto de Marnie encheu sua mente. Não, ela tinha seguido a liderança do Senhor, e iria ficar.

Beth ficou em frente ao espelho na manhã de segunda-feira, segurando alguns dos vestidos que a mãe tinha enviado. *O que devo vestir para a escola esta manhã?* Depois de ter começado um bom relacionamento com seus alunos, a última coisa que queria era se transformar em outra pessoa, alguém visivelmente diferente deles. Ela escolheu o mais simples dos vestidos e o ergueu, examinando-se com cuidado. Ainda era desconfortavelmente excessivo. Mas talvez algo pudesse ser feito...

Ela pegou a tesoura que a mãe tinha incluído nos baús. Lutando contra antigos princípios que condenavam um ato tão imprudente e desperdiçador, começou a cortar os enfeites de renda. Beth sabia muito bem o valor do que estava destruindo, e que o vestido fora comprado com o dinheiro do pai. Beth ficou dizendo a si mesma que o pai aprovaria tal atitude se estivesse ao lado dela, mas essa crença não impediu que suas mãos tremessem. *E a mãe?* Beth tinha certeza de que podia prever a reação chocada da mãe.

Finalmente, Beth vestiu a roupa e examinou o trabalho. Houve uma grande melhoria, o vestido ficara muito mais simples e despretensioso. Mas o moderno estilo cintura baixa ainda o diferenciava das saias e blusas mais úteis usadas pela maioria das mulheres ao seu redor. E o babados a mais na bainha inferior — que abaixavam o comprimento para perto de seus tornozelos — com certeza seriam vistos como um terrível excesso pelas mães, que trabalhavam para produzir o maior número possível de itens de vestuário usando cada comprimento de tecido que pudessem comprar. No entanto, se Beth tivesse cortado o babado do vestido, ela não conseguiria fazer a bainha novamente antes da escola. Então, o que já tinha feito ia ter que bastar.

Beth correu para a sala de aula para organizar alguns dos novos itens. Marnie a ajudou a transportar o que conseguiam. Quando as crianças chegassem, haveria um alfabeto impresso em cartões presos ao longo da borda do extenso balcão do bar. Um mapa-múndi foi montado ao lado da porta, e a bandeira estava na frente, ao lado de uma foto do rei. Eles agora tinham lousas de ardósia individuais, onde podiam praticar somas e ortografia, mas sem gastar o precioso papel. E havia três conjuntos completos de cartilhas prontos para as crianças compartilharem. Enfim, com um pouco do dinheiro que o pai lhe havia mandado, Beth comprou uma lâmpada de óleo para cada mesa no armazém da mineradora, uma grande ajuda quando o sol não

brilhava intensamente.

Com esforço, Beth controlou a empolgação e não exibiu todos os materiais escolares de uma vez. Essas crianças tinham tão pouco, e ela não queria dar a impressão de que estava exibindo sua riqueza. Esperava ter escolhido o equilíbrio correto. Assim como ela esperava, houve um coro de sons abafados quando cada criança, ao entrar, examinou a sala com os olhos arregalados.

— Agora, crianças, por favor, tomem seus lugares rapidamente para que possamos começar. — Ela esperou até que todos estivessem quietos. — Vocês podem ver que recebemos nossos suprimentos de sala de aula. Tenho certeza de que vocês apreciarão esses materiais, que ajudarão cada um de vocês a obter êxito enquanto estivermos estudando juntos. Lembrem-se de cuidar de cada item com cuidado, para que *muitas* crianças sejam beneficiadas por eles.

Ela olhou em volta para os rostos ansiosos e sorriu calorosamente.

— Agora, ao começarmos nosso dia juntos, vamos fazer uma oração especial de agradecimento a Deus, por nos dar tudo o que precisamos. Quem gostaria de vir à frente e fazer a oração de abertura hoje?

Embora as palavras de Beth fossem pragmáticas, seu coração se emocionou ao ver as expressões brilhantes dos alunos.

No entanto, assim que a pergunta saiu de sua boca, Beth suspeitou que havia ultrapassado os limites. Ela sabia muito pouco sobre as circunstâncias espirituais nos lares das crianças que estavam diante dela. Será que algum deles estaria disposto a orar publicamente — mesmo que houvesse entre eles aqueles que foram ensinados a orar? Ela prendeu a respiração e estava prestes a sugerir que talvez ela mesma liderasse a oração, quando percebeu uma mão distante acenando no ar.

De todas as crianças, a menina que se candidatou foi a menos provável, na opinião de Beth. Ela já percebera que a mais necessitada das famílias carentes eram os Blanes. As três crianças se vestiam de forma mais simples que as outras, com roupas muito pequenas e puídas. Os sapatos estavam tão desgastados que ataram barbante ao redor dos sapatos para segurá-los aos pés. No entanto, era a mais nova, Anna Kate, de seis anos, que estava ansiosamente se oferecendo para orar.

Beth ficou maravilhada, encantada, mas preocupada com o que poderia acontecer a seguir. Ela acenou com a cabeça de forma a transmitir-lhe calma, indicando com um gesto que a menina devia vir à frente. Anna Kate se moveu rapidamente, já juntando as mãos quando se aproximava.

— Você*s precisa* se levantar e *fechá* os *olho* — a garotinha informou os ouvintes com uma voz suave. Então, ela esperou enquanto as cadeiras raspavam contra as tábuas ásperas. Cada criança ficou de pé e respondeu com a cabeça curvada e as mãos juntas. — Querido Deus — começou Anna Kate em uma voz baixa, mas firme, e Beth, ainda tentando se acostumar com o inesperado, foi lembrada de que também deveria fechar os olhos. — Obrigada porque o Senhor é bom. Obrigada pela nova professora, pelos novos livros e... e aquele monte de *coisa*. *Ajude nós* a aprender bem, e... e a obedecer, como diz mamãe. — Ela fez uma pausa, como se contemplasse o que mais deveria dizer. Então terminou: — Tá certo, amém.

Beth ouviu alguns alunos murmurarem amém. As crianças retomaram seus assentos. Mas Anna Kate exclamou depois de fazer uma reflexão.

— Só um minuto. — Todos os olhos se voltaram para o rosto sóbrio da garotinha enquanto ela olhava para Beth. — *Esqueci* de dizer: “Es-te-já-co-nos-co-nes-te-dia, que-pos-sa-mos-hon-rá-Lo”. — As sílabas saíram tão rápido que soaram como se fossem todas uma só palavra. Ela explicou: — A mamãe sempre diz isso.

Para surpresa de Beth, todas as cabeças se curvaram e as mãos se juntaram mais uma vez, para que a pequena Anna Kate pudesse pronunciar a bênção como havia sido ensinada.

Beth piscou e engoliu o nó que se formara em sua garganta enquanto anunciava o juramento de fidelidade, desta vez com a nova bandeira no lugar.

Com os novos recursos, as aulas se tornaram, de repente, uma tarefa muito mais interessante — tanto para Beth quanto para os alunos. Depois do almoço, ela selecionou um livro de contos de fadas de Hans Christian Andersen; primeiro, mostrou aos alunos, no mapa, onde o autor viveu, e contou-lhes alguns fatos sobre a vida dele. Ela começou a ler *The Little Match Girl*, segurando o livro para mostrar as ilustrações coloridas conforme apareciam. As crianças — de todas as idades e ambos os sexos — ouviram a história com o semblante encantado. Beth mal conseguia conter a própria alegria. Isto é

exatamente o que imaginou que seria ensinar — *bem, não exatamente, mas quase isso*, ela concluiu.

Naquela noite, Beth se angustiou novamente a respeito do que fazer com suas roupas. Ela tinha lavado as peças emprestadas e era hora de devolvê-las. Mas então, ficaria apenas com as roupas bonitas que estava com vergonha de usar. Carregando três dos vestidos novos sobre o braço, ela desceu para a cozinha, onde Molly estava preparando feijão seco para colocar de molho no dia seguinte.

Era uma pergunta tão difícil de fazer. Beth hesitou:

— Srta. Molly, poderia... posso pedir seu conselho?

Sem nem mesmo levantar os olhos, Molly respondeu:

— Conselho é de graça, querida.

— Preciso devolver as roupas que peguei emprestadas.

— Sim, parece que é chegada a hora.

Parecia mais fácil apenas deixar a roupa nova falar por si mesma. Quando Beth não disse mais nada, Molly se virou para olhar, enquanto Beth segurava os vestidos, um de cada vez, para serem avaliados.

— Minha mãe me mandou esses vestidos para substituírem os que foram roubados.

Molly os observou e assentiu.

— Entendo.

E Beth sabia que ela entendia mesmo.

Beth prosseguiu, gaguejando:

— Eu não... eu não sei o que fazer. Acho que meus alunos vão... ou seja, eles vão me ver...

— Como rica?

Beth suspirou.

— Sim. E diferente deles.

— Mas você é mesmo, não é?

— Eu não sou diferente, não de fato.

Molly balançou a cabeça.

— Então, por que você *tá* ensinando eles? Se você é igual a *nóis*, como é que vai mudar alguma coisa?

— Eu não quero que eles pensem que sou... não sei... ora, melhor que eles.

— Você *num é melhó* — só mais rica e mais estudada. — Molly riu, depois suspirou e secou as mãos. — O mundo *num* é justo, querida. Não ajuda a ninguém *fingi* o contrário. Sua vinda vai *deixá* claro que outras *pessoa* têm mais que eles. Uma criança não sabe o que *tá perdendo* até ver que outra pessoa tem mais. Mas espero que você possa *ajuda* eles a *percebê* o que vai além disso também — que com a educação, eles tem *melhor chance* na vida. Você só tem que *ajudá* eles a *vê* que os *livro* vão *levá* eles mais longe do que *trabalhá* como escravos aqui.

— Mas eu não *quero* usar essas roupas. Não faz sentido jogar na cara deles. Será que eu não poderia — não sei — apenas pedir para trocar com as senhoras que emprestaram as roupas para mim?

Beth sabia que era uma má sugestão.

— E ficar com as *coisa velha*? Ah não, não pode. Isso faria que as meninas se *sentisse pequena* como carrapato. Além disso, elas também não *ia usá* as *roupa elegante*. Pelas *mesma razão* que você mencionou.

— Mas eu *não posso* usar esses vestidos.

Beth suspirou.

— Hum. — Molly ponderou sobre o dilema. — Pode *esperá* até sábado?

— Sim, tenho meu traje de viagem e o que estou vestindo agora. Eu consigo me virar até lá.

— Então *tá* bom. Tem um carro *ino pra* cidade sábado de manhã. Vou *mandá pedi umas coisa*. Você pode ir junto.

— Como isso pode ajudar?

— Vá e venda o que não *qué usá*. Depois compra uns *metro* de tecido — sabe, dos mais simples.

Beth franziu a testa.

— Mas eu não sei costurar.

— Ora, deixa eu *terminá* de *falá*. Compre o tecido e peça a uma ou duas das *mulhé* aqui *pra* costurar uns *vestido procê*. Dessa forma, você consegue suas *roupa comum*, e pode até pagar um pouco pelo trabalho delas. — Ela piscou. — Posso até *informá pra* que mães pode pedir. Viu?

Beth sorriu, entendendo na mesma hora. A ideia parecia excelente.

— Só tem um porém, querida — Molly acrescentou. — Não vá *compra* algo barato, um tecido feio, *pensano* que isso vai *ajudá*. Você tem que *fazê* a diferença e ainda *sê* digna e elegante. Você é a professora deles, afinal de contas. E *cuida* de *ficá* com dois ou três *vestido elegante, pra* quando *precisá*. Nunca se sabe.

Beth sentiu-se confortada ao ouvir a solução de Molly e impressionada por sua sabedoria. Então ela parou.

— Mas e se alguém perguntar por que estou indo?

— Quanto menos é dito, mais rápido é esquecido — citou Molly. — Você só não desperdiça suas *palavra* explicando. Só diz que precisa *resolvê* umas coisa na cidade, simples assim. E que vai *voltá*.

Beth subiu as escadas, satisfeita com o conselho sensato que ouvira — e de alguém com muito menos “educação” do que ela.

Mas sua satisfação logo foi posta à prova. Terça-feira foi um dia escuro e chuvoso, e ela teve que enfrentar alguns problemas de comportamento dos alunos que ainda não tinha experimentado. A pequena Emily Stanton chorou pedindo pela mãe e se recusou a sentar-se quando foi pedido. Alice McDermott e Sadie Shaw ficaram cochichando juntas, apesar dos vários avisos, e depois foram insolentes quando Beth as forçou a se sentarem separadas.

— Não podemos compartilhar o livro se não pudermos *sentá* juntas — Sadie retrucou para Beth.

— Alice terá tempo de sobra para terminar a leitura enquanto você estiver ocupada escrevendo vinte vezes no quadro: “Vou falar educadamente com todos”. Você pode completar a leitura depois que terminar. — Ela se moveu em direção ao quadro-negro enquanto a garota lentamente se levantava, murmurando:

— Falar com todos foi o que me colocou em apuros, para começar — e foi para frente.

Beth esperava que houvesse obstáculos ao longo do caminho, mas tinha pensado que já tinha passado pelo pior. Quando David Noonan prendeu Miles Stanton no corredor, enquanto deviam beber um gole de água, Beth havia atingido seu limite.

— Crianças! Sentem-se! — Empurrando para trás aqueles que correram para assistir a briga, ela se irritou com eles: — Estou muito desapontada com o comportamento de vocês hoje. Não faço ideia do que está causando tamanha desobediência, mas não vou tolerar isso. Estamos nos dedicando para ter uma boa escola, e essa conduta é inaceitável.

Emily tinha começado a fungar mais uma vez, e os meninos ainda encaravam um ao outro. Sem pedir permissão, Marnie saiu de sua cadeira e se aproximou de Beth.

— Srta. Thatcher — ela sussurrou hesitante —, posso falar com a senhorita? — Foi o olhar suplicante nos olhos da menina que fez Beth concordar. Elas se retiraram para frente da sala. — É só que a mãe do David *tá* zangada com a mãe do Miles, porque o pai do Miles devia dinheiro. Agora ele *tá* morto, e a mãe do Miles não pode *pagá*. Mas a mãe do David precisa muito, muito do dinheiro. É por isso que os garotos *tão* brigando e a Emmy *tá* tão triste.

Beth baixou a cabeça, envergonhada por ter perdido a paciência.

— E as meninas?

Marnie balançou a cabeça solenemente.

— Não, as meninas estavam apenas sendo teimosas.

— Obrigada, Marnie.

Beth sentou os dois meninos em lados opostos da sala, pediu ordem e continuou as aulas, dando um pouco mais de atenção

afetuosa à pequena Emily Stanton. Beth compreendia que nunca saberia todas as coisas que aconteciam na vida de seus alunos, mas estava com vergonha por ter perdido a paciência. Esse momento lhe trouxe à mente o resumo que Frances lhe havia dado do professor anterior — só gritos e xingamentos. Ela era a adulta, e eles eram crianças. Ela devia esperar que eles se comportassem de forma infantil às vezes, mas estava determinada a permanecer serena, apesar de tudo.

Na quinta-feira à tarde, Beth trouxe alguns dos produtos químicos que a mãe enviara para demonstrar as várias reações ao misturá-los. Da melhor maneira possível, ela explicou os aspectos invisíveis do que estava ocorrendo. Beth podia ver que mesmo os alunos mais velhos estavam fascinados com o conceito de átomos e moléculas — o fato de que tudo o que eles podiam ver ao seu redor, incluindo eles mesmos, era composto de pequenas partículas, havia cativado a imaginação deles. Então Beth apresentou um livro de ciências e anunciou que qualquer aluno que tivesse interesse particular em química poderia fazer uma leitura durante o restante da aula. Três meninos estavam especialmente entusiasmados, e se sentaram juntos para compartilhar a leitura do livro, embora a maioria dos conceitos estivesse muito além do que eles conheciam.

Por infelicidade, isso fez com que a sexta-feira fosse outro dia particularmente difícil. Os três garotos, Wilton Coolidge, Georgie Sanders e Levi Blane, decidiram que seria uma boa ideia pregar uma peça na turma. Os ingredientes que eles esconderam numa lata de lixo, na esperança de criar apenas um estrondo, transformaram-se, em vez disso, em uma fumaça ondulante e um pequeno fogo. Os alunos foram forçados a fugir do prédio, tossindo e cuspidos. Beth ficou de pé na frente dos três, as mãos nos quadris, enquanto eles esfregavam o chão e tentavam remover o resíduo que restou. De alguma forma, ela conseguiu não perder a paciência ou dizer o que estava pensando, mas foi terrível tentar explicar o incidente para Helen Grant, que, ao que parecia, não estava inclinada a modificar a própria reação.

A mulher sempre parecia estar um pouco mal-humorada com o mundo, resmungando se o salão não estava em ordem no tempo adequado, ou se os itens da escola não fossem armazenados de acordo com suas instruções. Beth começou a se perguntar se ela resmungava apenas para ter algo a dizer. Helen era fria e distante, e não interagiu nem mesmo com as outras mulheres da comunidade. Mas Beth não ousou expressar suas preocupações nem para Molly, para que não agravasse o problema. Ela não queria parecer ingrata, já que estava usando o prédio de Helen.

Beth estava sentindo diferentes emoções enquanto subia no carro, na manhã de sábado, para a longa distância de volta a Lethbridge, com o pacote de vestidos para vender. Ela suspirou enquanto revisava os acontecimentos da semana. Sentiu a satisfação de alcançar ideais elevados, bem como a frustração dos alunos cujo comportamento era decepcionante e confuso. Estava aprendendo a administrar a sala de aula quando as coisas corriam bem... e também quando não corriam.

A viagem foi complicada após a descoberta de que o motorista não falava uma palavra de inglês. Molly havia explicado que os mineiros substitutos eram quase todos imigrantes italianos, e esse homem era o único motorista disponível. Beth resolveu que preferia dormir a tentar conversar, e inclinou a cabeça contra a porta do automóvel.

Beth foi tomada por uma estranha sensação de estar em outra época, outro mundo quando saiu do veículo, e olhou em volta para as ruas movimentadas da cidade. Era como se as semanas anteriores não tivessem acontecido — como se fossem pura imaginação e ela tivesse acabado de acordar novamente. Tinha retornado para o que era familiar e moderno. O motorista moveu várias vezes os três dedos levantados no ar e depois apontou para o relógio no banco ao lado deles. Ela entendeu que esta era a hora em que deveria estar pronta para partir e concordou com a cabeça.

Sua primeira parada foi em um restaurante, para uma xícara de chá quente e um rocambole doce. Beth relaxou em todo aquele conforto — os assentos almofadados, o ambiente calmo, as vozes suaves. Parecia um luxo ser servida de novo — não ter que levantar um dedo e desfrutar de uma refeição agradável. A partir daí, ela deu início às principais tarefas do dia. Os funcionários educados e prestativos fizeram até mesmo a tarefa de vender os belos vestidos ocorrer sem problemas, e comprar os metros de tecido parecia ser algo tão comum que fez Beth se sentir em casa.

Por um momento, enquanto esperava a carona, ela se perguntou — apenas um pensamento fugaz — como seria permanecer na cidade. Ela poderia com facilidade virar as costas para as dificuldades que enfrentara em Coal Valley — a pensão primitiva, a sala de aula escura, a laboriosa vida diária. Certamente não seria nada além do que a maioria esperava. Determinada a cumprir o compromisso com o ano inteiro, ela não levou tal opção a sério, mas a

própria reflexão trouxe sobre si uma nuvem sombria de descontentamento.

Precisamente às três horas, o carro estacionou ao lado dela; mas, desta vez, um jovem saiu da porta do passageiro e correu para carregar suas malas.

— Obrigada. — Beth não conseguiu esconder a surpresa. — Desculpe-me, mas estava esperando o Sr. Giordano.

— Meu nome é Paolo, sou filho do Alberto.

Ele falava inglês claramente, embora seu sotaque fosse um pouco pronunciado.

Beth se moveu em direção ao carro.

— Esse homem é seu pai, então?

— Sim, senhorita.

Ela subiu no banco de trás, ainda se questionando sobre o inesperado companheiro de viagem. Logo eles estavam acelerando pela pradaria, e Beth conseguiu iniciar uma conversa com o jovem sentado no banco da frente.

— Minha família — minha mãe, dois irmãos e uma irmã — estão morando com minha tia e meu tio. Meu pai soube que ofereciam um bom pagamento pelo trabalho com mineração nas montanhas. Então ele nos deixou na primavera. Eu não o via desde que nos deixou — até hoje. Agora vou me juntar a ele no trabalho. Vai ser bom, vamos ganhar dinheiro mais rápido, e eu vou poder estar com meu pai.

— Posso perguntar quantos anos você tem, Paolo?

— Sim, claro, senhorita. Quinze anos. Tenho idade suficiente para as minas, não tenho?

Era difícil ver as expressões do menino de onde Beth estava sentada, mas pelo tom de voz e pelos olhares periódicos que lançava por cima do ombro em direção a ela, Beth supôs que essa forte ênfase fora adicionada para o benefício de seu pai, embora Alberto aparentemente não entendesse suas palavras.

Beth sorriu fracamente.

— Tenho certeza de que sua família está muito grata por sua vontade de ajudá-los.

— Não, não grata — ele respondeu. — É exatamente o que eles precisam que eu faça. Afinal, sou o filho mais velho.

A testa de Beth franziu ao ouvir tal declaração. Ela pressionou ainda mais.

— Você frequentava a escola enquanto morava com seus tios?

Paolo balançou a cabeça, um pouco desamparado, apesar das tentativas óbvias de parecer resiliente.

— Saí da escola e comecei a trabalhar quando tinha doze anos, entregando mantimentos e cortando lenha — o trabalho que conseguisse encontrar. Mas estava sendo mal pago. Agora que sou homem, posso manter um emprego de verdade, ajudar minha família. Vai ser bom. — Então ele forçou um sorriso e perguntou: — E a senhorita — trabalha para ajudar sua família a voltar para casa?

Beth sufocou o riso.

— Não — disse ela com um sorriso cálido —, meu pai é... ele não precisa da minha ajuda — tentou explicar. — Trabalho porque desejo educar crianças e melhorar suas oportunidades na vida.

Ele suspirou.

— Se eu não tivesse que trabalhar, poderia voltar para a escola.

A admissão veio em tom de melancolia, junto com uma olhadela para o pai.

— O que você estudaria, Paolo?

Ele considerou a pergunta por um momento.

— Gosto de aprender línguas, senhorita. Eu gostaria de falar muito melhor — em inglês e italiano também. E talvez, então, ensinar aos outros — homens como meu pai. Acho que talvez pudesse dar a eles melhores oportunidades também.

Muito depois de ter sido deixada na casa de Molly, Beth ainda contemplava as palavras do rapaz. *E se fosse realmente possível*

encontrar uma maneira de Paolo ensinar inglês a outros mineiros? Isso não beneficiaria a todos?

Já fazia três semanas que Beth não ia à igreja. Sentia falta de tudo — de louvar e orar, da comunhão e do sermão. Por fim, foi a vez de Coal Valley receber o pregador itinerante, e haveria um culto de verdade para participar. Ela sentiu como se a alma estivesse faminta e agora começasse a salivar ao ter a chance de jantar novamente. Ela ajudou Molly a servir o café da manhã, apressou-se para se vestir com uma das roupas mais elegantes — pois o pai sempre a ensinou a usar o melhor para a igreja — e desceu as escadas assim que Molly e as crianças se reuniram no vestíbulo.

— Você está muito bonita — comentou Molly.

Beth olhou para Molly, vestida com um traje de estampa azul suave e luvas brancas, com o cabelo penteado com cuidado e coberto com um pequeno chapéu.

— Você também está linda.

Elas começaram a andar em fila a curta distância pela rua até o auditório da mineradora. Era uma grande sala ampla, construída para atender muitas necessidades, e agora estava cheia de fileiras de cadeiras simples. No centro, havia uma mesinha coberta com um tecido púrpura, na qual havia uma Bíblia aberta e uma grande cruz de madeira. O pastor, vestido de terno preto, estava sentado numa cadeira ao lado, esperando o início do culto. Molly os levou para a terceira fila de bancos e Marnie sentou-se ao lado de Beth, que sorriu e deu um tapinha carinhoso no braço da mocinha. Ao redor de Beth havia pequenas famílias de mães e filhos. Ela notou apenas quatro homens espalhados entre eles — entre os quais não havia nenhum dos homens que compartilhavam a mesa de Molly.

Não havia órgão para acompanhar o canto, mas Beth se emocionou quando uniu sua voz em coro com os outros, criando uma harmoniosa adoração. O que a comunidade não tinha em termos de instrumentos foi compensado com doces harmonias. Mais uma vez, percebeu como era intensa a falta que sentia de música aqui.

Beth observou o pregador enquanto proferia o sermão sobre o livro de João. Ele era um rapaz jovem, provavelmente recém-saído da faculdade, mas sua paixão era clara e suas palavras eram diretas. Este Jesus que tinha vindo era Deus vestido em corpo humano, Ele veio para amar os que criou — para perdoar, redimir e libertar; para curar e restaurar. E não havia mais ninguém com o poder de fazer

isso. Jesus proporcionou o único meio de salvação para o nosso mundo de pecado e morte. Os olhos de Beth brilhavam com lágrimas ao ouvi-lo articular tão bem o Evangelho.

— Irmãos e irmãs — ele implorou-lhes, enxugando um lenço em sua testa brilhante —, eu sei que este mundo tem sofrimentos... dificuldades... e, às vezes, desespero. Mas nosso Deus tem um presente... uma esperança e um futuro para cada um de nós. Se apenas aceitarmos a maneira pela qual ela vem: a entrega de nossa vontade à dEle — em fé e obediência.

— Amém — sussurrou Beth. — Amém.

E em seu coração, ela orou para ter mais fé para ouvir a voz de Deus de forma plena. Em seguida, eles receberam orientação para abrir os hinários mais uma vez e erguerem as vozes para cantar: “Confiar e obedecer, pois não há outra maneira de ser feliz em Jesus, além de confiar e obedecer”.

O coração de Beth estava repleto. Ela se virou para seguir os outros que saíam lentamente pelo corredor. Quando chegaram à porta, foram recebidos pelo pastor, que estendeu a mão calorosamente em direção à Molly.

— Sra. McFarland, que prazer vê-la de novo. Teddy e Marnie, fico feliz que tenham vindo hoje. — Então ele se virou para olhar para Beth. — Bom dia. Perdoe-me, mas creio que não nos conhecemos. Meu nome é Philip Davidson.

De repente, Beth se sentiu um pouco tímida.

— Esta é Beth Thatcher — Molly a apresentou. — Ela veio pra dá aula na escola.

O rosto do pastor se iluminou.

— Ora, isso é maravilhoso. Ouvi falar como as mães estavam ansiosas pela sua chegada. Confio que a senhorita tenha se sentido bem recebida.

— Sim, sim. Obrigada.

— E as aulas já começaram?

— Sim, começamos.

Naquele momento, Beth não conseguia pensar em mais nada a acrescentar. Esforçou-se para encontrar palavras inteligentes e hesitou de forma desajeitada.

O pastor abriu um sorriso.

— Bem, talvez tenhamos mais chances de conversar. A Sra. McFarland graciosamente me convidou para almoçar, junto com um amigo meu.

— Que bom — respondeu Beth rapidamente.

— Então até mais tarde.

Beth se afastou com o rosto corado por ter fracassado em manter uma conversa tranquila com o jovem pastor eloquente. Ela repreendeu a si mesma enquanto seguia Marnie pelo portão caído.

Assim que a pequena família de Molly chegou em casa, cada um correu para ajudar a preparar a refeição. Molly puxou o frango assado do forno, Teddy mexeu no fogo e acrescentou mais lenha, Beth amassou as batatas cozidas, enquanto Marnie aquecia as ervilhas no molho cremoso. Havia pão fresco fatiado, uma salada de gelatina brilhante e torta de maçã para a sobremesa. Em pouco tempo, Molly terminou o molho e a refeição estava pronta para ser servida na mesa.

Os funcionários da empresa já estavam reunidos na sala de jantar. Por alguns minutos, houve certa inquietação enquanto esperavam pelo aparecimento do pastor e seu amigo. Assim que os ouvidos alertas de Molly captaram o som da chegada dos convidados na varanda da frente, ela avisou que era hora de reunir as travessas e levá-las para o aparador.

Ao colocar as travessas uma ao lado da outra, Beth se virou para os homens esperando para se sentar e ficou chocada ao vislumbrar uma jaqueta vermelha brilhante entre eles. O rosto dela corou. *Será que era o Edward? Será que ele tinha, de alguma forma, conhecido esse pastor itinerante?* Os homens se separaram e, em vez da cabeleira indisciplinada e castanha de Edward, ela viu que o convidado tinha cabelos acobreados, bem curtos. Ele sorriu para todos em volta do aposento, e apresentava um bigode bem aparado emoldurando os lábios.

— Sra. McFarland, este é o meu amigo Jack Thornton — disse o Pastor Philip apresentando o homem à sua anfitriã, e Molly apertou a mão que o rapaz estendia. — Jack, gostaria que conhecesse

a Sra. Molly McFarland. E esta é a Marnie, o Teddy e a Srta. Thatcher... que tive o prazer de conhecer esta manhã.

Beth acenou com a cabeça para o cavalheiro vestido de vermelho intenso, ansiosa para acalmar os nervos novamente. A lembrança de Edward despertou em Beth uma estranha mistura de emoções.

— Bem — Molly exclamou —, *vamo* todos *comê*, antes que a comida esfrie.

Eles se apertaram ao redor da mesa com cadeiras a mais trazidas da cozinha. Teddy e Marnie receberam permissão para levar os pratos e comerem na varanda da frente. Beth se viu sentada na frente do pastor e do amigo. Ela tinha certeza de que isso tinha sido ideia da Molly.

A personalidade extrovertida de Philip manteve a conversa animada. Depois de liderar discussões sobre vários tópicos com muitas risadas, ele voltou a atenção para Beth.

— Posso perguntar, Srta. Thatcher, de onde a senhorita veio?

— Minha família mora em Toronto, Pastor Davidson.

Ele sorriu.

— Oh, por favor, sinto-me muito mais à vontade se a senhorita me chamar de Philip. Desse jeito, vai me convencer de que acha que sou velho — e suspeito que você não seja *muito* mais jovem do que eu.

— Bem, então, Philip — ela repetiu —, a maior parte da minha família ainda mora em Ontário, mas tenho uma parenta que leciona no norte e é casada com um oficial da Real Polícia Montada Canadense. — Enfim, Beth encontrou a língua para falar. — E onde você mora?

— Eu vivo viajando por aí. — Parando para passar uma travessa, ele prosseguiu. — Jack e eu dividimos uma casa em Calgary por vários meses. Agora, *aí* está um homem realmente velho — quase trinta anos, pela minha última contagem. Embora duvide que ele admita. — Eles trocaram olhares divertidos. — Nos dávamos muito bem, até que comecei a viajar por causa do meu trabalho. Receio que tenha praticamente abandonado o Jack.

— E eu sou um homem pior por causa disso — foi a resposta que veio junto a uma risada.

Philip riu.

— Isso é tudo uma grande verdade. Você é um cozinheiro terrível e um péssimo dono de casa. E agora está por aí sozinho. Quem vai cuidar de você agora?

Beth se viu rindo junto com eles.

— E você, Philip? Você se sai um pouco melhor? Cozinha bem? — ela brincou.

Uma voz alta foi ouvida na outra extremidade da mesa:

— Ora, ora, senhorita? Você está fazendo uma oferta a ele?

Beth sentiu seu rosto ficar vermelho escarlate. Ela queria fugir da sala, mas em vez disso, olhou para o colo, sabendo que todos os olhares estavam observando sua reação.

A resposta tranquila de Philip foi dada ao homem sem ter ao menos um indício de repreensão ou constrangimento, mas foi claramente para auxiliar Beth.

— Tenha misericórdia, Walter! A senhorita Thatcher acabou de começar um trabalho importante aqui em Coal Valley. Seria uma tragédia para eles perdê-la agora. Vamos dar-lhe uma chance de ver o que Deus tem reservado para ela aqui. — E então, sem parar para respirar, acrescentou: — Ei, percebi que os reparos na mina estão bem adiantados. Quando acha que vocês começarão a distribuir carvão outra vez, Henry?

Quando a atenção de todos fora dispersada, Beth conseguiu se recompor, profundamente grata por ter sido resgatada de seu constrangimento. Mas durante o restante da visita, ela falou muito pouco.

Assim que Philip e seu amigo estavam indo em direção à porta, e Molly desapareceu para embrulhar um pouco de frango para que levassem, Philip se aproximou de Beth.

— Srta. Thatcher, foi um imenso prazer conhecê-la. Lamento não termos conseguido conversar mais sobre seu projeto de ensino. Eu acredito de verdade que você recebeu um grande trabalho para

realizar aqui. — O olhar dele era intenso. — Essas crianças... elas precisam de tanto amor agora, e isso exigirá alguém que possa estar sempre aqui para lhes estender a mão. Esse é um dos aspectos difíceis do meu trabalho como pregador aqui — nunca tenho tempo suficiente para servir as pessoas adequadamente, de forma individual. Quero que saiba que vou orar por você.

— Obrigada, Philip. Eu lhe agradeço muito.

Beth meditou e orou a respeito do o que o pastor dissera durante o restante da tarde. Ela se perguntou quanta instrução bíblica as crianças estavam de fato recebendo quando se sentavam com as mães para um culto na igreja a cada três domingos. Quando era criança, Beth ia para a igreja todas as semanas e também ouvia o pai ler a Bíblia diariamente — e a mãe, um pouco relutante, assumia a tarefa sempre que ele estava ausente.

Mas o que o papai podia fazer? Era o trabalho dele que atendia às necessidades da família. Beth imaginou que até algumas das mães do vilarejo não sabiam ler. Era uma pena que os alunos tenham recebido tão pouca instrução. Enquanto escrevia a carta que enviava para a mãe todas as semanas, Beth derramou suas preocupações com as crianças, mencionando alguns alunos pelo nome e descrevendo a situação deles com mais detalhes do que antes.

À noite, Beth procurou mais uma vez o conselho de Molly.

— Estou pensando em começar uma classe bíblica. Quem sabe reunir as crianças algumas vezes por semana. Você acha que haveria algum interesse em algo assim?

— Isso seria muito bom.

A resposta de Molly foi encorajadora.

— Então você acha que eu poderia... que eu deveria tentar?

Molly hesitou.

— Isso não é a mesma coisa. Acho que as mães dariam permissão para que eles viessem, pois acho que ensinar a Bíblia é algo excelente. Mas não posso dizer que isso é algo que Deus quer de *você*. Você tem que perguntar a *Ele* sobre isso. Mas, querida — Molly agregou — obedeça ao que Ele disser. Se Deus disser que sim, então não deixe ninguém impedi-la. Mas se Deus disser não, então Ele não vai estar nessa obra. Não faça isso apenas para agradar um homem.

A Beth enrubesceu.

— Oh não... não é... eu não estava... não tem nada a ver com o pastor.

Mas as advertências de Molly fizeram com que Beth colocasse novamente os joelhos no chão, para que tivesse certeza.

Na manhã de segunda-feira, ela havia elaborado um plano e dado os passos iniciais para realizá-lo. Primeiro, Beth procurou o superintendente da mina, Henry Gowan, enquanto ele descansava na varanda, tomando a última xícara de café antes de voltar para o escritório. Ela pediu e recebeu permissão para usar o auditório da empresa nas noites de terça e quinta-feira. Então, durante os momentos livres na segunda-feira, ela escreveu um bilhete para cada uma das mães.

Beth descreveu uma classe bíblica onde as crianças iriam representar as histórias, em vez de apenas ouvi-las sendo contadas. Ela os ajudaria a montar o primeiro esqueleto sobre os dias da criação na noite do dia seguinte.

Depois da escola, ela passou o bilhete para cada uma das famílias. Enquanto ela e Marnie colocavam o salão em ordem, algumas mães apareceram na porta, trazendo o bilhete em mãos, cheias de perguntas.

— Que idades a senhorita está planejando aceitar?

— Quanto vai custar?

— Você quer que as mães fiquem? Ou será que posso só deixá-los aqui?

Beth sentiu-se encorajada pelo interesse das mulheres e esperava que a maioria das crianças participasse. Ela não esperava, no entanto, descobrir que o público naquela noite seria quase tão grande quanto no domingo de manhã, onde cada mãe estava sentada de forma distinta ao lado de seus filhos. Beth estava um pouco incerta sobre como proceder.

Ela tentou fazer um anúncio que saiu bastante fraco.

— Bem, acredito que tenha explicado que este clube é para as

crianças. Não é necessário que os pais permaneçam, a não ser que queiram ficar.

Nem uma mãe se mexeu. Elas apenas sorriram uma para a outra e olharam de volta para Beth.

O que ela devia fazer? Beth começou o que planejava.

— Crianças, faremos uma encenação. Vamos aprender as histórias bíblicas participando delas. Espero que vocês sejam corajosos e estejam dispostos o bastante para participar. Acho que vai ser muito divertido. Então vamos começar. Hoje à noite, tenho vários papéis para distribuir. Preciso de um voluntário para ser o Adão. — Gabe Stanton levantou a mão e Beth entregou ao garoto um pequeno roteiro. — Preciso também de uma Eva.

Seguiram-se risadinhas. Agora que as crianças perceberam que haveria a formação de um casal entre um menino e uma menina, eles hesitaram em se voluntariar. Beth escolheu uma garotinha bem mais novinha, Maggie Frazier, e esperava que isso terminasse com as brincadeiras. E tinha razão, terminou mesmo. Entregou o papel de serpente para Georgie Sanders, que recebeu uma rodada de vaías por interpretar o papel de diabo; e deixou Peter McDermott narrar a parte de Deus, para um coro de gracejos ainda mais alto.

— Silêncio, por favor. Então — ela instruiu —, vocês, as outras crianças, farão o papel do restante da criação. — Beth levou alguns minutos para dividir as tarefas para árvores, estrelas, lua e animais. — Vamos ler a história uma vez antes de começarmos a atuar — para que estejamos bem familiarizados com o enredo. Ouça atentamente para saber seu lugar na nossa peça. Quando subirmos ao palco, vocês vão ter que saber quando devem entrar e qual ação executar. Por exemplo, as plantas podem levantar suas flores e galhos para o céu. — Beth demonstrou cada pose. — Estrelas e lua podem brilhar, dessa forma. Ela ergueu rapidamente os braços em torno de sua cabeça. — Os animais podem se mover um pouco, mas, por favor, sem ruídos. — Mais risadinhas. — Só por esta noite, eu serei a narradora.

Nada foi tranquilo e bem executado. Beth chegou ao ponto do desespero em alguns momentos, tentando fazer qualquer progresso ao longo da história. Mas no final, eles conseguiram praticar e apresentar a história da criação e a origem do pecado do início ao fim. Beth caminhou para frente mais uma vez, preparada para se desculpar com as mães por um desempenho tão desastroso de uma história

bíblica. *O que a minha mãe teria pensado sobre uma forma tão descontraída de apresentar uma passagem bíblica?* Mas, para espanto de Beth, as mulheres pareciam estar encantadas com o que as crianças fizeram.

Então, em vez disso, Beth abordou com todos eles uma reflexão improvisada da história que acabavam de testemunhar. Ela explicou como o pecado veio ao mundo quando esse primeiro mandamento foi desobedecido, e que cada pessoa nascida depois herdou uma natureza pecaminosa, bem como a maldição da morte. Beth os recordou do que o Pastor Davidson havia explicado no domingo — sobre Jesus ser a única solução. Enquanto olhava para o salão lotado, pediu-lhes que parassem um momento e orou em voz alta para que o Espírito tocasse o coração deles, para que entendessem e acreditassem. Depois, ela os despediu, e os alunos foram saindo em todas as direções ao mesmo tempo, rindo e provocando uns aos outros sobre seus papéis. Beth ficou aliviada ao perceber que as crianças pareciam ter desfrutado da noite.

As mães se juntaram ao redor dela.

— Que história vai contar na quinta-feira, Srta. Thatcher? Acho que meu Thomas vai querer fazer um papel da próxima vez — agora que entendeu como funciona. Gostaria de vê-lo tentando. A senhorita vai representar todas as histórias da Bíblia? — e assim por diante.

— Muito obrigada por virem — Beth repetiu a cada uma das mães enquanto respondia às perguntas da melhor maneira possível.

Observando atentamente Esther Blane, Charlotte Noonan e Abigail Stanton, Beth chamou cada uma das senhoras quando chegaram. Ela tinha dividido os tecidos que comprara para trazer naquela noite, e encontrou oportunidades de falar em particular com essas mães para que costurassem para ela. As mulheres ficaram visivelmente satisfeitas por assumirem os projetos.

Entre dar as aulas, avaliar e preparar a sala todos os dias, Beth tinha muito pouco tempo para a preparar as esquetes. Pensou que só um pequeno cenário e trajes básicos podiam ser incluídos — mas ela simplesmente não conseguia preparar mais itens. A imaginação seria essencial — que maravilha, as crianças eram abençoadas com abundância dessa característica particular.

Na quinta-feira, a multidão da noite foi um pouco maior.

Molly decidiu comparecer e trouxe a amiga Frances. Desta vez, Beth apresentaria a história muito mais curta de Caim e Abel. Como havia apenas três papéis para atuar, ela dividiu a peça em narrações mais curtas e permitiu que vários alunos tivessem a chance de ser o narrador. Dessa vez, as coisas pareceram funcionar muito bem, com um pouco de intervenção necessária quando Daniel Murphy passou tempo demais “matando” seu irmão Abel. Isso foi recebido com risos, e Daniel deliciou-se na satisfação de ter roubado a cena, até mesmo se curvando no final, causando ainda mais risadas.

Beth entendeu bem depressa que era melhor encarar passagens mais curtas — mesmo que houvesse menos papéis — e simplesmente certificar-se de revezá-los a cada semana entre todas as crianças.

No sábado, ela já recebeu dois lindos vestidos confeccionados com cuidado. Beth sentiu-se abençoada por poder pagar a Charlotte Noonan, mãe de David, por seu trabalho. Talvez isso ajudasse a abrandar parte do conflito entre a família Noonan e os Stantons. E Beth podia imaginar que seria uma grande ajuda, já que o bebê de Charlotte era esperado a qualquer momento.

Beth também conseguiu organizar as suas festas do chá, e convidou os quatro alunos mais velhos. Ela planejava comprar biscoitos no armazém da empresa, mas Molly não ia permitir que isso acontecesse.

— Comprado no armazém! Era melhor, então, dar a eles papelão. Vou assar uma grande fôrma. Você pode servir um pouco na sua festinha elegante, e vou guardar um pouco para o jantar.

O adorável jogo de porcelana que a mãe enviara foi disposto na mesa da sala de jantar. Na hora certa, Addison Coolidge e sua irmã, Luela, chegaram vestidos com a melhor roupa de domingo. Eles se juntaram a Teddy e Marnie, ficando rígidos e desajeitados do lado de dentro da porta.

— Por favor, não precisam ficar tímidos. Isto é para vocês. Vocês são os convidados de honra hoje.

Ela fez um gesto com a mão em direção à mesa posta.

Ainda assim, os meninos hesitaram. Beth sentiu que iria ajudá-los se ela lhes desse algumas instruções. Mantendo a voz prática, ela explicou como os “homens” deveriam ajudar as “senhoras”, segurando as cadeiras antes que elas se sentassem. Com

alguns sorrisos desajeitados e rostos ruborizados, a tarefa foi cumprida.

Beth serviu o chá para todos eles e colocou o guardanapo em seu colo. Ficou satisfeita ao ver que eles a acompanharam, e passaram de um para outro o prato de biscoitos de aveia recém-tirados do forno. Quando Beth finalmente conseguiu envolver os meninos na conversa, descobriu que Teddy tinha muito a dizer, quando animado pela presença do amigo. Eles descreveram com muitos detalhes um ninho de esquilos que encontraram, como eram suaves e pequenos os bebês, como eram macios quando os tocavam — pelo menos até a mãe voltar. Eles rapidamente colocaram os filhotes de volta dentro do abrigo na árvore, e saltaram de lá, ouvindo a pobre mãe tagarelando de raiva, contorcendo-se e correndo atrás deles. Beth descobriu que gostou demais da história, além da chance de conhecer melhor seus jovens pupilos.

Depois que o chá da tarde acabou, Beth ficou emocionada por ser convidada pelas crianças a visitar o local de pesca favorito deles ao longo do rio. Os Coolidges correram para casa para trocar de roupa, enquanto Beth, Teddy e Marnie faziam o mesmo, e depois se encontraram próximo ao rio. Beth segurou uma vara por um tempo, mas logo a passou para aqueles que tinham mais experiência. Ainda assim, partilhou da satisfação das crianças no caminho para casa, levando três belas trutas para serem preparadas na ceia de Molly, enquanto Addison e Luella levaram duas para a mãe deles.

Liderando o caminho, os meninos seguravam as varas no alto, com as trutas amarradas; de repente, os dois pararam no caminho. Beth se apressou adiante.

Addison estava gesticulando em direção ao rio, e Teddy parecia estar conduzindo-o na direção oposta. Beth podia ver um homem à distância, transportando um pequeno barco até a costa.

— Você o conhece? — ela questionou a Teddy. Ele balançou a cabeça com firmeza.

— Nunca vi *ele* antes. — O garoto olhou para o homem novamente. — Mas é melhor não *incomodá ele*. Deve tá só pescando. Melhor a gente ir em frente.

Addison começou a falar, mas Teddy o cortou rapidamente.

— Eu disse não, Addie.

Beth olhou de um garoto para o outro, questionando-se o que estava acontecendo. Mas antes que ela pudesse descobrir, os meninos começaram a andar novamente, e ela e as meninas precisaram correr para acompanhá-los.

Depois de ter exibido a história de Noé e o dilúvio, Beth escolheu apresentar a Torre de Babel. Durante o ensaio, ela notou que um cavalheiro mais velho, que tinha uns sessenta e tantos anos, havia entrado e se sentado na parte de trás do corredor. Como ele estava obviamente vestido mais como um mineiro do que como um funcionário da empresa, Beth achou estranho. Ficou pensando se era um dos trabalhadores recém-chegados. No entanto, ele era muito mais velho do que ela esperava que fosse um homem contratado para um trabalho tão árduo. Beth decidiu que se apresentaria a ele após a peça.

Por fim, as caixas de madeira vazias, que estavam sendo usadas para fazer a torre, caíram durante a apresentação. Beth estava tão ocupada supervisionando o retorno apropriado das caixas para o armazém da empresa, que o homem já tinha partido no momento em que estava pronta para cumprimentá-lo. Mais tarde, ela perguntou a Molly sobre o homem.

— Oh, sim, aquele é o Velho Toquinho. Ele é um mineiro — ou pelo menos era. Perdeu a mão em um acidente. Foi uma pena. Tinha um bom trabalho na liderança de uma equipe.

Lentamente, Beth compreendeu o significado do apelido do homem.

— Não vai me dizer que o chamam de Toquinho por ele ter perdido a mão?

Molly riu e deu de ombros.

— Acho que sim. Parei de ficar pensando nisso. Mas é isso que significa.

— Isso não... bem, não o deixa magoado?

— Sei não. Nunca ouvi ele dizendo nada.

Beth fez uma careta.

— Qual é o nome dele de verdade?

Levou alguns instantes para Molly se lembrar.

— É Russo. Frank Russo. Ele é da Itália — mas fala inglês muito bem. Faz muitos anos que está por essas bandas. Ele é um bom homem. Conhecia o meu Bertram. Eles costumavam jogar bilhar juntos. — Ela riu para si mesma. — É engraçado a gente *chamar ele* de velho... já que não pode ser mais de oito ou dez anos mais velho que eu. Acho que o Velho Toquinho teve uma jornada longa e difícil.

— O que ele faz... agora que não trabalha na mina?

— Ajuda todo mundo na maior parte do tempo. — Molly suspirou. — Às vezes na mina — ele trabalhou com explosivos por tanto tempo que passaram a confiar nos conselhos dele. Então, desde que a mina caiu, ele está ajudando as viúvas. Só umas coisinhas — madeira extra no monte, por vezes um saco de maçãs ou um assado de veado. Só larga lá e some no mundo, antes que possam agradecê-lo como deveriam. Conhecia todos os maridos delas. Trabalhou lado a lado com eles — até liderou a equipe de alguns deles. Um bom homem, o velho Frank.

— Espero que ele volte novamente.

— Acho que vai voltar, sim.

Beth lançou uma olhadela para Molly.

— Posso ser sincera?

— Você *num tá seno* até agora?

Ela piscou para Beth.

— Eu nem sei por que os adultos estão vindo. Consigo ver que as crianças estão se divertindo, mas a atuação é malfeita, e temos muita dificuldade para manter o roteiro. É tão caótico. Não sei por que está atraindo tanta gente.

— *Cê* não sabe? — Molly balançou a cabeça e riu. — Eles *tão* aprendendo, querida. *Tão* aprendendo junto com as crianças.

Beth não tinha considerado tal possibilidade.

— E qual é a razão para *você* vir assistir?

— Eu ainda tenho algumas coisas para aprender. — Então os olhos de Molly brilharam de forma divertida. — Além disso, é

engraçado demais assistir todas as bobagens — e você tentando bravamente manter as coisas acontecendo. Seu rosto quando a torre caiu... foi impagável!

Molly riu a contento, e Beth não pôde deixar de se juntar a ela.

— Srta. Thatcher, Srta. Thatcher! Há um policial lá fora.

Marnie tinha acabado de colocar a última das cadeiras em ordem e estava olhando pela janela. Beth, que estava recolhendo seus livros e as folhas, imediatamente pensou em Edward. Ela antecipara que ele faria uma aparição em algum momento. Ele ia dizer que estava seguindo o pedido do pai para ficar de olho nela.

Marnie estava soando bastante nervosa.

— Eu acho que ele está vindo para cá! Devo deixá-lo entrar? Fizemos algo errado? Ou algum dos meninos...?

— Está tudo bem, Marnie. Sim, por favor, convide-o a entrar.

Beth deu uma ajeitada no cabelo e desenrolou as mangas do vestido. Edward, sem dúvida, desaprovava o vestido simples, feito em casa.

A porta do salão se abriu, mas não foi Edward quem entrou na sala. O casaco era o mesmo, mas o rosto era o do amigo de Philip, com o bigode cor de cobre. Beth deu um passo para trás, tentando se recuperar de... sua inesperada decepção.

— Boa tarde, Srta. Thatcher. Espero não tê-la perturbado.

— Não... não, de forma alguma. Eu... Eu pensei...

O rapaz pareceu compreender a confusão de Beth.

— Você estava esperando o policial Montclair?

— Ora, sim! *Como é que ele sabia?* Ela se apressou mais uma vez para ocultar sua surpresa. — Ele é um... amigo... da família. Pensei que talvez... — Então um novo pensamento escureceu seus olhos. — Ele não está... não está machucado, está?

— Não, senhorita. Oh, não! — o rapaz mais que depressa a assegurou. — Eu o vi na semana passada. Ele sabia que eu estava sendo destinado para ficar nesta área, então me pediu para passar e ver como você está se saindo por aqui.

— Ah, sim, e obrigada — respondeu Beth. — E onde ele está agora?

— Ele acabou de ser transferido para o norte.

— Para o norte?

— Sim, creio que foi para Athabasca. Ele pediu para lhe dizer que lamentava não ter podido vir aqui para vê-la antes de partir.

— Obrigada... por trazer a mensagem, quero dizer. — Então agregou: — Admito que você me assustou por um momento. Pensei que talvez tivesse acontecido alguma coisa. Seus pais ficariam... bem, veja bem, eles são amigos da família. E eu...

— Não, não — afirmou ele, apressando-se em aliviar sua preocupação. — Não aconteceu nada. Lamento tê-la alarmado. Talvez eu devesse ter enviado uma mensagem pelo correio...

Ela corou e tentou começar de novo.

— Claro que não — disse ela, tentando expressar sincera gratidão. — Foi muito gentil da sua parte transmitir a mensagem do Edward. Sinto muito — só me pegou um pouco desprevenida. Mas estou aliviada por saber que ele está bem. Tenho certeza de que Edward estava animado com seu novo... posto?

Jack Thornton assentiu.

— Posto — isso mesmo.

Finalmente, Beth conseguiu se lembrar de suas boas maneiras.

— Peço desculpas, mas não me lembro do seu nome — de quando nos conhecemos no jantar de domingo.

Com um sorriso amável e um mesura de brincadeira, ele disse:

— Cabo Jarrick Thornton, ao seu serviço, senhora. Mas meus amigos me chamam de Jack.

Motivada pelo brilho em seus olhos, ela perguntou:

— Como a sua mãe o chama?

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Bem, ela me chama de Jarrick, Srta. Thatcher... sempre

Jarrick.

Agora que havia virado as mesas*, Beth podia ver que ele estava se questionando se ela estava zombando dele ou se era uma brincadeira bem-humorada.

— Eu gosto da escolha da sua mãe.

Beth estendeu a mão.

— É um prazer conhecê-lo, Jarrick. — Enquanto apertavam as mãos, Beth se lembrou de Molly trabalhando no jantar. — No entanto, receio que tenha que me despedir. Foi muita gentileza da sua parte vir tão longe apenas para entregar a mensagem do Edward.

— Posso ajudá-la de alguma forma?

— Obrigada, mas não precisa. — Beth puxou a mão, e então olhou para a mão dele. — Oh, meu Deus, posso ter-lhe dado um pouco de pó de giz com o meu aperto de mão. — Ela esfregou a palma da mão na saia. — É algo que acompanha o ofício de professor.

Jarrick virou a própria mão.

— Sem pó de giz. Sinto-me enganado.

Beth se sentiu um pouco perturbada com a conversa.

— E você disse que vai estar na nossa área? — ela perguntou, mudando a direção da conversa abruptamente.

— Em Blairmore.

— Oh, e fica aqui perto? Eu ouvi esse lugar ser mencionado, mas não percebi que era grande o suficiente para um... o que é que têm num “posto”, então, uma cadeia?

Ele sorriu, e Beth notou uma pequena covinha quase escondida sob o bigode bem cortado. Ela se perguntou se ele deixava crescer o bigode para cobri-la e parecer mais autoritário em seu trabalho.

— Não é tipo uma prisão — admitiu Jarrick. — É uma nova localidade. O posto é estabelecido mais por segurança e auxílio do que para impor força da lei, na verdade. Mas tentamos ter postos espalhados por toda a província, caso sejamos necessários.

Só então Marnie, esperando no corredor, deixou cair um livro e assustou Beth.

— Oh Deus — ela disse — eu tenho mesmo que ir. Temos trabalho a fazer em casa.

— Peço desculpas, Srta. Thatcher. Segurei a senhorita por aqui tempo demais. — Jarrick ficou apenas mais um momento, porém, esfregando a borda do chapéu com as mãos. — Foi um prazer vê-la novamente.

— Sim, e obrigada. Isto é, eu agradeço — por trazer saudações do Edward. Muitas vezes fiquei me perguntando como ele estava se saindo. Às vezes me perguntava se talvez ele tivesse voltado para casa.

— Oh, não, posso assegurá-la; ele se adaptou muito bem ao nosso trabalho aqui no oeste. É muito comprometido com o trabalho. Está indo muito bem. Ele está se transformando em um bom oficial, em especial como investigador. Parece que essa é a parte do trabalho que mais o atrai. Espero que ele seja cada vez mais utilizado nesse papel.

Beth acenou com a cabeça e esfregou as mãos na saia mais uma vez.

Com um aceno solene, Jarrick devolveu seu Stetson à cabeça e se virou para sair.

— Oh, poxa vida, eu quase esqueci. — Ele buscou dentro do bolso do casaco por alguma coisa. — Edward ia ficar muito irritado comigo. Ele me disse para me certificar de que você recebesse isso. — Ele tirou do bolso um pequeno objeto. — Creio que há um bilhete em algum lugar.

A mente de Beth estava girando, pensando no tamanho e na forma da pequena caixa embrulhada em papel marrom. *Um presente? Alguma joia? O que poderia significar?* Ela rasgou o pacote e suspirou surpresa, sem conseguir acreditar. No mesmo instante, seus olhos se encheram de lágrimas e a sala começou a girar enquanto ela lutava para recuperar o fôlego. *A bússola do pai...* Beth perdeu a força nas pernas.

Jarrick rapidamente a alcançou e a segurou, e depois a levou a uma cadeira próxima e agachou-se ao lado de Beth. Sem conseguir prestar atenção em mais nada, Beth apoiou a cabeça no ombro de

Jarrick e soluçou. Passaram-se muitos minutos e só então Beth se deu conta, endireitou-se e desviou o olhar.

— Sinto muito — ela sussurrou, sentindo-se humilhada com a reação emocional. — Eu posso explicar... — ela começou, mas mais lágrimas escorriam por suas bochechas.

O policial logo puxou uma cadeira para se sentar ao lado de Beth, e olhou para ela com uma expressão confusa e preocupada.

Ela enxugou as lágrimas com uma mão, a outra se agarrando firmemente ao que havia sido devolvido.

— É... é a bússola que meu pai me deu quando vim para o oeste. Foi roubada no caminho... pensei que jamais a veria novamente. Como é que o Edward...?

Ele apontou para o chão.

— Talvez o bilhete explique. Posso... ?

Jarrick estendeu a mão, pegou um pedaço de papel que havia caído no chão e o colocou nas mãos de Beth.

As palavras simplesmente saíram sem que ela percebesse.

— Lamento por ter me emocionado. É só... era do meu pai... e é tão especial para nós, especialmente para mim, e ele confiou aos meus cuidados, e...

— Entendo. — Mas Jarrick parecia estar mais preocupado com o estado de espírito de Beth do que com a explicação. — Eu pensei que talvez fosse um presente... bem, do Edward.

— Oh, não. Meu pai... ele passou anos no mar. Esta bússola — ele disse que era para guardá-la para que... eu sempre fosse capaz de... — A voz de Beth sumiu e ela respirou fundo. — De encontrar o meu caminho para casa...

Os lábios dela começaram a tremer e Beth os cobriu com rapidez com a mão.

— Eu entendo. Entendo mesmo — disse Jack com tranquilidade.

Não havia palavras que Beth pudesse encontrar para explicar adequadamente a a forte reação que teve a esse homem, inclinado

diante dela, avaliando sua condição. Ela não conseguia pensar em mais nada a dizer. De repente, Jack estava pegando sua mão e levantando-a suavemente.

— Srta. Thatcher, eu tenho uma irmã. Sinto muita falta dela às vezes. E se ela tivesse perdido algo tão precioso assim, sei que se sentiria exatamente como você se sentiu. E eu... eu a teria amado por isso. — Jack a fitou por um longo tempo. Então o momento passou, e ele deu um tapinha na mão dela e a soltou, mais uma vez assumindo seu papel de espectador atencioso. — Tem certeza de que se recuperou?

— Oh sim. Tenho certeza.

Ela se levantou para provar.

Ele também se levantou, acenou com a cabeça e se virou para partir.

— Espero vê-la novamente em breve, Srta. Thatcher.

Beth o viu desaparecer pela porta e ouviu seus passos se afastarem.

Só então o rosto pálido de Marnie surgiu de onde ela estava esperando, no corredor.

— Srta. Thatcher, você está bem? — ela perguntou ansiosamente.

Beth olhou para o bilhete não lido, ainda preso na mão. Sentiu-se emocionada demais para lê-lo naquele momento, com medo de que não se debulhasse em lágrimas outra vez. A Molly estava esperando para o jantar.

Ela acenou que estava bem para Marnie, pousou a mão nos ombros esguios da garota e as duas se viraram para ir para casa. Leria o bilhete mais tarde, na solidão de seu quarto.

Ociosas nuvens brancas flutuavam no céu, prometendo um lindo sábado. Beth passou a manhã com Marnie, colhendo os últimos produtos do jardim. Ela se ofereceu para ajudar também no processo de fazer as conservas, mas Molly a tirou da cozinha, insistindo que Beth encontrasse alguma maneira de descansar.

— *Ocê também teve umas semana* muito ocupadas, com todas as *aula*, o Clube da Bíblia e os chá da tarde *extravagante pra* completar. Além disso, *faiz ano* que eu e a Frances *tamo* fazendo as *conserva junta*. *Nóis meio que temo* nosso jeito de *fazê* as *coisa* — explicou Molly com as sobrelanceiras erguidas e um sorriso significativo.

Beth não pôde deixar de rir.

— De modo que só vou ficar atrapalhando o trabalho de vocês — Beth brincou.

Frances assentiu de onde estava sentada na mesa, trabalhando rapidamente com a faca para descascar e cortar as últimas cebolas para as conservas.

— Sim, e duas *mulhé* na cozinha é mais do que suficiente, Srta. Beth, mesmo que *ocê num* seja maior que uma moedinha.

Depois de organizar o segundo chá da tarde na sala de jantar, desta vez para James, Bonnie e Peter, a sugestão de Molly de relaxar parecia muito boa. Então, quase por acidente, Beth se virou para o bosque e começou uma caminhada.

Ela caminhou em direção ao riacho. Usando as mesmas grandes pedras usadas por Teddy e Marnie, ela cruzou onde era raso e amplo, saindo na margem oposta. Foi fácil, então, encontrar o ponto profundo e rochoso de onde ela e os quatro jovens haviam retirado cinco trutas grandes. Beth parou e sorriu pensando na memória do dia, satisfeita com as oportunidades de se aproximar de seus alunos.

O dia estava quente, e Beth estava sendo perseguida por um constante enxame de mosquitos, mas os sons serenos da água borbulhando e o chilrear dos pássaros compensavam as criaturas incômodas ao redor de sua cabeça. As montanhas ofereciam um cenário imponente para a exuberante floresta que se aglomerava em direção à ampla costa rochosa. A visão fez com que Beth recordasse do estereoscópio da mãe e de se juntar à Julie para ver as cenas no visor

ao mesmo tempo. Ela sorriu ao recordar, e se inclinou para pegar um talo de ásteres violeta.

Beth caminhou furtivamente ao longo da borda de uma clareira, colhendo uma grande variedade de flores para um buquê, e mantinha os olhos atentos para qualquer tipo de movimento ao redor. Ela nunca tinha ido tão longe sozinha. Cautela e ousadia brigavam entre si na mente de Beth, mas ela prosseguiu — sempre um pouco mais distante — empolgada com a ideia de ser a primeira pessoa a entrar em um bosque tão intocado.

Um par de esquilos tagarelas caiu um sobre o outro, correndo de um lado para outro na floresta, enquanto reuniam os alimentos para o inverno. Beth os seguiu até a colina, rindo de suas travessuras. Quando os dois desapareceram sobre a colina, ela se virou para refazer os passos. Mas ela não conseguia nem ver nem ouvir o riacho. Por um momento, sentiu uma pequena pontada de incerteza — e então disse a si mesma que, à medida que descesse, devia ser fácil localizar a água, atravessar e estar a caminho de casa.

Um fecho de luz indicava outra clareira, e Beth tomou o caminho em direção a ela. Passando por cima dos arbustos e desviando-se dos galhos baixos, Beth esforçou-se para sair pela clareira. O prado era longo e estreito, estendendo-se pela borda da encosta. Do ponto de vista privilegiado, Beth tinha a visão mais bonita do vale abaixo e da cadeia de montanhas mais além. As árvores nas encostas mais distantes estavam salpicadas de amarelo e laranja claros. O clima mais frio havia induzido as cores do outono, agora brilhantes contra o verde escuro dos pinheiros e abetos.

Olhando mais de perto, podia ver a cidade aninhada na encosta do outro lado, com os telhados escondidos aqui e ali. O pequeno trecho da rua principal formava apenas uma ínfima lacuna entre as árvores. E mais distante, ao leste, estava a estrada, longa e estreita através do vale próxima ao rio. Na encosta da montanha, o sol da tarde expôs uma área escura na face da rocha. Parecia ser um tipo de abertura de uma caverna. *Será que era feitura da natureza, ou era outra vez uma operação da mineradora?* Então, houve um fato curioso enquanto Beth a observava desaparecer de vista. Não demorou muito para perceber que apenas os raios do sol destacaram a abertura por alguns momentos — e depois ela sumiu, ficando novamente escondida nas profundas sombras lançadas pelas árvores próximas. *Quase como se nunca tivesse existido*, ela ponderou. Beth bateu palmas alegremente enquanto pensava, *Julie e eu teríamos achado esse lugar maravilhoso para explorar e se esconder!* O som fez um eco delicioso ao seu redor.

Beth contemplou todo o vale mais uma vez, e o olhar se desviou um pouco para o oeste da cidade. Questionou-se por um instante sobre uma abertura nas árvores, larga e irregular, e um amontoado de estruturas. Rapidamente, ela percebeu que decerto estavam associados à mina.

Ela, então, identificou o desvio dos trilhos que levavam o carvão, estendendo-se ao longo do vale. Beth ficou maravilhada ao se dar conta de como todo o trabalho da mina estava ocorrendo próximo à cidade. *Não é de se admirar que o barulho das operações da mina seja tão facilmente ouvido em nossa sala de aula*, ela pensou.

A visão das montanhas ao redor era de tirar o fôlego — toda essa paisagem magnífica a cercava todos os dias. E, no entanto, ela estava tão envolvida com as próprias responsabilidades e cuidados, que não tinha conseguido apreciar a beleza do cenário... como se as pinceladas da própria mão de Deus fossem evidentes na beleza que via à sua volta.

Pela primeira vez desde que chegou, tentou imaginar o término de seu tempo em Coal Valley. *Como será sair deste lugar e não voltar mais?* Ela decidiu experimentar tudo mais plenamente, fazendo caminhadas mais longas sempre que pudesse.

Ao olhar para o céu, Beth concluiu que era hora de retornar. Ela notou que o sol baixara atrás dos altos picos com mais rapidez aqui. Agora que o sol já havia começado a se pôr, ela abriu caminho pelas doces gramíneas do prado e chegou ao perímetro antes da fileira de árvores. *Espero que seja aqui o lugar por onde entrei no prado...*

Enquanto ela procurava por qualquer coisa familiar nos arredores, Beth viu uma pequena cruz cinza desgastada, pouco acima da grama. Ao se aproximar, percebeu que estava disposta sobre um monte de rochas, marcando o que claramente era um túmulo. Curiosa, ela deu um passo à frente, quase tropeçando sobre uma figura que estava agachada. O homem se levantou devagar. Era o mineiro chamado de velho Toquinho.

Beth arfou, muito surpresa, e recuou, mas o homem parecia imperturbável por sua presença.

— Desculpe-me — ela gaguejou. — Sinto muito! Não queria me intrometer.

— Eu sabia que a senhorita *tava* aqui — afirmou o homem. — Não precisa *pedi* desculpas.

Ela respirou fundo.

— Não quero incomodá-lo, senhor. Vou apenas...

— *Tá* tudo bem — garantiu ele de pronto. — Eu *tava* mesmo querendo *conhecê* a senhorita. Muito melhor que seja aqui. Eu sou Russo. Frank Russo.

Ele estendeu a mão esquerda.

— Eu sou Beth Thatcher — ela respondeu, erguendo a mão direita automaticamente e, em seguida, após uma rápida correção, oferecendo a esquerda. — Sou a professora da escola.

— Sim, senhorita, eu sei. Vi você com os pequenos. — Beth assentiu. — As crianças, elas têm sorte de ter você. — Ele sorriu e se moveu pelo vale. — A senhorita *tava* admirando a beleza do Senhor, não é?

Ela assentiu de novo em resposta. Depois pensou em perguntar:

— Sr. Russo, percebi que tinha uma... uma caverna, ou algo assim, ali em cima. É...

— É um *vêio* poço da mina — ele respondeu sem delongas. — Não é *pra* aventuras, senhorita. Por favor, não vá explorar. Não é um lugar seguro *pra* uma mocinha, entende? Por favor, não...

— Eu entendo — assegurou Beth para tranquilizá-lo.

Mas Beth não pôde deixar de questionar sobre a evidente agitação do homem. Apesar disso, mudou o olhar em outra direção.

Beth sentiu uma certa tranquilidade enquanto estavam juntos na quietude. Por fim, perguntou baixinho:

— Sr. Russo, posso perguntar de quem é este túmulo?

Ele suspirou e se sentou de novo, do jeito que estava antes, descansando em um tronco.

— Minha esposa. A minha Colette.

— Oh, eu sinto muito. — Beth se ajoelhou na grama e observou o rosto dele por um momento.

O homem não parecia abatido nem perturbado por aquela pergunta, havia apenas uma terna reverência estampada em seu semblante. Beth estendeu a mão e colocou no túmulo as flores que estava segurando, ao lado de um buquê que ela sabia que devia ter sido colocado ali pelo Frank. A cabeça dele balançou em agradecimento.

Beth levantou-se para se sentar em uma grande rocha ali perto e perguntou com suavidade:

— Há quanto tempo o senhor a perdeu?

— Tantos anos atrás — suspirou ele — e ainda sinto falta dela... como se fosse ontem.

— É um lugar de descanso tão bonito e pacífico.

— Ela amava esse lugar. Era como se ela fizesse parte das montanhas — eu não suportava a ideia de levá-la para outro lugar. E como ela estava aqui — eu não podia deixá-la sozinha. Nunca mais voltei para a Itália, nunca quis voltar.

— Você pode me contar sobre ela?

Ele sorriu, mas não para Beth — era um convite para beber com intensidade de suas preciosas memórias mais uma vez.

— Eu a conheci aqui, neste vale — quando era apenas um rapaz e ela não passava de uma menina. Eu vim da Itália em busca de trabalho, e ela já estava aqui com os pais. Depois de um tempo, nos apaixonamos e nos casamos, assim que o pai dela nos deu permissão. — Frank peneirou um punhado de terra com seixos através de seus dedos retorcidos. — Ela era tão linda, a minha Colette. Os olhos dela eram grandes e castanhos, e estavam sempre rindo — tão cheios de vida. E nós éramos tão felizes juntos. Mudamo-nos para morar na cidade por algum tempo, mas as montanhas nos chamaram de volta para casa. Então ela quis um bebê. Eu disse: ‘Colette, não precisamos de mais ninguém, temos um ao outro’. — Ele suspirou. — Mas a mulher, ela precisa de um bebê. E, por muito tempo, nós esperamos e oramos juntos. Mas ainda assim, nenhum *bambino*. Eu disse a ela: ‘Vamos comigo de volta para a Itália. Visitamos a minha família. Eles vão amá-la como eu a amo’. — Ele sorriu em lembrança. — Fizemos nossos planos, economizamos o dinheiro, e então, aconteceu. — Uma lágrima que deslizou pela bochecha foi ignorada. — Ela estava tão feliz, o bebê finalmente estava vindo.

Muitos minutos de silêncio se passaram entre eles. Beth manteve os olhos distantes, sem querer interromper as memórias cheias de emoção. Quando a voz de Frank retornou, estava controlada e resignada.

— Eu perdi minha Colette na primavera, quando a bebê nasceu. Perdi as duas. Todas as pequenas flores da primavera estavam à sua volta quando a colocamos aqui. E então eu fiquei. Como poderia deixá-la sozinha?

De repente, ele se levantou.

— Senhorita Beth, já está escurecendo, você precisa ir para casa.

— Oh, Deus, eu não percebi...

— Por favor, senhorita, venha comigo. Vou levá-la muito mais depressa.

— Obrigada, Sr. Russo.

Ela se levantou rapidamente e o seguiu por um caminho estreito que levava quase direto para baixo da encosta. Eles disseram muito pouco um ao outro enquanto se apressavam. Num piscar de olhos, a luz minguou e tornou-se difícil enxergar. Beth acompanhou Frank o mais rápido que pôde, mantendo os braços levantados em sua frente para proteger o rosto de galhos de árvores. Então, enxergou as luzes à frente. Não era a cidade — mas havia vozes.

— Onde nós estamos? — ela exclamou atrás do Frank.

Ele mandou-a se apressar.

— Nós cruzamos a passarela aqui para o acampamento. E, em seguida, tem apenas uma curta caminhada de volta para a cidade. — Ao redor deles, as figuras começaram a tomar forma ao entardecer. Beth hesitou no primeiro passo que deu na ponte improvisada. — Está tudo bem. Estou com você. Vamos, senhorita, por favor.

Ela o encarou e cautelosamente cruzou a estrutura estreita. Vários homens começaram a se mover em direção a eles.

— Eh, Francesco!

Uma voz profunda chamou a atenção de todas as direções.

Beth não entendeu nenhuma das palavras que se seguiram, aqueles homens enchendo o ar ao seu redor com vozes estranhas e animadas.

— Meus amigos — Frank exclamou em inglês — conheçam a nova professora, eh? Por favor, abram caminho para a senhorita Beth.

Mais palavras se seguiram, mas Beth não entendeu nada. Pensou que talvez tenha entendido Frank repetir seu nome junto com outras palavras em italiano. Enquanto ele falava, os homens abriam caminho para o centro do acampamento. Beth tentou se encolher o máximo que pôde, sentindo-se muito desconfortável e fora do lugar. *O que a minha mãe diria se pudesse me ver...?* Mas resolveu tirar o pensamento da mente e, não pouco assustada, seguiu atrás de seu salvador.

Frank chamou alguém por perto, e dois homens se aproximaram. Beth podia ver que um deles era o motorista que a levou para Lethbridge.

— Alberto, você conheceu a senhorita Beth antes, certo? Venha, diga olá.

Saindo de trás da figura do pai, Paolo a cumprimentou com certo espanto.

— Ah sim, que bom vê-la novamente, senhorita. — E então acrescentou: — Como é que veio parar aqui? E no escuro?

— Eu saí para dar uma caminhada — ela respondeu um pouco ofegante. — Encontrei o Frank na floresta, e ele está me mostrando um caminho mais rápido para casa. Eu... Eu perdi a noção do tempo...

— Eu fiz isso uma vez — disse Paulo com um sorriso juvenil. — Será a única vez, posso garantir.

Beth viu que o Frank estava se afastando.

— Gostaria que tivéssemos tempo para conversar, Paolo, mas preciso ir para casa. Se tiver uma chance, por favor, passe pela escola ou pela pensão. Seria tão bom conversar com você de novo — disse Beth, voltando-se para a figura de Frank na escuridão.

— Eu gostaria muito, Srta. Thatcher — Paolo exclamou atrás dela.

— Abram o caminho, *amici* — Frank direcionou os homens que estavam ao seu redor. — Nós levamos a professora de volta para casa *pronto*.

Enquanto se moviam entre as pequenas estruturas do pequeno acampamento, Frank fez apresentações amigáveis da *Senhorita Thatcher*. Embora ela não conseguisse ver os rostos na escuridão, havia algo reconfortante ao ouvir as saudações confiantes de Frank.

Mas assim que eles deixaram o acampamento para trás, Frank se virou para ela e disse em voz baixa:

— O Paolo, ele não vai poder vir para a cidade. Você sabe disso, não é?

Beth parou e olhou para o homem idoso.

— Ele não pode?

— Não, senhorita.

— O chefe da mina não dará a ele nem uma folguinha?

— Não é o chefe da mina. Os estrangeiros não são bem-vindos na cidade.

— Mas por quê? — Beth ficou perplexa com essa revelação. — O que...?

— Eles acham que não podem confiar na gente — ele resumiu.

— Mas *você* vem às vezes...

— Sim — respondeu secamente. — Eu tinha uma esposa... uma esposa *canadense*. Veja, as mulheres, elas não vivem no acampamento. Assim, a Colette e eu fizemos uma cabana na floresta, não muito longe. Mas passou muito tempo para que me considerassem confiável. Minha Colette — ela ganhou os corações das mulheres dos mineiros. Frank gesticulou que eles fossem adiante. — Quando eu perdi a minha mão — ele disse por cima do ombro — eu não conseguia mais trabalhar. Mas não podia ir embora, porque ela e a pequena estão lá em cima na montanha. A maioria das pessoas, elas parecem entender. Eu tinha sofrido o suficiente, suponho. Acho que a Srta. Molly fez com que as mulheres mudassem de ideia... a meu

respeito.

— Eu creio que sim! — Beth exclamou.

A voz dele era suave com resignação.

— Não, senhorita, eu entendo. Somos estranhos. De uma terra distante. Viemos sozinhos, sem esposas ou famílias. Nós não falamos da mesma forma. Elas precisam proteger os seus especialmente agora, que os homens delas se foram.

— Mas não parece certo — insistiu Beth.

— Certo? É como as coisas são. Por que deveriam deixar novos homens, que elas nem conhecem, perto de seus pequenos *bambinos*?

Com mais uma curva do caminho na escuridão, Beth viu que eles tinham entrado na cidade logo atrás do salão da empresa. Ela estava quase em casa.

— Muito obrigada, Sr. Russo. Eu nunca teria encontrado meu próprio caminho na...

— Se não estivéssemos conversando lá na montanha, você estaria em casa muito antes — disse ele mais que depressa. — É minha culpa. Mas, por favor, Srta. Beth, chega de subir a montanha. É melhor não seguir aqueles caminhos. Por favor.

— Você quer dizer os homens no acampamento...?

— Não, não. Não os mineiros, eles são bons homens. Mas, por favor... sem perguntas. Apenas... apenas siga o conselho desse velho e não suba a montanha. Caminhe até o riacho próximo, talvez — mas não sozinha. E nunca suba a montanha.

— Eu entendo — disse Beth, embora tenha ficado intrigada por causa da intensidade dele. — Beth estendeu a mão esquerda mais uma vez. — Estou muito grata pela sua ajuda, e muito feliz por tê-lo conhecido, Sr. Russo. Espero vê-lo com frequência.

Ele sorriu, sua expressão cálida.

— Achei que iria gostar de você, Srta. Beth, e gostei mesmo. *Buonanotte*. Boa noite.

Como Beth esperava, Molly não se conteve ao repreendê-la

por ficar na rua até tão tarde.

— Estávamos prontos para ter uma síncope, querida! Quase prontos para chamar a cavalaria para procurá-la. Só imagine ter que ir atrás desse novo rapaz — o tal de Jack Thornton, não é? — para encontrar você. Ou mandar esses homens já cansados pra dentro da floresta no escuro pra caçá-la... — E assim ela prosseguiu. Beth ficou aliviada quando Molly chegou a: — E nós não conseguíamos *imaginar* onde você podia estar...

Porém Molly prosseguiu com o sermão sem questioná-la.

Beth imaginou como ficaria envergonhada em se perder na floresta e ser encontrada pelo Jarrick. Decidiu que nunca mais faria tamanha tolice.

Na igreja, na manhã seguinte, Beth não sabia o quanto de sua escapada imprudente já havia sido revelada. Mas ela conseguiu deixar tudo de lado quando a riqueza dos hinos encheu o singelo salão e Philip pregou outro sermão inspirador. Beth percebeu que a mensagem de Philip elevava seu espírito como poucas outras fizeram antes — mensagem tão sincera e apaixonada, e tão cheia de verdade eterna. Ele tratava dos mesmos conceitos bíblicos que Beth sempre ouvira, mas explanava como se o Céu e a Terra estivessem na balança. E Beth foi desafiada a apoderar-se do mesmo zelo para cuidar da própria vida.

Tanta coisa aconteceu desde a última refeição que Philip partilhou com eles, e Beth se viu ansiando por ter uma conversa com ele. Então, ficou satisfeita ao saber que Molly o esperava para mais um almoço de domingo. Com os outros hóspedes presentes, perguntou-se como eles poderiam conversar em um ambiente onde não fossem interrompidos.

Philip se ofereceu para ajudar com os pratos e se recusou a permitir que Molly o dissuadisse da ideia. Isso significava que Beth poderia ter sua atenção em particular enquanto ele lavava e ela secava. Molly estaria agitada em torno deles, guardando as sobras de comida, mas apenas comentando aqui e acolá. *Era o ideal*, ela pensou. Os dois conversaram de forma agradável enquanto trabalhavam juntos, antes que o pastor mudasse o rumo da conversa.

— E ouvi dizer que você também esteve muito ocupada com um novo Clube da Bíblia.

A resposta de Beth veio num sobressalto, quando ela descreveu as alegrias e as frustrações de trabalhar nos esquetes com os alunos — tudo acontecendo bem diante dos olhos da maioria da comunidade. Ele ouviu com atenção, sorrindo e fazendo caretas conforme lhe convinha.

— Estou orgulhoso de você, Beth. Tenho certeza de que essa obra que está realizando será usada por Deus de maneiras que você nem consegue imaginar agora. A Palavra de Deus nunca volta sem fruto. É uma promessa.

Ela sorriu, mas admitiu:

— Não é o que eu imaginei que seria — tem sido muito mais difícil e menos inspirador do que eu pensava. Mas francamente, acho que as crianças estão aprendendo, e esse sempre foi o objetivo.

Molly inseriu um comentário mais uma vez.

— E eu disse *pra* ela que as mães *tão aprendeno* também.

— Tenho certeza de que é isso mesmo — Philip concordou.

Molly saiu para a sala de jantar, e Philip olhou para Beth com um brilho travesso nos olhos.

— Ouvi dizer que você teve uma pequena aventura ontem à noite — brincou ele. — Ou talvez devêssemos chamar isso de desventura.

A expressão do pastor lhe afirmava que ele não a estava repreendendo.

Mas uma risadinha de Molly indicou que ela havia retornado enquanto colocava sobras de batatas em uma tigela. Philip olhou para Molly por cima do ombro e entregou o próximo prato para Beth.

Beth circulou lentamente a superfície do prato com o pano enquanto tentava frasear sua resposta da forma mais adequada.

— Sim, receio que tenha sido uma experiência bastante assustadora. Mas, além disso, também conheci o Sr. Russo — no túmulo da esposa dele na floresta.

Philip a encarou surpreso.

— Você conheceu? Já sabia a respeito do túmulo?

— Não, eu estava apenas andando e acabei topando com ele lá. Ele me contou um pouco sobre Colette e como ela morreu. Que história triste.

— Sim, é verdade. Mas ele é um homem extraordinário.

— Eu concordo. A Srta. Molly já me contou sobre as gentilezas que ele faz para ajudar as viúvas e suas famílias.

Molly interveio:

— Ele é um bom homem, não tem como *negá* isso.

Philip assentiu.

— Sim, o Frank tem um coração muito bom e sabe demonstrar o amor com suas ações.

A conversa prosseguiu, e Beth começou a se perguntar como abordar o tópico que ocupara sua mente a maior parte da noite anterior. Então Molly largou o avental no gancho e pediu licença, justo a oportunidade que Beth esperava.

— Posso fazer uma pergunta? — ela começou a dizer, segurando fixamente o pano e a última xícara. — Eu estava pensando... há algo sendo feito em benefício dos homens que vivem no acampamento?

Philip pareceu um pouco perplexo. Ele fez uma pausa e perguntou:

— Você quer dizer a respeito das necessidades pessoais ou espirituais?

Beth descobriu que não conseguia responder à pergunta dele de forma tão concisa quanto fora questionada, logo, tentou outra abordagem.

— Conheci um rapaz que acabou de se juntar ao pai na mina. Ele fala inglês muito bem, mas o pai não fala. A família é da Itália.

— Você está se referindo a Alberto Giordano. Eu soube que o filho dele viria morar com o pai em breve, mas não sabia que já tinha chegado. Você conheceu o rapaz? Paolo, acredito que seja o nome dele?

— Sim, é o Paolo. Ele é um bom rapaz — mas ele tem apenas

quinze anos. Ele recebeu certa educação e é claramente inteligente, com um talento para as línguas. Entristece-me saber que a única vida que tem diante de si, o que é bem provável, seja a labuta na mina. Tenho a impressão de que há pouca esperança de conquistar algo mais na vida.

Philip assentiu.

Beth achou difícil explicar tudo o que havia em seu coração.

— Será que não há algo que possa ser feito por ele?

Houve outra longa pausa.

— É uma questão complicada, Beth — disse Philip lentamente. — Eu compreendo como você se sente, e admiro seu coração terno. Eu também partilho de sua preocupação e, acredite, o mesmo acontece com o conselho distrital da igreja. Quando decidimos começar este trabalho, nossos líderes distritais se aproximaram da empresa de mineração. Eles são donos de toda a terra onde está o acampamento, assim, precisávamos da permissão deles para nos envolver com os homens, convidá-los para um culto. Disseram-nos que os homens — os recém-chegados — tinham sua própria “religião”, e não podíamos confundi-los, intrometendo-nos com nossa “marca canadense de cristianismo”. Simplificando, a resposta deles foi um belo *não*. Podíamos usar o salão deles para as outras pessoas na comunidade, mas não para os trabalhadores do campo. Estamos de mãos atadas. — Ele parou um momento, olhando para o prato em que estava trabalhando. — Admito que esperávamos alcançá-los, discipulando os outros homens da comunidade que trabalhavam ao lado dos italianos — encorajando-os a compartilhar o amor de Cristo com os colegas de trabalho. Agora, a maioria desses homens se foi. — Ele parou e balançou a cabeça. — Eu não sei. Talvez não seja assim tão complicado. Quem sabe seja mais difícil ignorar um problema que já existia, agora que a maioria dos mineiros veio do outro lado do oceano.

Ele entregou o último prato a Beth, secou as mãos em uma toalha e virou-se para se apoiar na mesa de trabalho.

— Eu gostaria de saber qual seria a resposta, Beth. Não consigo imaginar como é a vida para eles. Não há nem espaço suficiente para abrigar todos eles de forma adequada. Quando estive lá pela última vez, vi que alguns ainda moravam em tendas. Acho que, a essa altura, terminaram de construir algumas moradias adicionais,

mas devem ser miseráveis — e agora com a aproximação do inverno...

Beth nem sequer considerava as preocupações reais sobre habitação e clima, e as restrições que a empresa de minas impusera sobre eles.

— Paolo me sugeriu uma vez que gostaria de ensinar inglês — disse ela. — Se eu trabalhasse com ele, talvez isso ajudasse um pouco.

As sobranceiras de Philip se uniram em concentração.

— Pode ser. Pelo menos começaria a remover a barreira do idioma que existe entre eles e os habitantes da cidade. — Ele balançou a cabeça. — Mas para ser honesto, não consigo imaginar uma situação em que isso seria aceitável. As pessoas por aqui estão preocupadas com a segurança, como deveriam estar, e não tem interesse em convidar homens estranhos para estar no meio deles — sobretudo agora, que perderam os maridos, seus protetores. Creio que isso apresentaria o maior obstáculo — não o *se*, mas o *onde*? — Ele olhou nos olhos dela. — Só posso dizer que se Deus está chamando você para se envolver de alguma forma, então Ele proverá os meios para que isso aconteça. E se houver alguma maneira de ajudar, prometo que farei o que puder.

— A mineradora proibiu os homens de entrarem na cidade?

— Frank Russo deve saber disso melhor do que eu. Suspeito que não seja tanto um caso de proibição, mas sim uma forte sugestão. Eles, sem dúvida, são informados de que é melhor se não interferirem na vida da cidade — talvez, velados por trás de alguma declaração como: “não causar problemas”. Qualquer mineiro que fizesse algo ofensivo seria enviado de volta à Itália. Para eles, ser demitido e mandado de volta é uma ameaça real, afinal, eles vieram porque precisam do dinheiro para suas famílias.

— Bem, agora é uma faca de dois gumes — observou Beth. — A mineradora desencoraja os mineiros a se misturarem, e as mulheres da cidade têm medo desses homens que não conhecem ou entendem.

Philip assentiu.

É de fato muito complicado e tão triste. Aqui, temos homens muito próximos a quem queremos apresentar a fé em Cristo — e não podemos conversar com eles, nem mesmo convidá-los para um café.

Mas você já esteve no acampamento?

— Eu já entrei lá com o Frank em algumas ocasiões. Bem — não realmente *lá dentro*. Frank trouxe alguns mineiros para se encontrarem comigo do lado oposto da estrada, em frente aos barracos, não em terra da mineradora. Frank está bastante preocupado com os homens — e embora ele ainda receba uma pensão da empresa e seja trazido regularmente como um especialista experiente, os empresários parecem não querer que ele passe muito tempo com os mineiros mais jovens. Talvez achem que a presença do Frank poderia deixar os homens inquietos — que eles exijam um melhor tratamento. Houve greves em outras minas. Ainda assim, Frank tem certa influência, tenho certeza.

— Então você acha que eu jamais poderei ajudar o Paolo com uma aula de Inglês.

Philip hesitou e depois respondeu:

— Não como as coisas estão agora. Sinto-me tão frustrado quanto você. Parece que chegamos a um impasse.

— Mas e se... e se algo acontecer? Outro colapso? Outro acidente — e eles não ouvirem as boas novas do Evangelho? Estou... Receio que terei dificuldades para dormir só de pensar em tal desastre — tanto o físico quanto o eterno.

Philip balançou a cabeça e Beth pôde ver que ele também estava profundamente perturbado. Embora se sentisse desanimada, ela agradeceu a Philip por ser franco. Parecia não haver maneira de ajudar. Ainda assim, Beth estava decidida a não desistir. Continuará orando para que Deus movesse alguém — de alguma forma.

Escreveu uma longa carta para casa descrevendo a situação dos mineiros, tão isolados do resto da sociedade. Mas se viu mais uma vez editando a verdade. Como a mãe responderia ao saber de um acampamento assim? Como poderia descrever Frank Russo de maneira condizente? E o que a mãe pensaria a respeito da possibilidade de sua interação com esses homens no futuro? Beth se perguntou se a mãe não pegaria o próximo trem para o oeste para resgatar a filha.

Beth largou a carta e apertou as mãos contra o rosto. Era um dilema que ficava cada vez mais desconfortável. Através das cartas, Beth queria que a mãe ficasse tranquila ao saber que Coal Valley era um lugar seguro, onde a influência da filha podia ser válida e produtiva. Estava convencida, em seu coração, de que essas coisas

eram verdadeiras, mas se as descrições que apresentava não eram o quadro completo, será que não estava sendo, na verdade, mentirosa? Ela estava essencialmente professando toda a independência e autossuficiência, por meio das fracas tentativas de não preocupar sua mãe? Os sentimentos de culpa permaneceram firmes — mesmo enquanto se esforçava tanto para trabalhar pelo bem...

Enquanto Beth caminhava pela estrada empoeirada para a escola, na segunda-feira, a mente estava em Paolo e no resto dos mineiros do acampamento fora da cidade. Se não estivessem cientes da presença deles, poderia parecer que eles nem existiam. Ela se perguntou como seria viver tão perto de uma cidade e, no entanto, ser totalmente excluída dela.

Todavia, mesmo enquanto se questionava a respeito disso, lembrava-se de que ela mesma ainda era uma estranha, apesar de seu crescente carinho pela população de Coal Valley. Na verdade, até mesmo Philip era, de fato, um estranho. Talvez houvesse uma razão – uma boa razão – para que essa divisão desagradável e marcante fosse aceita por toda a cidade. Será que as pessoas aqui sabiam de problemas dos quais ela não sabia nada? Nem mesmo Molly, na verdade, tinha tocado no assunto. Beth sabia que era prudente ter cautela antes de se intrometer. E, no entanto, não podia deixar de se preocupar com Paolo. Ele era um jovem educado e articulado; com certeza, algo poderia ser feito para ajudá-lo. E talvez, através dele, ajudar os outros.

Beth estava entrando no corredor sombreado que conduzia à sala de aula quando foi lembrada daquelas passagens profundas para a montanha. Não podia imaginar como seria passar os dias no fundo das paredes escarpadas de rochas e madeiras. Sem sol, sem ar fresco. O próprio pensamento a fez sentir-se claustrofóbica.

E os perigos? Muitos homens em Coal Valley já tinham perdido a vida na terrível calamidade subterrânea. Como esses mineiros substitutos podiam se atrever a voltar para as profundezas daquela mina? Como as esposas e famílias podiam até mesmo cogitar deixá-los entrar nos túneis? E rapazes jovens, como Paolo... a própria ideia fez Beth tremer.

Ao abrir as janelas, na adorável manhã de outono, ela ouviu os sons de seus alunos chegando para outro dia de aprendizado. Seria um dia perfeito para levar a turma para uma caminhada pela natureza. Ela se perguntou como as mães responderiam a essa ideia e desejou ter tido a presença de espírito de perguntar para Molly. O inverno logo chegaria, e tal oportunidade poderia não se apresentar novamente.

No entanto, sabendo dos sentimentos dos habitantes da

cidade em relação ao acampamento dos mineiros, será que esse passeio seria considerado como algo positivo? Certamente, a noção de que os mineiros passavam os dias nas profundezas da montanha proporcionaria às mães confiança suficiente para permitir tal excursão. Controlando-se, Beth apressou-se com os preparativos de última hora para a aula, antes que fosse hora de tocar o sino para chamar os alunos para dentro. Eles, sem dúvida, estavam aproveitando cada minuto do adorável clima de outono e não tinham pressa em sair do ar livre.

Beth olhou mais uma vez pela janela e notou Teddy e Addison envolvidos em um papo animado do outro lado da rua. Suas mãos gesticulavam como parte da conversa, e as risadas chegavam aos ouvidos de Beth — o que quer que fosse devia ser extremamente divertido.

Ela ficou olhando para eles, meditando profundamente. *Por quanto tempo mais os alunos maiores vão ter permissão para serem crianças? Eles já assumiam tarefas responsáveis como os mais velhos em suas casas. Será que em breve vão ser levados para longe da sala de aula e obrigados a assumir algum tipo de ocupação? Quanto tempo eles terão que se preparar para a vida como adultos?*

Desanimada por seus pensamentos, Beth orou, *Por favor, Senhor, que não seja nas minas.*

Não acontecera, até aquele momento, de Beth perceber o quanto o desastre que ocorrera na mina a perturbava. Ela havia recentemente encontrado o relato de outra tragédia, um deslizamento que ocorreu em 1903, numa cidade chamada Frank, que não ficava a muitos quilômetros de distância. Grande parte da cidade havia sido soterrada quando o lado da montanha cedeu e cobriu a cidade, e muitas vidas foram perdidas. Beth tentou acalmar o coração angustiado com a verdade que ela conhecia. *Sim — Deus é bom, e Deus está no comando.* Mas, apesar de sua fé nEle, o medo quase consumia sua confiança, e Beth se perguntou se os jovens alunos também sentiam a incerteza, o medo.

E os próprios mineiros? A parte mais assustadora era que ela não tinha ideia se eles estavam prontos para morrer. *E se eles não estiverem prontos para a eternidade e ninguém for capaz ou estiver disposto a compartilhar a verdade com eles?* Beth acreditava na sincera preocupação de Philip, mas se perguntou por que alguém que falava italiano não havia sido enviado para cá. Melhor ainda, alguém para ensinar inglês a eles, fazer amizade, prepará-los para o convite do

Evangelho. *Algo precisa ser feito... e logo.*

Uma leve batidinha na porta do lado de fora trouxe Beth de volta. Ela levantou a mão e percebeu que ainda estava segurando o sino da escola... e que ainda não o havia tocado. Ela se moveu rapidamente do corredor até a porta. Os jovens alunos se amontoaram na porta, de olhos arregalados e silenciosos, olhando para Beth até que Sadie ousou perguntar:

— Vamos ter aula hoje?

Beth levantou o relógio preso ao vestido e arfou. Já havia passado quinze minutos da aula.

— Oh, meu Deus — foi tudo o que conseguiu dizer. — Oh, meu Deus. Lamento muitíssimo, eu estava perdida em pensamentos. Sinto muito.

Sadie se virou e acenou com a mão em direção a um grupo de meninos ajoelhados no chão, próximo aos arbustos.

— Eles ainda estão jogando bolinhas de gude — Sadie informou à professora Beth.

Beth olhou outra vez para o sino silencioso em sua mão.

— Entrem! — ela convidou o grupo de estudantes mais jovens diante dela, e balançou firmemente o sino.

Os meninos se levantaram, espanando os joelhos enquanto se aproximavam. Não demorou muito até que todos os alunos estivessem em seus lugares, como de costume, prontos para recitarem a oração do Pai Nosso. Mas Beth esperava fervorosamente que nenhum dos moradores da cidade estivesse vigiando o relógio e notado o atraso no início da aula.

O dia de Beth terminou da mesma maneira que havia começado — as preocupações com a cidade e com o acampamento que ficava tão perto — e ainda assim estava tão longe — pareciam ainda mais urgentes em seus pensamentos quando voltava para a pensão. Em quem podia confiar? Com todo o seu coração, Beth desejou que pudesse conversar com o pai, procurar seu conselho.

Tinha certeza de que ele compartilharia de sua angústia. Não

fora ele que a aconselhara a descobrir qual era a obra que Deus havia preparado para ela realizar? Beth estava chegando à conclusão de que sua tarefa era muito maior do que simplesmente a sala de aula. É claro, seus alunos eram a principal razão pela qual Deus a trouxera para Coal Valley, mas a menos que algo mais fosse feito — algo pela cidade e pelos mineiros — aqueles que estavam crescendo agora enfrentariam os mesmos problemas dos pais. Para Beth, a maior necessidade de toda aquela região, e a única coisa que os uniria, era uma mesma fé. Mas o que ela poderia fazer? Ela era apenas uma pessoa — e era uma mulher. Beth sentia-se desamparada.

Um pensamento repentino a animou. *Sr. Russo*. Ele conhecia a cidade e o acampamento. Conseguia falar tanto o inglês quanto o italiano. Era muito respeitado em ambos os lugares. Ele era o vínculo comum entre os dois locais. Se os mineiros não pudessem entrar na cidade, ela iria até eles — na companhia de Frank. Ele seria seu acompanhante, seu intérprete, seu colega de trabalho. Beth sabia que ele tinha fé, e que estava tão preocupado com seus compatriotas quanto ela.

Com um passo mais animado, Beth correu para dentro da casa. Aproveitaria a primeira oportunidade para falar com Frank. Mas não ia comentar sobre isso com a Molly, até que eles tivessem conversado. Se Frank vetasse a proposta, Beth aceitaria sua decisão e não insistiria mais no assunto. Enquanto isso, ela oraria a respeito desse plano. De fato, passaria um tempo em oração assim que entrasse no quarto. Ficaria orando até que Molly ou Marnie a chamassem para a refeição da noite. Certamente, a preocupação de Deus era ainda maior do que a sua.

Agora que tinha os fundamentos de seu plano, Beth sentiu-se agitada e animada a noite toda. Sabia que não seria capaz de relaxar até colocar a primeira parte do plano em ação. Ela já tinha passado algum tempo, depois da hora do jantar, analisando algumas cartilhas elementares, escolhendo o que poderia conseguir usar nas primeiras aulas de inglês para Paolo e seus colegas de trabalho. Por último, Beth deixou de lado os livros para preparar as aulas para o dia seguinte.

Era quase meia-noite quando Beth se convenceu a se retirar para descansar. No momento em que foi para a cama, estava desgastada e exausta, e se perguntou se conseguiria de desligar todos os pensamentos que giravam. No entanto, precisava descansar.

Do lado de fora da janela, Beth observou que o céu – antes brilhante, com uma lua cheia e um dossel de estrelas resplandecentes – agora estava escuro e coberto pelas nuvens. Ela podia ouvir a lamúria do vento entre os galhos das grandes sempre-vivas que cobriam a encosta. *Espero que não chova amanhã, para que o Sr. Russo esteja pela região*, ela pensou preocupada. *Precisamos começar logo*. Por fim, ela deve ter relaxado o bastante para cair num sono inquieto, porque a próxima coisa que Beth percebeu foi que uma luz brilhante enchia a janela, e um som estridente e clamoroso sacudia as janelas e parecia sacudir a própria base do edifício. Beth saltou de pé antes que seus olhos estivessem totalmente abertos. *Aconteceu! Outra explosão* — e já era tarde demais. Tarde demais para ensinar inglês. Tarde demais para compartilhar o Evangelho. Tarde demais...

Sem nem mesmo calçar os sapatos, Beth pegou o robe e se lançou para fora do quarto.

— Acordem! — ela exclamou na escuridão. — Aconteceu outra explosão na mina! Acordem. Precisamos ajudá-los.

Beth correu pelo corredor, batendo na porta de cada quarto, depois de volta, acendendo rapidamente uma vela na mesa do corredor.

— Acordem — ela chamou mais uma vez. — Aconteceu de novo. Acordem!

As portas começaram a se abrir. Rostos olhavam para fora com os olhos pesados de sono.

— O que foi isso? — resmungou uma voz rouca, vinda de uma porta escura.

— Uma explosão — exclamou Beth. — Temos que ajudá-los, temos de chegar à mina.

— Uma explosão? Bem, mesmo que seja, não deve ter causado muito mal a ninguém a essa hora da noite. Não tem ninguém nos túneis a essa hora.

Beth não tinha pensado nisso. Será que era verdade?

— Mas e o acampamento? — ela perguntou. — Não está longe da entrada da mina, precisamos verificar — insistiu.

Nesse momento, toda a casa estava de pé. Teddy e Marnie

apareceram, esfregando os olhos e se perguntando o que estava acontecendo. Beth respirou fundo e tentou explicar com a maior calma possível que tinha ouvido uma terrível explosão.

— Não vejo nada — insistiu Walter, abrindo a cortina da janela do corredor e apertando os olhos para enxergar sem os óculos na escuridão. — Mas não consigo ver muita coisa com toda essa chuva.

E então, aconteceu mais uma vez. Um flash no céu que só podia ser um raio seguido por um poderoso trovão.

— Foi isso que você ouviu? — Henry quis saber.

Beth não conseguiu responder. *É o mesmo som?* Será que foi apenas um trovão que a despertou e fez com que sua mente já perturbada tirasse conclusões absurdas?

— Eu... não sei — ela gaguejou. — Eu estava dormindo e ouvi... pensei que era...

Mais uma vez, um zigue-zague de raios atravessou o céu, seguido por trovões que pareciam sacudir toda a casa.

— Ah, francamente! — exclamou Walter. — Ninguém vai dormir depois de toda essa confusão.

Beth estava transtornada, tamanha a vergonha e arrependimento.

— Sinto muito — ela tentou se desculpar — eu... pensei que... sinto muito. Não queria...

Molly se adiantou e puxou Beth para o seu lado como se fosse para protegê-la dos olhares irritados e resmungos.

— Olha, é muito fácil ficar assustado agora — com a mina *começano* as *atividade* novamente depois de toda a aflição. *Vamo só voltá pra* cama e tentar dormir um pouco. Ninguém se machucou aqui, então não aconteceu nada de mal.

Resmungando para si mesmos, os outros hóspedes voltaram para os quartos, e Marnie e Teddy escaparam rapidamente.

Beth ficou estupefata. Molly não tinha removido o braço de sua cintura. Beth virou-se para ela impotente.

— Eu não... Sinto muito — repetiu ela, tentando evitar chorar. — Não foi minha intenção...

— Claro que não — disse a mulher mais velha. Qualquer um de nós podia ter feito a mesma coisa. *Acordá* de um sono profundo ouvindo um barulho como esse... — Ela foi interrompida por outra rodada de trovões. Molly acenou com a cabeça em direção à janela. — Isso também soa como uma explosão para mim. — Molly apertou o braço ligeiramente. — Agora é melhor *voltá* para a cama. Você tem as *criança pra* ensinar, e daqui a um pouquinho vai ser de manhã.

Beth engoliu em seco e assentiu com a cabeça. Ela se perguntou se algum dia seria capaz de superar isto. Podia imaginar os olhares sombrios que receberia na mesa de café da manhã do outro dia.

— Sinto muito — tornou a sussurrar.

Molly não disse nada, apenas deu um tapinha no ombro de Beth, depois um leve empurrão para mandá-la embora, soprando a vela do corredor antes de partir.

Enquanto Beth se movia em direção à porta, um intenso relâmpago iluminou o mundo, seguido por um estrondo de trovões que deve ter despertado toda a cidade. O vento chicoteou a chuva contra as janelas em um novo ataque de fúria. Foi a tempestade mais violenta que Beth já ouviu. Ansiosamente, Beth foi até a janela para olhar mais uma vez para a noite tempestuosa. Ninguém — ninguém em sã consciência estaria fora de casa... e havia pouca chance de encontrar Frank na cidade no dia seguinte.

Espere! Ela abriu mais a cortina. *Certamente estou vendo coisas.* Uma figura se movia pela chuva, inclinada contra o vento, de cabeça baixa e botas lutando a cada passo. *Quem estaria lá fora a essa hora?* A figura parecia estar se movendo em direção à escola. Beth sentiu o medo atingir seu coração mais uma vez. Mas o tal desconhecido passou pela porta da frente e virou no canto do prédio. *Será que ele vai subir a escada? Será que ia para a casa dos Grants?* Beth não tinha ideia de por que alguém se aventuraria nesse clima. Ela balançou a cabeça e se perguntou se estava sonhando novamente. Nada fazia sentido. Ela tinha que voltar para a cama e tentar dormir um pouco.

Beth temia enfrentar os outros hóspedes durante o café da manhã no outro dia. Ela se perguntou se eles haviam dormido tão mal

quanto ela depois de seu alerta equivocado. Sentiu as bochechas queimando enquanto sentava-se na cadeira habitual, mas ninguém sequer ergueu o olhar.

Teddy murmurou bom dia enquanto se sentava ao lado dela, e parecia que o dia iria começar como de costume.

Molly entrou na sala, seguida pela Marnie, com o café da manhã. Beth levou um momento para abrir o guardanapo e inclinar a cabeça para orar pela refeição. Quando disse o amém silencioso, os homens ao redor da mesa já estavam enchendo os pratos. Henry, à sua esquerda, entregou-lhe o prato sem comentários, e a singela refeição prosseguiu em um silêncio quase confortável.

Beth deu um suspiro de alívio e se acomodou para tentar desfrutar do mingau, ovos e torradas da manhã. Ela ajudou Molly e Marnie a tirar a mesa depois que a refeição acabou e os homens foram embora. Nem mesmo Molly tinha algo a comentar a respeito dos acontecimentos da noite anterior. Ela afirmou:

— Que tempestade terrível caiu essa noite. Vi alguns ramos espalhados agora de manhã, mas faz certo tempo que não ouço muitos trovões. Ainda bem que parou — acrescentou, olhando pela janela da cozinha.

Beth se perguntou se o comentário foi feito para aliviar seu constrangimento. Ela estava grata ao reunir os livros e materiais para começar o dia da escola. Mas ela havia dado apenas alguns passos da varanda quando viu Frank Russo com os braços carregados com um feixe de madeira recém-partida. Ela acenou com a mão e correu para alcançá-lo.

— Vejo que está ocupado, Frank, mas seria possível passar pela escola depois que as aulas terminassem?

Por um momento, ele pareceu surpreso, mas depois acenou com a cabeça.

— Sim, senhorita. Tem algo que precise de mim agora?

— Oh! Não! — Beth foi rápida em responder. — Não é algo urgente. Preciso apenas de seu conselho.

— Conselho? — ele sorriu. — Ninguém pede conselhos a esse velho.

— Suspeito que isso não seja verdade — Beth respondeu com convicção e um sorriso.

Os olhos do homem idoso brilhavam.

— A senhorita libera as crianças para casa às três e meia, não é?

Beth assentiu.

— Três e meia.

— Vejo você lá, então — ele prometeu e mudou a carga de braço.

Beth ia ter que ver uma forma de mandar Marnie para casa com os outros para que ela e Frank pudessem conversar em particular.

Frank foi pontual, chegando logo após o fim da aula. Ele estava na porta da sala de aula.

— Estou aqui, senhorita — anunciou.

Beth o cumprimentou calorosamente.

— Admito, Sr. Russo, que fiquei distraída enquanto ensinava hoje — antecipando sua visita e o assunto que gostaria de discutir com o senhor.

Ele a ajudou a tirar o quadro-negro dos ganchos e levá-lo para o armário. Beth falou enquanto puxava as letras do alfabeto da borda do balcão do bar.

— Eu tive uma ideia, mas não sei se será possível realizá-la, e senti que você era o único que tinha mais familiaridade com as pessoas da cidade, bem como com os homens do acampamento.

Ele parou de empurrar a mesa grande e virou-se curioso em direção à Beth.

— O que quer dizer, Srta. Beth?

Não parecia melhor abordagem do que ser direta.

— Gostaria de me oferecer para ensinar inglês aos mineiros. E Paolo, filho do Alberto, poderia ajudar. Ou seja, ajudaríamos uns aos outros. Já falei com Philip... com o Pastor Davidson. Mas queria falar com você antes de tratar do assunto com outras pessoas que realmente moram na cidade. Eu queria ter certeza de que você sente que isso seria aceitável. — Beth esperou que Frank processasse as palavras. — O que você acha?

Ele parecia sem palavras enquanto olhava para ela.

— Por quê? — ele finalmente conseguiu questionar.

Beth se obrigou a desacelerar, a reunir os pensamentos antes de explicar.

— Eu não quero que eles sejam deixados de fora da comunidade — como você foi — disse ela. — E eu sei que falar inglês não vai mudar tudo, mas estou convencida de que vai ajudar. E... —

ela esperava que Frank entendesse — quero que eles possam participar dos cultos da Igreja conosco. É de extrema importância que eles conheçam a Deus e o quanto Ele ama a todos nós. — A voz da Beth ficou embargada. Tudo parecia muito mais realista e sensato antes que formulasse o plano em voz alta. — Sei que sou nova aqui, e que é difícil que eu fique aqui por muito tempo, mas gostaria muito de fazer isso antes que meu ano acabasse.

Frank se sentou numa das cadeiras, absorto em pensamento, enquanto a mão esquerda, sem que ele percebesse, esfregava no toco onde devia estar a mão direita.

Beth moveu-se para tomar o assento em frente a ele.

— Mas nós precisaríamos da sua ajuda, Sr. Russo. Creio que não poderia nem mesmo conversar com a Molly sobre isso, a menos que o senhor estivesse disposto a fazer parte do projeto — para ser meu acompanhante sempre que eu fosse lá para dar aulas para eles.

Frank pigarreou e Beth pôde ver que ele estava segurando lágrimas.

— Eu sabia que iria gostar de você, Srta. Beth. Você tem um bom coração, como... — mas a voz dele falhou.

Beth terminou:

— Talvez como sua Colette?

Os olhos de Beth estavam mareados também.

Frank assentiu e disse.

— Ela também ia gostar da senhorita.

Beth estendeu a mão para tocar levemente a dele.

— Mas quando conversei com o pastor Philip sobre isso, ele demonstrou preocupação a respeito de onde seriam nossos encontros. E esse pode ser um problema maior do que eu pensava. Não podemos chamar os homens para virem à cidade — pelo menos não ainda, e Philip sentiu que seria considerado inadequado eu passar um tempo no acampamento.

— Isso é verdade.

— Que tal se os encontros acontecessem do outro lado da

estrada onde, pelo que entendi, você se reúne com eles algumas vezes?

Ele balançou a cabeça.

— Não tem luz... e o clima não é bom agora.

Os ombros de Beth demonstraram seu desânimo. Ele tinha razão. Com o inverno se aproximando, não daria certo num local ao ar livre.

Beth disse com tristeza:

— Se não tivermos um lugar para nos encontrarmos, não vai funcionar.

— Não desista ainda. A senhorita teve uma boa ideia.

— Mas onde... — Beth começou a dizer, e as palavras desapareceram por pura desilusão.

Por um momento, o homem ficou sentado, absorto em pensamento, e, em seguida, ergueu os braços.

— Mas é muito simples — exclamou Frank. — Nós podemos nos reunir na minha casa.

Frank descreveu a cabana, como ficava entre a cidade e o acampamento, tornando-a o local ideal.

— Você acha que poderíamos usá-la? — sussurrou Beth, a mente já trabalhando através das possibilidades que foram abertas.

— Não é um lugar muito grande, mas é *minha* cabana. Não preciso perguntar como usar minha própria cabana, preciso?

Beth devolveu o largo sorriso.

— Isso seria perfeito, Sr. Russo. Vou falar com a Srta. Molly esta noite.

Frank Russo ficou e conversou com Beth tempo suficiente para ajudá-la a colocar o salão em ordem e, em seguida, pediu licença com um aceno encorajador.

— Você está fazendo um bom trabalho, Srta. Beth.

— Obrigada, Sr. Russo. Muito obrigada!

Beth o acompanhou até a porta. Pouco antes de partir, os olhos de Frank assumiram um brilho travesso.

— Srta. Beth — disse ele em tom provocador — por favor, posso dizer apenas uma coisa a mais?

— Claro que sim — Beth lhe assegurou.

— Você disse que duvidava de que estaria aqui por muito tempo. Quando cheguei a este lugar, planejava ficar pouco tempo também. — Ele piscou de forma graciosa. — E isso foi a cinquenta anos atrás.

Os olhos de Beth se arregalaram e ela teve que rir um pouco enquanto diziam boa noite.

Mas foi diferente para Frank, ela disse a si mesma na caminhada para casa. Ele não assinou um contrato para servir por apenas um período letivo. Ainda assim, esse pensamento lhe deu algo em que pensar.

Beth sabia que teria que abordar o assunto com Molly, talvez a conversa mais difícil até agora. Parecia melhor esperar até que os pratos da ceia fossem lavados e Molly tivesse a chance de descansar com uma última xícara de café. Beth ainda não conhecia a mulher o bastante para conseguir prever sua reação.

Para surpresa de Beth, Molly ficara muito menos relutante em discutir o desafio do que Beth temia. Assim que as restrições necessárias foram estabelecidas, para garantir segurança e decência, Molly agregou mais ideias boas aos planos.

— Você deve manter as turmas pequenas, já que a cabana do Frank não é tão grande. Embora pequena, com certeza vai provar ser o melhor em longo prazo. Mas você pode pedir a alguns dos outros homens que falam inglês para ajudar. Faz bastante tempo que penso que a mineradora devia ensinar eles a falar inglês — mesmo antes de tantos mais chegarem. — Então ela balançou a cabeça e anunciou: — Eu vou junto com você. Agora que o jardim está todo arrumado e escurece mais cedo, posso dedicar algum tempo. Além disso, é bom evitar que as más línguas comecem a falar.

Beth deu um longo suspiro.

— Isso seria maravilhoso!

— Você diz que também falou com o Pastor Philip. Bem, você não perdeu tempo!

Beth corou e baixou a cabeça. Parecia tão estranho estar avançando com algo tão longe de sua esfera normal de influência. Isso era muito mais típico de Julie — atrair muitas outras pessoas para os seus planos. O pensamento era bastante divertido. *Julie não ia ficar surpresa?*

Nas semanas seguintes, os preparativos para as aulas começaram a se encaixar. Beth estava convencida de que as orações a respeito dessa ideia estavam tendo um efeito decisivo. Logo a primeira aula foi agendada para uma noite de sábado, e Beth apressou-se para preparar uma espécie de lição.

Em seu entusiasmo e ardorosas atividades na preparação para o novo desafio, bem como as aulas na escola, os chás e o Clube da Bíblia, Beth se recusou a admitir a Molly ou a qualquer outra pessoa que sua garganta estava começando a ficar dolorida. Na manhã de sexta-feira, ela estava tossindo com frequência. Em vez de sucumbir, Beth conseguiu dar a aula enquanto bebia uma xícara de chá de ervas atrás da outra. Ela estava muito familiarizada com esses sintomas respiratórios — seu corpo frequentemente lutava para combater o que os outros pareciam levar numa boa. Mas, nesta ocasião, Beth sentia-se mais frustrada por causa do momento. E ela estava resoluta que, por causa das orações de todos, a aflição seria de curta duração e não teria muitas consequências.

Destemida, ela e Molly se encontraram com Frank em sua cabana na noite de sexta-feira. Paolo e seu pai também estavam presentes. Foi o emocionante auge de um grande esforço, mas ao mesmo tempo, tudo estava acontecendo muito rápido, e a cabeça confusa de Beth dificultou a concentração no que cada um estava dizendo. Falando muito pouco, ela esperava negar a doença um pouco mais.

Mas Beth acordou no sábado de manhã com a garganta inchada, cabeça abafada e um pouco febril. Simplesmente não havia alternativa a não ser admitir a Molly que ela estava doente. Ela sabia por experiência própria que, assim que a doença tivesse tomado conta, ignorá-la só prolongaria sua miséria. Havia, de fato, pouca necessidade de confessar, pois assim que ela começou a falar, Molly estava alerta.

— Há quanto tempo sua garganta está doendo assim?

Uma mão experiente já estava tocando a testa e as bochechas de Beth.

— Alguns dias — murmurou Beth, engolindo de volta a dor que lhe aferroava.

— Você deveria ter dito. Teddy Boy, pegue a coberta, por favor. Marnie, pegue a chaleira. Vamos cobrir sua cabeça com vapor, e então vai gargarejar um pouco de água salgada. — Quando Teddy voltou, Molly colocou o cobertor em volta dos ombros de Beth. — Sente-se, querida. Vamos fazê-la se sentir melhor rapidamente. Acho que tenho algumas aspirinas por aqui, em algum lugar.

— Não, por favor, Srta. Molly. Não quero desperdiçar sua medicação.

Mas Molly já estava vasculhando o armário de remédios, apesar dos protestos de Beth. Ela deixou-se cair numa cadeira da cozinha e puxou o cobertor para mais perto com os dedos trêmulos. Agora que havia se rendido por completo, Beth percebeu que todo o corpo estava dolorido e rígido.

— Não é justo — ela resmungou de um jeito dramático. — Temos nossa primeira aula hoje à noite.

Molly voltou com um copo de água e dois comprimidos pequenos.

— Tome — ela ordenou. — Sinto muito que esteja acontecendo num momento tão ruim — mas você não pode desejar que isso vá embora agora. — Depois que a água começou a ferver, Molly colocou uma tigela fumegante sobre a mesa, adicionou algum tipo de líquido e puxou a toalha sobre a cabeça de Beth. — Agora respire até que a cabeça esteja descongestionada.

Beth, derrotada, inclinou-se para a frente e fechou os olhos. *Por que agora? Como é que a doença pode atacar agora?*

Ela não conseguiu engolir nada no desjejum. Molly fez um pouco de chá de camomila com mel e suco de limão para ela saborear e, em seguida, pediu-lhe para voltar para a cama. Marnie foi enviada para informar aos convidados que o chá da tarde daquele dia seria adiado. Sozinha outra vez, Beth deixou as lágrimas deslizarem livremente pelo rosto até que caiu num sono agitado.

Ela acordou logo após o almoço e lhe ofereceram caldo de galinha para tomar lentamente. Depois, Molly lhe deu mais duas preciosas aspirinas. Depois disso, moeu um pouco de gengibre seco em um pouco de mel, fez Beth engolir um pouco de cada vez na colher e a mandou de volta para a cama. Embora estivesse profundamente triste por estar doente, Beth não pôde deixar de se sentir grata pela maneira de Molly tratar sua doença. Sua mãe teria empurrado elixires de sabor desagradável a cada tantas horas. Logo depois que Beth deitou a cabeça, ela conseguiu dormir um sono profundo.

O restante do dia foi apenas um borrão. Beth estava vagamente ciente dos sons quando Molly saiu de casa naquela noite. Murmurando uma oração para que as coisas corressem bem sem ela, Beth assoou o nariz e voltou a dormir.

Do mesmo modo, o domingo foi sem intercorrências, embora Beth tenha se agarrado em cada palavra da descrição concisa de Molly da noite anterior.

— A Frances foi comigo... em vez de você. Havia quatro homens... além do Frank, junto com Paolo e o pai dele. Eles conversaram — aprenderam algumas palavras — e pareciam satisfeitos.

— Paolo que deu a aula?

— Eh, ele deu algumas instruções em italiano, eu acho. Só que não entendi nada. Depois, todos nós repetimos as palavras que ele nos disse.

Beth deixou o assunto para lá. Estava começando a sentir a cabeça clarear.

Agora, ela só podia manter a esperança de que pudesse dar aula na segunda-feira. Obediente, Beth começou a escrever uma carta para a mãe. Desta vez, no entanto, Beth acrescentou mais detalhes sobre as aulas de inglês, o que a ajudou a organizar e admitiu a própria decepção por não ter conseguido assistir ao primeiro dia de aula por causa de um resfriado. Se a mãe a repreendesse por se envolver com homens estrangeiros e por trabalhar tanto até adoecer, pelo menos Beth sabia que tinha sido completamente honesta.

Mas demorou mais um dia para que Beth se recuperasse o suficiente para voltar à sala de aula. Na segunda-feira, cerca de meia hora antes do início da escola, Molly pediu a Marnie e Teddy que entregassem a mensagem nas casas de que a aula seria cancelada por

um dia. Eles deixaram a casa a galope, como pôneis libertados em um pasto de primavera. Beth tentou não deixar o entusiasmo deles ferir os seus sentimentos.

Resolutamente, Beth apressou-se para a rotina matinal, sentindo-se muito melhor enquanto se preparava para outro dia na sala de aula. As manhãs já estavam ficando frias e sombrias em preparação para o inverno. Ela se apressou pela rua de terra em direção à escola, aconchegou-se profundamente em seu casaco de lã e puxou o colarinho ao redor do pescoço. Sentia a garganta ainda um pouco sensível, mas sabia que já tinha passado pelo pior.

Passou algum tempo arejando a sala, preparando o material, e tentando acender fogo no fogão de ferro na extremidade mais distante do salão pela primeira vez. Sem ter sucesso, ela verificou o relógio. *Certamente um dos alunos mais velhos chegará logo e vai conseguir ajudar com o fogo. Tomara que ninguém esteja pensando que esse é outro dia de folga.* Quando tocou o sino com mais vigor, o som ecoou de forma assustadora pelo ar enevoadado da manhã. Quase imediatamente os alunos apareceram e entraram, mas desanimados. Ela tinha a séria impressão de que eles desejavam que ela ainda estivesse indisposta.

Apenas a pequena Anna Noonan sussurrou enquanto passava com os outros:

— Estou feliz que Deus tenha curado *ocê*, Srta. Thatcher. *Nóis tava orando por ocê.*

Beth lhe devolveu um sorriso e sentiu-se um pouco mais animada.

Addison logo acendeu um bom fogo no fogão. O dia de aula começou e a rotina foi retomada. Mas quando ela chamou os alunos mais velhos para frente, para a aula de gramática, Beth pôde sentir que havia algo desviando sua atenção. Repetidamente, ela os surpreendeu lançando olhares significativos um para o outro. Por fim, ela parou de escrever frases no quadro-negro, encarou-os de frente e observou o grupo.

— Alguém gostaria de compartilhar no que estão pensando para se distraírem dessa maneira do nosso trabalho hoje?

Pares de olhos se moveram ao redor da sala, observando uns aos outros para ver quem ia ter a coragem de falar. Teddy finalmente encontrou sua voz.

— Alguns deles não acham que é certo... as aulas de inglês para os mineiros.

Beth respondeu de forma equilibrada

— O que podem achar de inapropriado em oferecer aulas de inglês para pessoas que querem aprender?

Mais uma vez, Teddy falou pelo grupo.

— Eles pensam, pelo menos as mães pensam, que os novos homens são perigosos. E que eles vão começar a entrar na cidade e criar problemas.

Beth puxou uma cadeira para que pudesse olhar nos olhos deles em uma posição mais adequada para conversar.

— É isso que as pessoas estão dizendo?

— Sim, senhorita — afirmou Bonnie. — Minha mãe diz que eles vão assumir o controle, e será a ruína da nossa cidade.

Beth suspirou, grata por confiarem nela o suficiente para lhe contar o que estava acontecendo, pelo menos.

— O que vocês têm medo que eles façam?

As respostas foram lançadas de todas as direções.

— Roubar! Que fiquem bêbados. Jogatina. Que falem palavrões. Que coloquem fogo. Pegue nossa comida. — E então uma pequena voz gaguejou: — E-e-e-e-eu n-n-n-não quero que eles me l-l-l-l-l-le-e-e-e-vejam para o b-b-b-b-b-o-osque.

— Oh, queridos!

Beth trouxe a cadeira para mais perto deles, pedindo que os mais jovens viessem para frente e ficassem mais próximo, para que ela pudesse conversar com todos os alunos. Jonah, o pequeno que havia gaguejado, aproximou-se de seu lado e Beth deslizou um braço em torno dele.

— Estes homens são pais, com esposas e filhos. Eles não são diferentes de todas as pessoas que vocês já conheceram. As famílias não podem estar com eles agora, mas esses homens estão trabalhando duro para enviar dinheiro para casa. A maior parte deles são bons, gentis e prestativos. Acho que vocês já sabem disso. — Ela observou as

carinhas dos alunos para certificar-se de que entendiam as palavras que ela dizia, passando a mão para acariciar o cabelo de uma criança e a bochecha de outra. Sua voz ficou solene. — Mas o que sabemos? Quantas pessoas jamais pecam e fazem coisas erradas?

Por um momento, a pergunta pareceu confundi-los, e então Marnie sussurrou:

— Todas as pessoas fazem coisas erradas às vezes.

— Isso mesmo, Marnie. Nós *todos* pecamos de vez em quando. E os mineiros também. Mas Deus os ama, e Jesus morreu para salvá-los também — ao mesmo tempo em que morreu para salvar todos nós nesta sala. Deus os conhece por dentro e por fora, assim como Ele conhece vocês. Deus os conhecia quando esses homens tinham a idade de vocês — aos seis, dez, treze e dezesseis anos. Deus conhece até mesmo as mães, pais, irmãos e irmãs deles. Sabes o que mais Deus sabe? — Beth deixou a pergunta no ar por um momento. — Deus sabe o quanto eles sentem falta de suas próprias famílias. Imagine ter que se mudar para longe de todos que você conhece e ir para um lugar onde as pessoas não entendem sua língua. Pense como isso seria assustador.

O salão tinha ficado muito silencioso. Olhando em cada rostinho, tão jovem e cheio de inocência, Beth se sentiu compelida a acrescentar com cautela:

— Agora, por favor, ouçam-me. Eu quero que vocês entendam que esses homens são como homens que conhecem — o tipo de pessoa que eles são não tem nada a ver com a linguagem que eles falam. Mas também quero que vocês lembrem de que eles ainda são estranhos para vocês. Eu *não* estou dizendo que as mães de vocês estão erradas quando fazem regras sobre pessoas com quem não estão familiarizados — regras como ‘não vá ao acampamento’. As mães só querem mantê-los seguros. Vocês devem obedecer a todas as coisas que elas ordenam, porque essas coisas são para seu próprio bem. Entendem a diferença?

Beth lembrou-se de todas as regras de sua própria mãe e entendeu com um pouco mais de clareza a dificuldade de proteger uma criança sem fazer com que o menino ou a menina se sintam sufocados. Ela queria que os alunos vissem os homens como pessoas comuns. Ao mesmo tempo, ela mesma não podia confiar plenamente em estranhos sem a devida cautela, ainda mais no que diz respeito às crianças.

Ela estava tendo dificuldades para expressar de forma clara esses pensamentos, mas percebia que as crianças estavam lutando com o que pareciam ser informações conflitantes. Ela então entendeu que era muito mais simples ensinar o preconceito. As crianças podiam compreender com muito mais facilidade caracterizações que eram simplesmente todas boas ou todas ruins. O círculo de crianças em pé ao seu redor estava ficando inquieto.

Então ela teve uma nova ideia.

— Vamos falar sobre o Sr. Russo. Todos vocês conhecem o Sr. Russo, não conhecem?

Alguns assentiram dizendo que sim. Por fim, Georgie Sanders explicou:

— Claro que sim. O homem que só tem uma mão.

Beth estremeceu com essas palavras contundentes, mas, no mesmo instante, cada criança reconheceu quem era o homem que estava sendo discutido.

— Muito bem, o Sr. Russo também é da Itália, assim como os mineiros — mas ele veio para cá há muito tempo. Ele fala inglês agora, mas não falava no início. Todos vocês sabem que homem gentil ele é — como ele compartilha e ajuda em nossa cidade.

Maggie Frazier disse:

— Ele nos dá algumas frutas, e ele trouxe carne para os Blanes. Não foi, Levi?

— Trouxe, sim — Levi foi rápido em reconhecer. — Foi um pouco de carne de veado, e ele deu um tiro limpo na cabeça para que não houvesse nenhum buraco de tiro nas partes de carne.

Algumas meninas ficaram melindrosas e Beth se apressou para mudar de assunto.

— Bem, suponham que os outros homens que não falam inglês sejam como o Sr. Russo — gentis e bons, mas quando não se conhece alguém, é preciso ser cuidadoso — isso significa bom julgamento, sabedoria. Você tem que conhecer as pessoas e aprender em quais pode confiar.

Thomas exclamou:

— Eu confio no Velho Toquinho, isso é certo.

— Sim, eu também — outros concordaram.

— Crianças, ouçam, por favor — disse Beth com a cabeça girando. — Essa não é uma boa maneira de se referir ao Sr. Russo.

— É assim que mamãe *chama ele*.

E ouviu lá de trás:

— É assim que *todo mundo* chama ele!

Beth os fez retomarem os assentos e ficou diante deles, na esperança de manter as coisas de volta sob controle. Ela olhou para todas as carinhas.

— Devemos falar dos outros da mesma forma que gostaríamos que os outros falassem de nós. Vocês se lembram da regra de ouro: “Faça aos outros o que gostaria que eles fizessem a você”? Isso significa chamar os outros por um nome que eles gostariam de ser chamados. Eu preferiria que vocês usassem meu nome em vez de me chamar de Velha Senhorita Professora da Escola.

— Mas você não é velha!

Beth decidiu fazer mais uma tentativa e depois deixar o assunto de lado.

— Eu ficaria infeliz se alguém se referisse ao meu avô pelo nome ‘Velho Thatcher’. Eu gostaria que demonstrassem respeito usando um título apropriado — dizendo ‘Sr....’ ou que o chamassem de ‘vovô’. É por isso que usamos títulos que transmitem respeito. Vocês entendem?

— Sim, senhorita — Beth ouviu o coro responder.

E antes que alguém pudesse soltar outro comentário, Beth disse:

— Agora, é hora de seguirmos em frente com as nossas lições.

Ela ficou aliviada por ter finalizado a difícil conversa, mas receava não ter explicado tão bem quanto poderia. Beth sussurrou uma oração, pedindo a Deus que abrisse os corações para aquilo que Ele queria que eles ouvissem.

Depois da escola, Beth se sentiu esgotada de corpo e alma. Ela correu para casa para ajudar no jantar e preparar o que ainda era necessário para o Clube da Bíblia daquela noite. A história que iam dramatizar era sobre Moisés e a sarça ardente, e ela ainda tinha que copiar a narração em partes. Se Molly não tivesse insistido para que ela comesse, Beth não teria parado para fazer isso. Ainda não havia recuperado totalmente o apetite desde que estivera enferma. Ou a força.

Beth sentiu que a noite correu muito bem. Ao ler as histórias da Bíblia em voz alta, as crianças estavam se familiarizando com as Escrituras e, apesar do fato de estarem claramente se divertindo, tanto as habilidades de leitura quanto as orais mostravam uma grande melhoria. Além disso, a maioria das crianças estava muito mais confortável na frente dos outros. Enquanto Beth colocava as cadeiras do salão da mineradora de volta em fileiras retas, depois que o Clube da Bíblia foi concluído, ela sabia que todo o burburinho valia a pena. Se ao menos ela conseguisse se sentir descansada mais uma vez.

Depois, ela percebeu que Frank havia se juntado a Molly e Frances para colocar as coisas de volta aos lugares. Ela nem o tinha visto entre o público.

— Olá! — ela exclamou. — Muito obrigada pela ajuda.

Ele sorriu em reconhecimento. Trabalharam juntos até que a sala pudesse ser deixada como havia sido encontrada — talvez até um pouco mais arrumada. Em seguida, foram em direção à porta.

— Sinto muito por ter perdido a primeira aula de inglês, Frank. Molly me contou um pouco sobre como foi, mas ela não — bem, ela não conta exatamente os detalhes.

Frank riu.

— A Srta. Molly, ela não desperdiça palavras. — Então ele rapidamente acrescentou: — Como se sente, Srta. Beth?

— Estou muito melhor agora, obrigada.

— Que bom. Isso é bom.

— Então... como *você* acha que foi a aula no sábado?

— Foi um bom começo. Paolo fez um bom trabalho ensinando os homens. Eu acho que todos eles vão voltar. — Então Frank abriu um largo sorriso. — E o pai do Paolo estava tão orgulhoso.

Naquele momento, a pequena Emily Stanton entrou apressada no salão, obviamente em busca de algo que havia esquecido.

— Pequena — exclamou Frank. — É isso que está procurando? — Ele apontou para a pequena jaqueta que colocara em uma mesa ao lado da porta.

Emily concordou com o rostinho aliviado. Então sorriu calorosamente e disse:

— Obrigada, vovô Toquinho.

Beth sentiu um arrepio em seu corpo. Não ousou nem se mover. *Foi isso que a pequena Emily entendeu da conversa de hoje?* Como foi que as coisas saíram tão mal? Beth lentamente ergueu o rosto em direção ao de Frank. Seu semblante enrugado ainda estava congelado em um sorriso, mas havia lágrimas se formando em seus olhos. Beth estendeu a mão para o braço, sem conseguir falar.

Emily pegou a jaqueta e saiu correndo da sala. Enfim, Beth encontrou palavras.

— Sinto muito, Sr. Russo. Eu não acho... estou *certa* de que ela não queria ser cruel.

Frank Russo dispensou o pedido de desculpas e enxugou os olhos, constrangido.

— Não, não, Srta. Beth. Não é o que você pensa. — Beth podia afirmar que ele também estava lutando para encontrar palavras, e se forçou a esperar enquanto Frank recuperava a compostura. — É que... — ele sorriu novamente e limpou a garganta. — É a primeira vez que sou chamado de vovô. — Então ele se virou para ela. Gostei do som da palavra.

Por um momento, Beth ficou em silêncio — repensando e tentando entender a declaração que ele tinha feito. Ela percebeu com quanta ternura o idoso recebera a abordagem tão simples e infantil, e sua respiração ficou presa na garganta. Quando se sentiu controlada o bastante para falar outra vez, ela deu um tapinha no braço dele.

— Combina muito com você.

A partir desse momento, parecia que todas as crianças tinham pegado o novo apelido, referindo-se a Frank como vovô. Beth ficou satisfeita com qualquer referência ao vovô Frank ou vovô Russo, mas insistiu que eles escolhessem um ou outro, em vez de permitir qualquer referência ao Toquinho — não importa o quão graciosamente o querido homem o tenha aceitado da garotinha.

Uma tarde, os alunos voltaram do almoço aos empurrões, mais do que a habitual algazarra, antes de se entregarem às próximas aulas. Beth levantou-se e pediu ordem, e eles se acalmaram. Mas quando se viraram para ela, Daniel Murphy exclamou:

— Ei, Srta. Thatcher, vi um homem entrando na casa da Srta. Molly, *carregano* uma caixa enorme. Bonnie e eu perguntamos para quem era, e o *homi* disse que era *pra* senhorita.

— É isso mesmo, Srta. Thatcher — a irmã mais velha, Bonnie, concordou. — Tinha um formato longo e meio esquisito.

— Obrigada, Daniel e Bonnie. Mas temos trabalho a fazer. Vamos todos voltar a atenção para nossas tarefas.

No entanto, por mais que Beth quisesse fingir que não estava animada com a ideia de ter um pacote esperando na casa de Molly, descobriu que não conseguia pensar em outra coisa. *Provavelmente seja da minha da mãe — ou talvez do meu pai.* Mas nas cartas mais recentes não perguntaram nada sobre o que Beth poderia estar precisando. Por outro lado, o Natal não estava longe. Talvez tenha sido um presente antecipado. Será que ia conseguir esperar até o Natal? Quase certo que não, concluiu Beth, a menos que estivesse especificado no pacote.

A tarde se arrastou e Beth se sentiu tão impaciente quanto as crianças para concluir o trabalho daquele dia. Quando ela finalmente conseguiu caminhar para casa e chegou ao vestíbulo, Molly a recebeu com olhos dançantes.

— Você recebeu um pacote.

Beth respondeu risonha:

— Sim, eu sei. Daniel e Bonnie me informaram. — Ela olhou em volta. — Onde está?

Molly apontou para a sala de jantar e seguiu logo atrás de Beth. O misterioso pacote estava sobre a mesa, ainda embrulhado frouxamente em papel marrom comum. Beth reconheceu na hora o contorno longo e o formato estranho, e avançou sem acreditar, rasgando o papel sem cerimônia.

— De onde veio? Quem o trouxe? O que disseram?

Molly não esperava uma reação tão forte.

— Ora, querida, ele não disse nada. Só largou aí e foi embora. O que é isso?

Mas Beth não podia falar naquele momento. Ela estava abrindo os encaixes na tampa e levantando com muito cuidado um instrumento da caixa. Beth soube imediatamente, mas ela o virou de qualquer maneira para traçar as iniciais gravadas. Beth já estava chorando.

— Oh meu Deus! É um violino — exclamou Molly.

Beth suspirou, espantada:

— É o meu violino que foi roubado.

Ela sentiu os joelhos enfraquecerem e se sentou na cadeira mais próxima, segurando o violino embalado no colo, tentando se recuperar da surpresa.

— Tem algum bilhete ou algo assim? — Molly revirou o papel descartado com as mãos, até que encontrou um pequeno envelope. — Aqui. — Molly o empurrou em direção a Beth, mas a jovem o empurrou de volta.

Os olhos de Beth ainda estavam mareados com as lágrimas.

— Leia para mim. Não consigo nem enxergar nesse momento, Molly.

Molly puxou o cartão do envelope e leu devagar:

“Querida Elizabeth...

Beth soube sem tardar de quem era o bilhete, e cobriu o rosto com as mãos, um soluço preso em sua garganta. *Edward — ele ainda está tentando acertar o que deu errado.* Depois de um momento, ela se recompôs e Molly continuou a ler.

Espero que esta carta a encontre bem. Passei algum tempo procurando, para conseguir recuperar seu violino. Muitos dos meus colegas oficiais em toda a província ajudaram na busca e, com a ajuda de Deus, eu sei, consegui localizá-lo em uma loja de penhores. É com um coração grato e contrito que finalmente o devolvo a você.

Com muito carinho, Edward.”

Molly tirou um lenço de dentro da manga e passou para Beth.

— Está limpo, pode usar — ela instruiu, mas parecia estar decidida a não pressionar Beth para lhe dar qualquer explicação a mais. Ela passou sua mão áspera sobre o cabelo da moça com carinho e se virou para a cozinha, deixando o lenço nas mãos trêmulas de Beth.

Por fim, Beth colocou o violino de volta no estojo, juntou os pedaços de papel de embrulho e levou tudo para seu quarto. A mente girava, cheia de perguntas que ninguém seria capaz de responder. Decidiu escrever para o Edward. Ia contar a ele o quanto significava ter o violino de volta. E tentaria expressar o quanto estava grata por ele ter trabalhado tão diligentemente para consertar as coisas. *Se ao menos eu pudesse encontrar um endereço para alcançá-lo*, ela pensou. Com a bússola guardada em segurança em uma gaveta e o violino recuperado, Edward tinha realizado o impossível. Ela só podia imaginar o esforço que lhe custara.

Depois do jantar, Beth correu de volta para o quarto e com reverência abriu o estojo novamente. Alguns toques para testar, e o violino logo estava com as cordas apertadas e afinadas. Então, Beth aninhou a extremidade do instrumento na posição familiar sob o queixo, fechou os olhos e produziu várias notas longas e doces. Segurá-lo mais uma vez parecia algo completamente natural. Tocar era como conversar com um velho amigo. Beth se perdeu nas subidas e descidas de sua melodia favorita.

Ela nem percebeu quando Marnie entrou no quarto, deslizou até o chão e se encolheu contra a parede ao lado da porta aberta para ouvir. Quando as notas de uma sonata de Mozart se dissiparam, Beth ficou assustada ao ouvir Marnie sussurrar:

— Como é lindo.

— Eu... eu não ouvi você entrar — disse Beth, expressando o óbvio.

— Você é muito boa nisso, Srta. Thatcher.

— Obrigada, querida.

— Você pode levá-lo amanhã? E tocar para todas as outras crianças?

Beth assentiu.

— Sim, posso fazer isso.

— Ah, sim — acrescentou Marnie — e a Srta. Molly pediu que você viesse tocar lá embaixo.

Beth ficou feliz em concordar.

Na manhã seguinte, os alunos estavam muito animados para ver o que a professora apresentaria a partir do pacote com formato estranho. Erguendo o instrumento em posição, ela logo estava tocando um pedido após o outro dos hinos e canções que as crianças conheciam. Ela podia dizer que seus dedos estavam desajeitados e tinham perdido certa precisão na entonação — mas prometeu a si mesma que voltaria a se dedicar à prática. *Eu sei que posso encaixar entre as outras coisas que estou fazendo.*

Quando os alunos chegaram ao Clube da Bíblia naquela noite, parecia que todos estavam discutindo a chegada do violino. Muitas mães se aproximaram dela em grupo; é claro, com algum pedido que elaboraram entre elas.

— Srta. Thatcher, estávamos pensando que você poderia organizar um concerto de Natal — com as crianças.

— Sim, eles nunca *participaro* de nenhum concerto — e agora que estão tão acostumados a *tá* no palco, acho que se sairiam muito bem.

— E a senhorita tem que tocar o violino também — agregou a mãe de Emily com entusiasmo.

Beth não tinha pensado num evento escolar, mas sorriu para o pequeno grupo e concordou que a ideia parecia boa. O programa não só beneficiaria os alunos, mas também seria uma maneira de alcançar aquelas pessoas na comunidade que não frequentavam a Igreja, incluindo os funcionários da mineradora. Por outro lado, Beth sabia o que Molly ia dizer — que com as aulas e as avaliações, o Clube da Bíblia, os chás da tarde e as aulas de inglês, ela dificilmente estava dando ao corpo a chance de se recuperar por completo de sua recente enfermidade. No entanto, Beth pensou no medalhão contendo o verso do pai e renovou sua determinação de não permitir que a fraqueza física viesse antes de uma oportunidade de fazer algo de bom durante o breve período em que estaria no meio deles. Ela sabia muito bem o quanto as crianças desfrutariam de uma chance de se apresentarem,

desta vez diante de um público mais amplo. Assim, Beth começou a trabalhar imediatamente, reunindo partes e músicas que poderiam ser combinadas para formar um simples programa.

Quando apresentou a ideia durante a aula no dia seguinte, as crianças ficaram extremamente entusiasmadas. Suas próprias ideias fluíam desenfreadas. Esta seria uma chance de usar os instrumentos musicais que trouxera. Eles poderiam ter fantasias. Poderiam ter lanches. Quem seria Maria? Quem seria o menino Jesus? David Noonan ofereceu o irmãozinho caçula, que tinha apenas um mês de idade, para o papel. De repente, Beth estava trabalhando duro apenas para manter as coisas gerenciáveis. Os preparativos começaram logo, e eles usavam a última hora de cada dia letivo para praticarem e se aprontarem. Faltava apenas duas semanas para a apresentação. Seria um redemoinho de preparativos para deixar tudo pronto a tempo.

No entanto, as crianças começaram a trabalhar com disposição. Esta seria a primeira peça que exigiria um cenário simples e trajes básicos. Com uma pequena ajuda do vovô Frank, eles vasculharam a cidade em busca de pedaços de madeira, e os meninos mais velhos construíram um estábulo rudimentar. Na falta de tábuas adequadas para cobrir toda a estrutura, fixaram fileiras de galhos de árvores. As laterais assumiram a aparência de uma cabana, enquanto o telhado era formado por um lindo dossel de galhos de pinheiros aromáticos. Beth se emocionou ao ver o que eles haviam realizado com a própria habilidade e imaginação.

Teddy e Addison assumiram a liderança, organizando a equipe desordenada e fazendo a maior parte do trabalho pesado. Eles pareciam apreciar a oportunidade, e, num piscar de olhos, o trabalho estava quase concluído. No entanto, uma noite, quando o projeto estava chegando ao fim, Teddy ficou mais quieto do que o normal no jantar. Com o olhar distraído, ele se retirou para o quarto logo após terminarem a refeição. Beth lançou um olhar curioso atrás dele e depois em direção a Molly. Poucas coisas escapavam da observação da mulher.

— Você acha que ele teve uma briga com Addison? — Beth sugeriu mais tarde, enquanto raspava os pratos para lavar.

Molly balançou a cabeça.

— Aqueles dois não são de brigar. Estou pensando se o Teddy Boy não está ficando doente. Vou examiná-lo depois de terminar aqui.

— Eu posso verificar agora — ofereceu Beth.

— Isso, pode ir, e veja para onde a Marnie foi também. Diga a ela que a água está pronta para lavar a louça.

Beth tinha acabado de subir as escadas quando ouviu os sussurros. Por instinto, ela parou.

— Você precisa contar para a Srta. Molly — ou para alguém.

Era a voz suplicante de Marnie. O tom da menina deixou Beth alarmada.

— Não diga nada, ou vai nos meter em apuros.

— Você está em apuros agora!

— Não, *num* tô não. Enquanto mantivermos a boca fechada, ninguém saberá que ouvimos.

— Não gosto nem um pouco disso.

— Confie em mim. Deixa isso passar. Talvez ele mude de ideia e...

A voz de Teddy desapareceu quando os irmãos foram mais adiante no corredor. O pulso de Beth disparou em alarme. Ela ouviu uma porta se fechar.

— Marnie — Beth chamou, e rapidamente foi em direção à porta de Teddy. A cabeça da Marnie apareceu. — Molly deixou tudo pronto para você lavar a louça. — A mocinha passou por Beth e desceu as escadas.

Beth ficou ali por um momento, considerando conversar ou não com Teddy sobre o que ela ouvira. Depois de debater por algum tempo, sentiu que seria melhor ficar de olho.

Ela bateu suavemente nua porta, que ainda estava um pouco aberta. Quando o garoto abriu, Beth perguntou gentilmente:

— Molly e eu queremos saber se você poderia estar doente. Está se sentindo bem, Teddy?

Por um momento, os olhos se levantaram para encontrar os dela.

— Estou bem.

Ela pressionou mais uma vez:

— Tem certeza? Gostaríamos de ajudar, se pudermos.

O garoto virou o rosto.

— Nah, estou bem.

Uma última vez ela pediu, estendendo a mão para tocar o ombro dele.

— Bem, se mudar de ideia, estou sempre pronta a ouvir. E a Molly também.

Quando Beth incluiu os atormentados juvenis em suas orações antes de repousar, a única palavra que mais a preocupava era *ele*. Se Beth tivesse ouvido um nome, talvez conseguisse manter maior vigilância.

A noite da apresentação chegou muito rápido. Ficara marcado para duas semanas antes do Natal, no sábado que antecederia a última semana de aulas. A maioria das mães tinha ajudado com os preparativos e agora se movimentavam ao redor do palco, colocando adereços nos lugares apropriados e fazendo correções de última hora nos trajes de anjos. Os próprios alunos estavam com os nervos à flor da pele, tagarelando e empurrando uns aos outros. Beth conseguiu reuni-los em seus lugares nas duas primeiras fileiras de cadeiras e, em seguida, deu um passo à frente para apresentar o evento.

Enquanto olhava pela sala, ficou muito satisfeita com os espectadores. Todas as famílias da escola estavam presentes, assim como Helen Grant, do salão de bilhar, e os Coulters, do armazém da mineradora. No meio da sala, muitos oficiais da empresa mineradora estavam sentados juntos. Beth viu Frank e Philip, e assim que terminou de falar, viu Jarrick entrar silenciosamente pelos fundos e sentar-se ao lado de Philip. Havia ainda mais pessoas do que ela ousava esperar, embora Beth tenha deixado de lado a decepção por Edward não ter aparecido de surpresa.

Pensando em Edward, Beth se lembrou de um recital em que havia se apresentado aos doze anos. Ele estava sentado no centro da

segunda fila. Quando Beth assumiu sua posição no palco com o violino, ela ficou irritada ao vê-lo ali, esperando que ele fizesse caretas, ou que ela perdesse a concentração pelo puro prazer de deixá-la envergonhada. Em vez disso, ele assistiu com admiração e espanto enquanto ela tocava, mais do que qualquer outra pessoa na plateia. Beth ainda podia ver o rosto juvenil, os olhos verdes focados nela, sem um indício de movimento até que ela tivesse terminado. E depois, ele foi o primeiro a ficar de pé, aplaudindo com vigor.

— Elizabeth — ele dissera depois com entusiasmo juvenil —, eu nunca ouvi ninguém tocar assim. Aposto que você fez até mesmo Deus sorrir. Era estranho que essas palavras lhe retornassem justo agora, depois de ter se esquecido delas por tanto tempo.

A princípio, tudo correu bem. Luela recitou um poema quase sem falhas, seguido por uma música cantada pelos cinco alunos mais novos da escola. Então o pequeno Jonah, de pé com os outros meninos vestidos de pastores, conseguiu recitar suas falas com apenas um pouco de gagueira e recebeu uma encorajadora salva de palmas. Tudo estava progredindo tranquilamente, e até mesmo um chorinho vindo da manjedoura trouxe apenas sorrisos, enquanto a irmã do bebê corria até o palco para cuidar do irmãozinho.

Mas então, Georgie Sanders gaguejou ao tentar recitar sua parte, e parecia que ele tinha enfatizado o texto para o público, para cobrir seu constrangimento. As risadas pela gafe de Georgie levaram Anna Noonan às lágrimas, enquanto ela tentava recitar sua parte depois dele, e a garotinha prontamente deixou o palco e procurou abrigo nos braços da mãe. De longe, o maior erro, no entanto, aconteceu assim que Beth terminou de tocar as últimas notas de “Noite Silenciosa”. Marnie tropeçou por acidente, quando andava pelo palco, e derrubou a pequena árvore de Natal no chão. Bolas coloridas rolaram em todas as direções e o salão encheu-se outra vez de risos. Beth sentiu que estava murchando, tamanho o constrangimento... até que viu o olhar no rosto de Marnie e correu depressa em seu auxílio, assegurando que elas juntariam tudo mais tarde.

Com um hino final, todo o evento terminou. Beth fechou os olhos em resignação. Ela queria tanto que fosse especial para todos. Que enorme decepção ter falhado.

Para sua surpresa, Beth ouviu aplausos altos, longos e sinceros, enquanto o público se levantava. Por toda a sala, os rostos sorridentes eram uma demonstração de que gostaram da apresentação de verdade. Beth ficou estupefata, mas agradecida. Ela começou a

reconhecer através dos olhos deles o que havia sido realizado. Eram olhares de apreciação — não de críticas. Foram as próprias crianças, em vez da qualidade de seu desempenho, que conquistaram o público — com os erros e tudo mais.

Uma agradável sensação de alívio tomou todo seu corpo, enquanto Beth fazia um pequeno discurso de encerramento, desejando ao público um feliz Natal. Então ela viu Frank lentamente erguer a mão. Beth foi rápida em reconhecer o querido amigo em público.

— Sim... Sr. Russo, o senhor tem algo a dizer?

Aqueles ao seu redor silenciaram e a multidão seguiu o exemplo.

Frank se pôs de pé sem pressa.

— Eu... Estava aqui pensando, senhorita Beth. Você conhece a música — ‘*O Holy Night*’?

Beth assentiu.

— Você poderia... poderia nos abençoar tocando essa música, senhorita?

Ouviam-se os murmúrios das pessoas concordando, e aqueles que já estavam de pé para sair, voltaram a se sentar. Beth podia sentir cada olhar expectante se voltando para ela. Sentiu-se um pouco desconcertada quando novamente pegou o violino, verificou as cordas e colocou o instrumento na posição.

Quando as primeiras notas ricas se elevaram acima da multidão enlevada, algo aconteceu no mais íntimo da alma de Beth. Não era mais apenas uma música bonita — era uma mensagem. Uma mensagem diretamente de seu coração para o coração dessas pessoas. Mas foi ainda mais pessoal do que isso. Foi uma mensagem direta de seu Deus para sua própria alma cansada. Ela fechou os olhos e imaginou a noite, muito tempo atrás, a noite de “estrelas que brilhavam com fulgor”, a “noite do nascimento de nosso querido Salvador”.

Enquanto Beth tocava, as palavras ressoavam em sua mente. “*Na verdade, Ele nos ensinou a amar uns aos outros: Sua lei é o amor e seu evangelho é a paz*”. Beth jamais se sentiu tão uníssona com uma música como se sentiu neste momento. No instante em que alcançou o coro crescente, Beth tocava com lágrimas escorrendo pelo rosto.

“Cristo é o Senhor. Louvai Seu nome para sempre! Proclame Seu poder e glória cada vez mais”. A música se ergueu flutuando em ascendentes, alegres ações de graças. “Proclame Seu poder e glória cada vez mais.”

À medida que as últimas notas do instrumento ecoavam pelo corredor, havia completo silêncio. Nem mesmo as crianças se mexeram. Beth baixou o violino com celeridade, para baixar a cabeça e esconder a emoção crua que estava marcada em todo seu rosto.

Foi Frank quem quebrou o feitiço do silêncio. Sem ter vergonha de mostrar as lágrimas que rolavam pelo próprio rosto, ele se levantou.

— Bravo! Bravo! — ele exclamou, batendo a mão saudável contra o outro pulso.

Os outros se juntaram aos aplausos sem demora. Mas enquanto o observava, Beth viu Frank erguer os olhos e levantar a mão em direção aos céus. Era a Deus a quem ele estava louvando — não a Beth e seu violino. Ela respirou fundo e deu alguns passos para trás, agradecendo a Deus pelo dom da música que foi capaz de transmitir o milagre de Seu maior presente a esses moradores de Coal Valley.

Beth foi cercada por elogios daqueles que se aglomeraram ao seu redor após a apresentação, agradecendo-lhe pela noite. Mas Beth percebeu que a verdadeira razão pela gratidão deles era a *esperança*. Ela sabia que as coisas não tinham realmente mudado. Os Natais daquelas famílias ainda seriam escassos, se comparados com as mesas fartas ou presentes reluzentes com laços extravagantes. Mas eles tinham acabado de proclamar com ela algo muito mais significativo. “Cristo é o Senhor”. Que incrível diferença isso fazia na vida daqueles que acreditavam. Beth orou silenciosamente que assim fosse.

Pouco a pouco, as famílias se reuniram em grupos menores e partiram juntas, parecendo relutantes em deixar o calor da comunidade que pairava sobre aquele auditório. As crianças, em particular, que deram um último adeus ao vovô Frank e receberam em troca votos de felicidade ou um tapinha na cabeça, saíram com sorrisos e passos resistentes.

Quando as últimas pessoas saíram e fecharam a porta, Beth respirou fundo e olhou ao redor. Todos haviam se oferecido para ajeitar o salão e colocar as coisas em ordem, e o palco estava vazio. Só

ficara a árvore de Natal e a manjedoura, que Philip pedira que permanecessem para o culto da igreja na manhã seguinte. Havia apenas seus próprios pertences para pegar e levar para casa. De repente, Beth se sentiu extremamente cansada e sentou-se numa cadeira.

Ela ficou assustada quando percebeu um movimento com o canto do olho e de imediato virou a cabeça para ver Jarrick parado nas sombras. Ele parecia tímido quando se aproximou.

— Essa foi uma noite muito agradável — ele elogiou com gentileza.

Beth soltou um suspiro profundo e gesticulou para que ele se sentasse numa cadeira ali perto.

— Obrigada. Diria que algumas vezes beirou o desastre, mas suponho que não tenha de fato sido desastroso.

Ele riu enquanto se sentava, e Beth apreciou a cordialidade de seu bom humor.

— Eu já vi apresentações infantis piores. Ora bolas, eu já fui a *causa* de coisa muito, muito pior. Pode perguntar à minha mãe. — Beth se juntou à risada dele. — Mas, falando sério — ele prosseguiu —, se fossem meus filhos participando do programa esta noite, eu estaria convencido de que eles têm uma professora maravilhosa, que é profundamente dedicada a eles.

— A ele — Beth o corrigiu. — Ou a ela.

— Eu... Não tenho certeza...

— Se seu filho estivesse no programa, a professora seria dedicada ao filho daquele pai — no singular. — Ele finalmente compreendeu o que Beth dizia, e ela acrescentou com um sorriso: — Às vezes é difícil parar de ensinar e corrigir, imagino.

Jarrick a encarou solenemente.

— Aquela... aquela peça final que você tocou... Beth, foi... foi magnífica. Ressoará pela minha mente uma e outra vez, enquanto eu estiver esperando pelo Natal, aquela noite santa. Sei que vai. Obrigado, Beth. Admito, eu estava um pouco temeroso a respeito do Natal este ano. Por estar tão longe da família e dos amigos, eu já estava me sentindo... sozinho. Creio que estava me esquecendo de que

a Pessoa mais importante está sempre presente.

Beth assentiu.

— Eu tive um pouco dos mesmos sentimentos — foi tudo o que ela conseguiu responder. — Sinto muitíssima saudade da minha família.

— Eu entendo. Minha família está em Manitoba — não fica exatamente no leste — mas ainda é bem longe daqui. Faz quase um ano que não os vejo — bem, a última vez que os vi foi no Natal passado, para ser exato. Minha irmã escreve com frequência, e acho que a família conta com ela para manter contato.

Beth se mexeu na cadeira, na esperança de saber mais sobre ele, mas querendo ser discreta.

— Sua família tem uma fazenda lá?

— Na verdade, não. Meu avô trabalhava para a companhia da Baía de Hudson, mas meu pai se tornou pastor. Mas acho que meus irmãos mais novos provavelmente vão trabalhar com agricultura. Estavam oferecendo seus serviços para os vizinhos quando eu fui embora. Passei algum tempo tentando convencê-los a virem para o oeste e trabalhar para uma das grandes fazendas na pradaria — até perceber o olhar nos olhos da minha mãe. Então achei que seria melhor deixá-los em paz. Além disso, minha irmã Laura contou, na última carta, que meu irmão Will tem uma “amiga” bastante especial agora — assim, creio que ninguém poderia persuadi-lo a sair para qualquer lugar.

— Sua mãe deve sentir muitíssimas saudades de você. — Beth estava imaginando que vazio a ausência dele criaria. — Não pôde viajar para casa este ano?

— Não — disse Jarrick com um suspiro. — Há muita coisa acontecendo nessa região agora.

— Ah, sim? — Beth queria mais detalhes, mas decidiu controlar a curiosidade.

Foi a vez de Jarrick se mexer no assento. Ele mudou de assunto.

— Deve ser um alívio ter passado por essa peça. — Mas Jarrick franziu a testa e acrescentou: — Porém você parece bastante

cansada, Beth. Está tudo bem se eu mencionar isso? — Ele a observou. — Toda a responsabilidade sobre suas costas, parece que está sendo um pouco pesado. Você vai conseguir descansar agora?

Quase sempre, Beth tinha uma resposta improvisada pronta para evitar tais perguntas, mas achou difícil adotar um comportamento casual diante da expressão sincera e atenta de Jarrick. Ela suspirou.

— A verdade é que eu preciso descansar. Daqui a apenas uma semana, vão começar as férias de Natal, e então vou poder dormir o quanto quiser.

Ele a encarou, desconfiado; mas o jovem policial pegou a maioria das coisas de Beth da cadeira que estava entre eles e se levantou.

— Vamos lá — disse ele. — Vou levá-la para casa. Pode ser a única maneira de ajudar a aliviar sua carga.

A manhã chegou cedo demais para Beth. As persistentes tensões e atividades da noite anterior e as semanas que antecederam a programação causaram nó nos músculos do pescoço e ombros de Beth. Ela se viu desejando um banho quente, mas não o suficiente para se dar ao trabalho de transportar água para a pequena sala de banho e sua banheira galvanizada. Conseguiu apenas arrastar um escasso balde de água quente para o quarto. Então, em vez de um bom banho de imersão, ela mergulhou a toalha na bacia várias vezes, torceu-a e colocou em volta do pescoço dolorido. Teria que dar por enquanto. Ela se recusou a pedir uma aspirina para Molly, envergonhada por já ter consumido tantos comprimidos quando estava doente. Talvez, em breve, o armazém teria aspirina em estoque, pois Beth pretendia repor os comprimidos que usara.

Philip conduziria o culto deles naquela manhã — o último antes do Natal, que seria dali a pouco menos de duas semanas, quando ele estava escalado para pregar em uma de suas outras localidades. Beth sentiu uma pontada de decepção por ter que dividir com outros a pregação de Philip no Natal. Mas Molly, em vez de reclamar, sugeriu que as senhoras da cidade se reunissem durante as férias para orar por suas igrejas irmãs.

Desse modo, Beth estava determinada a fazer o melhor da celebração antecipada no culto de hoje. Ela colocou de lado as dores e se preparou para adorar com o coração rendido, sentindo-se ainda profundamente grata pela maneira como Deus estivera com eles durante a apresentação da noite passada.

Ela entrou, sentou-se no banco de costume, seguindo Molly, Marnie e Teddy. Alguém já havia redecorado a árvore de Natal, então os ornamentos estavam mais uma vez pendurados em ordem. A manjedoura também recebeu uma nova quantidade de feno, uma boneca envolta em mantas aninhada em cima dela — não tão preciosa como o bebê de Charlotte Noonan. Beth olhou em volta para todos os rostos familiares e, encorajada, percebeu que havia muito mais presentes agora do que no primeiro culto de que ela participou em Coal Valley.

Jarrick apareceu no final do banco, questionando com os olhos se ele poderia se juntar a ela. Beth assentiu e sorriu de forma convidativa, e ele sentou-se ao lado dela.

Ela logo se perdeu nas palavras das canções e nas leituras das Escrituras. Beth orou com o coração transbordando em gratidão pelo dom de um Salvador e pela esperança que Ele havia comprado com Sua própria vida. Orou também pela comunidade, que passou a ter tão grande significado para ela e com quem poderia compartilhar esta celebração de Natal. Acrescentou uma oração pelo jovem policial sentado ao seu lado, por sua família e pelas celebrações de Natal que ocorreriam tão longe dele este ano.

A mensagem de Philip foi particularmente comovente e um tanto inesperada — mais um testemunho do que um sermão. Ele falou de sua infância e das dificuldades que enfrentou por causa de seu lar desfeito. O coração de Beth logo se compadeceu daquele homem. Ela não tinha ouvido nada sobre a história pessoal do jovem pastor antes disso. Quando jovem, contou Philip, tinha feito algumas escolhas ruins, envolvendo-se com aqueles que o afastaram da igreja e de sua família. E então, encontrando-se em seu momento mais sombrio, escondendo-se de problemas e com medo de ter caído tão baixo que não conseguisse se recuperar, retornou para a fé de sua infância — uma fé que sua avó havia modelado, apesar das falhas de seus pais.

E Deus o restaurou, disse ele olhando em volta para a congregação. Admitiu solenemente que não fora um caminho fácil — que ele teve dívidas a pagar por itens que havia roubado e reparos em propriedades que havia danificado. Mas testemunhou que, olhando para trás, ele não teria mudado nem mesmo os aspectos mais difíceis do processo de restituição. Por meio de todas essas coisas, Cristo tinha sido glorificado em sua vida. A dor que havia experimentado o levou a uma rendição que Philip duvidava que poderia ter sido tão completa se não tivesse passado por tantas coisas antes. O jovem pastor professou claramente que os presentes mais queridos que já havia recebido eram o perdão e a redenção por causa de Jesus.

Após o culto, Beth ficou satisfeita ao saber que mais uma vez eles compartilhariam uma refeição com Philip e Jarrick. Molly havia preparado um lindo almoço de pré-Natal — um presunto assado fumegante com glacê de bordo defumado e batatas gratinadas. Havia pão fresco, seus próprios picles de endro, e vagem assada em molho cremoso de cogumelos.

Os hóspedes da empresa já tinham tomado o trem de carvão para saírem das montanhas e se juntarem às suas famílias no Natal. Philip e Jarrick ficaram conversando com dois supervisores que ali ficaram, os responsáveis por fechar a mina durante a semana seguinte.

Jarrick perguntou-lhes:

— Quanto tempo falta para vocês partirem? Tenho certeza de que suas famílias devem estar ansiosas para tê-los em casa outra vez.

Pat pegou outra fatia grossa de pão.

— Levará alguns dias para termos certeza de que as coisas aqui estão fechadas adequadamente — disse ele, espalhando uma grande quantidade de manteiga. — Mas se correr tudo bem, vamos partir na quinta-feira — claro, apenas se a estrada estiver liberada.

— Uma semana antes do Natal. Estou certo de que vocês estão prontos para uma folga.

Os homens acenaram um para o outro.

— Pode apostar que estamos.

Beth interveio com calma:

— O que os mineiros fazem no Natal?

— Hum?

O rosto de Sid revelou surpresa; claramente, ele não havia pensado nos mineiros.

Destemida, Beth repetiu:

— O que os mineiros fazem — os homens que ficam aqui, cujas famílias estão longe?

Houve um silêncio constrangedor que pairava sobre a sala. Para finalizar, Molly disse em sua maneira direta:

— Eles ficam aqui, não têm outra escolha.

— Hmm — Beth respondeu, e deixou o assunto terminar ali.

Depois do jantar, enquanto os pratos estavam sendo levados para a cozinha, Philip parou Beth com uma expressão curiosa em seu rosto.

— Você parece pensativa. Tenho a sensação de que tinha mais a dizer sobre o tema dos mineiros. O que será que você está tramando agora?

Mas seu tom era amigável.

Beth suspirou.

— Nada, de fato. Eu estava pensando que é uma pena não compartilhar algum tipo de Natal com eles.

Philip tinha um olhar fervoroso em seus olhos.

— Então, que tal organizarmos um culto para os mineiros? Era isso que você tinha em mente? — As perguntas de Philip pareciam provocar uma enxurrada de ideias. Pergunto-me se os aldeões já estão confortáveis o suficiente para permitir que algo assim aconteça. A mineradora já deu permissão para que a igreja se reúna no auditório aos domingos — mesmo que os chefes não estejam. Como não há nada planejado aqui durante a minha ausência, talvez alguns de vocês pudessem montar um culto especial na manhã de Natal para eles.

Beth estava dividida — queria muito conseguir realizar tal façanha, mas não tinha certeza se teria forças para suportar mais uma semana agitada. Na verdade, a própria ideia a fez querer se sentar e chorar. Ela estava terrivelmente cansada.

Philip olhou para ela com atenção.

— Tenho certeza de que muitos ajudariam — sugeriu ele. — E não seria tão elaborado quanto o programa infantil — apenas música e leitura da história de Natal. Tenho certeza de que Frank lideraria as leituras — ele poderia compartilhá-las em italiano. — Philip estava ficando cada vez mais entusiasmado. — Ele pode ajudar até com a música. Frank também toca violino. Ele lhe contou isso?

— O quê? — Beth olhou para ele em choque. Não só era difícil compreender que um mineiro possuísse um violino, mas ser capaz de tocá-lo com apenas uma mão... — Ora, você só pode estar brincando comigo — disse ela.

Philip balançou a cabeça.

— Estou falando muito sério, Beth. Ele toca há muitos anos — muito antes de perder a mão. E o fato de ter sido a mão direita a ser esmagada foi um golpe particularmente difícil. Mas ele consegue amarrar o arco no pulso e a mão esquerda ainda consegue tocar as cordas. O próprio Frank criou a engenhoca. Como mencionei antes, ele é um homem extraordinário.

— Por que ele não me disse nada? — Beth perguntou, sentindo-se um pouco magoada.

— Bem, creio que ele pode ter sentido que estava pisando no seu calo — dizer que ele toca no momento em que você estava assumindo o papel de acompanhante para as crianças.

Será que eu e Frank poderíamos compartilhar esse talento? Será que podemos tocar juntos? Essa era uma possibilidade maravilhosa.

— Vou falar com ele amanhã — ela sussurrou.

Jarrick cruzou a sala para se juntar a eles.

— Que segredos vocês dois estão cochichando? — ele perguntou com um brilho no olhar. Ao notar a expressão no rosto de Beth, ele ficou sóbrio e disse:

— Você parece bastante abalada, Beth. Espero que não haja nada de errado. — Ele estendeu a mão para agarrar o braço de Beth. — Você gostaria de se sentar?

Mas ela balançou a cabeça.

Philip riu.

— Bem, Jack, eu estava contando para Beth que Frank Russo ainda toca violino, e ela não está conseguindo acreditar em mim.

— Bem, essa *é, de fato*, uma notícia surpreendente.

— Sugerir que ela poderia organizar um culto especial de Natal para os mineiros. Como você se lembra, Beth está preocupada com o fato de estarem sozinhos para o feriado.

O olhar de Jarrick percorreu todo o rosto de Beth.

— Na verdade, creio que seja pedir demais de alguém que gastou muito de sua energia na preparação do último evento. — Ele se voltou para Philip. — Não quero ultrapassar meus limites, mas receio que organizar outro Natal será um peso que irá além do que é prudente. Não acha que seria demais, Beth?

Philip foi rápido em concordar:

— Claro, se for pesado para você, Beth, foi apenas uma sugestão. Talvez em outra ocasião — quando estiver se sentindo mais

descansada.

Beth ficou olhando de um para o outro, pasmada que esses dois homens estivessem fazendo suas próprias declarações sobre a capacidade dela de se recuperar de um cansaço comum e seguir em frente.

Organizar um culto simples na igreja não seria um trabalho muito extraordinário, disse a si mesma com certa indignação. *Se algo pudesse ser realizado por esses mineiros, que não tinham mais ninguém com quem compartilhar o Natal, o esforço era mais do que válido.*

— Acho que é uma ideia muito boa — ela respondeu em tom uniforme, afastando o braço de Jarrick. — Vou falar com a Molly sobre isso mais tarde.

Os dois rapazes a observaram de perto enquanto Beth se desculpava e se retirava para a cozinha.

No final da tarde, Beth redigiu outra carta para a mãe. Com inflexível convicção, Beth admitiu a doença persistente e as dificuldades para preparar o programa de Natal. Ela também escreveu de forma entusiasmada a respeito do quanto Deus a abençoou com tantas pessoas presentes. E então pediu oração, para que estivesse forte o bastante para realizar mais um evento antes do Natal.

— Aí está — sussurrou enquanto selava o envelope. — É uma carta honesta. Ela sabe que ainda não me recuperei por completo, e sabe que estou trabalhando muito. Isso é ainda pior. Só imagino como a mamãe vai responder a isso.

Por incrível que pareça, Beth só precisou ser um pouco convincente para obter permissão para que os mineiros tivessem um culto de Natal no salão da empresa. As aulas de inglês começaram a ter seu efeito, preenchendo a lacuna entre a cidade e o acampamento. Isso deu aos moradores uma razão para se preocuparem com o bem-estar dos mineiros que viviam tão perto deles. Logo, Frances tinha recrutado a ajuda de algumas das mulheres para cozinhar e decorar o salão. Beth ficou extremamente surpresa quando as mães concordaram em permitir que as crianças ajudassem a servir os refrescos. Isso era muito mais do que ela esperava.

Decidir como falar com o Frank, no entanto, parecia ser mais difícil do que Beth esperava. De repente, ela se sentiu hesitante ao

perguntar sobre as habilidades musicais dele, ainda se questionando por que Frank escolheu não contar esse talento para ela. Mas ele concordou na hora em participar, e ficou muito satisfeito, assim como Beth, quando viu a resposta positiva das famílias na cidade. Ela soube que não seria surpresa para nenhum dos mineiros que Frank tocasse violino. Com frequência eles o ouviam, quando Frank elevava seus espíritos com o dom musical.

Beth despertou para outra semana agitada de ensino. Além do trabalho habitual em sala de aula com seus alunos, a noite de segunda-feira era passada nas aulas de inglês, terça e quinta-feira eram noites de clube — a última antes das férias de Natal — e quarta-feira à noite tinha sido o único momento para descansar, por assim dizer. Beth havia ficado com Molly organizando os talheres para o lanche na manhã de domingo. Na sexta-feira, houve outra aula de inglês à noite, e também foi o último dia de aula antes das férias de Natal.

Sábado de manhã, Beth insistiu em receber o último grupo de estudantes — os mais novinhos — para o chá da tarde. Embora fosse tentador, ela não conseguiu ver uma maneira de adiar o evento. Todos aguardavam com ansiedade por sua vez de desfrutar do chá. Ela sorriu quando ouviu as crianças se lembrando de coisas simples — como meninos que precisam segurar cadeiras para as meninas se sentarem, ou pedindo que os biscoitos fossem passados de um para o outro, em vez de serem atravessados sobre a mesa. Eles estavam aprendendo. E a melhor parte, parecia elevar a opinião deles acerca dos outros e dar-lhes confiança.

A noite de sábado foi dedicada a organizar o salão e praticar as músicas que Beth e Frank acompanhariam. Ele ficara responsável por todas as leituras e escolhera hinos familiares para ambas culturas.

Enquanto eles estavam na frente do salão para o primeiro ensaio, Beth observou com admiração o quão bem Frank havia se adaptado ao apetrecho improvisado do violino.

— Que lindo! — Beth disse emocionada.

— Era do meu bisavô — Frank lhe disse com orgulho, supondo que Beth estivesse falando do instrumento. Ele tocou com a Sinfônica em Milão. Quando eu era apenas um menino pequeno na Itália, ele viu meu amor pela música, e me deixou segurá-lo — algo tão precioso. Meu bisavô me mostrou como encontrar as notas, tentando isso e aquilo até encontrar o que queria que elas dissessem. Ele me

deu este violino antes de passar para a glória. Eu tinha cinco anos.

Beth sentiu-se tocada pela história, e se perguntou que tragédia ou circunstância havia tirado um jovem tão talentoso das possibilidades nas salas de música de Milão e trazido para as minas de carvão de Alberta. O pensamento a deixou ainda mais satisfeita por Frank ter a oportunidade de compartilhar sua música com as pessoas da comunidade — tanto os habitantes da cidade quanto os mineiros.

Beth gemeu e saiu da cama no domingo de manhã. *Apenas mais um evento*, ela disse a si mesma. Ela endireitou as cobertas e as esticou ordenadamente, o tempo todo repetindo a si mesma que depois do almoço ia poder se aconchegar em meio a elas e dormir até que não tivesse mais necessidade de descanso. Foi o único pensamento que a ajudou enquanto ela se vestia, tomava um rápido café da manhã e ia para o salão.

Quando chegou, as cadeiras já haviam sido arrumadas em fileiras e a frente estava decorada com velas vermelhas e galhos de sempre-vivas, enchendo a sala com o doce aroma dos pinheiros. Várias mulheres organizavam a mesa de sobremesa, e o café estava fervendo em grandes panelas no fogão a lenha do salão. Depois de tomar uma xícara às pressas, para aumentar a energia, Beth afinou seu violino e aguardou a chegada de Frank.

Foi de partir o coração ver como os mineiros estavam tímidos quando chegaram ao salão, reunindo-se na entrada com os chapéus na mão. Aqui estavam homens robustos, de pé, acanhados e esperando um convite antes de se aventurarem a ir para frente. Molly assumiu o comando imediatamente, indicando que eles fossem em direção ao cabideiro, onde poderiam pendurar os casacos muito finos e, em seguida, acenando para que viessem e se servissem com os alimentos.

Assim que Beth percebeu a chegada de Paolo, se apressou a cumprimentá-lo.

— Srta. Beth — ele exclamou quando a viu. — Feliz Natal! Talvez um pouco mais cedo, mas feliz da mesma forma, hein?

— Feliz Natal para você, Paolo. Isto não é emocionante?

Ela apertou o braço dele e fez um gesto com a mão.

Em todas as direções havia mineiros desfrutando do calor e

acolhendo os recursos que a cidade tinha a oferecer. E espalhadas por todo o salão, as conversas comuns e cotidianas, que tinham seu significado ampliado pelo fato de que isso nunca havia acontecido em Coal Valley. Crianças servindo xícaras de café para homens que elas temiam e pensavam que fossem bandidos e ladrões, apenas algumas semanas antes. As mães compartilhando o melhor que sabiam preparar com estranhos, que foram trazidos de longe para assumir os empregos dos maridos que perderam de forma tão cruel para a mesma profissão perigosa.

— Nunca poderia ter acontecido se Deus não tivesse intervindo — sussurrou Beth.

Paolo apenas sorriu e deu outra mordida grande no bolinho que tinha em seu prato.

— Esse é um baita salão — comentou ele, com os olhos arregalados enquanto observava pelo lado de dentro o prédio em que não fora convidado a entrar antes.

Às dez horas em ponto, Frank chamou a atenção deles em italiano e inglês, depois instruiu que todos se sentassem. Beth ficou cada vez mais surpresa ao ver a confiança e equilíbrio dele na frente dos aldeões e dos mineiros. Ela nunca tinha visto esse lado dele antes, o líder natural, mas eficaz. Ele leu o evangelho de Lucas, primeiro em inglês e depois em italiano.

Enquanto cantavam canções natalinas, o violino de Beth liderava com as linhas de harmonia, marcante e doce. Acima do som de seu instrumento, Beth podia ouvir as vozes de todos ao seu redor, cujo tom era partilhado, mas as palavras eram uma mistura de inglês e italiano, verdadeiramente edificante e singular.

De pé ao lado dela, Frank tocava uma harmonia que aos poucos agregava volume, preenchendo as pausas com belas frases de contraponto. Beth estava maravilhada. Não era assim que tinham ensaiado. Frank estava sentindo a música no momento e impressionando-a com a pura emoção da adoração. Não demorou muito para Beth entender como divergiam nos estilos. Ela foi habilmente ensinada a tocar por nota e por memória. Frank, por outro lado, tinha um talento naturalmente desenvolvido. Perguntou-se se ele já havia recebido aulas particulares, exceto, talvez, o que o bisavô havia lhe ensinado em uma idade tão precoce. Frank tocava de ouvido — e de cor, e o simples fato de ouvi-lo tocando era uma bênção que inundava Beth até o mais íntimo de seu ser.

Embora ela também estivesse exausta — inteiramente exaurida — a música fluía, enchendo a sala com expressões sinceras de adoração. Ela podia ver rostos mudarem de cansados e solitários para relaxados e alegres. Mas Beth podia sentir em cada músculo de seu corpo o sacrifício de louvor que ela estava oferecendo neste momento.

Sua mente estava cheia do esforço necessário para conseguir realizar a reunião. As senhoras também tinham dado de seus próprios recursos escassos para contribuir com o culto de adoração. E Frank, com o arco amarrado ao membro que fora desfigurado, talvez tivesse oferecido o maior sacrifício de todos, apresentando seu dom de adoração através da música, apesar da lesão devastadora. Os pensamentos submergiram Beth numa onda de emoção, já que estava cansada e desgastada demais para se manter sob controle. Não era a gloriosa onda de êxtase que havia sentido no concerto de Natal, isso era completamente diferente — um louvor extenuante e doloroso, no qual ela estava ciente em absoluto de como se tornara esvaziada, e ainda grata por serem reais as verdades do amor de Deus, mesmo naquela hora.

Beth teve dificuldades para terminar a música. Em vez de voltar para seu lugar, ela saiu por uma porta lateral para o ar gelado, sem parar para pegar o casaco, enquanto as leituras da Bíblia continuavam sem ela. Cobriu o rosto com as mãos e chorou sozinha, dominada pela agitação de emoções que dominavam sua alma.

Com esforço hercúleo, ela conseguiu se obrigar a voltar para dentro do salão para terminar a última canção de Natal. Sabia que os olhos vermelhos e inchados revelavam seu estado, mas Beth se recusou a falhar com suas responsabilidades. Assim que o culto foi concluído, ela conseguiu até mesmo conversar com vários membros das aulas de inglês antes que Molly percebesse sua condição e a mandasse para casa imediatamente, sem questionamentos.

Beth se encolheu em sua cama, puxou a colcha sobre si e caiu em um sono profundo e agitado. Quando ela acordou, era de manhã. Havia um prato de comida disposto na mesa lateral, mas Beth não fazia ideia de quem o trouxera ou quando.

Uma tosse repentina a lembrou de quanto sua garganta doía. Então, começou o inventário físico. Podia afirmar que estava com febre, com o nariz congestionado e seu estômago estava enjoado. O próximo pensamento foi uma onda de alívio, ao se dar conta de que não havia escola durante toda uma semana. Se a doença iria derrubá-

la mais uma vez, Beth estava grata porque, pelo menos, ela esperara até agora.

Uma batida suave soou na porta. Em resposta à chamada de Beth, Marnie entrou.

— Eu ouvi você se mexendo. Consegue comer?

— Eu vou descer.

Beth tirou os pés debaixo das cobertas.

— Ah não — disse Marnie com um forte não com a cabeça.
— A Srta. Molly disse que você deveria ficar aí mesmo na cama. Vamos trazer o que você precisar aqui em cima.

Foi bastante fácil concordar. Beth duvidou de que seria capaz de se levantar, de qualquer maneira.

Molly foi rigorosa em seus cuidados nos dias que se seguiram, resmungando que a jovem devia levar mais a sério a doença que havia levado tantas vidas na epidemia de gripe de 1918 — ainda vívida na memória de Molly —, e repreendendo Beth por ter saído para o ar invernal sem sequer ter a sensatez de vestir um casaco. Parece que David Noonan percebeu que a professora estava correndo para fora durante o culto e relatou isso a Molly.

Assim que, enfim, foi autorizada a deixar seu quarto, Beth passou grande parte da semana restante empacotada na cozinha, e lendo onde poderia ficar perto da melhor luz e do calor do fogão. Em silêncio, Molly e Marnie consertaram, tricotaram e deram os toques finais em pequenos presentes para amigos.

Com todos os homens da empresa em suas casas — todos, isto é, exceto o que havia chegado recentemente — a casa estava calma e bastante tranquila.

O novo cavalheiro residiria na pensão de Molly por apenas um curto período de tempo, disse ele. O nome dele era Nick Costa, e ele falava italiano, embora não como sua língua nativa. Beth descobriu, durante agradáveis conversas na mesa de jantar, que a mãe dele, que era britânica, insistiu que ele aprendesse a língua da família do pai, junto com o inglês falado em sua casa canadense.

Ele era bem-educado, lia bastante e era profissional. Beth gostou dele desde o princípio, e se perguntou como Nick se encaixaria com os outros homens da empresa. Ele parecia obviamente um homem peculiar. Beth queria perguntar o que ele estava fazendo ali enquanto a mina estava fechada, mas refreou a língua.

Nick era casado, e sua esposa lhe dera um filho que o enchia de orgulho. Beth soube que o bebê era um pouco mais velho que JW. Era uma deliciosa distração à noite, ouvi-lo falar dos incríveis feitos de seu filho. Beth estava atenta a cada palavra, imaginando o pequeno JW durante a conversa. Infelizmente, Nick quase nunca estava presente, exceto na hora do jantar. Então o resto de sua recuperação foi bastante silenciosa.

Frank passou para visitar Beth várias vezes, trazendo alguma pequena recordação que ele havia talhado ou um quebra-cabeça que havia confeccionado usando apenas fio. Ele se juntava a eles na cozinha, puxando uma cadeira até a pequena mesa para jogar xadrez

com Beth ou Teddy, demorando-se em cada movimento, contente por não haver outras exigências sobre o seu tempo. No dia 23 de dezembro, Jarrick os surpreendeu com uma visita, conversando amigavelmente durante o curto intervalo que conseguiu prescindir de suas responsabilidades. Beth não fez caso dos olhares preocupados do policial, garantindo-lhe que sua saúde logo estaria totalmente restaurada.

— Estou surpresa ao vê-lo saindo neste tempo — Molly disse a ele enquanto servia o café e um prato de biscoitos de gengibre que Marnie tinha feito. — Como estão as estradas? — ela perguntou.

— Coloquei correntes nos pneus. Se não nevar mais, posso até voltar para casa — brincou Jarrick.

— Você é corajoso por tentar. Não é sempre que as pessoas vêm aqui pelas estradas de inverno.

— Receio que o trabalho policial não dê muita atenção às estações.

— Você está policiando durante o Natal? Investigando alguma coisa...

— Vi um grande alce saindo um pouco da estrada — Jarrick interferiu sem deixar que Molly terminasse a pergunta. — Foi o maior que eu já vi. É incrível que ele tenha conseguido se livrar dos caçadores por tantos anos. Desperta a admiração da gente.

— Posso admirá-lo mais assando no forno — disse Molly com uma risada.

A conversa se voltou para outros assuntos com facilidade, e parecia não ter passado muito tempo quando Jarrick começou a juntar seu chapéu e luvas, e despediu-se de todos eles.

Beth fez uma pequena oração para que ele voltasse em segurança sobre as estradas nevadas.

Mesmo com essas visitas e a companhia que parecia familiar, uma forte melancolia se instalou no coração de Beth quando chegaram um dia mais perto do Natal. Ela não podia deixar de imaginar como estaria sua casa e o turbilhão de atividades, a mesa abundante, a decoração festiva e os montes de presentes — até mesmo as festas da

mãe. O Natal em casa era sempre festivo e agitado, nada como os dias tranquilos que ela enfrentava agora.

O que Beth talvez tenha sentido mais falta foi da véspera de Natal, quando a família se reunia diante da lareira ardente e o pai lia a história daquele primeiro Natal. Ao fechar os olhos, Beth conseguia até mesmo ouvir o som da voz dele, sentir o perfume da loção pós-barba que ele usava... Beth sentia uma saudade enorme dele.

Até mesmo a lembrança da alegria desenfreada de Julie e a conversa serena de Margret lhe trazia um nó na garganta. O bebê JW sem dúvida estaria dando as primeiras tentativas de passinhos, dirigindo-se para os presentes embrulhados se alguém não o colocasse em outra direção... *e desfrutando de seu primeiro Natal sem mim.*

Por alguma razão, que ela não explicou, Molly, justo naquele momento, decidiu ensinar Beth a tricotar. Ela carregou uma cesta de retalhos de fios para a cozinha e colocou Beth para trabalhar em um cachecol. Mesmo em sua condição física atual, Beth teve que admitir que ajudava a preencher o tempo. Mas a variedade de cores que Beth tirou da cesta criou uma mistura desordenada quando o cachecol começou a tomar forma, e Beth se perguntou quando ia poder usar tal coisa. Então ela pensou com um pequeno sorriso que talvez as crianças fossem gostar de vê-la usando o cachecol. *E eu mesma o fiz*, ela anunciaria, sem dúvida, para causar algumas risadas.

Descendo com cuidado as escadas com a colcha amontoada ao seu redor na tarde da véspera de Natal, Beth olhou pelas janelas para a neve caindo. *Um Natal branco*, pensou com exultação. Foi quando ouviu o som de passos abafados sobre a neve na varanda. Ela já tinha ouvido Frank chegar, e ele devia estar esperando na cozinha com Molly e as crianças. Pelo vidro da porta, ela pôde ver uma jaqueta vermelha brilhante. Ao abrir a porta, Beth esperava cumprimentar Jarrick e provocá-lo por entrar na festa como penetra. Mas Beth se surpreendeu quando olhos verde-escuros a encararam por baixo de um Stetson. Ela ficou imóvel.

— Posso entrar? — ele sorriu.

Beth piscou, tentando fazer desaparecer sua perplexidade.

— Sim, é claro... mas, Edward, como você chegou aqui?

Ele atravessou a soleira da porta, batendo o pé para tirar a

neve recém-caída das botas, tirando o chapéu e largando no chão uma bolsa. A mecha de cabelo sobre a testa estava notavelmente ausente — um corte curto e profissional agora lhe dava uma aparência mais madura e bastante bonita.

— Consegui um dia de folga no Natal e decidi que o que mais gostaria de fazer seria, finalmente, fazer uma visita a você.

— Você veio para o Natal — todo o caminho desde o Norte?

Beth soava tão incrédula quanto se sentia.

— Bem, não. — Ele hesitou e desviou o olhar. — Eu não estava tão longe assim. Estou trabalhando mais ao sul por um período de tempo. — Ele ergueu o olhar novamente para a figura envolta na colcha e o rosto pálido de Beth. — Você está doente, Elizabeth?

— Não... quer dizer, eu estive. Mas estou muito melhor agora.

Molly e Frank apareceram, movendo-se em direção ao estranho na porta da frente.

— Seja bem-vindo — disse Molly com a mão estendida em direção a Edward. — Pensei que *ocê* nunca ia *chegá* aqui. Ainda bem que o tempo não foi tão cruel com *ocê*.

— Você *sabia* que ele vinha?

— Claro. — Molly estava apertando a mão de Edward. — Jack nos contou no domingo passado. Só pareceu mais divertido deixar que fosse uma surpresa de Natal para você. Coloque sua bolsa na terceira porta à direita no andar de cima — ela o instruiu — e *acompanha nós* na cozinha.

Beth olhou com espanto enquanto Edward subia as escadas. Ela lançou um olhar para sua roupa — camisola e robe, com uma colcha cobrindo tudo. Perguntou-se como devia estar o cabelo dela... mas deixou o pensamento de lado. Não havia como arrumar nada agora. Ela murchou em uma cadeira.

— Jack me contou que esse Edward era como se fosse um parente seu.

Molly estava olhando cuidadosamente para Beth, tentando tirar suas próprias conclusões a respeito desse novo rapaz e o que a

presença dele significava, é claro.

— Bem, suponho que essa seja uma maneira de descrevê-lo.
— Então Beth baixou a voz e disse: — Srta. Molly, por favor, no futuro, se alguém vier me visitar — de modo especial um homem, você... você poderia *por favor* me avisar?

Molly estendeu a mão para empurrar um fio de cabelo de Beth e colocá-lo no lugar.

— Você parece muito bem, querida.

Beth franziu a testa. *Será que Molly estava, como sua mãe, bancando a casamenteira?*

Edward, sentado numa cadeira na cozinha de Molly, era como um cisne tentando parecer à vontade numa turfeira. Suas maneiras educadas eram um pouco rígidas demais, particularmente em frente ao rosto pálido de Beth e sua figura envolta numa colcha. Ele conseguiu, no entanto, transmitir profunda simpatia por ela.

— Não há nada insignificante sobre a gripe — ele estava dizendo. — Já vi homens vigorosos ficarem abatidos por semanas. Mas fico feliz em saber que você está sendo bem cuidada. Já teve notícias da sua mãe? Sem dúvida, ela deve estar muito preocupada com você.

— Eu já escrevi para ela sobre isso, mas, por favor — prefiro que você não mencione isso para ninguém que possa contar a ela. Isso só faz parecer ainda mais sério. É apenas gripe. Estou quase de volta ao normal.

Edward a encarou com um olhar brincalhão que Beth conhecia tão bem.

— Ora, você está emancipada do olhar atento de sua mãe. Você certamente teve que viajar para longe de casa para conseguir isso.

Frank, por misericórdia, mudou de assunto.

— Onde fica o seu posto, Sr. Montclair?

— No norte, em Athabasca. Embora eu esteja em Lethbridge pelos próximos meses. Alguns de nós foram trazidos de volta para uma tarefa adicional.

Não foi tanto a imprecisão da resposta, mas a mudança sutil na expressão de Edward que chamou a atenção de Beth. *Havia algo que Edward estava omitindo?* Mas Beth repreendeu a si mesma, *É claro, há muita coisa que ele não nos contaria.*

— E você gosta do trabalho?

— Muito. Tem sido exaustivo, com certeza, mas há momentos, que ocorrem com bastante frequência, em que a ordem tem sido restaurada a uma comunidade — que fazem o resto valer a pena. Mas se tem algo que aprendi no meu trabalho é que as ameaças estão mais próximas do que se espera.

— Estou certo de que é verdade. Eu vi o crime e a desordem caírem à medida que a lei se aproxima.

Só então Beth se lembrou da bússola e do violino recuperados. Ela exclamou:

— Oh, Edward, eu queria muito agradecer por encontrar minhas coisas — por enviá-las. Você não pode imaginar que alívio — que emoção — senti ao vê-los novamente! — ela se apressou em dizer.

Ele se inclinou para mais perto, falando baixinho.

— Eu queria muito acertar as coisas de novo, Elizabeth. Para mim era de vital importância. Queria reparar os danos que tinha causado, para que as coisas seguissem como sempre foram entre nós.

Beth franziu a testa.

— Não foi culpa sua — não de fato. Eu já expliquei isso. — Ela recuou um pouco. — Mas sei que foi preciso muito esforço para recuperá-los, e *estou* muito grata.

— Foi um prazer, garanto.

Houve um silêncio constrangedor.

Molly preencheu o silêncio dizendo:

— Frank, por que você não pergunta ao amigo da Beth se ele joga xadrez? Aposto um fazenda que ele joga.

A véspera de Natal passou tranquilamente. Beth observava Edward e se perguntava o que poderia estar por trás de suas sinceras palavras. Ela suspeitava agora que havia mais em sua tentativa de

corrigir as coisas do que apenas se preocupar com uma velha amizade. *O que eu sinto a respeito do Edward?* Beth não conseguia compreender suas emoções — pelo menos não naquele momento.

Naquela noite, Molly sugeriu que Edward lesse a história de Natal, e então eles desfrutaram de um pouco de ponche de frutas e doces especiais. Por fim, Molly mandou Beth para a cama, deixando Edward na cozinha com Frank e ela.

Beth não tinha como saber as percepções que eles tinham de Edward, mas eles o viam sem preconceitos de posição ou reputação. E enquanto contemplava isso, outro pensamento lhe ocorreu. *Há algo diferente sobre Edward agora — ele amadureceu.* Talvez ela devesse reconsiderar as antigas opiniões.

A manhã de Natal chegou e Beth se sentia melhor do que há muito tempo. Ela lavou e escovou o cabelo, na esperança de apresentar uma aparência muito melhor do que tivera a energia de apresentar na semana passada. Era difícil escolher qual vestido usar. Os que a mãe enviara pareciam exagerados para um dia passado em casa, porém os vestidos de trabalho pareciam muito simples. Escolheu o que havia reestilizado, esperando que estivesse em algum lugar no meio termo.

— Feliz Natal, querida — Molly exclamou assim que os passos de Beth soaram na cozinha, dando-lhe um rápido abraço. — Estou tão feliz por você estar aqui para partilhar deste dia conosco este ano. — Então acrescentou: — Você está muito bonita.

— Estou feliz por estar aqui com vocês — Beth respondeu com sinceridade.

— Como posso ajudar?

— Não, não. Está quase tudo pronto. Você pode se sentar e colocar os pés para cima.

Marnie e Teddy já tinham buscado as meias de Natal, e Teddy já estava chupando a bala que havia encontrado. Mas Marnie escondeu as dela com cuidado para mais tarde. O rosto da menina brilhava quando ela mostrou para Beth as novas meias de lã que Molly havia feito, junto com fitas para o cabelo.

Edward logo se juntou a eles na cozinha para um delicioso café da manhã. Eles conversaram amigavelmente sobre o trabalho dele, respondendo às perguntas que ele tinha sobre a cidade. Beth

ficou surpresa ao saber com que frequência Edward viajava, como se familiarizou com grande parte da província. Na verdade, ele parecia conhecer a região onde eles moravam muito bem — como se tivesse passado um tempo na área. *Se for assim, por que esta é a primeira visita que ele faz?*, perguntou-se sem objetivo.

Molly fez um resumo animado dos programas de Natal de maneira estranha. Beth e Frank se entreolharam com certa surpresa e não pouco desconforto ao ouvirem os elogios entusiasmados, mas Edward parecia apropriadamente impressionado.

Eles estavam reunidos na sala de estar para a troca de presentes, e só então Beth se deu conta de que ela não tinha nada para Edward. *Se eu soubesse, teria encontrado algo*, ela pensou consternada.

Teddy fora encarregado de distribuir os pacotes que estavam ao redor da pequena árvore de Natal de Molly, valorosamente empoleirada na mesa, e com alguns ornamentos e enfeites pendurados. Ele pegou uma caixinha e entregou para Marnie, e ela ficou emocionada com o pequeno frasco de perfume que desembulhou. Um por um, os presentes foram abertos.

Beth colocara suas contribuições entre os presentes ao redor da árvore. Um novo canivete para Teddy e um livro de poemas que tinha certeza de que Marnie iria gostar. Para Molly, um conjunto de pentes de marfim com pequenas contas de pérola no topo, e para Frank, ela havia conseguido um par de luvas de lã vermelha compradas já prontas.

Em seguida, ela viu quando Marnie abriu o novo vestido que ela e Molly tinham confeccionado juntas a partir do material restante que Beth comprara no outono. Teddy, que estava um pouco menos entusiasmado, abriu o pacote e encontrou uma nova camisa.

Quando Beth foi presenteada com uma pequena caixa, ela sorriu ao redor da sala, curiosa, já que não tinha outro nome além do seu. Ela abriu o embrulho e tirou a tampa. No interior, havia uma corrente de ouro brilhante e um lindo pingente em forma de pomba, feito de madrepérola. Beth respirou fundo, pasma por ter recebido um presente tão luxuoso.

— Estava pensando que poderia ser uma espécie de oferta de paz — disse Edward com certo pesar. — Espero que goste.

Beth podia sentir as bochechas coradas. O que poderia dizer? O presente era muito mais extravagante do que qualquer um dos

outros — desproporcional, sentiu ela, e infundado. Ela tinha certeza de que não fora comprado com o salário de Policial. Ela agradeceu educadamente, com vergonha de dizer algo mais.

Um pequeno rebuliço começou do outro lado da sala, enquanto Molly empurrava Teddy em direção ao próximo pacote, um que insistia que fosse o próximo a ser entregue.

— E aqui diz “Para Edward, de Beth” — anunciou ele.

Beth não conseguiu esconder seu choque e lançou um olhar confuso em direção a Molly, que a calou com um dedo nos lábios.

Edward aceitou o pacote e fingiu suspense, virando-o várias vezes — até mesmo sacudindo o pacote — embora claramente fosse macio como algum tipo de roupa. Por fim, rasgando o papel, apareceu o cachecol multicolorido — fileiras irregulares e tudo mais — que Beth havia tricotado. Ele o segurou com um sorriso surpreso enquanto Beth cobriu o rosto com as mãos.

Imperturbável, Molly anunciou com orgulho:

— Beth mesma que tricotou.

Edward riu.

— Sim, deu para ver — tenho certeza de que foi o primeiro, e espero que não seja o último. Estou honrado por recebê-lo. Vou criar uma nova tendência da moda em Athabasca.

Ele enrolou o cachecol no pescoço e sorriu para todos ao redor da sala, e por último pousou o olhar em Beth. Suas palavras vieram devagar e com cuidado, como se não houvesse mais ninguém ouvindo.

— Você tem tantos talentos maravilhosos, Elizabeth. Estou convencido de que não há nada que você não possa realizar se tentar. Vou valorizar este presente como um tributo à mulher incrível que você é; e nas noites geladas de inverno, encontrarei alguma maneira de colocá-lo sob minha túnica.

Por um momento, Beth ficou enfeitiçada. Os olhos verdes brilhavam com sinceridade em um rosto distintamente mais desgastado e masculino do que ela se recordava. Sua expressão não tinha nenhuma semelhança com o garoto zombeteiro e irritante que ela conhecera.

Pelo resto do dia, Beth evitou o olhar de Edward, confusa com a agitação de seus pensamentos e sentimentos, que às vezes eram contraditórios. Ela falou cordialmente com ele, como fora ditado por sua educação, mas as emoções confusas não conseguiam administrar mais interação do que a que era inevitável. Após o jantar, ele pegou a bolsa, expressou sua gratidão e virou-se para sair novamente para a paisagem congelada.

— Obrigada por ter vindo, Edward — disse ela educadamente antes de ele ir embora da varanda de Molly. — Por favor, tente se cuidar — vou ficar orando por sua segurança.

Seus olhos tinham uma expressão amigável.

— Estou grato por você se lembrar de mim de forma caridosa em oração.

E depois, ele se foi.

Beth já tinha guardado o colar caro numa gaveta e tentou não ficar pensando muito nos sentimentos conflitantes em relação à visita de Edward. Ela foi timidamente para a cozinha, pegou um pano de prato para secar a pilha de pratos limpos.

— Ele é um bom rapaz — Molly comentou de maneira franca. — Você gosta dele?

Um rubor profundo subiu no rosto de Beth.

— Eu não estou apaixonada por ele, se é isso que quer dizer.

Sua resposta parecia seca e grossa.

— Tem certeza? — Molly soltou uma risada, e Beth sentiu que era demais. Ela largou o pano no balcão e saiu correndo da sala, subiu as escadas e foi para a cama.

Beth enterrou o rosto no travesseiro, pensamentos opostos embrulhando seu estômago. Não era sua intenção ofender Molly, e desejava ter dado algum tipo de resposta. Mas suas emoções estavam todas atreladas a memórias de Edward, e era tudo muito complexo para ela resolver agora.

Uma batida suave soou na porta.

— Quem é? — Beth exclamou, embora tivesse certeza de

quem era.

— Posso entrar?

Beth sentou-se na beira da cama e tentou recuperar a compostura.

— Sim.

Molly espiou pela porta e entrou com cautela, fechando-a em silêncio atrás dela. Atravessou o quarto e sentou-se pesadamente ao lado de Beth na cama.

— Creio que deva a você um pedido de desculpas.

Beth balançou a cabeça.

— Não, não, Molly. Não é você — não sei por que estou me sentindo tão sensível.

— Bem, eu não quis chateá-la de nenhuma maneira. E realmente sinto muito por ter chateado. Podemos conversar?

Beth inspirou profundamente.

— A verdade é... — ela cobriu o rosto com as mãos. — Oh, eu não sei qual é a verdade. Suponho que a verdade é que não sei o que sinto ou por quê.

— Bem, então, por que você não começa com o que tornou minha pergunta tão incômoda.

Beth observou uma mancha no tapete.

— Eu nunca gostei muito do Edward — ela começou devagar. — E eu sempre soube que algumas pessoas esperavam que nos casássemos, principalmente as nossas... as nossas mães. — Beth pôde ouvir Molly suspirar baixinho. — E estou começando a acreditar que Edward está esperando o mesmo — continuou ela. — Mas ele... ele nunca foi o tipo de homem com quem quero compartilhar minha vida. Isso é — bem, pelo menos, não era o tipo de *menino* que eu podia respeitar. É diferente agora. Ele não é o mesmo. Eu não sei, mas talvez ele esteja realmente mudando.

Beth levantou os olhos para o rosto carinhoso de Molly.

— Mas a ideia toda me faz sentir presa de alguma forma —

como se houvesse alguma força invisível *me forçando* para ele. Eu pensei, com certeza, que estava deixando tudo isso para trás quando vim para o oeste, e, de repente, ele apareceu no trem. No começo, isso me incomodou, e então me vi esperando encontrá-lo a cada passo... e finalmente *esperando*, na verdade, que o encontrasse. Mas então, quando ele não apareceu aqui por todos esses meses... Molly, como é que eu posso *querer* vê-lo, mas afastar-me dele ao mesmo tempo? Simplesmente não faz sentido...

— Sentimentos muitas *vez* não *faiz* sentido — foi a resposta franca de Molly. Ela pôs a mão no braço de Beth. — Então não *podemo* viver por meio deles. Também não *podemo sê* escravo deles. *Temo* de *vivê* de acordo com o que é certo — não com o que sentimos. Sentimentos não são *ruim*, sabe, só *temo* de lembrar que eles *pode* se *transformá* em algo mais, sem motivo que *possamo explicá*.

Beth assentiu.

— Foi por isso que minha brincadeira importunou *ocê*?

Depois de uma pequena hesitação, Beth respondeu em voz baixa:

— Foi mais que isso. Todas as coisas juntas... você não me disse que ele estava vindo, e não me contou sobre o presente. Acho que senti como se estivesse fazendo o que os outros fizeram — nos colocando como casal contra a minha vontade.

Molly colocou o braço em torno de Beth e puxou-a para perto.

— Eu não quero nada para você, querida, além do que você e Deus querem. Acho que quando a gente é mais velha, diverte-se ao ver os jovens se unindo. Mas eu *jamais* ia pressionar *ocê* de uma forma ou de outra. É uma decisão que só *ocê* pode *tomá*.

De todo o coração, Beth desejou que a mãe tivesse sido capaz de articular tais palavras. Ela sussurrou:

— Sinto que minha família não diria o mesmo — que minha mãe, em particular, sente que sabe o que é melhor e ficaria muito feliz em ditar meu futuro — se eu permitisse.

Molly riu mais uma vez.

— É diferente em uma família. É mais difícil dar um passo

atrás quando o futuro de um ente querido está em jogo. Tenho certeza de que é o amor da sua mãe por *ocê* que faz *sê* difícil deixar você ir. Até mesmo cometer um pequeno erro ou dois. — Então ela apertou um pouco mais. — Mas você *tá* aqui, *num tá*? E isso é um longo, longo caminho de casa e da mamãe — estou falando muito, hein?

Beth foi capaz de esboçar um pequeno sorriso, mas também deu de ombros. Molly estava inegavelmente certa, mas, de alguma forma, parecia uma liberdade temporária, medida com cautela — que logo seria retirada.

— Como posso orar por você e sua mãe, querida?

A pergunta de Molly foi inesperada, mas transmitiu afável amor e apoio.

Beth desviou o olhar, depois encarou Molly.

— Pela paz entre nós. Por submissão, do tipo certo, eu acho. Que eu não me sinta tão teimosa e resistente ao que ela disser ou quiser.

— Se eu puder — disse Molly com cuidado —, vou orar para que você se submeta a Deus primeiro. Assim que fizer isso, você e sua mamãe vão resolver as outras partes. Você é mulher agora, é verdade, e tem que tomar as decisões para a própria vida. Mas primeiro, tem que obedecer ao chamado de Deus — nas pequenas e nas grandes coisas. Você vai *entendê* melhor algum dia, porém, que sempre vai *sê* a menininha dela. Você tem de honrá-la, não importa quantos anos tenha. Essa parte vai ser algo que *ocê* faz em sua mente, não em seus sentimentos — só *ocê* e Deus *resolvem* juntos. *Nóis tudo* temos mães — e, em algum momento, *temo* que *descobri* o que significa ser uma filha adulta.

Depois de dar um beijo no cabelo de Beth, Molly se levantou e saiu, fechando suavemente a porta atrás dela. Beth suspirou, mas foi um suspiro de libertação, não de tristeza. Era tão fácil conversar com a Molly. Após apenas alguns meses morando na pensão de Molly, elas já tinham aprendido a se amar e se entender. *Talvez seja da Molly que vou sentir mais falta quando o meu ano acabar...*

Finalmente a resposta da mãe à carta que Beth enviara antes do Natal chegou. Sem surpresa, Beth encontrou muitos protestos a respeito de não cuidar da própria saúde da maneira adequada. A mãe,

de fato, chegou muito perto de ameaçar uma visita para certificar-se de que ela estava recuperada o bastante antes de continuar com as responsabilidades na escola. Lendo nas entrelinhas, Beth decifrou que o pai havia sido o único a repudiar tal ideia. Lágrimas quentes rolaram pelas bochechas de Beth quando ela percebeu que não havia uma única referência ao seu programa de Natal. Ela enxugou os olhos, assoou o nariz e orou para que a mãe um dia pudesse vê-la como alguém mais do que apenas uma inválida, que precisava de mimo e do olhar atento de alguém.

A neve continuou a cair depois do Natal, e o mundo lá fora estava coberto com uma linda coberta de algodão branco. Por mais atraente que uma caminhada parecesse, ela sabia que seria imprudente até que recuperasse as forças por completo. Em vez disso, a partir da segurança da janela da sala de Molly, Beth conseguia, de vez em quando, observar algumas crianças brincando na rua, perseguindo e jogando bolas de neve, ou fazendo túneis através dos desvios.

Ela logo soube que isso era agradável, desde que fosse apenas por um curto período. Se ficasse por mais tempo, Beth logo sentia a necessidade de repreendê-los por alguma infração infantil. *Hum*, ela pensou por um momento, *será que isso não parece um pouco com a minha mãe?*

E se ela os chamasse da porta aberta, Molly imediatamente gritava da cozinha para fechá-la outra vez, “antes que você encontre sua morte”. Beth balançou a cabeça pensando na ironia de ser repreendida como se fosse uma criança no momento em que estava pensando em repreender os próprios alunos. Mas essa não era uma batalha que ela pudesse vencer — e, na verdade, ela não iria contra essa mulher amorosa, que era a grande guardiã de seu bem-estar.

Como a mamãe quer ser... então por que parece ser tão diferente vindo de Molly?

Beth teve muito no que refletir durante esta semana de tranquilidade antes da retomada das aulas. *Senhor, ajuda-me a organizar todos esses pensamentos e sentimentos, para me tornar mais parecida com o Senhor, ela orou, mais compreensiva e perdoadora.*

Estava grata, pois Frank continuou a visitá-la todos os dias. Ele era uma agradável distração do silêncio que se instalara sobre a casa desde o Natal. Sempre que ele chegava, havia risos, jogos e canto improvisado; e às vezes, dois violinos se uniam em belíssima harmonia

— elevando o espírito de todos para acompanharem o de Frank.

Reunindo as redações que avaliara muitos dias antes, Beth tinha sentimentos mistos enquanto partia para a escola novamente. As duas semanas de descanso e companheirismo tinham chegado na hora certa, e ela sentiria falta disso. Mas ela também estava ansiosa para estar de volta com as crianças — para sentir que estava realizando algo significativo.

Seus alunos, no entanto, pareciam inquietos e preocupados quando ela os encarou desde a frente do salão. Ao que parecia, eles não partilhavam de seu desejo de serem produtivos mais uma vez depois da pausa de Natal. Beth simplesmente ficou diante deles, esperando até que eles perceberam seu silêncio e lhe deram atenção. Ela sabia que tinha que ser particularmente vigilante e criativa para mantê-los animados, avançando com as lições, apesar de sua falta de concentração. No final do dia, Beth se sentiu acabada e marchou para casa desapontada — consigo mesma e com os alunos.

Molly notou no mesmo minuto, e sem Beth dizer uma palavra, ela deu um tapinha no ombro e disse que o dia seguinte seria melhor. E foi. À medida que os dias de inverno avançavam, a rotina foi estabelecida mais uma vez.

Beth estava um pouco nervosa ao abrir outra carta da mãe, e então, ficou agradavelmente surpresa quando leu o arrependimento da mãe por tê-la repreendido sobre suas atividades na última correspondência. Em seguida, muito mais detalhes sobre as celebrações de Natal da família, junto com o desejo de que Beth estivesse presente. Mamãe também escreveu sobre os planos iminentes e notícias sobre alguns amigos que Beth conhecia. No último parágrafo, ela acrescentou: “Estou tão feliz que Edward tenha conseguido passar o Natal com você. Imagino que tenha sido agradável”.

Lá estava — a sugestão velada da mãe de que Beth cultivasse um relacionamento com ele. *Será que ele encontrou alguma maneira de comunicar a visita a ela? Ou talvez a própria mãe dele tivesse transmitido a notícia...*

Os dias de inverno eram curtos e muitas vezes monótonos, e Beth se viu caminhando para a escola antes que o sol nascesse e voltando para casa no crepúsculo. As escassas lamparinas nas mesas

da escola trabalharam duro para fornecer luz suficiente para os alunos nos dias nublados e nevados. Beth se preocupava com o salão rançoso, agora que estava muito frio para abrir as janelas. Mas estava conseguindo dormir mais, mesmo continuando com o Clube da Bíblia e as aulas de inglês todas as semanas.

Mais três mineiros se juntaram à classe na cabana de Frank. As aulas agora eram uma mistura animada de personalidades interessantes de que Beth gostava muito. Os homens estavam aprendendo muito mais rápido do que Beth imaginava que fosse possível. Ela tinha certeza de que isso se devia aos esforços de Paolo para treiná-los e desafiá-los ao longo da semana. De longe, Alberto era o mais proficiente. Beth suspeitava que ele já soubesse mais inglês do que estava disposto a admitir.

Contudo, no meio de janeiro, aconteceu uma nevasca – a primeira que Beth experimentou desde que chegara a Coal Valley. Molly lhe informou que não havia necessidade de mandar Teddy anunciar que a aula tinha sido cancelada — as mães não iam deixar que os filhos saíssem de casa nesse tipo de clima, mesmo que Beth conseguisse ir para a escola sozinha. Durante dois dias, a neve gelada atingiu as janelas e chicoteou o telhado. O vento uivante através das árvores abafava todos os outros sons, incluindo a maquinaria de mineração sempre presente. Quando perguntada, Molly garantiu que o trabalho no subsolo continuaria.

Frank também se rendeu à tempestade, desistindo de suas visitas frequentes durante o período. Beth não tinha dúvida de que era provável que ele tivesse recebido convidados também. Não seria a primeira vez que ele convidava alguns mineiros para dormir no chão de sua cabana quando o tempo estava particularmente desagradável. A cabana não era grande ou extravagante, mas mantinha o calor do fogão com intrepidez, muito melhor do que as tábuas finas das construções do acampamento. Pelo que lhe disseram, alguns dos mineiros juntavam neve contra a lateral de suas habitações, na esperança de obter certo isolamento contra os ventos e o frio cortante.

Quando a tempestade enfim terminou, Beth olhou para um mundo de cristal recém-polido, claro e brilhante. Vários alunos já estavam empacotados e brincando na neve que acabara de cair, e ela se apressou para vestir casaco, chapéu e luvas. Estava doente quando os viu pela última vez de dentro da janela. Beth decidiu que hoje ela mesma desfrutaria de alguns dos prazeres da neve.

As crianças pareciam genuinamente surpresas com a aparição

de Beth, mas logo a aceitaram em sua brincadeira. Ela colaborou com seus esforços para construírem um boneco de neve — embora a neve em pó tenha se mostrado ruim para tal construção. Então, em vez disso, trabalharam cavando um túnel. As bochechas de Beth estavam rosadas e os dedos quase dormentes quando Molly chamou todos eles para se sentarem na varanda e desfrutarem de um pouco de chocolate quente e biscoitos. Beth ficou com eles, divertindo-se com a conversa e respondendo a suas perguntas.

— A senhorita não tinha neve onde cresceu?

— Claro que tinha — explicou ela — muitas vezes tivemos muita neve. Mas minha mãe raramente me deixava brincar lá fora no frio. Eu ficava muito doente quando era criança.

— O Levi é assim. A mãe dele também não deixa ele sair — informou Georgie. — Diz que ele precisa ficar aquecido.

— A senhorita tinha irmãos e irmãs?

Beth respondeu solenemente:

— Eu tenho duas irmãs. Mas também tive um irmãozinho que morreu. Ainda sinto saudades dele — disse ela bem baixinho. As crianças olharam para ela com novo interesse. Ela sorriu para as crianças e agregou: — Uma das minhas irmãs é mais velha e é casada. A outra irmã é mais nova. E também tenho um sobrinho, um anjinho chamado JW.

— JW? Que nome é esse?

— Significa John William. É uma espécie de apelido.

— Bonnie tem um apelido — disse Daniel com um sorriso. — Quer saber qual é?

Bonnie se levantou de maneira ameaçadora.

— Pare com isso, Daniel. Vou contar para a mamãe!

O garoto riu, mas escolheu a melhor parte da sabedoria, encolhendo-se dentro de sua parka, como se o casaco o protegesse.

— Srta. Thatcher, aposto que você está contente por não ter crescido com um irmão — murmurou Bonnie.

A Beth mudou de assunto.

— A cidade de onde venho é bastante plana — e há pessoas e edifícios por toda parte.

— Eu já *tive* na cidade — Maggie disse. — Quando eu era bem pequena, mamãe disse. Nem me lembro. E depois viemos pra cá com o meu pai. — Falar a palavra pai em voz alta trouxe silêncio ao redor. — Sinto saudades do meu pai — acrescentou baixinho a menina.

Beth estendeu a mão para acariciar a bochecha rosada dela e respondeu com ternura:

— Sinto muito, querida. Tenho certeza de que você sente muita falta dele.

Jonah murmurou:

— A mamãe diz para não f-f-f-f-a-a-aalar sobre ele. Mas eu g-g-g-g-o-o-o-oosto de lembrar.

Beth chegou mais para frente na cadeira.

— Sua mamãe provavelmente ainda se sente muito sozinha, porque tem muita saudade dele também. E às vezes, quando ainda estamos tristes demais, é mais fácil tentar não pensar nisso. Mas podem falar sobre os pais de vocês comigo.

— Não f-f-f-f-a-a-aaz você se sentir mal também?

Beth pôde sentir as lágrimas brotando e piscou rapidamente para que sumissem.

— Faz meu coração doer por *vocês*, mas esse é um tipo diferente de dor. Então, se quiserem, podem vir e falar comigo sempre que sentirem vontade.

Molly trouxe mais um prato de biscoitos e ofereceu a todos no pequeno círculo.

— Posso levar um para o Levi? — Anna Kate perguntou. — Ele não ganha muitos doces.

— Ele não ganha muitos doces porque não tem muita comida — Maggie deixou escapar.

Anna Kate era muito jovem para ser distraída pelo comentário.

— De qualquer forma, ele ia gostar de um biscoito.

Ela apontou uma língua para Maggie.

Beth virou-se para o par de meninas. Ela perguntou solenemente:

— Isso é verdade, Anna Kate? Vocês não têm o suficiente para comer?

Com franqueza infantil, ela respondeu:

— Mamãe disse que é só até que o trem de suprimentos possa passar novamente.

Beth tentava não se intrometer, mas a ideia de que qualquer um de seus alunos não tinha o suficiente para comer trouxe séria preocupação. Agradeceu por permitirem que ela brincasse na neve com eles e, sem que ninguém percebesse, enfiou mais alguns biscoitos no bolso de Anna Kate e acenou para todos enquanto partiam.

Mais tarde, Beth se aproximou de Molly para ver se ela sabia algo a respeito do problema.

— Eu sabia que eles estavam com dificuldades, mas não que estavam tão necessitados.

— Há algo que possa ser feito?

Molly sentou-se numa cadeira da cozinha.

— Esther Blane é uma pessoa muito difícil. Ela não aceita ajuda de ninguém. Recusou categoricamente até o Frank, quando ele tentou dar um peixe *pra* eles.

— Quantas outras famílias você acha que estão tendo dificuldades?

Molly balançou a cabeça.

— Três ou quatro. Talvez mais. As pensões começam a esgotar, depende de quanto tempo os maridos trabalharam na mina. As garotas estão morrendo de medo do que pode acontecer depois. O problema é que ninguém sabe.

Beth não seria dissuadida.

— Então, o que quer que façamos não pode ser direcionado a uma família — ou mesmo a algumas. Deve ser oferecido a todas as crianças.

Molly olhou para ela por um longo momento.

— O que você está sugerindo?

— Que tal se nos certificarmos de que eles recebam um bom café da manhã? Muitas escolas têm feito isso. E é uma das refeições mais baratas para providenciar.

Beth observou a reação de Molly.

— Cuidado com o que você vai começar, querida. Pode ser que esteja dando um passo maior que a perna. E às vezes, falhar é pior do que não tentar — quando se trata de colocar fogo na fogueira.

Beth suspirou. Sem se dar conta, ela tocou o medalhão novamente.

Ela não conseguia afastar de sua mente a recente enfermidade, sem dúvida provocada por se esforçar demais. Precisaria de muita oração antes de seguir em frente.

— Quanto custa comprar uma vaca? — Beth perguntou.

Ela tinha trazido Philip para um canto isolado do corredor após o jantar de domingo. O pastor a encarava como se ela tivesse perdido a cabeça.

— Uma vaca?

— As crianças precisam de leite — explicou. — Pensei que poderíamos dizer que era um projeto escolar, talvez ensiná-los a ordenhá-la. Dessa forma, não precisamos fazer nenhuma das mães sentir que estamos fazendo caridade. As crianças vão ser as provedoras. O animal meio que vai pertencer a todos eles...

Ela podia dizer que não tinha sido muito convincente.

— Você já falou com mais alguém dessa ideia?

Ela desviou o olhar, embaraçada.

— Não, pensei em experimentá-la primeiro com você — como se fosse um teste.

Philip balançou a cabeça.

— Manter uma vaca dá um trabalho danado — você ficaria surpresa com o quanto elas comem. E você já parou para pensar onde ela ficaria? É melhor discutir isso com alguém que conhece o gado melhor do que eu antes avançar com seus planos.

Beth apertou as mãos com firmeza na frente dela, até deixar os dedos brancos.

— Os Grants têm um grande galpão atrás do salão de bilhar. Fiquei pensando se ela não poderia ser mantida lá. Sei que teríamos que trazer feno também, só que não esperava que fosse *tão* complicado.

— Eu sei que você quer ajudar, Beth. — O pastor estendeu a mão para apertar o braço dela suavemente. — Mas o que vai acontecer com a vaca quando você sair no final do ano letivo? Admiro suas boas intenções, mas talvez você esteja dando um passo maior que a perna.

Beth soltou um longo suspiro.

— Você acabou de repetir as mesmas palavras de Molly.

Ela esperava que Philip pudesse ser mais positivo.

— Agora teria que voltar a conversar com Molly e ver se ela tinha mais ideias.

De imediato, Molly vetou a vaca como uma ideia impraticável. Ela não estava disposta nem a discutir o assunto.

— Se está decidida a dar o café da manhã para eles, então mingau é a melhor aposta — afirmou ela.

Beth teve dificuldade em imaginar que as crianças ficariam muito entusiasmadas com a ideia de comer mingau todas as manhãs, mas talvez se estivessem com fome, seria bom o bastante. No entanto, só o mingau não satisfaria a ampla gama nutricional que a mãe afirmara ser necessária.

— Há algum tempo — Molly arrazoou, pensativa — umas

mãe tavam falano sobre fazê algo assim. Você devia perguntá pra Katie Frazier — ou pra Frances. Elas vão saber quem mais.

Depois de um almoço rápido, Beth caminhou até a casa de Frances Tunnecliffe para uma visita. A amiga de Molly foi capaz de oferecer informações adicionais sobre quais famílias estavam sofrendo mais durante o difícil inverno. Foi uma conversa dolorosa, enfatizando para Beth quão pobres algumas famílias eram de fato.

Quando Beth se levantou para sair, Frances a advertiu:

— Não deixe as garotas saberem de nada disso. Elas não vão gostar de saber que seus assuntos privados estão sendo discutidos. E não aceitariam de bom grado a caridade — especialmente de uma estranha.

Beth tentou não se deixar abater por causa desse rótulo. Ela desejava tanto que pudesse ser considerada como uma vizinha entre eles — mas sabia muito bem que levaria tempo para ganhar a confiança deles. E seu ano estava passando depressa demais.

Ainda assim, esperava muito mais apoio do que encontrou. É claro que o bem-estar das crianças devia ser primordial, mas os outros pareciam focar apenas os obstáculos. No final da tarde, Beth se deitou na cama para descansar, derramando o coração para o Pai Celestial.

Não sei o que mais posso tentar fazer, Senhor. Preciso de alguém para me ajudar a decidir o que pode ser feito. As crianças precisam de comida, nutrição adequada. Talvez eu pudesse mandar uma carta para os meus pais. Tenho certeza de que estariam dispostos a ajudar, embora talvez não fosse justo pedir isso a eles. Mas então, o que posso fazer?

Não podemos ter uma vaca — mesmo que eles precisem de leite. Mingau, por si só, não é suficiente — e não posso oferecer nem isso sem encontrar outras pessoas que estejam dispostas a ajudar. E minha saúde, Pai — agora que voltei a me sentir mais forte, não quero começar tudo de novo... Logo as lágrimas acompanharam as palavras.

Ela sussurrou o verso do pai mais uma vez: “*Posso todas as coisas em Cristo que me fortalece*”. Mas, de alguma forma, desta vez, o versículo não conseguiu enchê-la de coragem. Tentou se convencer de que só precisava engajar os outros para apoiar suas ideias, mas Beth se tornara muito mais consciente das próprias fraquezas e limitações. Ela suspirou, enxugou os olhos e se levantou da cama.

Se fosse para acontecer alguma coisa, começaria com Molly.

Beth entrou na cozinha sem fazer barulho e sentou-se à mesa, esperando para ser vista. Molly estava colocando massa de pão para crescer na parte de trás do fogão. Quando ela untou a parte de cima e cobriu-o cuidadosamente com um pano, ela se virou para Beth.

— Você estava chorando?

Beth assentiu.

— Eu tenho orado sobre a ideia do café da manhã.

— Hum — veio a tranquila resposta. — E Deus falou algo sobre isso?

— Esse é o problema. Não sei se Ele falou. — Beth enxugou os olhos novamente em um lenço já molhado com suas lágrimas. — Eu só não sei ainda o que devo fazer.

Molly colocou o bule de chá na mesa, dispôs as folhas de chá, puxou a chaleira da parte de trás do fogão e derramou com cuidado a água quente para encher o bule. Ela fez tudo sem qualquer pressa, como se não houvesse crise. Beth achou os movimentos metódicos de Molly exasperantes. O aroma de ervas se espalhou pelo aposento enquanto Beth observava Molly dar a volta, trazendo o mel e as colheres — e ainda preparou um prato de doces. Por fim, ela se acomodou na cadeira.

— Você parece preocupada com tudo isso.

Beth assentiu e assoou o nariz silenciosamente.

— Eu não sou nenhum pastor. — Molly mexeu o chá devagar, deliberadamente. — Não posso dizer todos os pormenores da oração. Mas já fiz minha cota de orações na vida, eu acho. — Ela deu uma batidinha com a colher na borda da xícara antes de colocá-la no pires. Ao terminar, olhou para Beth. — Gostaria de poder lhe dar uma resposta, querida. Mas essa não é a minha alçada. Vi você trabalhar muito por todas essas crianças desde que chegou aqui. E sei que você fez muito para ajudar eles — as crianças e o resto de nós também. Também vi você muito mal por causa de tudo isso.

— Mas não posso simplesmente ignorar o fato de que eles estão com fome...

— Eu sei de tudo isso, querida. Eu sei. — Molly estava balançando a cabeça, com a mão erguida para aplacar os argumentos

de Beth. — Algumas pessoas dizem que Deus não nos dá mais do que aquilo que podemos suportar. Alguns dizem que Deus ajuda aqueles que se ajudam. E suponho que tem muita gente que quer apenas esperar por algum tipo de sinal para mostrar-lhes o que fazer a seguir. Acho que é melhor ouvir *primeiro* o que Deus já disse, em vez de ouvir todas as pessoas. Então, estou relutante em adicionar meus próprios pensamentos até buscarmos aqui. — Ela puxou uma Bíblia muito usada de uma prateleira ao lado da mesa. — A Bíblia diz que temos que lançar nossas preocupações sobre Ele, pois Ele se importa conosco. Também diz: “Meu jugo é suave, e meu fardo é leve”. Agora, como eu disse, não sou estudiosa, mas talvez se você estiver se sentindo esmagada por tudo isso, então, querida, talvez você esteja tentando fazer uma obra que não é sua... ou está fazendo algo errado.

Lágrimas ameaçaram cair de novo.

— Eu não sei — sussurrou Beth. Estou me esforçando tanto para descobrir o que Deus quer que eu faça sobre isso.

Molly estendeu a mão e pegou a mão de Beth.

— E eu não estou tentando *criticá* você. Por favor, me escute. Só quero *dizê* que não parece que os cuidados sejam a mesma coisa que fardos. Você deve lançar seus *cuidados e preocupações* aos pés de Jesus, e, em troca, Ele lhe dá um *fardo* que você pode carregar. Incrível como é difícil carregar todas as preocupações — e então acontece que o fardo do trabalho real não é tão exasperante quanto suas preocupações. Então, temos que deixar de lado todo esse desespero. Essa é a chave para saber como descansar no Senhor. E parece que você tem que conseguir fazer os dois — não só o trabalho, mas a parte de descansar também. — Molly se inclinou para trás e tomou um lento gole de chá, balançando a cabeça. — Eu já vi pessoas que não sabem como descansar — e já vi outras que não sabem como trabalhar. Queria que todos nós só aprendêssemos a fazer a quantidade certa de cada um.

Beth deu a Molly um sorriso trêmulo, voltou para o quarto e retomou a oração, descarregando diante do Pai todas as suas preocupações com as crianças, incluindo os medos de que teria gerado mágoas ou causado danos aos relacionamentos em suas tentativas genuínas de ajudar. Tentando alinhar o coração da melhor maneira que entendia com a atitude correta que Deus queria que ela tomasse, Beth depositou todas as suas preocupações, apresentou a disposição de ser usada e pediu que Deus a dirigisse, clamando com fé de que Ele já tinha uma resposta esperando.

Foi tão diferente de sua oração anterior. Em vez de se sentir tensa, Beth realmente sentiu uma espécie de libertação — uma confiança crescente de que algo daria certo — com ou sem ela. Nos dias que se seguiram, cada vez que sentiu a preocupação voltar, Beth fez o possível para colocá-la de volta nas mãos de Deus através da oração. Era uma luta mais difícil do que ela imaginava — não ficar ansiosa para que o resultado desejado acontecesse na hora certa.

Na manhã de terça-feira, antes da escola, Molly entregou para Beth um prato embrulhado.

— São bolinhos — explicou ela. — Acho que fiz muito. Só coloca lá para ver se alguma criança *tá* interessada.

Beth não tinha certeza do que esperar enquanto explicava às crianças que a senhorita Molly tinha mandado os bolinhos e elas estavam livres para se servirem. *Será que haveria correria? Será que as crianças iriam compartilhar?* Beth ficou muito satisfeita ao observar Luella Coolidge, que tinha cinco irmãos, assumir o comando e dividir os bolinhos de tal forma que ainda sobraram três bolinhos.

Luella os envolveu novamente no pano e disse:

— Levi, porque você não leva os que sobraram para casa? Pode ser a sua vez hoje — como se fosse uma ocorrência comum.

Enquanto Beth passava por Luella durante os exercícios de início de aula, ela colocou a mão no ombro da menina e sorriu, demonstrando sua gratidão.

Quarta-feira de manhã, enquanto Beth ainda preparava a sala de aula para o dia, ficou surpresa com a chegada de Frances. A mulher idosa parecia bastante tímida quando entregava para Beth um grande saco de estopa.

— São maçãs — explicou ela. — E porque me preocupei em guardá-las por tanto tempo, não sei dizer, pois estavam apenas ficando enrugadas no meu porão. Pode dar para os pequeninos, se quiser.

Beth sabia que Frances estava tentando minimizar seu ato de bondade, mas não resistiu a dar-lhe um abraço rápido. Ela ficou surpresa ao sentir os braços de Frances pressionarem com firmeza ao seu redor. Nenhuma palavra foi dita, mas quando Beth fechou a porta atrás da figura envolta no xale, sabia que Deus tinha começado a

responder suas orações da melhor maneira possível.

Não houve oferta de comida na quinta ou sexta-feira — mas ainda havia maçãs na tigela que Beth havia colocado na parte de trás da sala. Até as crianças pareciam entender esse acordo implícito — os alimentos deviam ser compartilhados por todos, sendo enviada uma porção a mais para aqueles que tinham menos em casa.

Obrigada, obrigada, Pai, cantou o coração de Beth.

No sábado, Jarrick parou na pensão e compartilhou o almoço com eles. Enquanto conversava amigavelmente com Molly, as crianças e Beth, ele contou sobre algumas das outras comunidades onde trabalhava e as coisas que estavam acontecendo em outro lugar. Tendo raras interações com o mundo exterior, Beth ficou encantada em receber algumas notícias por meio de Jarrick.

Quando estava saindo, Jarrick chamou Beth de lado.

— Tenho algo para mostrar a você. Ele a ajudou a vestir o casaco e a levou para onde o carro estava estacionado na frente. Levantando a tampa do porta-malas do carro, ele sorriu. — A notícia se espalhou, e algumas pessoas começaram a enviar coisas. Em pouco tempo, não conseguimos evitar.

Beth olhou e viu seis grandes caixas de comida, e colocou as mãos nas bochechas enquanto olhava aquela fartura.

— Tem queijo — Jarrick começou a informar. — Grandes blocos de queijo; assim, creio que, no final das contas, você não vai precisar de uma vaca.

Beth o encarou.

— Quem lhe contou?

— Nós, policiais, somos treinados para saber as coisas — nunca ouviu isso? — Ele sorriu por causa da brincadeira e depois ficou sério. — Eu conversei com Philip. — Ele parou para observar o rosto de Beth. — Você não está chateada, está?

— Não, claro que não. Tenho a sensação de que não foi mera fofoca, mas preocupação.

Jarrick franziu a testa.

— Você pode ter certeza disso, Beth — disse ele. — De qualquer forma, também há batatas, leite em pó e ovos, farinha, aveia e alguns frascos de alimentos enlatados — frutas e coisas assim. Acho que é mais do que suficiente para sustentá-los por um tempo. E cada coisa aqui foi doada por pessoas que estão simplesmente preocupadas com a sua cidade — com as suas crianças.

Beth queria lançar os braços em volta do pescoço dele, mas se controlou, agarrando o braço de Jarrick em vez disso.

— Não tenho como expressar a você que enorme bênção é tudo isso. Vai durar a maior parte do inverno, tenho certeza.

— Há apenas mais uma coisa — advertiu Jarrick. — Philip queria ter certeza de que isso seria feito da melhor maneira. Ele tem uma sugestão — e a explicou em um bilhete que colocou em uma das caixas. Acho que seria sábio considerar com cuidado o que ele aconselhou sobre este projeto.

— É claro — ela respondeu com os olhos brilhando — vou ler certamente. Oh, eu mal posso acreditar, Jarrick. Eu jamais conseguiria fazer isso sozinha.

— Então vamos levar tudo lá para dentro. Vai buscar o Teddy para vir ajudar. E diga a Molly para que serve tudo isso. Eu não disse nada para ela ainda, mas a Molly vai ter que encontrar espaço para armazenar.

Jarrick ergueu uma das maiores caixas, e Beth segurou o portão para ele passar; depois, abriu a porta da frente. Eles fizeram um grande tumulto transportando tudo aquilo para a cozinha.

— Molly — Beth exclamou. — Temos a nossa resposta.

Depois de toda a agitação para guardar a comida e dizer adeus a Jarrick, agradecendo-lhe repetidas vezes, Beth retirou-se para seu quarto para ler a missiva de Philip. Não era longa, mas muito específica.

Minha querida Beth,

Aconselho que você não comece simplesmente a distribuir comida ou oferecê-la antes do início da escola todos os dias. É certo que isso causará ofensa. Minha sugestão é que, em vez disso, você assuma um projeto de serviço e convide os alunos interessados a participarem todos os dias antes da escola. Talvez pudesse ser feito na casa da Molly — o que tornaria mais fácil a preparação dos alimentos. Gostaria de adverti-la a não fazer nenhum pedido para os Grants neste momento, mas prefiro não entrar em detalhes agora.

Esse comentário fez Beth parar por um momento. *Eu raramente vejo Helen Grant na cidade.* E, ainda mais incomum para Coal Valley, Beth não se lembrava de ter visto o marido dela, Davie.

Philip continuou:

No que diz respeito ao projeto em si, tenho uma forte expectativa de que dê certo. Meu conselho de missão adquiriu dezenas de caixas de fios de lã, doados para serem usados no exterior. Todo o carregamento precisa ser classificado e enrolado ordenadamente. Estou disposto a fornecer esses fios de lã se você puder encontrar crianças que estejam dispostas a fazer o trabalho de formar os rolos. Isso beneficiaria a muitos, além de incutir nas crianças a ideia de que eles podem, por sua vez, ajudar outras pessoas. Eu encorajaria você a distribuir os alimentos apenas para aqueles que estão dispostos a trabalhar. Sei que eles são crianças, mas você está plantando a semente de um conceito que vai amadurecer em atitudes ao longo da vida, à medida que eles entrarem na idade adulta. Por favor, faça-o com cuidado e atenção.

Suspeito que você estará animada para começar este projeto, assim, planejarei a entrega das linhas neste sábado.

Com todo carinho,

Philip Davidson

P. S. eu não tenho palavras para expressar de forma adequada

como seu amor por esta comunidade me encoraja pessoalmente. Sou grato por você, Beth.

Beth dobrou a missiva lentamente e a guardou dentro da capa de sua Bíblia. A resposta de Deus tinha sido muito mais eficiente e eficaz do que ela poderia ter imaginado. Ela orou em gratidão.

Molly ofereceu sua cesta de restos de fios para começar a ensinar às crianças a técnica adequada para enrolar os fios em rolos adequados. Então, no domingo, Beth escreveu bilhetes para cada uma das mães, explicando o novo projeto da escola e convidando seus filhos a participarem na segunda-feira. Ela calçou as botas, puxou o casaco firmemente em torno dos ombros, e enfrentou o vento invernal para entregar o que, ela pedia a Deus, seria visto como o dar e receber de uma bênção.

Na manhã de segunda-feira, a frente da casa de Molly estava cheia de crianças. Ela havia cozinhado uma panela grande de aveia sobre a qual planejava colocar algumas frutas enlatadas. Beth não pôde deixar de notar os olhos famintos de Levi e Anna Kate enquanto esperavam educadamente a vez de se servirem, mas havia outros que pareciam tão interessados quanto eles. Beth trouxe a cesta de fios para a sala de estar, onde eles trabalhariam juntos. Quando as crianças terminavam o café da manhã, Beth colocava cada uma para trabalhar enrolando os restos de fios, demonstrando como começar cada bola e como amarrar uma nova peça quando chegavam ao fim. Algumas crianças precisaram de várias tentativas para que conseguissem formar uma boa bola de fio apertada.

Logo, estava na hora de vesti-los com as roupas quentes para a escola. Beth não teve mais tempo de preparação no silêncio da sala de aula improvisada, mas sentiu que o que estavam realizando mais do que compensava. Com apenas um pequeno esforço de sua parte, e muita ajuda de Molly e Marnie, que assumiram toda a preparação dos alimentos, elas conseguiram oferecer o café da manhã.

Como havia indicado, Philip chegou no sábado com várias caixas de fios para as crianças enrolarem. Ele garantiu a Beth que havia muito mais, assim que ela e as crianças conseguissem desembaraçá-los e arrumá-los, e que ele traria periodicamente novos carregamentos de comida junto com o fio, enquanto fazia suas visitas de domingo.

Frances, tomando uma xícara de café, balançou a cabeça enquanto as caixas eram levadas para a cozinha de Molly.

— E onde exatamente você está planejando colocar tudo isso, Molly?

Em resposta, Molly recuou a cortina para revelar a pequena despensa já lotada com a comida para as crianças.

— Não tenho a menor ideia — disse ela, dando de ombros.

No final, metade das caixas de lã foi empilhada no quarto de Beth e metade em outra sala que raramente era usada. Então Beth começou o trabalho de gerenciar tudo, carregando uma caixa por vez do andar de cima para baixo, conforme as crianças trabalhavam, com sorrisinhos satisfeitos no rosto.

As semanas se estabeleceram em uma tranquila rotina. A única coisa que Beth achou difícil de adaptar — ainda mais do que o frio cortante de um inverno na montanha — eram os dias curtos e escuros da sala de aula. Ela verificava o relógio no período da manhã, observando exatamente quando podia ver o sol iluminando as janelas no leste e, em seguida, fazendo a mesma coisa de novo durante a tarde, quando desaparecia do outro lado do edifício. A cada dia, o nascer do sol se dava um pouco mais cedo; e o pôr do sol, um pouco mais tarde. Porém o tedioso progresso em direção a um dia inteiro de luz era exasperante.

Um dia, quando um trem de carvão passou pela neve com o correio, Beth recebeu uma carta de Julie. A irmã só escrevera duas vezes desde a partida de Beth, com exceção de algumas linhas traçadas no final da maioria das cartas da mãe. Ela teria reconhecido a caligrafia vistosa da irmã no envelope sem sequer ler o endereço do remetente.

Beth esperou até que fosse para o quarto, lançou-se atravessada na cama e abriu a carta. Antecipando um longo e informativo relato dos acontecimentos dos colegas de Julie, bem como os próprios planos da irmã, Beth ficou surpresa ao ler o anúncio entusiasmado de Julie — com muitos pontos de exclamação — de que ela estava viajando para o oeste para uma visita. *Certamente mamãe e papai estão cientes de que Coal Valley ainda está presa nas garras do inverno*, Beth pensou, mas ao prosseguir a leitura, soube que a viagem de Julie ainda aconteceria dali a muitas semanas. Há muito tempo, Beth havia descartado a ideia de uma possível visita de Julie, e ficou emocionada ao escrever de volta e começar a planejar a estadia da

irmã.

Beth não conseguia pensar, naquele exato momento, em passeios especiais para entreter a irmã extrovertida. Era assustador só imaginar Julie em meio a tantas árvores e tão poucas pessoas. Mas ela colocou tudo isso de lado, pensando na perspectiva de compartilhar a nova vida com alguém da família. Julie certamente seria desafiada e teria sua visão ampliada pela experiência.

Beth e Molly discutiram as implicações da visita e fizeram um plano de como Julie seria trazida da cidade e onde ela dormiria. Enquanto Beth passava pelas atividades do seu dia, começou a imaginar cada situação através dos olhos de Julie. Como iria explicar as aulas no salão de bilhar? Beth nunca teve a coragem de descrever o prédio por completo para a mãe. *Como será que Julie vai responder aos habitantes da cidade? O que ela vai pensar da pensão um pouco primitiva de Molly — sem encanamento interno ou eletricidade?* Beth esperava que já tivesse passado a maior parte da fúria do inverno antes da visita, que seria em maio. Teoricamente seria primavera — bastava que as Montanhas Rochosas reconhecessem esse fato.

Beth também recebeu uma carta de Edward, descrevendo em detalhes seu retorno ao posto em Athabasca. Ele parecia muito satisfeito com o trabalho e confiante em suas crescentes habilidades. Beth estava feliz por ele. De todos os amigos, era engraçado pensar que ela e Edward fossem os únicos a fazer a vida mais longe de casa. Eles, sem dúvida, teriam sido considerados os candidatos menos prováveis.

Desde que recebeu a carta de Julie, os pensamentos de Beth se voltavam com mais frequência para casa e a família. Imaginava JW dando seus primeiros passos. Ela também se perguntou se havia notícias de outro bebê a caminho. A mãe não tinha mencionado nada em suas cartas, mas Beth não ficaria surpresa. Margret tinha falado muitas vezes da expectativa de ter uma grande família.

Considerou como Margret parecia ser o oposto de sua mãe — e, ainda assim, como as duas se davam bem. A irmã mais velha era gentil e complacente, reservada, mas calorosa. De muitas maneiras, o tipo de mulher que Beth esperava se tornar um dia. Beth se perguntava por que, apesar disso, sentia uma forte aversão à ideia de ter a personalidade, as mesmas características, que Margret.

Beth vestiu roupas quentes e foi dar um passeio até a beira do rio. Encontrou a água ainda escondida sob o gelo e margens cheias

de neve. Beth se inclinou contra um pinheiro para pensar, e chegou à conclusão de que essa questão tinha muito pouco a ver com Margret. Em vez disso, ela sentia-se pressionada a seguir os passos da irmã. Embora fossem de disposição semelhante, as duas irmãs compartilhavam poucos objetivos iguais. Margret estava totalmente realizada como esposa e mãe. Tinha encontrado sua vocação. Beth estava convencida de que ela fora chamada para uma obra diferente. *Talvez esta fosse a fonte de mal-estar no relacionamento entre ela e a mãe.* Margret ficou satisfeita em seguir, ao passo que Beth preferiu cortar a mata densa e trilhar seu próprio caminho.

Na caminhada de volta para a cidadezinha, Beth contemplou todas as implicações. Sem ter muito o que fazer, ela notou as manchas molhadas de neve derretendo e dando lugar a espaços de terreno lamacento. Mas ela foi advertida a não interpretar esses dias mais quentes de chinook^[1] como o fim do inverno — era apenas uma trégua causada pelo vento quente. Contudo, Beth gostaria de ficar ao ar livre pelo que tempo que durassem os dias mais quentes.

De um jeito especial, sábado à tarde foi primaveril, e Beth sentiu vontade de tocar. Levantando o violino do estojo, ela desceu para a sala de estar, mas Henry já havia se estendido com um livro no sofá maior. Beth virou-se para a sala de jantar, apenas para encontrar Teddy e Marnie, junto com Addison e Luela, absortos em um jogo de varetas. Ela sorriu para os jovens e foi direto para a varanda, virando-se lentamente para avaliar suas opções. Podia tocar o instrumento no quarto, mas mesmo no andar de cima, a música poderia interferir no resto da casa. Por impulso, Beth pegou um casaco e saiu para dar uma caminhada no sol quente, levando o violino.

Beth virou-se para a estrada que levava para fora da cidade, caminhando por certa distância antes de encontrar uma pequena clareira, perto de onde ela e Marnie colheram frutinhas no outono. A saia se esfregava em pequenos montes de neve, agarrados com muita teimosia aos galhos e gramíneas secas. Os sapatos, não tão impecáveis quanto antes, mostravam sinais de seus constantes passeios, junto com um pouco da lama do dia.

Beth já estava antecipando a poesia da experiência — ficar sozinha sob a cálida luz do sol, em meio aos sons tranquilos da natureza, tocando diante apenas do Criador de tal beleza e da música. Levantou o violino até o ombro e o afinou. Em seguida, deixou o arco tocar as cordas, movendo-se de nota em nota na exploração dos sons,

em vez de na forma praticada. Será que um dia ela poderia... se permitiria, tocar com a fluidez natural e artística de Frank? Beth jamais teria ousado tentar — exceto aqui e a agora, que estava fora da vista e da audição de outros.

Ela começou com três acordes simples, explorando o movimento de um para o outro até ficar satisfeita com o som. Beth fechou os olhos, sentindo as notas mais do que as ouvindo — trabalhando com o efeito desejado e depois contra ele. Percebendo que era mais difícil do que pensava, Beth continuou a tentar, alheia a tudo o estava a sua volta.

— *Cê num tá* muito longe de casa?

Beth arfou e virou a cabeça sem demora ao ouvir o som da voz rouca. Ela tropeçou para trás e sentiu o pulso acelerar quando percebeu que não reconhecia o homem.

— Lamento tê-lo incomodado — ela finalmente disse, com a voz soando aguda e apertada. — Vou só arrumar minhas... minhas coisas e tomar meu caminho de volta.

Beth fez um movimento em direção ao estojo do violino que estava em cima de um cepo ali próximo. Mas o homem a interrompeu, bloqueando seu caminho.

— Nem me conhece, né?

Ele cuspiu no chão de forma desafiadora.

— Sinto muito, mas não o conheço.

— Vá em frente. Adivinha.

O homem estava brincando com ela em um tom de grosseria.

— Eu não... Não sou muito boa em jogos de adivinhação — ela ousou responder.

— Então me pergunte.

O riso de zombaria enquanto falava fez Beth se arrepiar. Ele estava falando sério ou apenas importunando-a? Beth não ousou testá-lo ainda mais.

— Então, senhor, qual é o seu nome, por favor? — ela respondeu com uma voz o mais firme que podia.

— Senhor — o homem repetiu. — Gostei disso — disse ele com um grunhido. — E é bom mesmo que *cê* mostre respeito *pra* mim.

Ele inclinou o chapéu desgastado, em seguida, enganchou os polegares nas tiras do macacão, como se ainda estivesse considerando o pedido dela.

Olhando para as botas desgastadas, o homem chutou um monte de grama seca e, lentamente, olhou para o rosto de Beth.

— Engraçado que eu ainda seja um sem-nome *procê*, considerando que venho apoiando *ocê* *faiz* tanto tempo.

Beth tinha certeza de que nunca tinha visto esse homem.

— Por favor, confesso que não entendo...

— Sim, acho que não entende mesmo. Mas *ocê* passa bastante tempo no meu imóvel. — Ele quebrou um galho que estava segurando. — Eu *sô* Davie Grant. Tinha uma taberna lucrativa — agora tudo que tenho é uma escola empoleirada na minha casa, *usano* minha madeira e *bebeno* minha água. Estranho... pois *num* tenho mais nenhum filho, de modo que a escola não me *dá* nada de bom. E agora encontro *ocê* aqui, na *minha* floresta. *Cê* não tem respeito pelo que *num* é seu, não?

Beth tentou passar pelo homem mais uma vez. Num rápido movimento, Davie tomou o violino e o segurou no alto, um sorriso lento se espalhando por seu rosto enquanto se elevava sobre ela.

— Esse é bem luxuoso, hein, mocinha, e *ocê* *tava* tocando tão bem.

Ela podia ouvir a voz do pai ordenando que ela corresse... que ela fugisse antes que algo perigoso pudesse acontecer. Mas Beth hesitou, lançando um olhar suplicante para o precioso instrumento.

— Sr. Grant, por favor — ela sussurrou —, eu só quero sair daqui em paz.

Ele deu um passo ameaçador para frente.

— E é isso que eu quero *tamém* — *sê* deixado em paz. Mas *ocê* tinha que *tê* vindo pra cá — toda convencida e poderosa, *mudano* nossa cidade com toda sua educação, toda a sua religião e todos os seus modos extravagantes. E depois *trazeno* todos esses *estrangeiro* *vagabundo* — pra *ficá* aqui mesmo entre *nóis*. Quem diabos *cê* pensa

que é? Ele abaixou o violino do ar e apertou a outra mão em volta do braço do instrumento. As cordas fizeram um som agudo. — Pelo menos, o ano letivo *tá* quase terminando, já *tá* na hora de *ocê* *saí*. E digo que é *melhó* *cê* já ir embora, então. Digo que as *viúva* *pega* os *filho* e vão também. O que essa cidade precisa é *homes* — *homes* de verdade — não aqueles *italiano* lá também. *Homes* de verdade. E quanto mais cedo as *casa* se *livrá* das *pessoa* que não *paga*, mais cedo novas *pessoa* vão *vim*. A proibição não vai *durá* — e tudo vai *voltá* a *sê* como era. *Tá* me ouvindo? Tudo que *cê* tem que *fazê* é *saí*. Fora da cidade. Fora do país, se for da minha conta — só saía.

Por um momento, ele levantou o violino como se fosse oferecê-lo de volta para Beth; então o tomou de novo, antes que as mãos dela pudessem pegá-lo.

— Vê essa coisinha linda? Aposto que seria fácil só *quebrá* esse bracinho magro. Ora, não *sô* um cara ruim, então vou deixa *ocê* *saí* — por agora. Mas é *melhó* *tê* cuidado, mocinha. Porque acho que não ia *sê* difícil *quebrá* um bracinho fino como esse. É *melhó* *tê* isso em mente.

Bem devagar, ele devolveu o amado instrumento para Beth, fulminando-a com o olhar. Com um último riso de escárnio, ele virou o calcanhar para partir em direção à floresta. Só então, Beth notou a arma que ele deixara na beira da clareira. Ele ergueu a arma visivelmente no ombro e se afastou, assobiando.

O coração de Beth estava batendo forte enquanto estava sozinha mais uma vez. Ela guardou o violino de volta no estojo freneticamente, fechou-o e foi caminhando depressa em direção à cidade. Apenas naquele momento ela se lembrou do aviso de Frank de não se aventurar na floresta. Davie Grant era um homem perigoso? Ele se referiu à floresta como sendo sua. Ela não tinha percebido que o bosque era de propriedade privada — se isso era, de fato, o que Davie queria dizer.

Beth passou praticamente correndo pelo salão de bilhar em direção à casa de Molly, fechando a porta depois de entrar e reclinando-se contra ela. Beth lutou para recuperar o fôlego. Parecia que sua ausência não havia sido notada — nem seu retorno agitado. Beth correu bem quietinha pelas escadas e guardou o estojo em segurança debaixo da cama. Depois se deitou sobre as cobertas e chorou silenciosamente, percebendo o perigo em que se encontrava. E agora, ela estava com medo de voltar para a escola. *Será que o Sr. Grant vai cumprir a sua ameaça? Quem pode ajudar?*

É óbvio que a reação de Molly seria exagerada — talvez até confrontando os Grants e arriscando a sala de aula — e seria considerada uma confidente. Beth balançou a cabeça. Frank também. E Jarrick — que seria o mais certo para protegê-la — também poderia reagir com os resultados mais negativos. Ela ainda precisava do salão dos Grants até terminar o ano letivo. Se divulgasse a conversa agora, todo o seu trabalho duro e o dos alunos estaria em perigo. Beth enxugou os olhos, decidida a não contar nada a ninguém por enquanto. Estava claro que ela fora ameaçada se não fosse embora — mas ele não havia estipulado que ela fosse embora antes do final do ano letivo.

Ao preparar a mesa do jantar e ajudar Molly na cozinha, Beth manteve os olhos distantes o máximo possível. Ela tinha certeza de que se Molly parasse para olhar no fundo de seus olhos, o afeto materno leria o medo que Beth se esforçava para esconder. A mente se agitava com pensamentos frenéticos e confusos. Memórias, que antes pareciam desarticuladas e sem importância, relampejavam diante dela. Será que havia mais do que ela sabia, para que Philip sugerisse que ela não servisse o café da manhã na taverna dos Grants?

O que exatamente esse homem é capaz de fazer? Quanto preocupada eu deveria estar?

Na manhã de domingo, Beth não havia se livrado da incômoda sensação de medo causada pelo encontro assustador do dia anterior. Ela traçou o caminho pela estrada esburacada, dispondo cada passo na pegada de Teddy enquanto o seguia em direção ao salão da mineradora para o culto.

Ao entrar no prédio e sentir-se envolvida pela sensação de segurança, ela sorriu para o círculo de crianças e adultos reunidos dentro da porta e juntou-se a eles na troca das botas por sapatos apropriados para o lado de dentro. Se não fosse essa prática, seria impossível manter o piso limpo. Beth enfiou as botas debaixo do banco. Logo havia uma grande pilha de botas caindo por cima umas das outras perto da porta. Algo nessa visão aqueceu o coração de Beth. Expressava algo sobre comunidade e proximidade —partilhar e ter consideração. Com um pequeno sorriso, ela se perguntou se isso causaria a mesma impressão na mãe.

Beth se adiantou para conversar com um grupo de mulheres. Philip estava falando com três mineradores. Com mais e mais

frequência, os mineiros estavam frequentando os cultos, desde o concerto de Natal — primeiro Paolo, Alberto e seu primo Lucio. Depois, dois jovens irmãos, chamados Saverio e Roberto, ambos com vinte e poucos anos. Bem, havia outros cujos nomes Beth ainda não sabia. Emocionada ao vê-los presentes, Beth estava cada vez mais esperançosa de que, em breve, eles seriam totalmente aceitos na comunidade. Então os comentários de Davie Grant encheram-lhe a mente e seu coração se apertou de medo. *Se for cumprida a vontade de Davie, eles serão banidos de Coal Valley — e das minas também. Será que mais alguém se ressentia da inclusão deles? Havia mais pessoas que se sentiam da mesma forma que o Sr. Grant?*

A pregação de Philip foi sobre o livro dos Salmos, apresentando-o como uma coleção inteira de louvores e orações, e mencionando algumas de suas passagens favoritas. Ele desafiou os habitantes da cidade a lerem um salmo por dia e compartilharem a leitura com uma família vizinha, se as Bíblias não estivessem disponíveis.

No final do culto, Beth observou Philip do outro lado do salão e se aproximou, caso pudesse conversar com ele. Ela se perguntou se talvez pudesse confiar nele a respeito de Davie Grant. Mas hesitou, incerta.

Philip fora em direção a Alberto e outro homem, trazendo-os para o lado, direcionando-os para uma pequena caixa na frente da sala. Eles pareciam estar surpresos e satisfeitos com o conteúdo. Beth foi vencida pela curiosidade, e se aproximou.

Ela ouviu:

— Bardo e Giacobbe, eles certamente podem ler. Outros também. Vou levar e distribuir. *Grazie, pastore!* Obrigado.

Eles pegaram a caixa e a levaram embora, deixando Philip terminar de embalar os outros objetos da igreja.

Beth se sentia uma colegial, tímida e acanhada por ter ouvido uma conversa alheia, mas intrigada demais para se afastar.

— Sinto muito, Philip, não pude deixar de notar. Eram Bíblias? Em italiano?

Ele colocou os últimos hinários na caixa e se virou para sorrir de forma significativa para Beth.

— Eu pensei que você ia gostar. Nem sequer foi ideia minha. Duas senhoras de uma igreja em Lethbridge me ouviram falar do que estava acontecendo com os homens aqui em cima, e imediatamente começaram a perguntar se eles tinham a Palavra na língua deles. Imagine minha alegria quando elas localizaram várias cópias em italiano e as trouxeram para mim.

— Isso é maravilhoso! Que belo presente.

Ela levantou a cruz de onde havia sido posta, embrulhou-a de volta em sua capa e colocou-a em cima da caixa de hinários.

— Eu sabia que Frank tinha uma Bíblia, e suspeitava que Alberto pudesse ter também. Mas nunca me ocorreu encontrar mais. Que coisa boa. — Philip recolheu o pano roxo da mesa e começou a dobrá-lo. — Às vezes, Deus responde antes mesmo de sabermos o que pedir.

O comentário de Philip tocou o coração de Beth. Ela não dissera em oração mais que algumas palavras desesperadas sobre as dificuldades que enfrentava. Envergonhada, Beth decidiu passar algum tempo em oração naquela tarde.

Começou confessando a decisão imprudente de ir para a floresta sozinha. Ela orou por Davie Grant. Pediu ao Senhor por segurança, paz. Mas a paz não veio. Pela primeira vez, Beth contou a Deus seus temores de que talvez Ele não quisesse que ela voltasse para Coal Valley — e que, se isso fosse verdade, não teria nada a ver com ter falhado em confiar na força de Deus. Ela se perguntou se poderia não mais *haver* uma escola na qual pudesse ensinar — ou crianças o bastante na cidade. *Será que Davie Grant será capaz de realizar seu desejo, de mandar todos nós “estranhos” de volta para onde viemos — e de se livrar das viúvas também?*

Sentindo-se desanimada, Beth não conseguiu fazer a única coisa que havia prometido a si mesma que não negligenciaria — a carta para a mãe nas tardes de domingo. Ela sabia que jamais conseguiria apresentar uma avaliação honesta da semana sem mencionar Davie Grant, e isso era algo que a mãe nunca deveria saber.

Menos crianças vieram para o café da manhã e para enrolar a lã na segunda-feira, e Molly insistiu que essa era uma boa notícia — pelo menos algumas mães estavam sentindo que já não era mais necessário. Mas Beth não conseguia se livrar do pensamento sombrio, mais frequente a cada dia que passava, de que eles poderiam ter

apenas mais alguns meses juntos.

Enquanto se preparava para as aulas todas as manhãs, Beth lutava com as preocupações sobre Davie Grant. Ela prestava muita atenção agora a qualquer som que ouvia da residência acima da sala de aula. Qualquer baque podia fazer com que Beth congelasse no lugar, qualquer rangido das tábuas do chão a colocava em alerta.

Ela encontrava razões — qualquer razão — para nunca ficar sozinha no salão de bilhar, pedindo aos meninos maiores que a ajudassem a reorganizar os móveis depois da escola todos os dias, convidando Marnie a ajudá-la com materiais de estudo pela manhã. É claro que ela não esperava que as crianças a protegessem caso houvesse outra briga, mas tinha certeza de que se alguém estivesse presente, não aconteceria nada.

— Srta. Thatcher, Srta. Thatcher! Venha depressa. Houve um acidente!

A batida alta na porta do quarto a assustou, mas o olhar assustado no rosto pálido de Teddy quando respondeu trouxe medo ao coração de Beth. Ela nem conseguia expressar suas dúvidas — *Quem? O que tinha acontecido?*

— Foi o vovô Frank — disse Teddy, pegando seu braço e puxando-a para o corredor. — Ele se cortou feio.

Frank está ferido! Segurando o braço de Teddy com força, Beth desceu as escadas — agora o puxando junto com ela.

— Onde está ele?

— Lá atrás, no galpão de madeira.

A voz do menino estava estranhamente estridente.

— O que aconteceu?

— Ele estava... ele estava cortando madeira. Acho que o machado deve ter escorregado.

Meu Deus, por favor... A oração silenciosa de Beth foi interrompida com sua pergunta:

— Quão feio... ?

— A perna dele... tá sangrando demais.

A porta da varanda dos fundos fechou, e eles estavam correndo pelo quintal em direção ao galpão de madeira. *Eu devia ter trazido suprimentos*, ela pensou com agitação. Mas o que ela tinha em mãos para lidar com uma ferida aberta?

— Chame a Molly...

— Ela já tá lá.

Beth sentiu o ar retornar aos pulmões ofegantes. Molly saberia o que fazer. Mas ela tentou imaginar Frank, forte e confiável, em perigo. *O que vamos fazer se... ?* Porém Beth não ia permitir que

sua mente terminasse esse pensamento.

Na porta aberta do pequeno galpão, Beth viu Molly de joelhos ao lado de Frank, que estava sentado em um toco e encostado na parede buscando apoio. Quietos e pálidos, eles pareciam confusos e desconfortáveis com as ministrações de Molly, e o sangue ainda estava fluindo por sua perna. Molly parecia corada, mas determinada.

— Como você conseguiu... ? — Molly o repreendia com gentileza enquanto trabalhava. — Você tem que diminuir o ritmo, Frank. O Teddy aqui pode cortar madeira agora. Você precisa...

Ela balançou a cabeça e rasgou outra tira de um lençol que tinha ali perto. Beth avançou.

— Como está...

— *Ocê tá aqui.* — Molly nem sequer virou a cabeça. — Que bom. Preciso que me ajude a parar esse sangramento. Teddy, corre, pega a chaleira do fogão — e *prestenção, pra não derramá* água quente em si mesmo. E *traiz* a bacia também. *Temo de limpá* esta ferida. — O garoto correu para obedecer, e Molly gritou: — E pega o desinfetante na prateleira ao lado bacia. — Ela olhou para Beth. — *Rasga* mais umas *tira* enquanto tento conter o sangramento.

Beth se ajoelhou, seguindo as instruções de Molly com as mãos trêmulas. A visão da quantidade de sangue de Frank fez com que se sentisse enjoada, e ela respirava ofegante para manter a náusea sob controle. Molly já havia rasgado a perna da calça, e o sangue cobriu a perna nua e as mãos de Molly.

Beth teve que desviar o olhar enquanto entregava a próxima tira.

— *Num tá* muito profundo, e isso é uma bênção — Molly estava dizendo. Daqui a *poquinho* nós *faiz* o sangramento *pará*.

Ela pegou a nova tira e enrolou-a firmemente acima da ferida.

Frank parecia se erguer, forçando algum vigor de volta à voz enquanto olhava para a perna.

— Vai precisar de pontos.

Molly levantou a cabeça.

— Pontos? *Num sô* médica, Frank.

Ele conseguiu dar um sorriso fraco.

— Médica, não, mas costureira, sim.

— Humph — bufou Molly.

Teddy voltou com os suprimentos adicionais, depois foi mandado de volta para buscar o kit de costura.

Beth estava rasgando mais tiras de pano, mas teve que manter o rosto virado. Estremeceu, achando impossível imaginar tal tarefa, mas Molly começou a trabalhar. Ela costurou a ferida com firmeza, com apenas um gemido ou outro de seu paciente.

Ela conseguiu estancar o sangramento e enfaixou a perna com mais tiras de lençol, depois de derramar quantidades generosas de seu precioso antisséptico. Por fim, enxaguou as próprias mãos com um suspiro profundo. Em seguida, as duas mulheres e Teddy meio que carregaram Frank para dentro, e o colocaram sentado em uma cadeira na mesa da cozinha.

— *Faiz* uma lista e *vamo mandá* o Teddy até sua casa *pra buscá* o que *ocê* precisa — Molly o instruiu.

Frank a encarou.

— Bem, *ocê* não pode voltar lá, mesmo que conseguisse *chegá* lá. O que não consegue. Isso aí vai *precisá* de certos cuidados, e eu não tenho tempo *pra fica* caminhando até sua cabana duas ou três *vez* por dia. Pode ficar com o sofá longo da sala de estar como cama, já que não vai *podê* subir as escadas. Nós vamos *cuidá de você* aqui por um tempo.

O tom de Molly não aceitava nenhuma discussão, e ela colocou uma xícara de café forte ao alcance de Frank, além de um pedaço de papel e um lápis sobre a mesa, e foi lavar o sangue do avental. Beth imaginou que tenha lavado as lágrimas de seus olhos ao mesmo tempo.

A ferida de Frank cicatrizou bem ao longo dos dias que se seguiram. Molly levou os cuidados a sério e se revezava agitando ou o repreendendo. Eles partilhavam café na cozinha, onde Frank podia

realizar pequenas tarefas para ajudar na preparação das refeições. Beth observou alguns jogos de dominó ou trabalho conjunto em um quebra-cabeça. Assim que ele conseguiu colocar peso de volta na perna ferida, Molly até o acompanhou até a mesa da sala de jantar na hora das refeições. Em todas as visitas anteriores, Frank nunca tinha feito a refeição com os homens da companhia na sala de jantar.

— Verdade seja dita — Molly murmurou para Beth —, ele tem muito mais direito de se instalar lá do que aqueles almofadinhas que eu alimento em todas as refeições. — Beth apenas sorriu. Molly estava fazendo muito mais do que convidar um homem a mais para a mesa de jantar — e sabia muito bem disso. Ela estava fazendo uma declaração para toda a cidade — incluindo os trabalhadores — de que todos estavam no mesmo patamar. Bem... quase o mesmo. Beth tinha certeza de que, aos olhos de Molly, Frank estava um patamar acima dos outros.

Praticamente assim que Frank se juntou a eles na mesa de jantar, Nick Costa voltou sem avisar. Isso causou certa consternação para Molly — que se deparou com a tarefa de encontrar espaço para ele quando todos os outros quartos estavam em uso. Com Frank dormindo na sala e quatro homens já estabelecidos nos quartos do andar de cima, Beth rapidamente sugeriu que Marnie se mudasse e compartilhasse o quarto com ela, para que Nick pudesse ficar hospedado no quarto de Marnie por enquanto. Os olhos de Marnie brilharam diante dessa perspectiva.

Nick era tão cavalheiro que não reclamou do arranjo — não demonstrou nem mesmo um lampejo de aborrecimento. Beth tinha certeza de que nenhum dos outros funcionários da companhia teria suportado um quarto tão pequeno — com vista para o galpão, para piorar.

Frank estava ficando inquieto e apreensivo, impaciente para voltar às suas atividades normais, mesmo que ele obviamente apreciasse o cuidado e o mimo que Molly lhe oferecia. À sua maneira típica, ele assumiu algumas tarefas úteis. Praticamente pelas costas de Molly, fugiu para fixar a dobradiça no portão da frente, enterrar os postes da cerca, de modo que os piquetes ficassem retos outra vez, e bateu mais pregos em algumas tábuas soltas na varanda da frente. Molly murmurava, desaprovando-o sempre que o pegava no flagra, mas ninguém duvidava de como ela estava satisfeita por ver Frank se recuperando e estando por perto.

Por fim, Molly estava convencida de que Frank podia se virar bem o suficiente sozinho em casa. Ela embrulhou um pedaço extra de pão de nozes, o favorito de Frank, e colocou um pote de algumas sobras de ensopado para que ele levasse para casa. Beth observou com espanto quando Frank expressou sua gratidão, sorrindo calorosamente ao encarar Molly só um pouco mais do que o necessário, e Molly ficando levemente corada quando ele a elogiou.

— Você ofereceu o melhor que eu já recebi!

Teddy estava ocupado mantendo as chamas controladas no grande fogão de ferro do salão enquanto Beth trabalhava no quadro-negro, escrevendo a tarefa aritmética do dia para a classe dos alunos maiores. Um visitante inesperado entrou na sala de aula enquanto trabalhavam, e os dois viraram em direção ao som de um *miau* questionador e alto.

— Um gato! — Beth exclamou.

Teddy se levantou e fechou a porta de ferro.

— É a listrada da Sra. Grant — ele disse. — Não sei como conseguiu sair. Ela sempre deixa a bichinha escondida lá em cima.

— Talvez seja melhor você levá-la de volta para ela — sugeriu Beth.

— Aquela gata? Ela iria arranhar as sardas de sua cara se tentasse pegá-la.

— Ela é arisca?

— *Arisca*? Ela é malvada. Não deixa ninguém tocar nela, a não ser a Sra. Grant. Nem mesmo o Davie.

Com a menção a Davie, Beth sentiu um calafrio. Será que ela se atrevia a fazer perguntas ao Teddy? Ele conhecia a gata — será que também conhecia o homem?

Tão rápido quanto a ideia veio, Beth descartou. Não envolveria Teddy em algo que pudesse significar perigo.

— Se não conseguirmos levar a gata de volta, o que faremos com ela? — ela se perguntou. — Se ela é malvada, não quero que ninguém se machuque...

Em silêncio, ela estava orando para que Davie não fosse o único enviado para recuperar o animal rebelde.

— A Sra. Grant vai vir buscar — afirmou Teddy tranquilamente. — *Tô* surpreso por ela *num* tá — *não estar* aqui ainda.

Assim que Teddy falou, Beth ouviu o ruído de passos pelo corredor. Ela se virou, temendo que fosse encarar um furioso Davie

Grant, mas em vez dele, foi Helen quem entrou na sala.

— Penelope — disse ela, olhando para a gata com uma carranca. — Como você veio parar aqui?

Em resposta, a gata correu de uma mesa para outra.

Helen virou os olhos acusadores para Beth.

— É a comida que *cê tá trazendo* aqui para *alimentá* essas *criança*. Ela nunca tinha descido aqui.

Beth ficou de pé, muda, com o giz na mão. Havia semanas desde a última vez que trouxera comida para a escola.

Teddy quebrou o silêncio.

— A Srta. Thatcher disse que eu devia *leva* ela lá para cima, mas eu disse que a gata não gosta que ninguém toque nela, além da senhora.

— *Ocê cuide para nunca colocá* a mão nela, garoto — foi a resposta concisa de Helen.

— Não, senhora — respondeu Teddy, imparcial.

Helen expirou com força e deixou o olhar passar pela sala.

— Humph — ela bufou —, isso aqui quase parece uma verdadeira sala de aula.

Mas é uma verdadeira sala de aula, Beth queria responder, mas mordeu a língua.

— Sim, senhora — disse Teddy. — Com certeza parece.

Helen arrastou os pés.

— Bem... o ano *tá* quase *acabano*. Então *vamo volta a tê* um pouco de paz e tranquilidade.

Beth sentiu que devia dizer alguma coisa — qualquer coisa para quebrar a tensão, mas sua mente se recusou a produzir qualquer coisa que soasse razoável.

Teddy a salvou outra vez.

— Nós certamente apreciamos o gesto do Sr. Grant, permitindo que nós usemos seu prédio durante o ano, senhora.

Os olhos de Helen acenderam.

— O prédio *dele*? — questionou ela com grosseria. — Aquele *home* não fez nada na vida *pra* ser proprietário de alguma coisa. Foi meu dinheiro que *comprô* esse prédio aqui — então ele foi e *feiz* uma taverna *pra* ele, em vez do armazém que *nóis tinha* combinado. Então veio a proibição e nos *tirô* até isso. Sem armazém, sem nada — nada além de um salão de bilhar de segunda categoria, que *num* paga nem *pra abri* as *porta*. Só vejo meu dinheiro *escorreno* sem um bom motivo. E agora meu marido *tá*...

Ela parou abruptamente e puxou o suéter desgastado para frente como se fosse se esconder atrás da lã esfarrapada.

Beth finalmente encontrou a voz. Ela colocou com cuidado o giz de lado e deu um passo em direção à visitante.

— Sra. Grant — disse ela com toda a gentileza que poderia transmitir —, a senhora jamais saberá como foi significativo e maravilhoso o uso de seu prédio para esta cidade. Sem isso, não existiria a chance para essas crianças de receberem uma educação. Eu sinceramente — *mais* que sinceramente — lhe agradeço em nome deles por sua generosidade. Jamais conseguiríamos pagar o que lhe devemos.

Enquanto as palavras de Beth tomavam conta da mulher, as mudanças em seu comportamento se refletiam em seus olhos. Ela não disse mais nada, apenas pegou a gata delinquente e se afastou, assim que os alunos começaram a entrar pelas portas. No entanto, à medida que a observava subir, Beth tinha certeza de que as costas da mulher não pareciam tão rígidas quanto na hora em que entrara.

Conforme se aproximava a visita de Julie, Beth estava transbordando de emoção. Ela se referia à visita com frequência, repetindo: “Molly, quando Julie chegar...” várias vezes ao dia. A irmã seguiria a jornada de Beth para o Oeste, chegando a Lethbridge de trem e pegando uma carona para Coal Valley no veículo da empresa. Beth deu os toques finais no quarto de Julie, incluindo um pequeno buquê com as primeiras flores silvestres da primavera, grata por haver menos pensionistas no momento, então havia um quarto estava disponível. Ela se afastou, avaliando-o na esperança de que a irmã se

sentisse confortável e bem-recebida.

Enfim, o grande dia chegou, e Julie desembarcou nas ruas de Coal Valley como se a estrada em si estivesse contaminada. Beth correu para abraçá-la, ignorando o comportamento aversivo da irmã.

— Nem acredito que você esteja mesmo aqui — Beth exclamou repetidas vezes, trazendo Julie para o quintal de Molly.

Elas subiram os degraus da varanda juntas, Julie olhando em volta, rígida e estranhamente silenciosa. As apresentações vieram primeiro.

— Esta é Molly McFarland. Ela é como uma segunda mãe para mim.

— Encantada, tenho certeza — Julie assentiu com a cabeça e ofereceu a mão.

— E esses dois são Teddy e Marnie, eles são... hum... a família de Molly.

Julie sorriu educadamente.

— Boa tarde.

— Olá — os adolescentes responderam em uníssono, com o semblante desprovido de expressão.

— Vamos lá para cima, Julie. Arrumamos um quarto para você em frente ao meu. Eu ia sugerir que compartilhássemos, mas, dessa forma, você terá espaço para suas roupas e as outras coisas.

O homem que carregava o baú de Julie o largou na porta da frente e se virou, parecendo um pouco zangado.

— Teddy Boy — disse Molly, indicando o baú.

Em silêncio, o rapaz o ergueu para seguir Beth e Julie subindo as escadas.

Beth apontou para a porta do próprio quarto e depois abriu a porta do quarto de Julie.

— Viu, estou do outro lado do corredor. — As duas jovens entraram. — Acho que você ficará bem confortável aqui — Beth prosseguiu. — Os homens estão mais adiante no corredor.

Julie estava examinando o quarto lentamente.

— O que eu realmente quero, Bethie — disse ela — é me lavar. Foi uma viagem horrível... as estradas estavam insuportavelmente terríveis. Pensei que aquele carro velho ia com certeza cair aos pedaços antes de chegarmos. Você pode me levar para a casa de banho, por favor?

Beth sorriu.

— Bem, de fato não tem uma casa de banho. Mas tem um lavatório aqui, e me certifiquei de que a água estivesse fresca para você. Aqui estão as toalhas e sabão.

Julie ficou perplexa.

— Mas onde... onde fica o banheiro?

— Oh, bem, você tem duas escolhas bastante antiquadas, querida irmã. Há um penico — ela gesticulou em direção a ele — e o banheiro externo na parte de trás.

Beth tentava com o olhar convencer Julie a ver o humor e a aventura em seus arredores. Mas então, lembrou-se dos próprios sentimentos ao chegar a Coal Valley — a sombria rua principal, as acomodações simples, a estranheza de tudo. Beth relaxou a postura, demonstrando empatia.

Julie estava visivelmente impressionada.

— Eu não tinha ideia de que a cidade era assim tão... tão primitiva.

— Você vai se acostumar — Beth a tranquilizou.

Julie bufou e andou pelo quarto, verificando poeira na cômoda e pressionando o colchão. Beth ficou surpresa com a reação da irmã.

— Eu não lembrava que você era tão melindrosa — deixou escapar antes que pudesse evitar.

Julie fez uma careta e rapidamente amoleceu.

— É isso que estou sendo? Desculpe-me, querida. Eu realmente estava determinada a ser muito ousada e audaciosa — e aqui estou, já toda nervosinha.

— Você está aqui, Julie! — Beth levantou os braços com satisfação. — Está aqui de verdade. Você não imagina como eu ansiei por esse momento!

Juntas, desempacotaram o baú de Julie e começaram a tagarelar outra vez, como quando eram jovens. Havia tantas novidades de casa que Beth mal podia absorver todas elas. Amigos ficaram noivos, corações foram partidos, bebês nasceram e compras extravagantes foram feitas. Julie contou tudo nos mínimos detalhes, como costumava fazer.

Depois que tudo foi colocado em ordem, Beth sugeriu que dessem um passeio pela cidade.

— Não vai levar muito tempo — disse ela com uma risada. — Há, de fato, apenas uma rua.

Elas caminharam até o auditório da mineradora, enquanto Beth apontava desde a pequena colina para as casas das famílias dos mineiros. Beth já compartilhara com Julie sobre a situação das mulheres e crianças. Julie ficou ainda mais consternada ao ver as casas.

— São tão pequenas — ela sussurrou. — É aqui que alguns dos mineiros estrangeiros vivem?

— Oh não, eles vivem no acampamento. É um pouco afastado da cidade, e é ainda mais humilde do que estas habitações.

— Não consigo nem imaginar!

O salão estava trancado, então Beth continuou na mesma calçada até o armazém da empresa.

— Podemos entrar no armazém, mas duvido que eles tenham qualquer coisa que você precise.

— Posso ver sua sala de aula?

— Suponho que... sim, podemos ir lá — respondeu Beth um pouco hesitante, pois sua mente se angustiava com a chance de encontrar Davie Grant.

Beth não o viu mais desde que fora abordada na floresta, portanto ela tinha quase certeza de que ele não apareceria agora. Mas ainda assim, seu coração bateu forte só de pensar na ideia —

intensificado pelo desejo de proteger a irmã de qualquer dano possível. Com muita cautela, Beth conduziu Julie para o outro lado da rua em direção ao salão de bilhar. No interior, a fraca iluminação mostrava a sala principal, onde as mesas estavam agora dispostas para servir os homens da mineradora em seu momento de lazer. Não havia nenhuma evidência de que era uma sala de aula.

— Mas, Bethie, realmente é uma taberna, como a mamãe disse.

Beth as conduziu de volta para a rua antes que alguém as notasse.

— Não, na verdade é um salão de bilhar e uma cafeteria. Mas nos dias de semana, também é a nossa sala de aula.

— Inimaginável! — Julie balançou a cabeça. — Como é que essa pequena aldeia pode ter até um salão de bilhar? Há clientes suficientes com tão poucos homens? A escola paga aluguel?

Nunca tinha ocorrido a Beth perguntar.

— É possível que sejam as mães que paguem — foi a única resposta que lhe ocorreu.

Julie já tinha visto quase tudo o que compunha a pequena cidade. Elas ficaram juntas na estrada por um momento, virando-se em uma direção e depois em outra. Beth deu de ombros.

— Além da mina e do acampamento — e suponho que o rio e os bosques — não há mesmo mais nada. Se estivesse mais quente, poderíamos dar um passeio... — mas ela parou abruptamente. Um passeio pela bela floresta não era mais uma opção.

— Vamos voltar para a pensão — disse Julie. — Sinto como se estivéssemos sendo vigiadas.

— Bem, suponho que estejamos sendo de fato. — Beth riu do pensamento. — Você é nova, e isso cria uma agitação. Principalmente entre as crianças — que parecem notar tudo.

Beth e Julie passaram um pouco mais de tempo sentadas nas cadeiras na varanda iluminada pelo sol antes de serem chamadas para o jantar. Dividiram a sala de jantar com três funcionários da empresa e Teddy. Beth se sentiu um pouco como uma recém-chegada também esta noite, pelo fato de não ajudar com o serviço de refeição como

costumava fazer. Ela observou com certa apreensão enquanto Julie conversava com os homens com quem compartilhava a mesa. As maneiras de sua irmã eram impecáveis, mas Beth estava preocupada de que a atitude de Julie transmitisse falta de respeito. Isso fez Beth se perguntar se ela mesma parecia tão distante quando chegou a Coal Valley.

À noite, Beth convidou Julie para participar de sua aula de inglês na cabana de Frank, mas ela recusou, dizendo que estava cansada e queria se retirar mais cedo. Quando Beth trilhou o curto caminho arborizado atrás de Molly, ela ficou satisfeita em lembrar que a manhã de domingo traria a chegada de Philip e um culto na igreja para compartilhar com a amada irmã.

Molly e os outros estavam esperando na varanda, prontos para sair, quando Beth bateu na porta da irmã pela terceira vez. Julie havia perdido o café da manhã e agora insistia, mais uma vez, através da porta trancada:

— Apenas mais alguns minutos.

Beth desceu até o meio da escada e sugeriu que os outros seguissem em frente — ela iria quando Julie estivesse pronta.

Molly obviamente estava se segurando para não falar nada. Ela conseguiu dar um sorriso para Beth e mandou que os outros saíssem pela porta. Beth foi de novo para o andar de cima.

Finalmente Julie saiu do quarto.

— O que você acha, Bethie? É novo.

Da cabeça aos pés, ela parecia um ícone da moda. Chapéu Cloche inclinado de forma elegante sobre o redemoinho de cabelo extravagantemente penteado; uso exagerado de blush e batom; um vestido estilo de anágua, de seda cara — o modelo curto que a mãe desdenhava —; meia moderna com sapatos de couro envernizado; três longos fios de contas que tilintavam uma contra a outra enquanto ela se movia.

Beth deu um passo atrás, alarmada:

— Julie, ninguém se veste assim aqui.

— Eu sei — ela respondeu com calma, gesticulando com uma mão como se estivesse modelando o conjunto. — Pensei que poderia mostrar-lhes como é. Talvez elas possam aprender algumas dicas. Sou considerada uma mestra em assessorar lá em casa, você sabe.

Beth mais que depressa empurrou a irmã de volta para dentro do quarto e fechou a porta, apoiando-se na porta.

— Não temos muito tempo, Julie — mas a maquiagem e as joias têm que sair. — Suponho que teremos que tolerar o resto.

— Mas não há nada de errado com a minha aparência!

— Pelo amor de Deus, Julie, é a igreja!

Apesar dos protestos estridentes de sua irmã, Beth persistiu até que a maquiagem fosse removida, os longos fios de contas e brincos berrantes retornassem para a caixa na cômoda de Julie. Então, o mais rápido possível, Beth jogou um casaco para Julie e a empurrou para fora da porta. Já era possível ouvir o canto do salão quando elas entraram e foram até a fila para tomar os assentos que Molly havia guardado para elas. Beth percebeu os olhos de Philip seguindo-as e cheios de curiosidade. De fato, em todas as direções, ela podia sentir as pessoas observando-as atentamente.

Pela primeira vez desde que chegou à cidade, Beth teve dificuldade em se concentrar no sermão de Philip. Ela se viu pensando no que gostaria de incluir na conversa que planejava ter com Julie depois do jantar de domingo. Tentou não ficar muito envergonhada por Philip encontrar Julie vestida daquele jeito. Era uma pena, pois Beth estava ansiosa por apresentar a irmã para sua comunidade.

Mas o jantar de domingo acabou sendo um evento especial planejado por Molly, a fim de apresentar Julie ao maior número possível de habitantes da cidade. A mulher generosa tinha empregado esforço extra para organizar um *junta panela*, a ser realizado no salão da mineradora.

Com grande esforço, Beth controlou as emoções em todas as repetidas apresentações.

— Philip, gostaria que você conhecesse minha irmã mais nova, Srta. Julie Thatcher. E Julie, este é o Pastor Philip Davidson.

Philip pegou a mão de Julie de forma educada.

— É um prazer conhecê-la, Srta. Thatcher. Sei que a Beth está muito entusiasmada com a sua visita. Tenho certeza de que vocês têm muitas coisas para dividir uma com a outra.

— Gostei muito do seu sermão — Julie disse entusiasmada. — Não é tão enfadonho e acadêmico quanto os que temos na nossa igreja. Foi uma lufada de ar fresco, de verdade.

Philip sorriu e perguntou:

— E quanto tempo pretende ficar por aqui? Espero que possam aproveitar bem o tempo juntas.

— Sim, vamos ter duas semanas inteiras juntas — respondeu Beth no lugar da irmã. — Será muito bom ter uma visita prolongada.

— Com certeza.

Beth sentiu fraqueza nas pernas quando percebeu Jarrick se aproximando. *O que será que a Julie vai dizer a ele?*

— Julie, quero lhe apresentar o policial Jack Thornton — disse ela, esperando que a frase formal pudesse manter Julie sob controle.

As sobrancelhas de Jarrick levantaram-se ligeiramente. Por alguma razão, ela não estava disposta a compartilhar o nome de batismo de Jarrick, aquele que ela escolheu usar.

— Bem-vinda, Srta. Thatcher — ele saudou Julie com entusiasmo. — Creio que a senhorita esteja se sentindo em casa.

Beth prendeu a respiração enquanto um sorriso tímido de Julie respondeu ao questionamento de Jarrick.

— Não é muito parecido com nossa casa, mas estou feliz por estar com a Bethie novamente. E é muito bom encontrar um oficial da lei tão longe da civilização. Tenho certeza de que você tem muitas histórias para contar, não é?

Jarrick pigarreou.

— Suponho que eu tenha, Srta. Thatcher. Mas receio que seja nossa política manter a maioria dessas histórias em sigilo.

Julie se recusou a ser confundida.

— Ora, ora, Oficial Jack. Tenho certeza de que devem ocorrer coisas interessantes nas proximidades. Alguns ladrões de cavalos, talvez? Uma gangue de bandidos? Não podem ser só os mineiros e os agricultores, pode?

Havia um brilho nos olhos de Julie que Beth achou alarmante. Ela se virou para Jarrick, observando sua reação.

— Receio não poder dizer. — Ele sorriu e assentiu de leve para suavizar a observação. — Foi um prazer conhecê-la, Srta. Thatcher.

Algo na maneira como ele despistou as perguntas de Julie fez com que Beth questionasse o que *de fato* consumia as horas de trabalho de Jarrick.

Julie, no entanto, parecia intrigada com a reação bastante indiferente do policial a ela — bem distinta da atenção que ela estava acostumada a receber dos jovens de seu círculo de conhecidos.

Depois de terem feito algumas rondas e manejado comer alguns bocados entre as conversas, Beth e Julie finalmente foram para seus lugares, quando Addison e Luela Coolidge subiram ao palco e sinalizaram pedindo a atenção de todos. Para surpresa de Beth, houve uma breve apresentação das crianças.

Ela ficou encantada, observando as expressões de Julie pelo canto dos olhos, enquanto seus amados alunos cantavam uma versão divertida de “Billy Boy” e apresentavam um curto esquete. Por certo, ela pensou, Julie rapidamente entenderia que crianças adoráveis e preciosas ela tinha recebido para ensinar. No entanto, ela ficou chocada ao ouvir Julie sussurrar:

— Oh meu Deus, Bethie, eles não têm nada melhor para vestir? A maioria das peças está usada e não servem direito. — Depois acrescentou: — Pobres criancinhas abandonadas — como se a reflexão removesse a acidez de seus comentários.

Beth se encolheu embaraçada. *Como Julie pôde ignorar tão completamente os rostinhos carinhosos?*

Em preparação para a próxima música, Frank subiu ao palco e afinou seu violino bem depressa. Cinco meninas ficaram diante deles seguidas, mexendo-se até que ele estivesse pronto. Beth reconheceu a melodia apenas nas primeiras notas da introdução, uma de suas favoritas: “Que Amigo em Cristo Temos”. As meninas cantaram em

belíssima harmonia, mesclando-se de forma adorável com as cordas. Beth sentiu que nunca tinha ouvido nada mais doce e, mais uma vez, se viu batendo palmas. Desta vez, Julie parecia satisfeita, mas ela olhava para Frank e seu violino, em vez das crianças.

No final, Beth se levantou e expressou seus agradecimentos à sala cheia, e as irmãs se retiraram para a casa de Molly mais uma vez, trocando as roupas da igreja por outras mais simples. Beth tinha toda a intenção de confrontar Julie ali mesmo sobre sua atitude e conduta, mas não queria dissipar a boa vontade criada pelas boas-vindas que receberam na Igreja. Elas passaram a tarde desfrutando da companhia uma da outra.

Quando o jantar se aproximou, ouviram a voz de Molly das escadas:

— Frank está aqui, meninas.

Beth levantou-se rapidamente e fez sinal para Julie.

— Que bom. Você pode conversar com ele agora. Faça questão de que o conheça.

— E quem é esse tal de Frank?

— O violinista — aquele que tocou hoje.

— Oh! — Julie se levantou para segui-la. — Ele foi muito bem... melhor do que alguns músicos que ouvi em concertos lá em Toronto. Quem teria pensado que eu ouviria uma música tão adorável de um velho pateta como esse?

Beth travou com a mão na maçaneta da porta. Respirou fundo e se virou para Julie.

— Por favor, nunca mais fale assim sobre Frank Russo. Se você o conhecesse — se pudesse descer desse seu pedestal por tempo bastante para ver quem ele é, sentiria vergonha de si mesma.

Foi a vez da Julie recuar.

— Não seja tão emproada. Ele nem pôde me ouvir.

— *Eu* posso ouvi-la, e isso é o suficiente. — Beth deu mais um passo a frente. — Ela sussurrou: — Não vou admitir ouvir você falando contra alguém dessa cidade, Julie. Você *não* é melhor do que

eles. Na verdade, fiquei mais envergonhada de ser vista em sua companhia, e nunca me senti envergonhada de nenhum deles. Você agiu como uma esnobe grosseira.

Os lábios de Julie começaram a tremer.

— Como você pode dizer isso? Eu fui... fui simpática, e até amigável.

Beth balançou a cabeça, tentando encontrar palavras para explicar a diferença para a irmã, que claramente não conseguia compreender como suas ações eram percebidas.

— Não os trate de forma diferente do que trataria qualquer um dos amigos da mamãe e do papai. Eles são tão queridos para mim como qualquer convidado que tenha frequentado nossa casa. Na verdade, muito mais — muitos deles são praticamente família.

— *Eu sou* sua família — disse Julie com uma fungada. — E você nunca falou comigo dessa maneira.

— Talvez eu nunca tenha visto você com tanta clareza antes. — Beth respirou fundo, tentando reprimir a própria raiva. — Aprendi que essas pessoas são mais do que parecem no exterior — e muito mais difíceis de avaliar do que poderia dar a entender o ambiente que os cerca. Por favor, tente vê-los com a mente aberta. Acho que você ficará surpresa se o fizer — a maioria deles é tão agradável, tão interessante e cordial quanto qualquer um de nossos amigos e familiares em casa.

As duas irmãs se encararam. Então Beth foi até Julie e a abraçou.

— Sinto muito por ter soado aborrecida, querida, mas tive que chamar sua atenção... mostrar-lá outra atitude mental o mais rápido possível. Essas duas semanas podem ser uma experiência verdadeiramente maravilhosa e memorável para nós duas, se você puder abrir a mente para outro mundo além daquele em que crescemos.

Julie fungou de novo e sussurrou trêmula:

— Vou tentar, Bethie.

Beth e Julie passaram uma noite adorável com Molly e Frank. Beth sorriu de prazer enquanto observava essas duas pessoas a quem

ela passara a apreciar e amar parecendo tão confortáveis juntos. Molly ainda estava verificando como a perna de Frank estava curando e conseguiu encontrar uma razão para mandar mais comida para a casa dele. Beth se lembrou do que havia dito a Julie sobre família e sabia o quanto era verdade ao observar o casal mais velho. Em todo o mundo, Beth sentiu que eles estavam em seu círculo de pessoas favoritas.

Julie se retirou mais cedo outra vez, deixando Beth para colaborar com Molly na limpeza. Beth obedientemente raspou os pratos e os empilhou ao lado da pia. Molly derramou uma segunda chaleira de água quente na bacia, e Beth começou o processo de lavagem.

— Sinto que deveria me desculpar pela Julie — ela começou a dizer.

Molly sorriu, e perguntou:

— O que *qué* dizê com isso?

— Bem, ela é um pouco... infantil, mimada, eu acho. Espero que ela não tenha magoado os sentimentos de ninguém com sua vaidade e a conversa trivial.

— *As palavra só pode atingi se você acreditá* nelas.

Beth parou com as mãos ainda na água.

— Claro, mas mesmo que você não leve alguém a sério, as palavras ainda magoam.

— Ah é? E como?

Molly pegou outra tigela para secar.

— Se eu lhe insultasse, isso não a magoaria?

— Depende. Você tinha a intenção de me *fazê* mal? Ou foi só por acidente?

— Hum — Beth ponderou a pergunta pensando nas vezes em que tinha recebido provocações. — Digamos que eu tenha achado divertido.

— Então deve ser deixado para lá imediatamente. Eu posso rir junto com você. Claro, *ocê* também tem que *perguntá*, o que você diz é verdade? Se for, talvez a pessoa deva levar isso em consideração.

— Molly colocou um braço nos ombros de Beth carinhosamente. — Sei que ela ainda é meio grosseira, querida, mas nenhum de nós *tá* preparado *pra* glória ainda. Tem de *deixá* Deus fazer a Sua obra. E ela não tem que agradar *nóis* — só a Ele.

Beth não pôde deixar de rir do “meio grosseira” aplicado à irmã que estava acabando a escola e imaginou a resposta de Julie a tal descrição. Depois, ficou séria e tentou processar todo o significado do conselho de Molly.

— Bem, pelo menos ela deveria se esforçar um pouco mais.

— Agora, querida, *ocê* tem que *tê* cuidado. Essa palavra *deveria* é uma palavra arriscada. Quem é que mede esse *deveria*? Só Deus pode dizer. Se Ele diz que *ocê* deveria, então é melhor atender o que Ele diz. Se *as pessoa diz* que *ocê* deveria — *ocê* tem só que perguntar de volta *pra* Deus. Não precisa de mais ninguém *pra* medir. — Ela sorriu para si mesma e estendeu a mão para pegar o próximo prato. — O bom da gente *fica véio* é que *nois num* pensa muito mais no que os *outro pensa* da gente — no que dizem que a gente devia *fazê*. *Ocê* passa mais tempo questionando o que *ocê* ainda *pode* fazer. Gostaria de poder *voltá* no tempo da minha própria vida e não me preocupar com todas as *coisa boba* que *as pessoa dissero* que eu *deveria*. Certamente ia *torná* a vida mais simples — menos confusa.

Julie foi a sombra de Beth pelo resto da semana. Ficou sentada no centro do sofá da sala enquanto as crianças enrolavam lá ao seu redor; sentou-se ao lado da janela no salão de bilhar enquanto Beth ensinava na escola; ajudou o melhor que pôde na cozinha e observou as aulas de inglês e o Clube da Bíblia com silenciosa estupefação. Pareceu vir como um solene reconhecimento de que Beth estava trabalhando muito mais, com mais criatividade e energia, do que Julie jamais imaginou.

No sábado, ocorreu uma alegre distração, quando Jarrick voltou para uma visita e levou as irmãs para um passeio de carro. Beth tinha visto pouco do campo nas redondezas de tal ponto de vista, e teve o prazer de explorá-lo com Julie e Jarrick. No entanto, o fato de Beth tê-lo apresentado à irmã como Jack provou ser uma complicação adicional. Ela agora não tinha ideia de como se referir a ele quando estavam juntos. Por pura teimosia, ela não o chamou de nada durante todo o dia.

Beth ficou surpresa com as pequenas trilhas que Jarrick havia encontrado, entrando e saindo entre as colinas, e ainda mais pasma com os tipos de terreno sobre o qual ele estava disposto a dirigir o automóvel.

— Você tem certeza de que não estamos perdidos? — ela brincou.

— Eu vivo entrando e saindo daqui. Há um belo riachinho logo à frente, com uma barragem de castores que forma sua própria cachoeira. Pensei que vocês iam gostar. Se tivermos sorte, podemos até ver um dos castores em ação.

Mesmo sem terem tido o prazer de observar os castores, as moças gostaram de observar as quedas. Julie até levou uma câmera e teve prazer de tirar algumas fotos. Julie insistiu em tirar uma foto de Jarrick e Beth sentados em uma grande rocha ao lado do riacho, e Beth se viu enrubescendo. Desejava se opor, mas criar confusão sobre isso parecia pior do que apenas seguir em frente com as instruções de Julie.

Jarrick parecia especialmente interessado em observar as colinas circundantes com o resistente binóculo.

— Procurando por ursos? — Julie perguntou, soando como se

ela estivesse realmente preocupada.

Jarrick riu.

— Bem, a gente nunca sabe o que vamos encontrar nesta extensão de floresta.

Ele deixou as moças também olharem pelo binóculo, e Beth não podia acreditar como o aparato aproximava todas as coisas, paisagens que ela sabia que ficavam a uma boa distância.

Jarrick organizou o piquenique que havia preparado com Molly. Foi delicioso sentar-se debaixo das vastas árvores, despertando de sua longa soneca de inverno e ouvir os pássaros ocupados entre os galhos, fazendo planos para a construção de seus ninhos. A água da barragem do castor preenchia a harmonia para os cantos dos pássaros. Beth queria se inclinar para trás, fechar os olhos e se perder no dia. Ao mesmo tempo, ouvir a conversa animada entre Jarrick e Julie fez Beth determinar-se a não perder nada.

Quando Jarrick as deixou na pensão, Julie se apressou para tirar um pouco da terra do dia de seus sapatos novos. Por um momento antes de Jarrick partir, Beth permaneceu no portão.

— Sua irmã é... simpática — Jarrick comentou, de pé ao lado da porta do motorista.

Beth sorriu e virou a cabeça embaraçada.

— Ela realmente é, sabe. Julie tem um coração muito gentil, mas receio que nós a tenhamos mimado de um jeito terrível. Não tinha percebido o quanto até esta visita.

— Apesar disso, gostei do nosso passeio. Foi um dia perfeito com duas belas jovens senhoritas Thatcher.

Beth baixou a cabeça.

— Eu também me diverti. Muito obrigada por nos levar, Jarrick.

Ele riu.

— Oh, então eu sou Jarrick novamente?

Ela esperava que ele não tivesse notado.

— Eu só... bem, eu só não tinha sua permissão para... — Ela suspirou. — Todos os outros o chamam de Jack — ela terminou fracamente.

— Sim, chamam. Você... e minha mãe... são as únicas que parecem preferir meu nome. Mas admito que gosto de ouvir você usá-lo. De qualquer forma, estou satisfeito por ter compartilhado o dia com você. — E então ele exclamou por cima do ombro enquanto desaparecia dentro do carro: — Tenha uma boa noite, Bethie.

Beth sentiu o rosto corado, e não pôde evitar o aparecimento de um sorrisinho, ao ouvi-lo usando o apelido dela. Ela se virou para a casa. Só então notou que Julie observava pela janela e ficou grata por a irmã não ter ouvido.

Domingo à tarde, foi planejado um piquenique para as crianças da igreja. Philip estava oferecendo doces como prêmios para os jogos, e os habitantes da cidade deveriam organizar e gerenciar tudo. Beth e Julie se ofereceram para ajudar nas corridas de três pernas. Durante a maior parte da tarde, eles assistiram aos outros jogos, aplaudindo as crianças mais novas e rindo das palhaçadas de todas. Beth ficou satisfeita ao ver que Paolo e seu pai estavam entre a população reunida, bem como alguns outros mineiros. Eles estavam interagindo bem com os habitantes da cidade, conversando — não com facilidade, mas de forma agradável — com sorrisos que surgiam de forma afável.

Beth encheu o prato com as variedades de guloseimas que havia na mesa e sentou-se em um dos bancos improvisados, aproveitando o momento pacífico para observar as interações ao redor. Ela ouviu um tumulto vindo entre os edifícios logo atrás dela. Virou-se para ver Addison com o irmão menor, Wilton, que estava curvado e parecia estar vomitando nos arbustos.

As mães apareceram de todas as direções. Beth alcançou os meninos primeiro, colocando uma mão nas costas de Wilton e inclinando-se para verificar o rosto pálido. Ela se voltou para o irmão mais velho.

— O que aconteceu, Addison? Foi algo que ele comeu?

À medida que mais e mais gente se reunia em torno deles, a confusão tornava difícil para Beth ouvir a resposta do menino.

— Não... eu... eu realmente não... — só então os joelhos de Wilton dobraram e ele caiu no chão. Mãos se estenderam para agarrá-lo de todas as direções. Addison implorou: — Oh, Willie, você *tá* bem? Sinto muito, muito! Não chore.

Wilton balançou a cabeça, mesmo em seu estado lamentável, insistindo desafiadoramente:

— Não tô chorando!

— Bom menino.

Mas a expressão de Addison estava cheia de incerteza e medo.

Apesar da multidão, Jarrick foi capaz de levantar Wilton e carregá-lo em direção a uma das mesas próximas. Todos os pratos foram tirados do caminho para liberar a mesa para o menino enfraquecido.

— Você vai ficar bem, cara — Jarrick disse para encorajá-lo, enfiando uma toalha debaixo da cabeça e examinando os olhos do garoto. Ele conversava enquanto avaliava o menino. — Você é um cara corajoso. Ora, Willie, você comeu algo a que não está acostumado — algo estranho? Frutinhas da floresta? Ou algum tipo de cogumelo que encontrou?

Sem uma resposta, os olhos do garoto começaram a ficar desfocados e então se fecharam.

Jarrick inclinou-se sobre ele. Em pânico, Beth o viu cheirar dentro da boca aberta de Wilton. Jarrick se virou para procurar rapidamente os arbustos onde Wilton havia sido descoberto. As mães se aglomeravam ao redor de Beth, esperando ao lado da mesa, todas murmurando conjecturas a respeito da condição do menino.

Addison ficou em cima do irmão e o acariciou na testa. Rapidamente Jarrick voltou. Ele puxou a mãe dos meninos, Heidi, e fez sinal para Beth segui-los.

— Eu não sou médico, mas tenho certeza de que isso é sério. Ele precisa ser levado para o hospital em Lethbridge agora mesmo.

Os olhos de Heidi se arregalaram de medo.

— Como é que vou mandá-lo para lá? — Antes que Jarrick

pudesse responder, ela gritou: — O que há de errado com ele? Você acha que sabe?

Jarrick respirou fundo.

— Parece-me algum tipo de envenenamento. Eu estou com o carro. Vamos dar a ele o máximo de leite que puder aguentar e levá-lo para a cidade imediatamente.

— Não tem leite! — ela quase gritou.

— Então água — insistiu Jarrick.

— Mas, e meus bebês? — ela disse chorando. — Não posso deixar meus bebês.

Os olhos de Heidi saltaram do menino doente sobre a mesa para as duas crianças menores segurando a saia da mãe e a criança berrando em seus braços, e depois, fixou-se no rosto de Jarrick.

— Preciso que alguém me acompanhe no carro, no caso...

Deixou as palavras soltas no ar.

Beth foi rápida em se voluntariar.

— Eu vou.

— Obrigado, Beth. Vou trazer o carro. — Agarrando uma tigela enquanto passava por uma mesa, Jarrick jogou os alimentos no chão sem cerimônia. — Leve isso, Beth. Se tivermos sorte, ele vai vomitar um pouco mais.

Em atordoado silêncio, Beth o seguiu, assustada, mas obediente, sem saber se estava à altura da tarefa à frente — oferecer cuidados de enfermagem para uma criança mortalmente doente, enquanto dirigiam por horas em estradas irregulares.

Só então ela percebeu que a irmã estava ao seu lado, com os olhos assustados que revelavam sua evidente angústia.

— Sinto muito, Julie querida — disse Beth. — Eu tenho que ir.

— Eu entendo. Vou ficar bem. Ele precisa de você. Apenas vá.

Jarrick e Alberto conseguiram embrulhar o menino em um cobertor e colocá-lo no banco de trás. Outra pessoa correu com um jarro de água. Beth sentou-se ao lado de Wilton, aninhando a cabeça do menino no colo e segurando a tigela na mão.

Eles começaram a andar pela estrada empoeirada, Jarrick dirigindo com o máximo de cuidado possível para desviar do maior número de buracos, mas mantendo a velocidade. Beth podia ver as mãos dele segurando a direção, as juntas dos dedos tensas. Beth tirou o cabelo dos olhos de Wilton e colocou a outra mão no peito do garoto, para evitar que o corpo dele balançasse muito. De vez em quando, ele precisava usar a tigela. Depois Beth levantava a cabeça do garotinho, tentando fazer com que ele continuasse bebendo goles de água.

— Vamos cantar, Wilton — Beth convidou, tentando motivá-lo e esperando que a voz expressasse muito mais calma do que ela de fato sentia. Ela começou com a música que as crianças cantaram no evento de boas-vindas à Julie. — “Oh, onde você esteve, Billy Boy, Billy Boy? Onde você esteve, adorável Billy?”

Com o melhor de sua habilidade, Wilton acompanhou a música, com o rosto pálido e a voz fina. Beth esfregou o estômago e os braços do garotinho, na esperança de distraí-lo de alguma forma da dor evidente.

Foi um caminho terrivelmente longo e difícil, até que as estradas da montanha foram deixadas para trás, e apenas a grande extensão da pradaria estava à frente.

Beth percebeu que os olhos do menino estavam fechados.

— Acorda, Wilton.

Beth o sacudiu e os olhos do garoto abriram novamente.

— Estou cansado, Srta. Thatcher — murmurou ele.

Beth o sacudiu mais uma vez.

— Você precisa ficar acordado, querido.

Ela tentou outra música, mas os olhos dele continuaram a se agitar.

— Depressa, Jarrick. Acho que está desmaiando. Ou

adormecendo — não sei dizer o que. Não é bom ele dormir?

— Tente acordá-lo de novo. Dê um beliscão, se for preciso.

— Oh, Pai, ajude essa criança — Beth suspirou. — Wilton, acorda!

— Estou acordado. — O garoto se mexeu. — Só estou muito cansado.

Finalmente, dava para ver a cidade e, graças a Deus, o hospital.

Jarrick pegou o menino no colo e correu para a sala de espera pedindo ajuda, Beth veio logo atrás deles. Quase que de imediato, apareceram dois enfermeiros e um médico. Logo Wilton foi levado em uma maca.

Beth agarrou-se ao casaco de Jarrick.

— Será que ele... você acha que ele vai ficar bem?

Ele colocou um braço reconfortante em torno dos ombros de Beth.

— Eu acho que sim. — Apoiando-se em Jarrick, Beth o deixou levá-la para a área de espera. Ele encontrou um lugar para se sentarem, e então começou a longa vigília. Beth sentou-se rigidamente em sua cadeira e Jarrick ficou andando de um lado para o outro, ansioso. — Parece que ele se livrou de grande parte do veneno durante a viagem — disse Jarrick, tentando confortá-la. — E a água também deve ter ajudado...

Naquele instante, um médico apareceu.

— Quero assegurá-los de que o menino está passando muito melhor agora. Ele está descansando tranquilamente e parece estar fora de perigo. Vocês são os pais dele?

— Oh, não.

Beth sentiu as bochechas ficando quentes. Jarrick deu um passo rápido para longe de Beth.

— Não, a mãe dele não pôde vir. Eu sou um oficial local, e esta é a professora do menino.

— Entendo. Bem, foi uma bênção que você tenha conseguido trazê-lo até nós a tempo. Aos poucos, o corpo dele vai se livrar das toxinas, mas, com certeza, ele ingeriu uma quantidade perigosa de uma substância muito nociva.

— Eu temia que essa pudesse ser essa a causa da emergência. O que acontece agora? — Jarrick parecia calmo, ao contrário da onda de emoções que Beth estava sentindo.

Ela ficou extremamente aliviada ao saber que a substância que Wilton havia ingerido não ia tirar a vida dele, mas também horrorizada ao saber como ele chegou perto de morrer. Ela sussurrou outra oração pedindo a recuperação total do garotinho.

— Bem, ele precisará ficar em observação durante a noite, isso é claro. De manhã, ele pode estar bem o bastante para viajar para casa novamente. Teremos que avaliar isso mais tarde.

— Podemos vê-lo? — Beth perguntou.

— Por enquanto ele está num sono profundo. — O médico voltou sua atenção para Jarrick. — Desculpe-me, oficial, não ouvi o seu nome.

— Policial Jack Thornton.

Jarrick estendeu a mão. O médico apertou a mão dele.

— Vou fornecer um relatório escrito do diagnóstico quando o menino receber alta. Há também a questão da conta do hospital, Policial Thornton. Em quanto tempo você vai falar com os pais do menino?

— Isso apresenta uma certa dificuldade — Jarrick respondeu secamente. — Seria possível nos dar uma cópia por escrito da conta? Receio que tenham de ser tomadas providências. A mãe dele é viúva, de uma comunidade mineradora...

— Ora, policial — disse o médico sem esperar —, o senhor entende que é preciso que o hospital...

— Eu entendo, senhor. E garanto que serão tomadas medidas — respondeu Jarrick com firmeza.

Os dois ficaram cara a cara por um instante. O médico finalmente admitiu:

— Vou cuidar para que uma conta esteja preparada para você. Certamente alguém precisará entrar em contato com nosso diretor, se os pagamentos precisarem ser providenciados depois; assim, vai ser necessário marcar uma reunião. A pessoa responsável pode passar na mesa ou apenas telefonar para o escritório. — Ele parou. — Existem telefones na comunidade do menino?

— Não, senhor.

— Bem, então, confio que o senhor pessoalmente, Policial Thornton, cuidará para que os acordos sejam feitos.

Ele se virou e desapareceu no corredor.

Beth não havia considerado o que aconteceria depois que o menino tivesse sido examinado e diagnosticado, ou como a conta seria paga. Eles caminharam do prédio em silêncio até o carro, que continuava onde Jarrick o abandonara, no meio-fio da frente.

— Heidi Coolidge não tem muita sobra de sua pensão — sussurrou Beth.

— Eu sei.

— Então, como ela vai...

Mas ela não completou o pensamento.

Jarrick abriu a porta do carro para Beth, e ela se sentou no banco da frente. Ele deu a volta por trás do veículo e entrou no banco do motorista.

O policial sentou-se com calma, pensando por um momento. Finalmente, Jarrick respondeu à pergunta inacabada.

— Vamos ter que orar por um milagre.

Beth achou difícil desfrutar do inesperado mimo de uma refeição no restaurante, escolhendo os vegetais frescos que normalmente teria achado deliciosos depois de tantos meses sem prová-los. Estava com o pensamento focado em Heidi Coolidge e em como ela pagaria por uma estadia hospitalar cara, e na questão de onde e como Wilton havia ingerido um veneno tão terrível.

— Eu lhe ofereceria um centavo por seus pensamentos, mas

tenho certeza de que sei o que a preocupa. — Jarrick parecia ter os mesmos problemas com a própria refeição. — O importante, no final das contas, é que logo o pequeno Willie vai voltar a ficar bem.

Beth brincou com as borlas na toalha de mesa, evitando o olhar de Jarrick.

— Eu simplesmente não consigo deixar de me preocupar com todas as crianças. E se...

— Sim — ele concordou sem hesitar. — Pode estar certa de que vou rastrear a fonte dessa toxina.

— Mas se Wilton encontrou, sempre há uma chance de que qualquer um dos outros possa estar em perigo. Se não agora, em algum momento no futuro...

A voz dela desapareceu.

Jarrick a encarou pensativamente.

— Por favor, confie em mim, Beth.

Por um momento, ela considerou confiar a ele as próprias preocupações, e depois decidiu que não o faria. Ela suspirou.

— Espero que você possa descobrir algo em breve. Acho que não vou descansar até saber.

Beth olhou pela janela para as pessoas que passavam. Era uma perfeita noite de primavera na luz tênue, e ela estava de volta à cidade. Desejava conseguir se desfazer de sua atitude melancólica o bastante para apreciá-la.

— Ouvi algumas boas notícias — disse Jarrick a ela. — Paolo encontrou um emprego aqui em Lethbridge, e ele partirá em breve para morar com a mãe novamente. Mas sinto muito pelo Alberto. Ele sentirá falta do filho, embora eu tenha certeza de que está satisfeito porque o menino não vai ter que trabalhar na mina. A longo prazo, quem sabe esse fato trará mais oportunidades para o próprio Alberto estar na cidade.

— Essas são ótimas notícias. — Beth sorriu. — Eu esperava que ele não ficasse muito tempo, embora eu também vá sentir falta dele. Nossas aulas de inglês não serão as mesmas sem Paolo.

Ela respirou fundo, soltou devagar, e decidiu se deixar envolver pela conversa que Jarrick levava adiante. Beth podia sentir a tensão deixando seus ombros, e a dor de cabeça que a ameaçava indo embora. Enfim, ela conseguiu relaxar e desfrutar da culinária que não provava há tantos meses. *De fato*, disse a si mesma, *o cenário parece quase romântico*, e Beth sentiu o rosto corar enquanto observava a luz do exterior desaparecer. Uma vela sobre a mesa tremeluzia contra o pano de linho branco, e a prataria polida ao lado de seu prato brilhava a cada dança da chama da vela. Beth se sentiu descansada, e expressou num suspiro suave de contentamento. Jarrick era uma boa companhia. Atento, comunicativo, sincero. *Não como aqueles meninos tolos que disputava minha atenção no passado*, ela pensou, então baixou o olhar para o prato, caso sua expressão a entregasse.

Eles permaneceram para a sobremesa e o café, e Beth estava relutante em deixar o momento passar. Quando Beth pensou que Jarrick estava se preparando para pedir a conta, ele chamou o garçom para reabastecer as xícaras de café, aparentemente desfrutando daquele momento tanto quanto ela. Beth misturou creme de verdade no café rico e, com a xícara na mão, reclinou-se para desfrutar da conversa agradável e significativa. Por enquanto, os pensamentos a respeito do pequeno Wilton, agora em boas mãos, deixaram de incomodá-la.

Mas o comportamento de Jarrick parecia ter mudado. À luz da vela, Beth pensou que os olhos dele agora expressavam uma seriedade, uma intensidade, que não estava lá antes. Ele a encarou com uma expressão pensativa.

— E quanto a você?

— Eu?

Ela olhou para ele.

— Quanto tempo você acha que vai ficar em Coal Valley?

A pergunta inesperada pegou Beth desprevenida, sua mente uma confusão de reações. Ela se encolheu, sentindo-se um pouco tímida.

— Meu contrato de ensino é de apenas um ano. Comecei a me perguntar... a considerar... o que faria se me oferecessem uma extensão desse tempo, mas não há como saber se essa será uma possibilidade.

— Bem, em pouco tempo o verão estará sobre nós de volta, e o ano letivo terá terminado. Só pensei que talvez já soubesse o que aconteceria neste verão para você.

Beth franziu a testa e deu um novo suspiro.

— Creio que vou para casa. Minha mãe jamais me perdoaria se eu não fosse, e não tenho motivos para ficar aqui...

Ela deixou as palavras no ar.

Eles ficaram em silêncio por alguns minutos, até que Jarrick perguntou:

— O que acha do Oeste? Você gosta de viver aqui? Com certeza é muito diferente do que você está acostumada — muito menos comodidades, mesmo aqui em Lethbridge. Você já pensou em vir morar aqui — de forma permanente?

Ela podia sentir uma pontada de medo ao ouvir esse questionamento. Ou talvez fosse esperança? Neste momento, as palpitações de seu coração eram indistinguíveis. *Como posso responder a essa pergunta?*

— Como eu disse, meus pais me esperam em casa — disse ela lentamente —, pelo menos para o verão. Mas se me pedirem para lecionar novamente, tenha certeza de que eu consideraria a opção. — Ela corou e se apressou em agregar: — Eu ficaria *feliz* em considerar a opção.

Jarrick se inclinou para frente, movendo a mão para mais perto do centro da mesa.

— Sei que a cidade ficaria grata por ter você de volta. — Ele hesitou por um momento, olhando atentamente nos olhos dela. — Eu ficaria... bem, satisfeito em saber que você planeja voltar.

O momento fora permeado por uma intensidade que Beth nunca havia experimentado antes, que a perturbava, bem como a fazia sentir-se energizada. Ela não sabia a melhor forma de administrar essa emoção. Julie teria se saído bem, mas Beth...

Ela se permitiu rir um pouco.

— É engraçado que eu não tenha pensado nisso antes. Mas a verdade é que, se eu optasse por não voltar para Toronto, minha mãe

provavelmente enviaria Edward para me escoltar para casa — a força, se necessário.

— Edward?

Beth percebeu a si mesma brincando com o guardanapo.

— Ele é como o queridinho da minha mãe. Ela tem muito carinho por ele. — Beth deu outra risada. — Eu já contei que foi ele quem encontrou meu violino? Além da bússola — aquela que ele mandou por você. O violino foi roubado e Edward o procurou por todos os lados, até recuperá-lo. Não consigo nem começar a expressar o quanto estou grata por tê-lo novamente.

Jarrick estava se recostando pouco a pouco na cadeira, retirando a mão. Essa mudança de atitude deixou Beth confusa. Ele voltou o olhar para a janela e disse:

— Isso é... isso é maravilhoso para você. Fico feliz que ele tenha sido persistente. Deve ter mesmo sentido falta do violino — você o toca de forma belíssima. — Jarrick parou por um momento e depois continuou de maneira praticamente abrupta: — Bem, eu espero de verdade que você considere lecionar aqui novamente. A cidade seria abençoada de ter você.

Jarrick acertou as coisas para que Beth passasse a noite na casa de amigos, um jovem casal que trabalhava na mesma organização religiosa que Philip. Uma recepção calorosa e um quarto confortável significavam uma boa noite de sono. Jarrick dormiu no posto da RPMC, na periferia da cidade. Na manhã seguinte, Beth ficou aliviada ao saber que Wilton ia poder retornar para a cidade montanhosa com eles. *Obrigada, Senhor, obrigada.*

No caminho para o hospital, Jarrick pigarreou.

— Eu gostaria de lhe pedir um favor — mesmo que você não entenda o motivo agora.

Beth assentiu e esperou.

— Eu sei que você ouviu o médico do Wilton se referir à toxina que o menino bebeu. Na realidade, Beth, a bebida era à base de álcool. Era um licor, fruto de contrabando.

— Mas pensei que você tivesse dito que era *veneno* — ela argumentou.

— E foi. — O tom que ele usou era triste. — Beth, creio que você não tenha ideia de qual é a composição de uma bebida que é comprada e vendida como ‘destilado’. Essa bebida tem uma base de álcool — mas é feita com qualquer coisa que possa ser encontrada — incluindo anticongelante e animais mortos. O médico estava correto quando o chamou de tóxico. Na verdade, foi quase fatal.

Oh não, Senhor, nossos piores medos... Horrorizada, Beth virou-se para ele com os pensamentos agitados. *Licor — para as crianças — um tipo que poderia facilmente matar alguém! Estamos todos em perigo? Quem daria isso a uma criança?*

Vendo a reação dela, Jarrick se adiantou:

— Estou firmemente determinado a investigar mais sobre isso — essa tem sido e continuará sendo minha prioridade nos próximos dias. Mas gostaria de lhe pedir, Beth, para manter essa informação entre nós por enquanto.

— Por quê? — ela quis saber, horrorizada. — As famílias não deveriam ser avisadas?

— Receio que, se os outros souberem, isso tornará meu trabalho muito mais difícil — e há aspectos na minha investigação que não posso revelar neste momento, nem mesmo a você. Portanto, é essencial não mencionar isso a ninguém por enquanto. Se você o fizer, pode muito bem comprometer toda a operação na qual estamos trabalhando há meses. — Ele virou os olhos para encontrar os dela. — Pode fazer isso, Beth?

No começo, ela ficou sentada como se estivesse entorpecida — e então, finalmente, assentiu com a cabeça, mais perguntas surgindo agora do que antes. *Investigação? Este tem sido o trabalho dele? O que ele tem feito? E onde?*

— Eles me deram sorvete — anunciou Wilton assim que foi acomodado no veículo. — E tive que dormir numa cama que dobrava... assim. — Ele gesticulou com as mãos. — E o *dotô* disse que sou um corajoso caubozinho. Srta. Thatcher, e o que é um caubói?

Beth sorriu o melhor que pôde no banco da frente, enquanto o garoto prosseguiu tagarelando sem esperar por uma resposta. O carro saiu para a estrada. Ainda que Beth estivesse ouvindo a narração de Wilton sobre suas experiências, os olhos dela estavam estudando Jarrick. Ele estava estranhamente reservado, embora Beth não tivesse certeza do porquê. Talvez estivesse mais preocupado do que deixara transparecer sobre a fonte do licor mortal.

Beth deixou o olhar vagar ao longo da beira da estrada gramada que passava por sua janela, imaginando o que Julie tinha feito durante sua ausência. Pensou no piquenique da igreja interrompido e lamentou que o evento não tivesse acontecido como pretendido. Em seguida, os pensamentos foram para a conta do hospital que deviam entregar à pobre Heidi Coolidge e a ansiedade que isso por certo criaria. Seus pensamentos mudaram novamente para o homem ao lado dela. *Será que ele está desorientado com a preocupação pela família Coolidge?*

E assim as horas se passaram – Wilton mais uma vez dormindo no banco de trás, e os dois silenciosos na frente.

Como se a chegada deles tivesse sido prevista, uma multidão rapidamente se reuniu na rua. Heidi correu, segurando o bebê mais novo no quadril.

— Willie, Willie, *ocê tá* bem? Meu Deus, *tou* tão feliz por vê

ocê aí de pé! Tava tão preocupada. A mãe puxou o filho para perto de si com os lábios tremendo de emoção. — Graças a Deus *cê tá* em casa seguro novamente.

Julie de repente apareceu.

— Oh, ele parece muito melhor agora. Como foi a viagem? Espero que tenha corrido tudo bem.

Beth caiu em seus braços, saboreando o conforto de ser abraçada pela irmã, embora Beth soubesse que não havia nada que ela pudesse explicar sobre a enfermidade de Wilton.

Elas não tiveram a oportunidade de ficar sozinhas outra vez até depois da refeição do meio-dia. Embora fosse segunda-feira, a aula havia sido cancelada na ausência de Beth, e a tarde permaneceu vazia diante delas. Apesar dos eventos preocupantes, Beth precisaria usar pelo menos parte do dia para preparar as aulas para o restante da semana.

Molly tinha ido fazer uma visita a Frances, e Marnie e Teddy estavam pescando. Isso significava que a mesa da cozinha não ia ser usada e estava em silêncio — o lugar perfeito para Beth espalhar seu trabalho. Julie ficou remexendo por um tempo, preparando chá para as duas. Beth sabia que a conversa que teriam seria difícil por causa dos segredos que era obrigada a guardar, mas não podia revelar que havia algo a distraindo.

— Bem, Julie, o que você fez enquanto eu estava fora?

Um sorriso brincalhão cruzou o rosto de Julie.

— Por que, Bethie? Isso a deixa preocupada? Que eu estivesse aqui, sem você por perto para assegurar que eu me comportasse direitinho?

— Estou mais preocupada ainda agora, que vejo que você achou isso divertido. Beth largou o lápis e deu toda a atenção à irmã, disposta a se concentrar em Julie em vez de nos próprios pensamentos problemáticos.

Julie riu.

— Eu não fiz nada demais. Ou melhor, fiz muitas coisas adoráveis — coisas úteis e amigáveis. Você teria ficado muito orgulhosa.

— Hum. — Beth estava incerta. — Conte-me tudo.

— Bem... primeiro ajudei a dar prosseguimento ao piquenique. O Philip queria tranquilizar as outras crianças, então me pediu para ajudar a reunir todos para aproveitarem os jogos que ainda restavam. Ele é tão querido, Bethie. Tão atencioso e gentil. — Julie colocou as xícaras de chá na mesa à frente delas, oferecendo a Beth um sorriso doce e açucarado.

— O que você disse a ele, Julie?

O tom de Beth foi tão firme quanto conseguiu.

— Nada! Nada, prometo. Apenas o que era necessário para a tarefa em questão.

— E depois?

— Daí entregamos os prêmios e o piquenique acabou. Todos foram para casa e eu voltei para cá. Nada terrível — nada fora de ordem. Para ser franca, tem sido bastante enfadonho. Philip não estava por aqui hoje. Ele já tinha retornado para onde quer que ele vá quando não está aqui. — Julie franziu a testa e continuou. — Mas posso dizer, irmã querida, que você está perdendo uma oportunidade de ouro no que diz respeito a ele.

— O que quer dizer com isso? Não entendi!

Julie revirou os olhos.

— Ora, não seja pateta. Você sabe exatamente o que quero dizer, e não há razão para eu não expressar minha opinião. Philip é um homem bonito, educado e cortês. O que mais você poderia estar procurando em um marido?

— Julie! — Beth pegou o lápis de volta e focou novamente no trabalho, esperando que a questão fosse encerrada.

— Não, me recuso a ser ignorada. Se a mamãe estivesse aqui, diria exatamente a mesma coisa. Ele é o par perfeito para você. Vocês são os dois... meio... bem, solenes.

— Eu não vou discutir isso.

— Se não o Philip, então quem? Talvez o Jack Thornton seja mais do seu agrado.

— Julie, por favor! Estou tentando preparar as minhas lições.

Julie distraidamente mexeu o chá.

— Eu estava me perguntando, Bethie, você... você conseguiu passar algum tempo com o Jack? Sem o pequeno paciente?

Beth não podia mentir para Julie, mas decidiu não mencionar o jantar que tiveram juntos.

— A maior parte da tarde foi a viagem, e eu estava cuidando de uma criança muito doente. Depois, houve uma longa espera no hospital. E eu passei a noite com alguns amigos dele. — Ela se apressou em mudar de assunto, antes que mais perguntas pudessem ser feitas. — O que faz você perder seu tempo se preocupando com meus assuntos pessoais, afinal de contas? O que isso tem a ver com sua vida?

— Nada. Pelo menos não diretamente. Só que estou preocupada de coração com você, com sua felicidade e realização. E eu esperava que você tivesse se afastado... bem, do Edward.

— Edward? O que, em nome de Deus, você quer dizer com isso? Eu nunca...

— Oh, Bethie, ele sempre foi sua melhor perspectiva. A mamãe e a Sra. Montclair há muito tempo veem vocês dois juntos — até sonharam com isso, tenho certeza. Mas se você é tola demais para ver o que está bem diante de seus olhos, sem dúvida não me negaria a oportunidade, não é mesmo?

— Edward? Você está interessada no Edward?

— E por que não? — Julie fingiu surpresa. — Eu sinceramente esperava vê-lo enquanto estivesse aqui. Não sabia que o posto dele era tão longe que vocês nem se cruzavam. É decepcionante, de verdade. Eu esperava ter um vislumbre dele vestido de uniforme. Tenho a certeza de que fica muito atraente.

— Julie, por favor. Nem pense em enganar o Edward como fez com tantos outros.

— Pensei que você não se importasse.

Ora, claro que me importo. Quer dizer, ele é... ele é um amigo da nossa família. Não merece alguém brincando com os

sentimentos dele.

— Você me surpreende, Bethie. Acho que você se importa muito mais do que quer admitir.

— Eu... Eu me importo — é claro que sim, só não dessa maneira...

Julie voltou os olhos grandes e expressivos para Beth, com um sorriso meio sincero, meio malicioso.

— Agora, irmãzona, você não precisa ficar bancando a mãe do Edward. Ele é um homem – e absolutamente capaz de cuidar de si mesmo. Ele é um Policial Montado, pelo amor de Deus!

— Eu só não quero vê-lo... maltratado, ferido.

Mas Beth ficou confusa com a agitação que estava sentindo. *Edward? Julie?*

Ela ficou surpresa com o quanto se ressentia da invasão e, no entanto, logo se lembrou de que não havia reivindicado nenhum terreno no que dizia respeito ao Edward.

— Você está certa, é claro — Beth admitiu calmamente, enfim. — Na verdade, não tenho planos a respeito do Edward. Se ele estiver interessado em você, então desejo que sejam felizes. — Secretamente, porém, Beth se perguntou como seria difícil para ela demonstrar tal atitude se fosse necessário. — Mas também direi, Julie querida, que não vou permitir que você se intrometa em minha vida pessoal.

— Não estou me intrometendo — ela atirou de volta. — Estou aconselhando. Você deve admitir que sei muitíssimo mais sobre homens do que você.

Beth pôde ver de cara que seria melhor não gastar muitas palavras sobre esse assunto. Ela simplesmente respondeu:

— Temos objetivos muito diferentes no que diz respeito aos homens — e voltou para seus papéis.

— Em que sentido? — Julie exigiu saber.

— Você parece estar buscando... bem, coisas diferentes do que eu.

— O que você quer que eu não queira?

Beth suspirou.

— Eu não me importo com dinheiro, Julie. Não me importo com status ou aparência. Eu quero um homem que me ame por quem eu sou — alguém que eu possa amar e apoiar em algum esforço digno que ele esteja buscando. Quero um homem de quem possa me orgulhar.

— Blá-blá-blá... eu me orgulharia muito do Edward. Ele é mais do que apenas rico e bonito — também é um Policial Montado. Tal qual o seu querido Jack.

Beth estava rapidamente perdendo toda a paciência. Temia que o frágil controle sobre suas reações às frivolidades da irmã estivesse desaparecendo.

— Eu vou dizer só uma coisa, e então vou retornar ao meu trabalho. — Ela engoliu em seco, controlando-se para poder responder com calma. — O que estou fazendo aqui é importante para mim. Foi o que estudei duro para realizar — e acredito que Deus esteja me usando. Portanto, não vou procurar um parceiro de vida até sentir que é Deus que está me conduzindo nessa direção.

Julie respirou fundo para interromper, mas Beth a dispensou com um gesto.

— Não fiz planos para além deste ano letivo. Há muitas perguntas sem respostas na minha vida agora para que eu deixe as coisas mais confusas ainda procurando um casamento. Em vez disso, minha intenção é ser paciente e orar. — Beth olhou diretamente nos olhos de Julie, ansiando que a irmã entendesse. — Estou pedindo que você faça o mesmo — que seja paciente e ore por mim. Pode fazer isso por mim, irmã querida?

Julie suavizou na hora.

— Oh, Bethie, você sabe que eu posso. Só quero o que é melhor. Eu realmente não entendo sua relutância, mas honrarei seu desejo e não falarei mais sobre isso. Com um abraço, Julie perguntou: — Somos amigas de novo?

— Como sempre, querida.

Beth conseguiu abrir um sorriso fraco.

Julie foi até o fogão a lenha, servindo-se de uma segunda xícara de chá com um largo sorriso — como se tivesse realizado o que decidira fazer. Beth passou uma mão pela testa.

— Você ainda vai ficar pensando sobre isso, não é?

— Como é?

— Você prometeu não *falar* sobre a minha busca por um marido — mas isso não significa que não vai *pensar* sobre isso, usar sua influência como puder — não é mesmo?

A resposta de Julie foi um sorriso.

— Receio que não entenda o que você quer dizer, Bethie querida.

Beth tinha emoções controversas sobre o fato de que Jarrick conseguira manter a natureza exata da doença de Wilton em segredo. No entanto, não demorou muito para que a comunidade soubesse que a mãe de Wilton, Heidi, havia recebido uma conta do hospital que ela não tinha meios de pagar. Quando Julie ouviu Molly e Frances discutindo o assunto, ela puxou Beth de lado imediatamente.

— Por que não telefonamos para o papai? Ele vai ajudar, sei que vai.

Beth fez uma careta e balançou a cabeça. Muitas vezes, ela teve tais pensamentos — um apelo ao pai poderia resolver rapidinho alguns problemas que seus vizinhos enfrentavam.

— Não podemos — ela suspirou. — Esta é a nossa cidade — nossa responsabilidade. Não dele.

— Eu não entendo por que não.

Beth tentou articular o que ela mesma não tinha compreendido totalmente na própria mente.

— Philip diz que seria caridade sem amor. Como Paulo descreve em 1 Coríntios 13, não é apenas a satisfação das necessidades que Deus quer de nós — também importa ver o rosto daqueles a quem se está suprimindo a necessidade. Conectar o sacrifício pessoal à doação. Isso também é importante, ou então, de alguma forma, isso tem um

efeito diferente naquele que recebe a dádiva.

— Hum.

O rosto de Julie franziu sem compreender.

Mas as irmãs assistiam com espanto enquanto o drama a respeito da dívida de Heidi se desenrolava no curso dos próximos dias. Uma coleta foi imediatamente iniciada. A princípio, pequenas quantidades apareceram — apenas o que poderia ser prescindido pelas próprias viúvas. Os poucos dólares e moedas eram apenas sementes de uma dádiva — uma esperança e uma oração que, de alguma forma, Deus faria crescer. E então, Frank entregou o que havia sido coletado entre os mineiros. Para espanto de todos, cobriu quase metade da conta. Tamanha generosidade foi irresistível para todos. Não havia dúvida de que o dinheiro dos mineiros também era necessário para outras necessidades.

E por fim, a mineradora, talvez movida pelo exemplo definido por eles, pagou o saldo restante. Lágrimas escorriam pelo rosto de Heidi, tentando encontrar palavras para expressar sua gratidão, enquanto Molly e Frances colocavam as preciosas notas em suas mãos. Ela, por sua vez, entregaria o dinheiro a Jarrick, que o levaria de volta a Lethbridge.

— Eu nunca poderei retribuir — lamentava Heidi.

Frances lhe deu um tapinha carinhoso na mão.

— *Nóis* todas já *tivemo* onde *ocê tá*, querida. Não é fácil *recebê* ajuda às *vez* — mas *ocê não tá* sozinha. Todas *nóis compartilhamo* o bem e o mal juntas.

Observando o rosto emaciado da mulher, o coração de Beth doeu ao ver Heidi carregando o peso da responsabilidade, cuidando das necessidades de sua família de sete pessoas sem um marido para prover para eles. Ela se perguntou como as coisas teriam sido diferentes para a mãe de Wilton se o marido ainda estivesse vivo.

Então, de repente, a mente de Beth retratou outra vez as lembranças de sua infância. Imaginou como tinha sido para a mãe administrar sua própria pequena família, quando os três filhos pequenos ficaram doentes com coqueluche, e o pai estava longe. Sim, havia amplos recursos para dispor dos médicos — mas isso seria um pequeno conforto para uma mulher devastada, cujo menino havia morrido em seus braços e, por sua vez, não havia ninguém para

abraçá-la enquanto chorava. Pela primeira vez em sua vida, Beth sentiu o coração partido ao perceber o peso que a mãe carregara sozinha. Então Beth começou a se perguntar com que frequência a mãe tinha sido forçada a suportar tais fardos, sem poder dividi-los com ninguém. Olhando para sua infância, agora como mulher, um forte senso de empatia começou a se entrelaçar nas memórias de Beth.

Beth estava escovando o cabelo, preparando-se para dormir, ainda meditando sobre suas contemplações, quando ouviu um leve toque na porta e a voz de Julie:

— Bethie, ainda está acordada?

Ela correu para abrir para a irmã.

Julie, de camisola e roupão, passou por Beth e entrou no quarto. Antes de fechar a porta atrás de Julie, Beth colocou a cabeça de fora e deu uma olhadinha no corredor para confirmar que estava vazio. A mãe ficaria escandalizada se soubesse que uma de suas filhas poderia ter sido vista por um dos pensionistas do sexo masculino *em suas roupas de dormir!*

— Eu estava apenas me lembrando de quando costumava dormir com você — e nós ficávamos cochichando juntas até altas horas da madrugada — comentou Julie. — Sinto falta desse tempo, dessas conversas, mais do que qualquer outra coisa desde que você foi embora.

Ela se virou para Beth com olhos persuasivos — o olhar que Julie sabia que a irmã não rejeitaria facilmente.

— Posso ficar junto com você?

— Oh, eu ia adorar, querida. Também sinto falta. Tivemos tantas memórias maravilhosas juntas, não tivemos? — Quando Julie assentiu, Beth continuou escovando o cabelo e Julie voltou a atenção para o topo da cômoda e a caixa de joias aberta. Ela tocou os objetos dentro da caixa — o relógio, o medalhão, o pingente de pomba. Beth se apressou antes que perguntas difíceis pudessem ser feitas.

— É fascinante perceber como passei a apreciar mais a *família* quando saí de casa do que quando estávamos juntos o tempo todo. Suponho que seja verdade o que a mãe costumava citar: “Longe dos olhos” — e Julie se juntou a ela em coro — “perto do coração”. —

As duas riram alegremente da memória compartilhada. — Acho que ela citava isso para nós — acrescentou Beth — sempre que reclamávamos do quanto sentíamos falta do papai.

Julie jogou seu robe no final da cama e subiu, puxando o cobertor rosa até o queixo para se proteger do frio no ar. Beth largou a escova e se moveu em direção ao outro lado da cama, sentando-se na beira para tirar os chinelos.

— Bethie, estou realmente surpresa com a forma como você se ajustou... — os olhos de Julie passaram por todo o quarto — ... a esse tipo de vida. Estou pensando no seu lindo quarto em casa — duas vezes maior que este... com luzes elétricas, em vez de lamparinas a óleo, e um banheiro na porta ao lado — *no lado de dentro* — ela enfatizou. Eu achava que você ia acordar todas as manhãs, olhar em volta e ficar se perguntando por que é mesmo que você saiu de casa.

Beth suspirou e deslizou sob as cobertas, ao lado da irmã.

— Admito que aprecio coisas bonitas e gosto do conforto das conveniências modernas. Mas para mim, essas coisas são bastante inconsequentes, não tão importantes quanto... — Beth procurou bem dentro de si encontrar as palavras para expressar o que estava sentindo. — O que importa para mim é a crença — Beth começou de novo — que tenho agora de que deveria estar aqui em Coal Valley, ensinando as crianças a ler e escrever — essas crianças que provavelmente não estariam aprendendo essas coisas se eu não tivesse vindo. Pelo menos, espero ser efetiva nessa tarefa. Quero fazer a diferença no futuro deles — e nesta cidade.

Julie suspirou:

— Mas você está sozinha aqui.

— Oh, não — respondeu Beth. — Fiz melhores amigos aqui do que já fiz algum dia em casa. Tem as crianças, o Frank, o Jarr... uh, o Jack e o Philip. E tem a Molly...

A voz de Beth desapareceu e ela apagou a lâmpada ao lado da cama, descansando no travesseiro, pensativa.

— Bem, a verdade é que Molly é, sem dúvida, a mulher mais sábia, amorosa e atenciosa que conheço.

Assim que disse as palavras, Beth lançou um olhar culpado em direção a Julie, que a encarava chocada.

— E a mamãe? — Julie questionou, sobranceiras levantadas.
— Onde é que a mamãe fica nessa história? Acredito que é isso que ela quer ser para nós, não acha, Bethie?

Beth assentiu lentamente, franzindo a testa em direção à irmã.

— Sim, suponho que sim — à sua maneira.

— Você e eu não vemos a mãe da mesma maneira. Você a vê como alguém tentando tomar todas as suas decisões por você — mas acho que ela está apenas sendo mãe. — Julie terminou com uma risada para si mesma. Beth se permitiu rir um pouco junto com Julie, que prosseguiu enquanto reorganizava o travesseiro sob a cabeça: — Viu, você leva tudo a sério. Eu acho, irmã querida, que você considera mais perturbador quando faz algo diferente do que a mamãe deseja do que ela mesma considera! — Julie riu novamente de sua própria perspicácia.

Desta vez, Beth não compartilhou seu humor:

— O que quer dizer com isso?

— Quando a gente ouve a mamãe se gabando de que você leciona aqui — tão longe de casa — dá até para pensar que a ideia foi dela.

— É verdade, ela se gaba de mim?

O riso de Julie estava mais cheio agora.

— Você ainda não entendeu a mamãe, Bethie? Ela quer ser apreciada — e quer estar certa. Se você quer a aprovação dela, tudo o que precisa fazer é ter sucesso, e então ela sempre vai falar como se apoiasse desde o início.

— Mas isso não é honesto — é manipulação. Eu quero que ela aprove porque minhas decisões estão certas — não porque eu tenho sucesso.

— Você quer dizer que honestamente espera que a mãe acredite que é certo enviar a filha para um lugar selvagem, *antes* que ela tivesse certeza de que era seguro? Ela não pode fazer isso, Bethie. A mamãe precisava saber primeiro. Assim, se você perguntar a opinião dela, ela sempre optará por mantê-la por perto. Só pare de perguntar. Você é adulta. Apenas conte a ela seus planos — e peça que ela ore

por você. Ela ora, sabe.

— Eu sei — sussurrou Beth, sentindo formarem-se lágrimas em seus olhos. — Eu sei.

O silêncio se estendeu entre elas. Então Beth sussurrou:

— Obrigada, Julie.

A segunda semana da viagem de Julie passou depressa. Parecia que antes mesmo de terem passado alguns preciosos momentos juntas, Julie estava fazendo as malas de novo e se preparando para a longa viagem de volta para casa. Alberto havia recebido outra missão em Lethbridge, e as irmãs viajavam com ele. Ele amarrou o baú de Julie com cuidado na parte de trás do carro da empresa, enquanto ela juntava seus últimos pertences. Beth já estava sentindo vontade de chorar. Elas tiveram muito pouco tempo juntas.

As irmãs se sentaram juntas no banco de trás e usaram as longas milhas conversando sobre muitas coisas que ainda não houvera tempo para tratar. Desta vez, Beth sentiu que a estrada não era, nem de perto, longa o suficiente.

Alberto descarregou o baú na estação e o colocou em seu carrinho designado.

— Pego a senhorita de novo — daqui a duas horas, sim? — ele disse para Beth.

— Sim, obrigada, Sr. Giordano. Estarei aqui à espera.

Beth entrelaçou o braço no braço de Julie e entraram juntas na estação. Ao verificar na janela e se certificarem de que o trem partiria dentro do horário marcado, as moças encontraram um cantinho tranquilo onde poderiam passar seus últimos momentos juntas. Os passageiros que chegavam do trem de Julie já haviam desembarcado e, de onde as irmãs estavam sentadas, podiam ver a atenção apressada que os vagões interligados estavam recebendo — comida para o vagão-restaurante, água e carvão para o motor. Por algum tempo, elas prosseguiram com a conversa forçada, observando o trem sendo carregado com tudo o que deveria ser enviado de volta para o leste. Então não podiam mais evitar. A tristeza desceu sobre as irmãs e as lágrimas ameaçaram cair.

Beth suspirou, então respirou fundo. Ela não tinha a intenção de perguntar à irmã — até esperava ser capaz de evitar a pergunta completamente. Mas a curiosidade não podia mais ser contida.

— O que você vai dizer para a mamãe?

Julie olhou para os lados, enxugou os olhos, depois sorriu, como se estivesse esperando a pergunta.

— O que quer dizer?

Beth ofereceu apenas um olhar severo em resposta.

— Oh, entendi. Bem, querida Bethie, você sabe como a mãe se preocupa com a sua segurança. Pretendo falar apenas a verdade. — Ela fez uma pausa para um floreio dramático. — Na verdade, eu não tenho ideia de por que você iria *querer* suportar a vida num lugar tão primitivo. É simplesmente insuportável, se quer mesmo saber. Mas garanto que, apesar da falta de privacidade, da falta de conforto e da falta de boa companhia — ou melhor, exemplos relativamente raros de boa companhia — direi à mãe para não se preocupar. Que você é bem cuidada e não corre nenhum perigo real. Satisfeita, irmã querida?

Beth conseguiu dar um sorriso amarelo e balançou a cabeça. *Se Julie realmente compartilhar todos esses detalhes com a mãe, se todas as dificuldades de viver em Coal Valley forem dispostas em uma exposição sincera — sem que Julie entendesse e articulasse as razões para que fossem suportadas... — a mamãe não vai simplesmente ignorar. A lista de Julie será suficiente para que o nível de preocupação da mãe aumente.* Beth estava grata, pelo menos, que a irmã não soubesse nada a respeito das maiores preocupações de Beth.

— Julie — ela começou com cuidado. Você não precisa compartilhar *tudo* sobre a vida aqui — não acha? — Uma risada brilhante, e Julie desfrutando plenamente do poder que possuía. Beth sentiu que estava se irritando. — Eu não estou brincando! Isso é importante demais para mim.

E então, naquele momento, o trem apitou para alertar os passageiros. Julie se levantou e começou a reunir as malas como se a conversa não tivesse sido interrompida por sua partida iminente. Beth pegou os itens restantes e correu atrás da irmã.

— Julie — ela chamou ansiosa — por favor, espere.

O carregador já estava pegando as malas da Julie. Beth

entregou o que estava carregando e os pacotes desapareceram pelas escadas para o vestíbulo do trem.

— Julie — ela ordenou, respirando fundo. — Julie, por favor, sem brincadeiras agora. Eu apreciaria muito alguma garantia de que...

— Bethie — disse Julie, estendendo a mão para agarrar a de Beth, saboreando claramente a tensão. — Eu sou sua irmã. Por que eu faria mal a você?

Beth tentou muito acreditar nos olhos persuasivos. Mas havia uma mistura alarmante de emoções escondidas dentro daqueles olhos — jovialidade, piedade, prazer.

— É a minha vida, Julie, o meu chamado que está em jogo. Muito disso repousa sobre o que você disser à mamãe — você não entende?

Julie levantou-se para o primeiro passo, o cabineiro conduzindo-a sem paciência. Ela fez uma pausa.

— Querida irmã — ela gritou sobre o barulho do motor — certamente você encontrará em seu coração razões para confiar em mim.

Beth esperava de todo o coração que as palavras de Julie fossem verdadeiras.

Se a mãe soubesse da necessidade de intervenção policial em sua pequena cidade, de uma criança sendo envenenada e, o pior de tudo, de que fora abordada na floresta, ela não teria esperança de retornar. *E se alguma coisa tivesse acontecido com Julie durante a visita, então a mamãe...* Com um suspiro, Beth ficou grata por Julie estar em segurança a caminho de casa outra vez.

Agora que Julie estava voltando para casa, grande parte da atenção de Beth estava centrada em seu próprio retorno para o leste, e muito cedo. Ela precisava das últimas semanas da escola para revisão e preparação para os exames que os alunos mais velhos iam escrever, e testes simples que avaliariam o progresso de cada um dos mais jovens. Cópias dos resultados seriam submetidas ao conselho escolar provincial, dado às mães, e também confiadas a Frances, que se ofereceu para guardá-las e disponibilizá-las caso outro professor chegasse no outono. Se houvesse “outro professor”, Beth esperava que, quem quer que fosse, se beneficiasse de ter uma avaliação escrita sobre o desenvolvimento de cada criança.

No geral, Beth ficou satisfeita com o progresso dos alunos, mas dois dos alunos mais velhos lhe causavam sérias preocupações acerca dos exames que se aproximavam. Ela estava grata, porém, que todos eles estivessem lendo em um nível muito mais proficiente do que liam quando ela chegou. Ela tinha se comprometido com esse propósito primário, e ficou satisfeita ao ver os resultados de seu bom trabalho juntos. Beth despendeu um tempo imoderado todas as noites preparando os materiais necessários para os últimos dias letivos.

Philip partilhou a refeição com eles no domingo, bem como cinco funcionários da empresa. Pela conversa fluindo ao seu redor, Beth entendeu que havia planos nas obras para abrir um novo veio na mina. Com o aumento da atividade, vários outros mineiros estavam sendo procurados.

Philip franziu a testa e questionou os funcionários:

— Onde eles serão alojados?

Beth sabia qual era a preocupação de Philip. Já não havia moradia suficiente para os mineiros.

— Algumas casas da cidade serão desocupadas em breve. A empresa já enviou avisos a três das viúvas.

Beth engasgou e tentou fingir que não tinha acontecido. Mas Philip questionou mais a fundo.

— E o que acontecerá com as famílias que moram lá?

— Isso não é problema da empresa. Acredito que, nesses casos, já havia uma dívida no armazém da empresa, então, as pensões

esgotaram mais cedo. Elas terão que se virar.

Beth sentiu-se estremecer. Ela tinha certeza de que, se houvesse outras possibilidades disponíveis, as mães as teriam usado com alegria há muito tempo, deixando Coal Valley antes que as pensões fossem esgotadas. Ela olhou para Philip, mas permaneceu em silêncio em vez de expressar suas preocupações.

Quando reuniu os pratos depois do jantar, Beth se aproximou de Molly de forma inquieta.

— Você sabia? — ela sussurrou.

— Sim.

— Você sabe quem?

— Sim.

— Quanto tempo?

— Diferentes *prazo pra* cada uma.

Beth suspirou.

— Suponho que isso estava prestes a acontecer. Mas gostaria que houvesse algo que pudéssemos fazer.

— Tem de *sê* enfrentado, de uma forma ou de outra, querida. Todo mundo sabia que era só questão de tempo.

Beth se encolheu na sala aquela noite, com a intenção de ler um livro novo que Philip lhe emprestara. Sua mente, no entanto, recusou-se a se concentrar. Uma caminhada, mesmo considerando a lama ao ar livre após fortes chuvas de primavera, seria mais benéfica no momento.

Depois de calçar as botas e envolver-se em seu casaco, Beth saiu no sol desbotado e foi em direção à cabana de Frank. *Apenas um caminho curto, e certamente essa direção oferece segurança*, ela garantiu a si mesma. Frank estaria em casa e talvez gostasse de uma visita. De qualquer forma, ainda seria uma caminhada.

Um barulhento grupo de homens estava reunido na varanda de Frank. Beth parou, pensando se deveria se aproximar. Algo sobre o

comportamento dos homens a fez ficar congelada no lugar. Eles pareciam zangados.

As palavras eram estrangeiras, mas os rostos não deixavam dúvidas de que havia sérios problemas em andamento. Beth deu um passo para trás e hesitou. Só então ela reconheceu a voz de Alberto gritando algo que ela não conseguia entender. Foi o suficiente para mandar Beth correndo de volta ao longo do caminho em direção à casa de Molly. Ela orou a cada passo para que ninguém fosse ferido e nenhum dano duradouro fosse causado. Mas não pôde deixar de se perguntar o que causara tamanha turbulência.

Beth imediatamente relatou o que tinha visto para Molly. Para sua surpresa, Molly parecia despreocupada.

— Todos já estiveram exaltados antes. Duvido que seja algo que o Frank não possa resolver.

— Você tem certeza? Até Alberto estava com raiva e gritando.

— Não tem nenhuma ronda de polícia hoje. Não posso fazer nada sozinha. Acho que vamos só ter que *esperá pra vê*. Mas, por mim, sigo confiando no velho Frank.

Beth ficou um bom tempo andando de um lado para o outro enquanto esperava a chegada de Frank, para a habitual noite de jogos e música. Parecia ter se passado um tempo terrivelmente longo antes que ele chegasse alegre e assobiando.

Beth o encontrou na porta.

— Eu... estive na sua cabana esta tarde. Ouvi os homens gritando. Está tudo bem?

Ele parou um momento, depois olhou para dentro de casa.

— Não se preocupe. Só um pequeno desacordo, hein? Mas agora... está tudo bem.

Beth o encarou com certa apreensão. Estava começando a perceber muitos mistérios ao redor deles. Beth sentia o estômago apertar.

— Por Favor, Frank. Tenho estado tão ansiosa. Não pode me contar o que aconteceu? Pelo menos o suficiente para deixar minha

mente mais calma.

Ele mandou que ela o seguisse para fora e esfregou o rosto barbudo.

— Certo, os homens tiveram um problema. Mas está bem agora. Um dos meninos foi acusado de beber. Berto, ele descobriu, e tivemos uma reunião. — Frank fez uma pausa. — Talvez seja tudo o que você precisa saber, hein?

— Beber? — Beth sentiu um estremecimento. — Quem? Onde?

Ela não conseguia superar a imagem do Wilton muito mal.

Frank suspirou conformado.

— O menino... ele não estava bebendo. Foi um erro — entende?

Beth não entendia absolutamente nada. Lágrimas estavam desfocando sua visão. Ela estava muito desesperada por causa das crianças para ficar quieta por mais tempo.

— Frank, eu vou confidenciar a você. Não sei mais para onde me virar. O dia em que Wilton ficou doente...

— Eu sei, Srta. Beth. Eu sei. — Frank estendeu a mão para agarrar o braço de Beth. — Foi por causa do licor.

— Você sabe? — Beth disse ofegante. — Você viu Wilton com a bebida? Como você descobriu?

— Não, foi o Jack Thornton... ele me contou.

— Mas..., mas você sabe por quê? Ele me fez prometer que não contaria a ninguém — nem mesmo para Molly.

A voz de Frank ficou cada vez mais tensa quando ele respondeu:

— Você deve confiar em mim, Srta. Beth. Há razões para a senhorita manter segredo agora. Por favor. Eu jamais lhe faria mal. A senhorita sabe disso, não sabe?

O coração de Beth batia forte no peito. Ela se inclinou para mais perto de Frank, encostando o rosto o mais perto que podia, e

abaixou a voz.

— Frank, tenho que lhe contar algo que não contei a mais ninguém. Acho que pode ser o Davie Grant. — Ela o viu enrijecer. — Ele... ele me encontrou na floresta um dia. Ele me ameaçou dizendo que se eu não ficasse longe de lá... ele me disse que queria que eu saísse da cidade. Disse que todos os mineiros devem sair também, e as viúvas.

— Srta. Beth — disse Frank, com a testa franzida enquanto olhava para o rosto dela —, ele machucou a senhorita?

— Não, não — Beth foi rápida em afirmar. — Mas estou com medo desde então. Não faço ideia se ele tem algo a ver com o álcool que parece estar por perto — não consigo deixar de suspeitar dele. Frank, o que podemos fazer?

Frank colocou uma mão no ombro dela.

— Srta. Beth, eu vou lhe contar uma coisa — uma coisa que você não pode contar a ninguém mais. Jack, ele sabe sobre o Davie — sabe há muito, muito tempo. Mas Jack tem que pegá-lo com a boca na botija, para que possa prendê-lo. Entende? — Ele parou, como se para determinar até onde poderia contar. — O menino na minha casa hoje — ele não estava bebendo, mas estava tentando comprar. Jack pediu ao rapaz para comprar, só para podermos apanhar aquele homem malvado, e levá-lo à justiça longe daqui.

Beth ficou espantada. Jamais imaginaria que tanta atividade criminosa estava acontecendo ao seu redor. Ela duvidava que qualquer uma das mulheres da cidade suspeitasse — até Molly parecia completamente inconsciente.

— Srta. Beth, você não pode contar a ninguém — e não deve se envolver. A senhorita deve esperar — mesmo que seja a coisa mais difícil a fazer.

Assustada, Beth sentou-se na cama. O quarto estava completamente escuro, sem um som que ela pudesse detectar. Parecia não haver razão para um despertar tão abrupto, exceto pelas preocupações que a consumiam. *As crianças — a cidade — a bebida terrível — os homens perigosos.* Esses pensamentos pareciam ter invadido até mesmo sua mente adormecida.

Agora alerta, ela se deitou e voltou vários pensamentos para explorar suas implicações. Davie parecia ser o centro de tudo, mas não havia nada específico para conectá-lo ao crime. Beth se perguntou o que estava faltando no panorama. Então, lentamente, fragmentos de memórias começaram a retornar — pequenos momentos que não significaram nada quando ocorreram. À medida que cada memória brilhava em sua mente, Beth ficava mais agitada.

O homem na chuva que vi pela janela — ele estava se movendo no canto da casa do Davie. E se não fosse um intruso — mas sim o próprio Davie? E logo que eu cheguei aqui, o caminho arborizado onde Marnie mostrou tanto medo — estava perto de onde Davie mais tarde me encontrou sozinha...

Um choque pulsou pelo corpo da Beth. *O que será que a Marnie sabe sobre isso? Por que ela teria se recusado a colocar os pés naquela direção?*

Assim que a mente de Beth começou a debater com as possíveis conexões de Marnie, seus pensamentos giraram para Teddy. *E quem era o misterioso “ele” a quem Teddy se referiu no corredor? E o que Marnie havia dito — que o menino estava em apuros? Com Davie? Será que Teddy e Marnie estavam, de alguma forma, envolvidos?* Um gemido audível escapou dos lábios de Beth, e ela se sentou rigidamente na cama.

Sua mente estava girando mais rapidamente agora. *Houve aquele momento no caminho com Addison, quando Teddy parecia conhecer — ou pelo menos saber a respeito — do homem à beira do barco, mas Teddy não queria que Addison se aproximasse dele. O homem era um contrabandista? Será que o Teddy já esteve envolvido com esses homens?*

No momento em que ocorreu a Beth se questionar onde exatamente Wilton havia encontrado o licor letal, ela estava muito preocupada — e depois convencida — de que Addison também havia se envolvido de alguma forma. *O que mais poderia ser revelado?*

Em outro flash de memória, ela viu Jarrick olhando pela encosta da montanha com o binóculo. *O que será que ele estava procurando — mesmo enquanto passeava, em meio a um piquenique para nos mostrar a região? E Frank — naquele dia, ao lado do túmulo de Colette, quando vi uma caverna à distância, ele me deu a advertência sobre certos lugares na floresta que não eram seguros para caminhar. E que outra razão Jarrick teria para estar sempre pelas redondezas, se não fosse a necessidade de uma investigação mais apurada?* Parecia que todas

as suas memórias estavam convergindo — coisas que ela não tinha, nem por um momento, considerado que estavam relacionadas. A essa altura, Beth estava andando ansiosamente de um lado para o outro no quarto.

Beth deitou-se no travesseiro, mas o sono fugiu pelo resto da noite.

O amanhecer finalmente chegou. Beth havia passado aquelas horas de vigília rabiscando os pensamentos em um pedaço de papel, virando e retrazendo cada memória, até que tomassem uma forma mais clara.

E lentamente, tão lentamente, Beth começou a estabelecer o que fazer a seguir — apesar do aviso de Frank para apenas esperar.

Foi fácil localizar o Teddy no galpão atrás da casa. O garoto parecia surpreso ao vê-la aparecer na névoa fria da manhã, mas a saudou calorosamente como de costume, então perguntou:

— Srta. Thatcher, por que está acordada a essa hora da manhã?

— Preciso falar com você, Teddy. Por favor, sente-se.

Teddy arregalou os olhos, mas sentou-se no cepo de corte e largou o machado no chão ao lado dele.

— Teddy, preciso que você me diga a verdade. Quero que tenha em mente que você pode confiar em mim para contar exatamente isso — a verdade absoluta. Entendeu? Eu não estou aqui porque você está em apuros, estou aqui porque acho que você precisa de ajuda para sair *fora* do apuro.

— Senhora?

— Eu sei a respeito dos negócios do Sr. Grant — disse Beth, olhando-o diretamente nos olhos. — Preciso que você me conte o resto.

Num instante, Teddy baixou a cabeça e se recusou a encarar os olhos de Beth.

— Teddy Boy, por favor, acredite em mim, eu não quero nada — absolutamente nada — a não ser ajudá-lo a achar uma maneira de sair dessa confusão. — Beth agachou-se diante dele e colocou uma mão no joelho do garoto, sacudindo-o suavemente. Lágrimas já estavam escorrendo pelo rosto de Teddy quando ele ergueu os olhos para olhar nos olhos de Beth. — Por favor, Teddy, por amor a Marnie — e pelo Wilton — por favor, por favor, me diga o que você sabe.

— Eu não queria fazer isso. Só não consegui achar uma maneira de fazê-los parar — ele disse em meio aos soluços.

— Fazer o quê?

Ele passou as costas da mão pelo nariz escorrendo.

— Os homens pra quem meu pai trabalhava. Eles me forçaram a fazer o trabalho dele, quando ele não pôde mais fazer porque *tava* morto.

— Oh, meu querido menino!

Agora que Teddy começara, a história pareceu sair toda de uma só vez.

— Meu pai costumava fazer a passagem das coisas — para que ninguém soubesse de onde vinham. E quando ele morreu, disseram que me dariam dinheiro se eu fizesse isso no lugar do meu pai. Mas eu disse que não, Srta. Thatcher — realmente disse que não.

Ele ergueu por um breve instante os olhos suplicantes.

— Eu acredito em você, Teddy. Acredito mesmo.

Beth colocou o lenço na mão dele.

— Mas quando resolvi que não ia fazer o que mandavam, eles começaram a dizer o que fariam com a Marnie. Eu não podia deixar que eles fizessem mal *pra* ela. Fui forçado a fazer o que eles mandaram. — Ele engoliu outro soluço. — Eu só tive que buscar as coisas num lugar na floresta e largar perto do barco, rio abaixo. Não sei o que mais aconteceu depois. Não sei quem foi que as pegou dali ou nada mais.

— Você tem alguma ideia de como veio parar nas mãos de Wilton? Pensa, Teddy. É tão importante que saibamos.

Ele cobriu o rosto com as mãos, abafando as palavras.

— Addison encontrou uma das garrafas que deixei escondida na floresta. Ele pensou que era uma piada — levou para o forte, falou brincando que ia beber um dia. Eu não podia dizer a ele o que eu sabia... Daí o Willie encontrou a garrafa. Não era para acontecer nada assim.

Ele chorou com as mãos no rosto. Beth pressionou ainda

mais:

— Você sabe quem fez isso?

— Sim — ele sussurrou. Foi o Sr. Grant. Mas ele vai me matar se descobrir que eu contei — e a Marnie também. Talvez até a Molly...

— Não, ele não vai — Beth garantiu ao garoto. — Vamos contar para o Jarrick... o Sr. Thornton. Ele vai mantê-los seguro.

Um lampejo de medo surgiu no rosto de Teddy.

— Não, senhorita. Não posso. Não posso. E a Marnie?

A raiva e a determinação expulsaram o medo da própria Beth.

— É isso que você vai fazer — disse ela com firmeza. — Termine de cortar a madeira e vá para o seu quarto. Quando Jarrick chegar — e acho que ele estará aqui muito em breve — quero que você vá com ele. Se ele estiver preocupado com Marnie também, vai levá-la junto. Ele vai mantê-los seguros. Jarrick já sabe a respeito da maior parte do que você me contou.

— Ele sabe?

— Pelo que entendi, Teddy, há muitas pessoas se esforçando para acabar com tudo isso. E garanto que todos trabalharão incansavelmente para manter vocês seguros. Ninguém — e quero dizer *ninguém mesmo* — vai fazer mal a vocês. Eles terão que passar por mim primeiro... e pelo Sr. Thornton, e... bem, não posso dizer exatamente quem mais. Mas há todo um grupo de pessoas que amam muito vocês e que vão ficar entre você e qualquer perigo que possa acontecer.

O olhar de Teddy dizia que ele estava ansioso para acreditar em tudo que Beth estava dizendo.

— E, Teddy querido — ela sussurrou, um sorriso surgindo no rosto de Beth — a Srta. Molly nem sabe de nada. Você consegue imaginar o que ela fará quando descobrir que alguém está maltratando você e a Marnie? Eu nem quero imaginar!

— Sim — disse ele, retornando um sorriso fraco. — Eu não gostaria de deixar ela irritada.

Beth encheu os braços com pilhas de madeira enquanto Teddy as cortava e, juntos, eles rapidamente encheram a caixa na cozinha, mesmo antes de Molly fazer a primeira aparição do dia. Depois, Beth mandou que o garoto fosse para o quarto e o avisou que ficasse lá.

O mais rápido que pôde, Beth escreveu um bilhete para Jarrick, explicando o que lhe fora dito. Dobrou e o enfiou bem fundo, dentro da manga. Então, desceu as escadas e ficou no centro do vestibulo, sem saber como iria entregar o bilhete para Jarrick.

Olhando pela cortina na porta da frente, Beth percebeu que havia um carro estacionado diante da casa. Por um momento, ela ficou intrigada e, depois, ouviu Nick Costa na mesa da sala de jantar. *Ele deve ter chegado tarde da noite — ou muito cedo esta manhã. Sua mente começou a girar mais uma vez. Ele chegou num carro. Por que Nick sempre vem de carro? Os outros, os funcionários da mineradora, vêm e vão de trem. Quase sempre de trem.*

Beth abriu caminho até a sala de jantar, passando pelos homens que esperavam o café da manhã. Ela se moveu com determinação em direção a Nick Costa.

— Beth — Nick sorriu quando a cumprimentou. — É tão bom ver...

— Precisamos conversar — disse ela de forma seca. — Por favor, siga-me.

Levando-o para a entrada, Beth se virou sem explicação.

— Preciso que você entregue um bilhete para o Jack Thornton. — Nick a encarou. — Eu preciso que você entregue um bilhete para o Jack — ela reiterou. É importante... é uma emergência, na verdade.

— Mas por que eu? Por que você...

Beth se inclinou para mais perto.

— Você pode, ou não, entregar meu bilhete? Ou eu mesma vou ter que encontrar uma forma de entregar?

Os olhos de Nick a encararam levemente curiosos, mas aquiesceu:

— Posso sim.

— Você deve ir agora.

Ele apenas assentiu com a cabeça. Beth colocou a mão dentro da manga e tirou o papel. Ela hesitou antes de entregá-lo.

— Ninguém — ninguém mais pode ler o conteúdo desse bilhete. Ninguém além do Jack.

— Eu dou minha palavra — ele respondeu sobriamente.

E em um momento Nick se foi, com o carro causando um alvoroço na estrada.

Beth patrulhou o andar principal da casa o mais discretamente que podia, cuidando para que Marnie ficasse na cozinha com Molly e Teddy permanecesse lá em cima. Ela não ficou surpresa por não ter que esperar muito. O carro de Jarrick deslizou para estacionar ao lado do portão da frente, seguido de perto pelo veículo de Nick. Jarrick entrou com passos decididos.

— Pegue as crianças.

Beth correu para cumprir o que lhe fora pedido, levando primeiro Teddy e depois uma atordoad Marnie para onde ele esperava.

— Vocês dois vão com o Sr. Thornton — disse Beth, mantendo a voz o mais calma possível. — Não podemos falar o porquê agora. Por favor, só vão o mais rápido e silenciosamente quanto puderem. Vou explicar à Molly.

Teddy estendeu a mão para a irmã, colocando um braço em volta dela de forma protetora, e os dois entraram juntos no carro estacionado. Beth deu um suspiro de alívio. Então, ela pegou o casaco e sentiu uma mão agarrando seu braço. Molly ficou espantada, olhando para os carros que partiam.

— Desculpe, não posso explicar agora, Molly. Mas vou trazer todas as crianças para enrolar a lâ hoje. Acho que é isso que vamos fazer como tarefa hoje.

Molly ainda estava boquiaberta quando Beth saiu correndo. Demorou muito pouco tempo para bater em todas as portas da pequena fileira de casas, informando cada uma das mães de que todos

os alunos começariam o dia na casa de Molly para um projeto especial. Em seguida, Beth correu de volta com a respiração pesada sob o peso dos eventos que ela havia posto em movimento.

Logo as crianças apareceram, dois ou três de cada vez, todas suas preciosas crianças. Beth os levou para a sala de estar e acomodou o máximo de crianças possível, então levou o resto para a sala de jantar.

— Não sei o que estava pensando — disse ela, agitando os braços. — Ainda temos uma grande quantidade de lã para enrolar, e o tempo está se acabando. O Pastor Davidson nos deu uma última caixa quando esteve aqui na semana passada. Então, temos que acabar esta manhã. Mas nós conseguimos fazer isso. — Beth fez um esforço pra sorrir. — Todos vocês fizeram um trabalho tão maravilhoso até agora — vamos ver como podemos terminar rapidamente.

Beth estava grata por eles serem complacentes e não fazerem perguntas.

No entanto, após uma inspeção mais detalhada do círculo de alunos, Beth percebeu que Addison não estava entre eles.

— Luela, por que o Addison não veio?

— Oh, Srta. Thatcher, Sr. Thornton, ele veio e pegou o Addie de carro. Pensei que a senhorita soubesse.

Um arrepio atravessou o corpo da Beth. Então ela rapidamente se lembrou de que Jarrick tinha todos juntos. Eles estariam seguros.

— Oh, sim, Luela, isso mesmo...

Felizmente, aquela troca não suscitara nenhuma pergunta.

O relógio fez círculos terrivelmente lentos, medindo as horas da manhã. Eles estavam ficando sem lã, e Beth estava tentando pensar em como ela conseguiria manter as crianças ocupadas assim que se esgotasse.

De repente, ouviram uma batida frenética na porta, e Frances correu para dentro sem esperar que alguém a abrisse.

— Molly! Molly! — gritou Frances. Beth a seguiu até à cozinha. — Eles pegaram aquele miserável — gritou Frances entre a

respiração ofegante. — Eles o pegaram, estou dizendo. Com todo o despeito e maldade — ali mesmo, com a própria mão na boca na botija, por assim dizer. Aqueles Policiais Montados estão revirando a casa dele, de cima em baixo, nesse exato minuto.

Molly a calou com um dedo nos lábios, gesticulando para as crianças com os olhos.

— Buscando o quê?

— Destilados! — Frances quase gritou, apesar do aviso.

O rosto de Molly ficou pálido na mesma hora, e então, ela se virou lentamente em direção a Beth.

— Onde estão minhas crianças?

Beth ficou surpresa com a expressão severa de Molly.

— Com o Jack.

— Ora, eu deixei *ocê* em paz a manhã toda — não questioneei nada. *Num* gostei nada disso, mas deixei *pra* lá. Agora, nesse exato momento, *ocê* vai me contar por que é que minhas *criança* não *tão* aqui.

Se Davie está realmente sob custódia, que dano causará agora Molly saber? Frances já sabe de tudo. Beth respondeu rapidamente:

— Teddy não queria, mas os homens estavam forçando-o a entregar a bebida para eles. Marnie e Addison sabiam de tudo. Creio que as crianças foram mostrar a Jack onde a bebida era mantida e dar testemunho de que pertence ao Davie Grant.

— Não é mais necessário que eles testemunhem agora — afirmou Frances. — Ouvi dizer que o pegaram, e ele *num* vai *tê* chance de defesa.

Ao meio-dia, o carro de Jarrick havia retornado, junto com vários outros veículos de aparência oficial, todos lotando a rua pouco extensa de Coal Valley. As crianças, que não puderam mais ser contidas dentro de casa, estavam reunidas no quintal, observando a visão incrível, empolgados e descrentes. Quando, finalmente, o próprio Davie foi levado do salão da mineradora em direção a um

carro estacionado, foi recebido com gritos, seguidos por um viva. Beth tentou silenciar as crianças, mas foi ignorada.

De repente, com o canto do olho, Beth viu Molly passando pela multidão de crianças e saindo pelo portão, cruzando entre os carros e os homens de uniforme vermelho que supervisionavam a cena.

— Davie Grant — ela gritou, marchando desafiadoramente em direção a ele —, seu covarde desprezível! Usando *crianças* para realizar o seu negócio sujo — *meus filhos*. Responde agora! Responde agora!

— Molly, não. — Frank saiu do nada para pegar o braço de Molly e mantê-la sob controle.

— Não, Frank, é melhor me deixar ir. Vou dizer a ele exatamente o que ele é.

Frank o segurou mais firme.

— Deixa ele ir, Mollina. Esse *home* não pode mais *machucá* os meninos.

Molly ainda tentou lutar.

— Eu só vou dizer que tipo de homem ele é.

— Não, Mollina, não. Você é melhor que isso.

Com a raiva controlada, Molly se virou e chorou no ombro de Frank, com o toco de um braço batendo nas costas dela para confortá-la. Um momento depois, Teddy e Marnie caíram em seu abraço, e toda a atenção de Molly foi destinada a eles.

Beth notou que um dos oficiais que se virou em direção à comoção era Edward Montclair. Ela jamais imaginou que ele também pudesse fazer parte do inquérito, embora Jarrick tivesse dito algo a respeito, quando observou que a especialidade de Edward era a investigação. Na verdade, o próprio Edward admitiu que estava na região para uma tarefa especial. Beth tinha certeza de que nada mais poderia surpreendê-la agora.

Beth sentou-se na varanda da frente, com a cabeça apoiada

na madeira fria da cadeira de balanço de Molly, e viu o pôr do sol tingir as nuvens em belos tons de escarlata e laranja. Mais uma vez, ela estava refletindo sobre a série de eventos anteriores.

Na noite seguinte à prisão de Davie, Jarrick e Nick Costa, que agora estavam em uniforme completo da RPMC, convocaram uma reunião da cidade no salão da mineradora. Eles apresentaram muitas informações que foram coletadas e sobre as quais muitos rumores se espalharam com rapidez. Davie não foi a única pessoa a ser detida. Eles também haviam levado sob custódia dois de seus parceiros, junto com a pobre Helen Grant. O coração de Beth pesou ao pensar que a aborrecida mulher tinha sido envolvida inteiramente nas ações do marido. Mas ela logo ficou aliviada ao saber que Helen deveria ser liberada logo.

Foi explicado a todos que os mineiros não tinham nada a ver com o tráfico de bebidas alcoólicas proibidas, exceto, é claro, aquele homem que havia ajudado em sua emboscada. Foi uma novidade para Beth saber que os homens da empresa haviam sido úteis — e totalmente cooperativos — no processo da investigação, auxiliando de muitas maneiras não especificadas.

Por fim, os habitantes da cidade tiveram certeza de que uma busca completa havia sido concluída na casa e nos negócios dos Grants, bem como em torno dos dois alambiques na floresta, que tinham sido destruídos agora — um perto do prado e outro na caverna, assim como Beth suspeitara. Eles foram assegurados de que não havia mais motivos para se preocuparem com a segurança dos filhos.

Beth sorriu, mesmo agora, enquanto se lembrava do olhar no rosto de Frank quando Molly mencionara pela primeira vez sua preocupação com a gata de Helen Grant, sozinha nos aposentos do andar de cima.

— Mas a gata vai *morrê* se ninguém a *ajudá* — Molly instigava.

Então Frank, balançando a cabeça, carregou pequenos pratos de comida da cozinha de Molly para a casa do segundo andar dos Grants e os empurrou com cuidado através de uma abertura muito pequena da porta, a fera sibilando e demonstrando com as unhas seu protesto veemente.

Enquanto Beth se aquecia na luz persistente do pôr do sol,

parecia que todo o mundo estava finalmente em paz. A escola acabaria em apenas alguns dias, e então Beth estaria fazendo as malas para a viagem de volta para casa. O pensamento arrancou-lhe um suspiro profundo e triste. Um ano parecera estranhamente pouco tempo.

Será que fiz o que o Senhor queria que eu fizesse, Senhor? — ela perguntou. E então, palavras que vinham do mais profundo de seu ser pareciam lhe responder: *Eu não meço em tempo, mas no que acontece dentro de uma pessoa. Essas crianças aprenderam lições de vida que estarão com elas muito depois que seus dias de escola terminem...*

— Srta. Thatcher — disse Marnie, aproximando-se timidamente —, temos algo para você.

Era o fim do último dia de aula e todas as mães estavam de pé na parte de trás da sala, prontas para compartilhar as realizações dos seus filhos. A respiração de Beth ficou presa na garganta.

— Você pode vir para ver? — Marnie a levou em direção a uma mesa escondida atrás de várias figuras que se aglomeravam na frente dela.

Beth seguiu Marnie e logo estava no centro do grupo de crianças. Ela abriu os braços, e tentou abraçar o máximo de ombros que pôde, já lutando contra as lágrimas.

— *Queremo agradecer a senhorita por... por nos ensinar este ano. Aprendemos muito. E você foi a nossa melhor professora.*

Isso foi dito por Addison, com a voz forte e firme.

James passou para Marnie um pequeno buquê de flores.

— Nós colhemos essas flores para a senhorita — disse a jovem em silêncio, colocando-as nas mãos de Beth.

Beth afastou as lágrimas enquanto via o pequeno buquê de flores da primavera. *Como e onde, no início da estação, eles conseguiram encontrar o suficiente para atar com uma linda fita rosa?* Beth aceitou o buquê e sorriu para o grupo.

— E isso *num* é tudo. — Miles apontou em direção a uma pequena caixa no centro da mesa. — Todos nós *escrevemo* cartas *procê*

— como *fizemo* no começo. A Srta. Molly disse que a senhorita gostaria tanto quanto se fosse outra coisa.

Beth assentiu sem palavras. *Um presente perfeito.*

— Então aqui está, Srta. Thatcher.

Marnie passou a caixa para Beth e se afastou.

Por um momento, Beth se esforçou para encontrar a voz, examinando a sala ao seu redor — a taberna esfumada que servira como sala de aula, agora cheia de mães e filhos.

— Foi um grande prazer lecionar em Coal Valley este ano. Sei que aprendi muito também — com vocês e com todos aqui na cidade. Preciso dizer, passei a sentir tanto carinho por esta comunidade — e tanta esperança por seu futuro. — Ela novamente examinou a sala. — Sua amizade é um presente inestimável para mim. Quando eu sair, daqui a poucos dias, não serei a mesma mulher que era quando cheguei.

Aplausos se seguiram. Beth saiu do centro das atenções, preferindo falar individualmente com as mães, para, de alguma forma, expressar todas as emoções reprimidas dentro dela.

Uma das últimas a se aproximar foi Esther Blane, com quem Beth havia conseguido pouca interação antes. Ela veio em silêncio, de forma desajeitada.

— Sei que *num* sô boa em *dizê* o que quero *dizê*. Mas só quero *tentá* — *pra* que *cê* possa entender. — A mulher abaixou a cabeça e respirou fundo. — Quando meu marido foi... foi morto... Eu também meio que morri. *Qué dizê*, ele... ele tinha ido embora, mas eu... eu ainda *tava* aqui... em corpo. Mas meu espírito meio que foi embora também, eu acho. Eu *num* me importava, *num sentia* — *num* aceitava toda aquela dor. Só *tava fazeno* meu trabalho diário e também não fazia nem isso muito bem. Meus *pequenino* — eles *precisavo* de mim, mas eu só *num* conseguia *ajudá* eles. Não de verdade. Eu... acho que desisti de *tentá*. — A mulher se mexeu nervosamente antes de continuar. — *Nóis tava* todas comentando o que *ocê* fez pela nossa cidade. E eu agradeço por tudo — junto com o resto da cidade. *ocê* trouxe muito *pra* nós — *pra* nossos filhos. Mas *pra* mim *ocê* trouxe mais do que essas *coisa*. *ocê* trouxe de volta a esperança — e a fé — coisas que eu não sabia que tinha perdido. Tinha parado de ir à igreja. Tinha parado de orar — justamente quando eu mais precisava. Quando meus *filho ficaro* animados com essas *pequena peça* da Bíblia,

decidi ir junto com eles. Aquela sobre Davi e Golias. Aquilo era eu. Eu *tava* lutando com algo muito maior que eu mesma — sendo uma viúva agora. Mas eu... eu *num tava* indo em nome do Senhor. Esse era o meu problema. Voltei *pra* casa naquela noite e fui *pra* cama chorando — mas acabei orando também. Se o Davi pôde lutar contra aquele grande gigante Golias — e Deus pôde *fazê* ele ganhar — então eu podia *começá* a lutar novamente também. O mesmo Deus que ajudô o Davi podia me *ajudá*. Minha vida *num é* fácil — mas melhorou. Deus tem me ajudado — todos os *dia*. Eu sei disso. *Tou* muito agradecida por você ter nos contado essa história. *Precisava* ouvir de novo.

Beth estendeu os braços para abraçá-la e as duas choraram um pouco juntas. Não havia mais palavras a serem ditas. Esther se afastou e respirou profundamente, depois se virou para reunir a pequena Anna Kate e Levi, direcionando-os para a porta. Beth enxugou as lágrimas frescas.

— Deus, guarde-os — sussurrou Beth. — Deus, guarde todos eles.

Molly se aproximou em seguida e rapidamente afastou Beth das últimas pessoas, levando-a para fora da porta antes que pudesse se envolver na arrumação da sala. Agora que Helen retornara para casa, seu salão de bilhar noturno estava em operação outra vez.

— *Ocê* fez o suficiente — Molly declarou enquanto saíam juntas na tarde fria.

Beth ergueu o rosto para as encostas cobertas de árvores que rodeavam a cidade e para os picos brancos que chegavam aos céus. Ela parou por um momento para absorver tudo.

De repente, ao lado da trilha, havia um homem vestido com roupas de civil. Será que precisava ter medo? O rapaz deu um passo à frente com um sorriso. *Era o Edward!*

— Eu não queria interromper — disse Edward. — Eu estava nos fundos da sala, mas não queria ser uma distração, e atrapalhar o que as mulheres e as crianças queriam dizer a você.

— Mas o que você está... *fazendo* aqui, Edward? — Beth o encarou.

Fazia muito tempo que ela não o via vestido em outro tipo de roupa que não o uniforme da polícia. Ele ainda parecia tão distinto quanto Beth recordava. Aqueles olhos verde-escuros mostraram sua nova maturidade. Molly estava pedindo licença.

— Encontro com você em casa — ela exclamou enquanto se apressava pela rua.

— Disseram que você tinha voltado para Athabasca. O que o traz a essa distância, Edward? É claro que não foi apenas por causa do último dia de aula.

— Eu queria falar com você. Esperava que isso proporcionasse uma boa oportunidade e um pouco de privacidade.

Lançando um olhar em direção ao salão de bilhar, Beth sugeriu:

— Creio que a varanda da frente da Srta. Molly sirva.

Edward fez um gesto para que ela se adiantasse, e eles caminharam em silêncio até a pensão. Assim que Beth estava confortavelmente sentada em uma das cadeiras de Molly, Edward puxou a outra para mais perto e sentou-se.

Beth podia sentir que ele estava inseguro, um estado de espírito que não era comum para Edward. Havia certa hesitação, e ainda assim, determinação em sua voz.

— Elizabeth — ele começou a dizer —, você sabe que eu sempre tive a maior consideração por você. De fato, estou certo de que sempre tive por você uma estima que muitas vezes você nem reconheceu e nem poderia retornar. E vendo você hoje — em seu momento de triunfo — não consigo nem começar a expressar o quanto me sinto orgulhoso por conhecê-la. E mais do que isso, admitir que eu estava enfaticamente errado sobre você. Estou tão feliz por descobrir

que a julguei mal quando critiquei seus motivos... — ele parou antes de completar o pensamento — quando a chamei de teimosa e cabeçadura.

Beth garantiu a ele:

— Eu não fiquei com raiva de você, Edward. Perdoei-o há muito tempo. Mesmo antes de me pedir perdão — lembra?

Edward assentiu.

— Isso é muita gentileza. — Ele se reposicionou na cadeira. — Você sabe que nossas mães — pelo menos a minha mãe — sempre acharam que você e eu um dia nos casaríamos. Eu também pensei assim. Eu sei... eu percebo que você nunca me deu razão para... esperar que você concordasse, mas minha mãe sempre me aconselhou que eu deveria deixá-la crescer primeiro — e não pressioná-la com uma proposta até que fosse o momento adequado. Mesmo depois de sua festa de apresentação, eu esperei, na esperança de que seus sentimentos por mim começassem a mudar. — Edward se atrapalhou e parou. — Oh, Deus, temo que esteja fazendo a maior confusão, não é?

Com tudo que tinha em si, Beth queria concordar com aquela declaração, mas se manteve sob controle. Certamente Edward não considerou este um momento apropriado para apresentar seu caso.

— O fato é que, Elizabeth, eu sempre tive a intenção de pedir sua mão. Nunca tinha pensado em mais ninguém. Minha... minha admiração só cresceu. Vendo você aqui, observando o respeito que conquistou nesta comunidade. Você realmente revelou ser uma jovem surpreendente, e eu... — ele hesitou mais uma vez.

O coração de Beth exclamou em silêncio, *Por favor, Edward, você nem me conhece — não de verdade. Por favor, não pense...*

Ele estava falando novamente.

— E desde então — bem, já que foi abertamente presumido por membros da minha família e da sua — senti que era essencial que eu falasse com você. Veja... — Ele colocou uma mão no braço de Beth para fazê-la olhar para ele. Beth ergueu o olhar enquanto Edward esforçava-se para encontrar palavras, seus olhos imploravam que ela o ouvisse. — Entenda, Elizabeth, eu conheci uma moça. O nome dela é Kate. Eu sinto que ela é... e... bem, simplificando, eu me apaixonei por ela. Estou loucamente apaixonado. Sinto que ela é exatamente o que eu quero — o que eu preciso em uma esposa. E parece que ela sente o

mesmo por mim. — Edward parou e respirou fundo.

Beth também respirou profundamente — uma respiração renovadora de alívio.

Edward prosseguiu:

— Antes... antes de prosseguir qualquer relacionamento com a Kate, senti que precisava falar com você. Para ter certeza de que não há mal-entendidos...

Beth se levantou da cadeira e se afastou em direção ao corredor, só então olhando para o rapaz. Sua mente empenhava-se para dar sentido ao que acabara de acontecer. *Edward veio me pedir permissão para cortejar outra moça?* Beth jamais pensou que tinha qualquer direito de exigir alguma coisa dele, embora de fato soubesse das esperanças e planos das famílias para os dois. Também se lembrou das tentativas de Julie de importuná-la a respeito do Edward durante a visita. A mente de Beth rapidamente tomou outro rumo. Aqui estava ele, sincero, quase penitente, buscando sua compreensão, e, é óbvio, desejando que a amizade pudesse continuar. Beth não pôde deixar de admirar a conduta honrosa do rapaz. Ele estava agindo como a mãe dele o ensinara. Um cavalheiro, em uma circunstância difícil.

— Você mudou, Edward — ela ouviu a própria voz dizer.

Edward se levantou com um sorriso travesso.

— Para melhor, espero — disse Edward ao se juntar a ela no corredor.

— Você amadureceu e se tornou um homem de quem sua mãe tem boas razões para se orgulhar.

— E você?

— Eu o admiro pelo cavalheiro que se tornou — e desejo a você toda a felicidade com sua Kate.

— Você entende que...

— Não há nada que eu precise entender, Edward — disse ela rapidamente. — Deus conduz — cabe a nós seguirmos o que Ele indica.

Ele pegou a mão de Beth para segurá-la.

— Você é uma mulher extraordinária, Elizabeth. Sempre vou pensar em você com carinho.

Beth virou-se outra vez para o corrimão, olhando toda a cidade ao seu redor.

Ele pigarreou.

— Elizabeth, há um outro assunto — admitiu Edward, aproximando-se um pouco. — Eu... eu percebi que meu colega, Jack Thornton, parece ter muito afeto por você também. — Beth olhou para Edward e notou certo rubor em suas bochechas. Ele engoliu antes de prosseguir seu discurso. — Receio que eu tenha dado a ele informação equivocada... até certo ponto.

Beth franziu a testa e lançou outro olhar de soslaio para o homem ao lado dela. Edward parou para, mais uma vez, limpar a garganta.

— Receio ter dado a impressão... quero dizer... bem, eu meio que estabeleci meu relacionamento com você, quando não tinha o direito de fazê-lo — ele terminou com pressa.

— Entendo — foi a única resposta verbal de Beth. *Então é por isso que Jarrick não procurou aprofundar o relacionamento com ela.* E essa foi a verdadeira razão pela qual Edward sentiu a necessidade de falar com ela — para revelar a extensão dessa estranha conexão unilateral. Beth sentiu sua indignação começar a surgir até que contemplou o fato de que Edward poderia ter deixado que ela voltasse para o leste sem confessar o que havia feito. Ela nunca saberia...

— Perdoe-me, Elizabeth. Por favor, me perdoe.

Beth mal conseguiu ouvir as palavras faladas em voz baixa. Ela se virou para encarar os olhos suplicantes de Edward. Quando ela falou novamente, sua voz estava baixa, mas confiante.

— Edward, se há uma coisa que aprendi nesse ano que passou é que Deus está no comando da minha vida — de todas as áreas da minha vida. Eu confio nEle, em cada relacionamento.

Ela parou. Não havia necessidade de prosseguir. Jarrick, ou outra pessoa — ou ninguém — como parceiro de uma vida... Estava nas mãos de Deus. Por mais que sua pulsação acelerasse ao pensar no único homem de quem seu coração esperava receber atenção, ela não ia precisar fazer nada a respeito.

Mais uma vez, Beth olhou para o rosto familiar diante dela, e estendeu a mão.

— Obrigada, Edward, mais uma vez, por seu trabalho persistente em recuperar minha bússola e meu violino. Você jamais vai entender completamente o que isso significou para mim. Ouvi dizer que você também ajudou a prender Davie Grant, algo pelo qual também serei grata para sempre. Obrigada pelos anos de amizade. Eu não esperava mais nada — e com a amizade de nossas famílias — nada menos. Que Deus esteja com você — e Kate — se ela aceitá-lo. — Beth parou, então sorriu. — E, Edward, acho que ela seria uma jovem muito boba se não o aceitasse.

Mesmo enquanto dizia as palavras, Beth ficou surpresa com o quanto ela estava sendo franca ao expressá-las. Nos recessos mais íntimos de sua mente, havia uma pergunta que não queria calar. Dada a maneira como Edward havia mudado, dada a diferença da atitude dela em relação a ele, e se Edward não tivesse vindo com chapéu na mão, pedindo a bênção de Beth sobre um novo relacionamento dele com outra mulher, será que ela poderia — teria— aprendido a gostar dele? Beth balançou a cabeça. Ela nunca saberia.

Na tarde do dia seguinte, Beth voltou ao salão de bilhar para recolher os materiais escolares que mantinha guardados no armário. Se voltasse no outono, Beth estava decidida de que a escola não mais seria estabelecida neste local. Foi fácil entregá-lo, já que o salão de bilhar jamais fora um local adequado. Beth ficou pensando se talvez a mineradora permitisse que a escola se reunisse no auditório da empresa — mesmo que não pagassem o salário do professor. Eles foram muito generosos nos últimos meses, permitindo tantos eventos ocorrerem lá.

Molly mencionou com um sorriso astuto que havia se mostrado benéfico, afinal de contas, que Beth cultivasse um relacionamento com alguns funcionários durante as refeições. E então, sem delongas, acrescentou mais a sério:

— Mais que isso, querida, se *ocê* não tivesse oferecido sua boa vontade, eles também *podia* nunca ter começado a *vim na* igreja.

Frank retirou os baús de Beth de onde haviam sido armazenados, no sótão de Molly, e os colocou novamente sob a janela do quarto de Beth. As decisões envolvidas em refazer as malas trouxeram muita consternação e emoção.

Beth meditou sobre os vestidos feitos à mão que tinha encomendado enquanto os dobrava ordenadamente.

— Molly, acho que deveria deixar essas peças aqui. Suponho que não terei a oportunidade de usá-los quando estiver em casa de volta — e sei que há mulheres para quem essas peças podem ser úteis aqui.

Molly balançou a cabeça.

— *Ocê* ainda *num* conhece o futuro. Talvez seja melhor *guardá* eles por um tempo.

Beth também se perguntou se deveria deixar os livros e o material escolar, mas Molly insistiu que os embalasse.

— Se *ocê* voltar, ainda vai *tê* suas *coisa*. Mas se não voltar, *nóis num tem* serventia pra essas *coisa* aqui se num tiver ninguém para *ensiná*. *Num ia dá* certo *tê* alguém como eu tentando *tomá* seu lugar.

A voz de Molly estava embargada pelos sentimentos, mesmo que estivesse se esforçando para suprimi-los.

Os baús seriam transportados no trem da empresa para Lethbridge, e Beth seguiria no dia seguinte. Era uma sensação estranha vê-los carregados num caminhão, sendo levados embora, deixando Beth como ela havia chegado — com quase nada. Ela balançou a cabeça enquanto pensava naquele primeiro dia em Coal Valley... quantas coisas tinham mudado. *Quanto eu mudei*, ela pensou.

Jarrick se ofereceu para levar Beth até Lethbridge, pois afirmou que ele ia sair das montanhas de qualquer maneira em uma missão. No início da manhã de quarta-feira, Beth abriu a cortina no momento em que o carro dele estacionava no espaço em frente à cerca de piquete de Molly e Jarrick endireitava o chapéu. Ela estava usando um traje de viagem, com o cabelo bem arrumado sob um dos novos chapéus que a mãe lhe enviara. O traje azul extravagante parecia estranho e desconhecido para Beth agora — parecia inadequado para o dia a dia. Beth sentia que era um pouco de falsidade vestir essas roupas — como se ela já não fosse mais essa pessoa. Então parou para se perguntar se esse traje sempre a representou de forma equivocada. Talvez ela tenha sido destinada a uma posição mais humilde na vida. Uma coisa era certeza, Beth ia sentir muita falta de sua comunidade e dos queridos amigos que tinha feito aqui.

Houve uma leve batida na porta, e Jarrick entrou.

— Bom dia!

Ele acenou com a cabeça para todos aqueles reunidos no vestíbulo para se despedirem de Beth.

Beth virou-se para aquelas pessoas, e se lembrou de sentimentos semelhantes ao dizer adeus à família antes de embarcar no trem, a menos de um ano atrás. E então, as lágrimas vieram...

Frank estendeu a mão para um abraço rápido.

— Ora, você trate de voltar para nós, Senhorita Beth. Não queremos esperar muito.

— Vou fazer o possível. Beth acariciou a bochecha barbuda. — Cuide-se... e cuide da minha família aqui, pode ser? — Ela se inclinou para falar próximo ao ouvido de Frank. — E cuide da Molly — ela sussurrou.

Ele concordou, pigarreando bruscamente.

Beth virou-se para Molly em seguida, com um nó na garganta que lhe dificultava a fala. Ela jogou os braços ao redor da mulher rechonchuda, recebendo um forte abraço em troca.

— Eu te amo, Srta. Molly. Vou sentir muitíssimas saudades. Com quem poderei falar sobre as coisas?

— Eu acho que *ocê* vai *voltá pra cá* — Molly murmurou suavemente. Pelo menos é o que vou *ficá dizem pra* mim mesma.

Marnie caiu nos braços de Beth, enterrando o rosto contra o ombro.

— Você vai voltar. Também vou acreditar nisso — ela sussurrou em meio a um soluço.

Beth acariciou o cabelo da garota e a beijou na cabeça.

— Eu vou sentir sua falta, querida. Você é tão especial para mim. Nós partilhamos algumas memórias preciosas juntas, não foi?

Marnie sorriu para Beth.

— Eu também acho.

Teddy estendeu a mão desajeitada e Beth deu uma risada trêmula. Ela o puxou para um pequeno abraço, depois recuou e observou o rosto do rapazote por um momento.

— Estou orgulhosa de você, Teddy. Você cresceu tanto enquanto estive aqui. Está mais alto e muito mais maduro também. Está se tornando um bom rapaz.

Ele corou e virou o rosto envergonhado. Molly se adiantou e colocou um braço ao redor do corpo de Teddy, então puxou Marnie para o lado dela também.

Como tinha um horário a cumprir, Jarrick estava abrindo a porta, e Beth pegou sua bolsa. Ela olhou para o pequeno grupo de rostos que se tornaram tão importantes em sua vida, e enxugou as lágrimas enquanto Jarrick a levava para o carro.

Quando o motor foi ligado, Beth notou primeiro uma e depois várias crianças correndo em direção à estrada para acenar uma última vez. Ela acenou de volta para eles pelo vidro da janela, a

tristeza fazendo mais lágrimas derramarem-se em suas bochechas. As crianças seguiram o carro correndo e gritando palavras de despedida até que o automóvel desapareceu ao virar a curva. Jarrick passou um lenço limpo para Beth, e ela enxugou mais lágrimas do rosto.

— Você significa muitíssimo para eles, Beth.

A voz de Beth faltou quando ela respondeu:

— É um sentimento mútuo, com certeza.

O longo caminho se estendia à frente deles. Beth plantou um pé no chão do carro e estendeu a mão para se segurar firme na porta. Agora ela sabia melhor como evitar ser jogada de um lado para o outro de forma impiedosa por causa da estrada esburacada.

— Você teve um bom ano — comentou Jarrick.

— Oh, foi maravilhoso — bem, talvez não maravilhoso o tempo todo, mas sou muito grata por tudo que aconteceu.

Jarrick concordou com a cabeça.

— Você está ansiosa para voltar para a cidade — para a civilização?

Beth franziu o cenho enquanto contemplava a pergunta com franqueza.

— Bem, sei que estou pronta para ver minha família novamente. Estou com muitas saudades deles. — Beth pensou com nostalgia no sobrinho pequeno, que já estava andando — e no pai e na mãe. — Eu gostaria de poder tê-los todos juntos — minha nova família aqui e também minha família de casa.

Beth sorriu, pensando em como eram diferentes as pessoas que ela estava incluindo agora como família — era quase impossível visualizá-las reunidas num só lugar.

Jarrick concordou e mais um quilômetro passou. Finalmente, Beth o ouviu respirar fundo, e sabia que ele estava tomando coragem para tratar de um tópico que estava tendo dificuldade para começar.

— Edward Montclair me contou que fez uma visita a você esta semana.

— Sim, ele veio até a escola.

— Hum. — Depois de uma pausa, ele falou novamente. — Você sabe... compreende que eu estive por algum tempo incerto sobre a natureza do seu relacionamento com Edward?

— Ah sim? — Beth respondeu evasivamente.

— Sim, da primeira vez que o vi, ele deixou bem claro que tinha intenções em relação a você — que vocês dois tinham um acordo.

Beth prendeu a respiração por um momento antes de responder com cuidado:

— Ele me contou a respeito disso nessa última visita. Fiquei bastante surpresa por ele ter essa impressão.

Ela virou apenas um pouco o rosto para Jarrick, observando a reação dele com o canto do olho.

— Também tivemos uma segunda conversa recentemente — continuou ele. — Edward, dessa vez, fez questão de admitir que o entendimento era só de um lado, que havia sido presunção dele, e não um acordo feito entre vocês.

Beth assentiu com a cabeça em silêncio.

— É engraçado — disse ele, pressionando ainda mais —, naquele dia que passamos juntos — quando acompanhamos Willie Coolidge ao hospital — eu ia perguntar se você poderia estar aberta a receber a visita de um cavalheiro.

Beth olhou para ele surpresa.

— E o que o impediu?

Então ela corou quando percebeu como tinha sido direta sua pergunta.

Ele balançou a cabeça.

— As suas referências a respeito do Edward no jantar. Eu tinha passado a acreditar que o Edward tinha exagerado no relacionamento de vocês, até o momento que você foi bastante sincera em sua apreciação e estima por ele aquela noite. Isso me fez pensar se você de fato não correspondia ao sentimento dele.

— Entendo. — Beth reprisou o momento em sua mente.

Conforme recordava, ela descreveu sua gratidão por Edward ter encontrado seus itens roubados, de uma forma desastrada.

Jarrick continuou:

— Eu sabia, sem que você me dissesse, o quanto ele havia trabalhado para recuperar seu violino e bússola. Senti que ele devia gostar muito de você para ser tão vigilante a respeito de suas coisas.

— Jarrick — disse Beth gentilmente —, você sabe a história de como os baús desapareceram à princípio?

— Bem, não — só ouvi dizer que foram roubados.

— Mas você não sabe sob que circunstâncias.

— Não, nunca ouvi essa parte.

Beth riu baixinho e balançou a cabeça.

— Edward escolheu um carregador na estação que não trabalhava para a empresa ferroviária. Edward entregou os meus baús... bem, para um ladrão. — Ela deixou as palavras fazerem seu efeito e rapidamente acrescentou: — Foi um erro fácil de cometer — mas foi um erro do Edward, não meu.

Jarrick riu.

— Não, por alguma razão ele se esqueceu de compartilhar esses detalhes. Eu só soube quanto esforço ele estava despendendo para recuperar os itens. Presumi que ele estava trabalhando para agradá-la — para resgatá-la de sua angústia — não para amenizar seus próprios sentimentos de culpa.

Beth esperou mais um momento, tentando encontrar uma maneira adequada de expressar o que ela queria dizer.

— Eu nunca tinha considerado o Edward como um parceiro de vida adequado. Na verdade, em nossa infância, e até mesmo na juventude, eu meio que... — Beth se esforçou para buscar a palavra certa. — Talvez *desprezar* seja um termo muito forte — mas, no entanto... Eu nunca vi nele as características de um homem com quem eu gostaria de compartilhar o matrimônio. Admito que ele parece bem diferente agora — que escolher sua ocupação e vir para o oeste parece tê-lo amadurecido muito. Sei que o pai dele ficará encantado ao ver o quanto ele mudou. Mas em nenhum momento eu tive qualquer sério

interesse na companhia do Edward, não mais que um amigo da família — e, antes desta viagem, na maior parte do tempo, não estava interessada nem nisso.

— Sei.

Mais alguns quilômetros passaram. Jarrick parecia estar absorto em seus pensamentos. Beth se sentiu um pouco desconfortável, ponderando o porquê do silêncio.

— Há algo que eu gostaria de dizer, Beth, mas não sei se é o momento adequado para falar — considerando que você está se preparando para ir embora. E, no entanto, acho difícil não falar nada.

— O que é? — ela perguntou, sua voz baixa.

Jarrick pigarreou.

— Você disse que não considerava Edward um parceiro de vida adequado. Suponho que eu... gostaria de admitir que vi em você as mesmas qualidades que esperava minha futura esposa *possuiria*. Eu vi você dando de si mesma e se esforçando para servir de um jeito que poucos outros fariam. Eu vi você devotando verdadeiro amor por seus alunos e fazendo uma grande diferença na vida deles. Vi você sendo honesta em momentos difíceis, paciente e sábia. E vi você enfrentando uma situação para defender aqueles que ama. Tenho de lhe dizer, Beth, passei a admirá-la muitíssimo. Você é o que compreendo ser o melhor das mulheres, e qualquer homem seria abençoado ao partilhar a vida com você.

Beth ficou tão emocionada que teve dificuldades para recuperar o fôlego.

— É... é muita g-gentileza sua — ela gaguejou. — Eu...

Jarrick se apressou.

— Então, sei que não tenho o direito de pedir sua permissão de maneira formal — pois não há garantia de que você vai voltar novamente. Mas eu esperava pelo menos expressar minha admiração e meu desejo de que, se Deus a trouxer de volta para nós, que você permita... que você possa considerar... meu pedido quando vier o momento.

Beth respirou profundamente e conseguiu abrir um sorriso nervoso, enquanto as mãos mexiam nas luvas que segurava no colo.

Ela mal ousava erguer o olhar para o rapaz que estava ao volante.

— Se... se eu voltar para o Oeste, ficarei muito contente em ter notícias suas novamente. A não ser que você tenha mudado de ideia até lá.

Ela ousou dar uma olhadela de soslaio para ele, e viu que Jarrick estava sorrindo e balançando a cabeça.

Ele ficou sério e fez outra pergunta.

— Você me consideraria muito ousado se eu pedisse uma forma de entrar em contato com você durante o verão?

Ele parecia extremamente desconfortável, mesmo quando fez o pedido.

— Isso... isso seria ótimo — seria um prazer.

Mesmo enquanto falava, os pensamentos sobre sua mãe giravam em sua mente. O que ela pensaria? Será que ela permitiria tal interação com um jovem Policial Montado, a quem ela não conhecia? Beth decidiu em seu coração que seria franca com a mãe ao explicar esse relacionamento — pelo menos na medida em que ela mesma pudesse compreendê-lo.

Jarrick estava explicando:

— Eu nunca sei quando posso ser transferido, e com certeza seria uma pena perder o contato... perder você.

Beth não conseguiu falar por um momento.

— É claro — disse ela. — Vou escrever meu endereço num pedaço de papel.

Ela começou imediatamente a vasculhar na bolsa, procurando um pedaço de papel adequado.

— Você se importaria de anotar um número de telefone também? — ele agregou.

Beth não conseguiu esconder o pequeno sorriso que apareceu no canto de sua boca. *Ele é persistente.*

— Sim, sem dúvida — disse ela com outro sorriso.

Parecendo aliviado e satisfeito, Jarrick conduziu a conversa para outros assuntos.

Embora seu coração estivesse cheio, houve poucas coisas que Beth conseguia colocar em palavras em seu último momento juntos na estação de trem. Jarrick parecia sentir o mesmo. Beth ficou surpresa quando ele perguntou se poderia fazer uma breve oração. Eles inclinaram a cabeça por um momento íntimo juntos. Beth fechou os olhos e o ouviu abençoar a viagem, deixando nas mãos de Deus a direção para seu futuro. Só então o condutor gritou para o embarque final, e ele a levou em direção aos degraus conhecidos.

— Obrigada, Jarrick — ela repetiu uma última vez, consciente dos olhares ao redor e sem querer chamar a atenção.

Ele respondeu gentilmente, colocando uma mão sobre a dela.

— Que você tenha uma viagem segura, e aproveite o tempo com sua família, Beth. Mal posso imaginar como vão estar emocionados por tê-la de novo em casa. — Ele olhou para o pedaço de papel que ainda segurava, depois o guardou cuidadosamente no bolso do peito da túnica vermelha. — Eu vou dar um endereço quando escrever pela primeira vez.

E com um aceno e um toque na ponta do chapéu, ele soltou a mão de Beth. Ela subiu as escadas e seguiu o cabineiro que esperava para levá-la em direção ao vagão que a levaria para casa.

Ao entrar no aposento, para seu espanto, Beth viu diante dela uma caixa longa e aberta contendo rosas vermelhas. *Quem poderia ter...?* E então, um sorriso tocou em seus lábios. O cartão dizia: *Carinhosamente, Jarrick. Que surpresa adorável. Deve ter sido difícil para ele ter feito os arranjos. E deve ter feito isso antes de ter certeza da minha resposta...*

Beth correu para a janela para olhar para a plataforma. Entre os muitos rostos desconhecidos que estavam acenando adeus, ela viu a túnica vermelha. Jarrick estava parado, os olhos passando pelas janelas do trem. Ele a viu assim que Beth sentiu o trem começar a se mover. Ela levantou as flores, dizendo-lhe obrigada.

Em resposta, ele sorriu, e então deu um tapinha no bolso do peito que guardava o endereço dela em Toronto. Enquanto o trem se afastava, Beth fixou os olhos no homem com o casaco distinto entre

aqueles que estavam aglomerados na plataforma. Rendendo-se finalmente ao assento macio, Beth segurou a bela caixa de flores em seu colo.

— Pai — ela orou —, sei que o Senhor está no comando do meu futuro. Posso ver Sua mão em tudo o que aconteceu nos últimos meses. De verdade, o Senhor tem sido minha força — assim como meu pai disse que seria. — Sem que percebesse, seus dedos apertaram o medalhão que continha o pequeno e querido papel onde o pai havia escrito a promessa. Beth continuou sua conversa com Deus: — O Senhor sabe que me sinto... dividida. Anseio ver minha família novamente. Reconectar-me... ou talvez para *finalmente* me conectar com a minha mãe, abraçar apertado meu pai, para colocar a bússola com segurança de volta nas mãos dele. Para ver como o JW deve ter crescido. E estar com a Margret e a Julie. Família. — Beth parou por um momento. — Mas... mas eu amo o povo de Coal Valley também — continuou ela. — Eles se tornaram tão, tão preciosos para mim — cada um deles. — Beth parou mais uma vez, enquanto vários rostos desfilavam em sua memória. — Querida Molly. Frank. Marnie e Teddy. Cada criança em sua sala de aula. Suas mães carentes, mas tão corajosas. Paolo e os mineiros. Philip. Jarrick.

Jarrick? Ela sentiu as bochechas coradas enquanto o pulso acelerava, voltando seu olhar para as rosas. Beth pressionou as mãos frias contra o calor que crescia em suas bochechas, depois respirou fundo e continuou a oração. — Então, querido Senhor... se... se isso se encaixa nos Seus planos, por favor — *por favor* — eu adoraria voltar para cá. *Casa*.

Autora de best-seller, **Janette Oke** é celebrada por sua contribuição significativa para a indústria da ficção cristã. Seus romances venderam mais de 30 milhões de cópias, e ela recebeu o Prêmio do Presidente da ECPA, o Prêmio CBA Life Impact, o Medalhão de Ouro e o Prêmio Christy. Seu romance *Quando Chama o Coração*, que apresenta Elizabeth Thatcher e Wynn Delaney, foi a base para uma série de filmes e televisão da Hallmark Channel de mesmo nome, e *Onde a coragem te chama* conta ainda mais a história da família Thatcher. Janette e seu marido, Edward, vivem em Alberta, Canadá.

Laurel Oke Logan, filha de Edward e Janette Oke, é a autora de *Janette Oke: um coração para a pradaria*, assim como o romance *Dan's Valley*, que coescreveu com a mãe. Laurel e seu marido têm seis filhos e dois genros, e moram perto de Indianápolis, Indiana.

[1] Chinook Days – na cultura canadense, os “chinook days” são os dias antes do fim do inverno em que acontece um leve aquecimento no clima, com ventos mais cálidos, que dá início ao derretimento da neve. Mas ainda não é o fim do inverno. É o que nós, no Brasil, chamaríamos de “veranico”.

Books By This Author

Quando chama o coração

Nada em sua privilegiada educação preparou Elizabeth para os desafios da vida na fronteira ...

Elizabeth Thatcher é jovem, bonita, culta e educada. Mas quando viaja para o Oeste para ensinar na escola no sopé das Montanhas Rochosas canadenses, ela está completamente despreparada para as condições que encontra. Ainda assim, ela está determinada a ser bem-sucedida na formidável tarefa de se adaptar aos local e moldar os corações e mentes dos alunos sob seus cuidados.

Ela está igualmente determinada a não entregar seu coração a nenhum dos homens da fronteira local. Até conhecer um membro da Real Polícia Montada do Canadá...